

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UFJF**

VERA LUCIA FERREIRA PINTO FERNANDES

MULHERES DE OURO:

Trajetória e representações de atletas de lutas

Juiz de Fora
2014

VERA LUCIA FERREIRA PINTO FERNANDES

MULHERES DE OURO:

Trajatória e representações de atletas de lutas

Dissertação apresentada ao PPGEF – Mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Movimento Humano e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Ludmila Nunes Mourão

Juiz de Fora
2014

Fernandes, Vera.

Mulheres de Ouro: Trajetória e representações de atletas de lutas / Vera Fernandes. -- 2014.

185 f. : il.

Orientadora: Ludmila Nunes Mourão

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2014.

1. Lutas. 2. Mulheres. 3. Trajetória Esportiva. 4. Feminilidades. I. Nunes Mourão, Ludmila, orient. II. Título.

VERA LUCIA FERREIRA PINTO FERNANDES

MULHERES DE OURO:

Trajetória e representações de atletas de lutas

Dissertação apresentada ao PPGEF – Mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Movimento Humano e Cultura.

Aprovada em 25 de março de 2014, pela Banca Examinadora composta por:

Profa. Dra. Ludmila Nunes Mourão (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof. Dr. Anderson Ferrari
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Dedico esta dissertação a Sandro Fernandes: meu marido e companheiro de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

O fim de uma longa caminhada chegou e agora é um momento de agradecer.

Agradeço primeiramente a Deus que tanto ouviu meus pedidos para a concretização desta etapa e me consolou quando, sozinha, as incertezas invadiam a mente e o coração: Irá dar certo? Darei conta? E o que vem depois? Questões rotineiras que permearam este processo.

Ao meu marido, Sandro, que tanto me incentivou e acredita em minha capacidade. Com paciência, amor e muito bom humor compartilhou os momentos de alegria e me tranquilizou nos instantes mais difíceis. A conclusão do trabalho não seria possível sem a sua participação.

Ao meu filho, Maycon, que continuou a crescer, se desenvolver e se tornar uma boa pessoa mesmo na minha ausência; aos meus pais, Sérgio e Ataíde, e irmãos, Augusto, Marcelo e Valéria, que mesmo sem entender “o quê” e “para quê” estou envolvida neste processo apoiaram a seu modo.

Aos amigos que compartilharam a experiência e momentos do Mestrado, tornando o caminho menos sinuoso: Ayra, Carla, Flávia, João Paulo, Letícia, Lúcia e Tayane; além das professoras Kalya Maroun e Márcia Barçante que fizeram muito mais do que aceitar a participação na Banca como suplentes. Os Congressos e outros Eventos, e as segundas-feiras dentro e fora da Faefid foram muito mais proveitosos na companhia de vocês. Agradeço pelas leituras e sugestões às minhas escritas.

Aos amigos que chegaram há pouco tempo, Aline Laila e Marcelo, ou como a Tamara que se ausentou para seguir seu caminho, e aqueles, como Aline, Igor, Luana, e Willen que trouxeram sua juventude e curiosidade e à professora Selva Barreto que esteve indiretamente participando deste processo, compartilhando sua alegria de viver. Nesta jornada todos fizeram a diferença. Também lhes agradeço pelas leituras e sugestões sobre o meu estudo.

Às amigas de perto Amanda, Ana Paula, Caroline e Michelle e de longe Ramiele, Sabrina e Vanessa, que mesmo não participando diretamente do processo sempre torceram por mim.

Às atletas Adriana, Aline, Ana Maria, Érica, Joice e Laís o meu agradecimento especial. Obrigada por terem me recebido de braços abertos e dedicado seu tempo a mim e a minha pesquisa: sem vocês este estudo não seria possível.

Ao professor Roney Polato que, prontamente, aceitou fazer a leitura de meu estudo no momento da Qualificação, contribuindo para o desenvolvimento deste. Foi uma honra contar com sua participação.

Aos professores Anderson Ferrari e Silvana Goellner que não apenas aceitaram participar da Banca de Qualificação, mas muito contribuíram com suas leituras e sugestões ao desenvolvimento deste estudo. E, novamente, com a mesma prontidão, aceitaram participar da Defesa. Não poderia ter feito melhores escolhas.

À professora Ludmila Mourão que transcende o limite da orientação. Tornou o processo mais leve com sua paciência, tranquilidade e apoio logístico. E com sua sabedoria me ajudou a crescer enquanto pessoa e enquanto acadêmica, em especial, nos momentos em que acreditou em minhas condições quando eu mesma não acreditava. Você me mostrou que posso muito mais do que imaginava. Por isso, te agradeço, principalmente, por acreditar em mim.

Por fim, agradeço à Faculdade de Educação Física e Desportos e a Universidade Federal de Juiz de Fora que participam da minha formação desde a graduação, e a Capes pelo apoio financeiro.

*“Só é lutador quem sabe lutar
consigo mesmo”.*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e caráter descritivo, se desenvolveu a partir da seguinte questão central: “Quais os eventos e experiências são vivenciados pelas mulheres que levaram adiante uma carreira como lutadora, apesar dos elaborados argumentos sociais que funcionariam como inibidores de tal atitude?”. Com aporte teórico dos estudos de gênero e metodológico das representações sociais, desta questão central foram definidos como objetivos deste estudo: a) Compreender como se dá o processo de inserção e permanência de mulheres nas lutas; b) Identificar os significados, as motivações, assim como, as dificuldades na construção de suas carreiras; e c) Identificar e analisar as representações de feminilidades dessas mulheres atletas e analisar até que ponto se aproximam e/ou se afastam de uma representação hegemônica. Para atingir os objetivos propostos utilizamos uma Entrevista Semiestruturada, elaborada de acordo com os objetivos da pesquisa, que foi feita a seis atletas profissionais de diferentes modalidades de lutas: duas atletas de Boxe Olímpico, três de Luta Olímpica estilo livre e uma de *Mixed Martial Arts*. Todas as atletas possuem grande representatividade nacional e internacional dentro do cenário das lutas. As narrativas mostram que as atletas possuem a aptidão esportiva para as modalidades em que atuam, mas esta só é descoberta a partir do convite para a primeira experiência, primeira luta, ou envolvimento técnico com o esporte que, notadamente, é sempre mediado por um homem, aqui caracterizado como tutor. A este fato, somam-se o anseio das famílias pela escolha profissional das atletas, as dificuldades – financeiras e preconceitos –, seus sonhos, conquistas e significados agregados à carreira de lutadora. São mulheres que suportam uma pesada rotina de treinos em ambientes mistos e representam a feminilidade de forma plural e marcada pela postura mais agressiva nos treinos e nas lutas. Suas feminilidades estão aliadas à vaidade e beleza, sejam estas constitutivas de toda mulher ou aquela investida externamente nas ocasiões em que não se encontram lutando ou treinando e, quando possível, também nestes momentos. Ou seja, elas subjetivam determinadas “masculinidades” como forma de pertencimento ao meio, ao mesmo tempo em que marcam a presença do feminino no ringue, no tapete e no octógono.

Palavras-chave: Lutas, Mulheres, Trajetória Esportiva; Feminilidade.

ABSTRACT

This research is qualitative and descriptive in character, developed from the following central question: “What are the events and experiences experienced by women who carry on a career as wrestlers, despite the elaborate social arguments that act as inhibitors of such an attitude?”. With theoretical basis of gender studies and methodology of social representations, the objectives of this study have been defined from this question: a) To understand how the process of insertion and retention of women in wrestling is b) To identify the meanings, motivations, as well as the difficulties in building their careers, and c) To identify and analyze the representations of femininity of these female athletes and analyze how far towards and / or away from a hegemonic representation. In order to achieve the proposed objectives, a semi-structured interview was used, prepared in accordance with the objectives of the research, which comprehended six professional athletes of different modalities of wrestling: 2 in Olympic boxing, 3 freestyle wrestlers and 1 in mixed martial arts. All athletes have great national and international presence. The narratives show that the athletes are fit for the modalities in which they compete, but this is only found out from when they start in the sport, in their first fight, or with the technical involvement with the sport, which is always mediated by men, here characterized as tutors. In addition, there is the desire of families regarding the choice of the professional athletes, the difficulties - financial and prejudice - their dreams, achievements and meanings attached to the career of wrestlers. They are women who bear a heavy training routine in mixed environments and represent femininity in a plural manner and are marked by more aggressive stance in training and in fights. Their femininity is allied to vanity and beauty be it constitutive of every woman or that one invested externally on the occasions that they are not fighting or training and, where possible, also in those moments. In other words, they subjectivate certain “masculinity” as a way of belonging to the sport, while marking the presence of the feminine in the ring, on the mat and in the octagon.

Key-words: Wrestling. Women. Sports trajectory. Femininity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Adriana Araújo	36
Figura 2	Érica Matos	37
Figura 3	Joice Silva	38
Figura 4	Laís Nunes	39
Figura 5	Aline Silva	40
Figura 6	Ana Maria	41
Figura 7	Sala de treino do primeiro andar da Champion (área com sacos de pancada)	47
Figura 8	Sala de treino do primeiro andar da Champion (área do ringue)	47
Figura 9	Sala de treino do segundo andar da Champion (visão geral)	48
Figura 10	Área de treino do CT da Tijuca	49
Figura 11	Vista aérea do CEFAN	50
Figura 12	Área de treino do CT do CEFAN	51
Figura 13	Academia Team Nogueira (visão de cima)	52
Figura 14	Érica durante o <i>sparring</i> com um atleta da mesma categoria de peso	89
Figura 15	Ana durante o <i>sparring</i> com um atleta da mesma categoria de peso	89
Figura 16	Treino de Laís e Joice, de categorias de peso diferentes	91
Figura 17	Treino de Laís com outra atleta da seleção brasileira da mesma categoria de peso	92
Figura 18	Treino intencional de Aline e um atleta da equipe masculina	92

LISTA DE SIGLAS

AIBA – Associação Internacional de Boxe
CBBOXE – Confederação Brasileira de Boxe
CBLA – Confederação Brasileira de Lutas Associadas
CEF – Caixa Econômica Federal
CEFAN – Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes
CEP – Comitê de Ética e Pesquisas
CND – Conselho Nacional de Desporto
COB – Comitê Olímpico Brasileiro
COI – Comitê Olímpico Internacional
CPB – Comitê Paraolímpico Brasileiro
CPMI – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito
CT – Centro de Treinamento
DC – Diário de Campo
FILA – Federação Internacional de Lutas Associadas
FEFI – Federação Esportiva Feminina Internacional
FIVB – Federação Internacional de Voleibol
GEFSS – Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBB – *International Federation of Body Building*
LO – Luta Olímpica
MMA – *Mixed Martial Arts*
RS – Representações Sociais
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS – Teoria das Representações Sociais
UFC - *Ultimate Fighting Championship*

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO	14
2) CONSTITUIÇÃO DO ESTUDO	21
2.1) Modernidade e identidade líquidas.	21
2.2) Breve incursão sobre poder e gênero	24
2.3) Carreiras esportivas e representações de feminilidades	29
3) CAMINHOS INVESTIGATIVOS	37
3.1) Apresentando as participantes da pesquisa	37
3.2) Descrição das modalidades de lutas investigadas	43
3.2.1) Boxe Olímpico (Boxe)	43
3.2.2) Luta Olímpica (LO)	45
3.2.3) <i>Mixed Martial Arts</i> (MMA)	47
3.3) Os locais de treinamento das participantes da pesquisa	48
3.3.1) Academia Champion	48
3.3.2) Os Centros de Treinamento da FILA	51
3.3.3) Team Nogueira	54
3.4) Instrumentos e procedimentos de coleta de dados	55
3.5) Procedimentos e técnicas de análise dos dados	56
4) TORNAR-SE LUTADORA	59
4.1) Como cheguei até aqui: agentes, fatores e experiências no processo de inserção e consolidação profissional das lutadoras	59
4.2) O que me motiva a continuar: dificuldades e decepções; conquistas, sonhos e significados	74
4.3) Mulheres que lutam e o paradoxo das feminilidades plurais	89
4.3.1) A rotina de treinos das lutadoras	90
4.3.2) Dentro e fora do ringue, do tapete e do octógono...	97
5) APONTAMENTOS FINAIS	114
REFERÊNCIAS	117
ANEXO I – Parecer CEP	121
ANEXO II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	123

ANEXO III – Declaração de Concordância	125
ANEXO IV – Roteiro de Entrevista	126
ANEXO V – Entrevista Adriana Araújo	127
ANEXO VI – Entrevista Érica Matos	133
ANEXO VII – Entrevista (Piloto) Joice Silva	140
ANEXO VIII – Entrevista Joice Silva	146
ANEXO IX – Entrevista Laís Nunes	151
ANEXO X – Entrevista Aline Silva	160
ANEXO XI – Entrevista (Rememorada) Ana Maria	169
ANEXO XII – Entrevista Ana Maria	172
ANEXO XIII – Inserção no Campo de Pesquisa	184

1) INTRODUÇÃO

“Mulheres de Ouro¹: trajetória e representações de atletas de lutas” é um estudo transita pelo tempo da modernidade², dos nossos dias. Um tempo marcado pelo avanço tecnológico, principalmente nos setores da comunicação, que conecta o mundo e miscigena culturas e, paradoxalmente, aproxima distâncias e distancia proximidades. Um tempo de relações sociais e identidades mais instáveis e temporárias.

Em nossa sociedade desse tempo atual, fala-se em maior equidade de gêneros em que homens e mulheres exercem funções e ocupam espaços semelhantes. Fala-se em maior liberdade de escolha: política, social e comportamental. Mas também, observamos nesta mesma sociedade o referencial de um centro normatizado de ideias, valores e práticas. Não queremos aqui negar os avanços e conquistas das mulheres e outros grupos sociais no decorrer do último século. Entretanto, observamos no meio esportivo, foco deste estudo, a existência de questões em aberto que merecem nossa atenção, investigação e discussão.

É neste tempo e sociedade que pretendemos refletir sobre a trajetória de mulheres que dedicam suas vidas na construção de uma carreira como lutadora em diferentes modalidades, assim como suas representações de feminilidade construídas em meio ao cenário esportivo das lutas. Neste momento, faz-se importante apresentar brevemente as motivações e inquietações que resultaram neste estudo.

Para justificar minha motivação nos estudos que envolvem as relações de gênero, faço minhas as palavras da Professora Silvana Goellner em prefácio à obra “Gênero e Esportes: masculinidades e feminilidades”, na medida em que: o “gênero não é apenas um tema acadêmico. Diz respeito a cada um de nós. De como nos constituímos, entendemos, representamos, enfim, do modo como produzimos nossa subjetividade, e também, nosso corpo” (KNIJNIK, 2010, p. 7-8).

E a curiosidade sobre as diferentes formas de ser e viver feminilidades me acompanha desde o período em que estive inserida em Academias de Ginástica na condição de estagiária e professora. Foi onde eu pude observar entre aparelhos de musculação e aulas coletivas variados comportamentos, gestualidades e arquiteturas corporais de homens e

¹ O título deste estudo foi inspirado no nome do filme *Menina de Ouro* (2004), de Clint Eastwood, cuja personagem principal, a boxeadora Maggie Fitzgerald (Hilary Swank), a “menina de ouro” da trama, reúne as condições necessárias para atingir o auge na carreira de lutadora e realizar seus sonhos, assim como as participantes desta pesquisa.

² Para este estudo utilizaremos a concepção de modernidade de BAUMAN (2001) para caracterizar um tempo atual de fluência e transitoriedade nas relações.

mulheres, cada qual despertando diferentes reações entre o público masculino e feminino. Entre as mulheres, as musculaturas transbordantes ou a não evidência aos músculos, o uso de roupas que mostram mais ou menos o corpo, a academia como espaço social do culto ao corpo, que representações são construídas? Estas foram as questões iniciais.

Dessa forma, na expectativa de iniciar um estudo sobre as representações de feminilidades de mulheres praticantes de musculação, me aproximei do Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS) a partir de 2011. No entanto, após a contemplação de uma vaga no Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora no ano de 2012, fui convidada e incentivada pela orientadora a expandir meu olhar para as relações de gênero no universo esportivo, mais especificamente para a trajetória e as representações de feminilidades de mulheres atletas envolvidas, profissionalmente, nos esportes em que há evidente demonstração de força e virilidade, como as diferentes modalidades de lutas.

Questionei-me sobre a viabilidade do estudo e minhas reais condições de “dar conta do recado”, devido à dificuldade de contatar atletas, e pelo fato de o universo das lutas esportivas³ não fazer parte de meu cotidiano e, assim, empregaria um olhar de fora. Todavia, a expressiva participação de brasileiras nas lutas, nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012⁴, com possibilidade de investigar questões que permeiam o cenário das “mulheres que lutam” em pleno ciclo olímpico Rio-2016, somada a recente entrada das mulheres no *Ultimate Fighting Championship* (UFC) – maior organização de *Mixed Martial Arts* (MMA) do mundo – tornou-se fascinante para mim e aceitei o desafio. Assim, a busca por maior entendimento sobre o contexto das mulheres brasileiras nos esportes, em especial as lutas, se fez necessário.

Através de filmes e leituras, pude perceber as práticas esportivas como espaços historicamente “generificados” (GOELLNER, 2007). Espaços generificados, geralmente, não o são em sua essência, mas por agregarem discursos e valores que visam proferir o que é (ou não) adequado/ideal para homens e para mulheres. Ideal este que é culturalmente transmitido pelos diversos setores sociais, políticos e econômicos, a começar pela instituição familiar.

A família é a primeira a criar todo um conjunto de ações e expectativas em torno dos filhos, antes mesmo de seu nascimento. Dentre estas podemos citar as cores e objetos

³ Diferencio aqui “lutas esportivas”, como aquelas voltadas para a formação e treinamento de atletas com objetivo de competições, das “lutas *fitness*” caracterizadas pela combinação de golpes de uma ou mais modalidades de luta, praticados em sessões coletivas em academias especializadas (ou não), com outras finalidades diferentes da competição, podendo ser a estética, o condicionamento físico e a saúde, modalidades com as quais convivi nos anos de trabalho em Academias de Ginástica.

⁴ Competiram 12 atletas nas lutas: 7 no judô, 3 no boxe, 1 no taekwondo e 1 na luta olímpica.

pessoais que, normalmente, seguem a premissa do rosa para as meninas e o azul para os meninos. Uma divisão dual também acontece com as práticas esportivas. De forma geral, as atividades rítmicas e expressivas são tidas como adequadas à formação física e do comportamento femininos e os esportes coletivos de confronto e as lutas à construção do corpo e caráter viril dos homens. Diante disso, observamos que no campo das representações sociais⁵ as práticas esportivas podem influenciar, positiva ou negativamente, nas construções de feminilidades e masculinidades e, por isso, busca-se manter mulheres e homens nas fronteiras da tradição.

Entendemos a tradição, a partir da concepção de Anthony Giddens, como uma orientação para o passado que tem forte influência no presente. Ou seja, aquilo que se mantém através da repetição, da continuidade, do costume, da crença de um “assim deve continuar, porque sempre foi dessa forma”. A tradição, de geração em geração, transmite costumes, valores, crenças, modos, ideias e memórias que são incorporadas pelos indivíduos através das interações sociais e aceitas por suas culturas como padrões ideais de ação e comportamento (GIDDENS, 1997). O autor, no entanto, nos alerta que “muitas das coisas que consideramos tradicionais, alicerçadas na neblina dos tempos, não passam, na verdade, de produtos do último par de séculos, e por vezes são ainda mais recentes” (GIDDENS, 2002, p. 46).

Assim, observamos que o conceito de tradição é fruto da modernidade; que as tradições são mutáveis e continuamente reconstruídas de acordo com o presente. Dessa forma, as representações idealizadas dos modos de ser mulher e ser homem são também reflexos da tradição de uma sociedade. As lutas, sendo práticas esportivas não plenamente recomendadas às mulheres por nossa sociedade, encontram-se como um interessante território para analisarmos os motivos de sua inserção, assim como as construções de feminilidades por elas.

Para melhor compreensão da questão, faz-se necessário voltarmos, ao Brasil do período compreendido entre 1940 e 1970 em que evidenciamos a promulgação do Decreto-lei 3199/41. Esta lei que entrou em vigor no dia 14 de abril de 1941 tinha por objetivo estabelecer as bases de organização dos desportos no país. Para o nosso estudo, destacamos o Art. 54 do Capítulo IX, “Disposições gerais e transitórias”, que dizia: “às mulheres não será permitida a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o CND⁶ baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do País”. E em 1965, através da Deliberação 7/65, o CND criou a regra que dizia: às mulheres – item 2:

⁵A Teoria das Representações Sociais (TRS) constitui parte do referencial teórico-metodológico do estudo e será contextualizada no Capítulo 3 Caminhos Investigativos.

⁶Conselho Nacional de Desportos.

não seria permitida a prática “de **lutas** de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de paria, polo, rugby, halterofilismo e beisebol” (MOURÃO, 1998, p. 138, grifo nosso).

As brasileiras deste período vivenciaram um momento ambíguo, na medida em que foi possível observar certos incentivos e, ao mesmo tempo, controle sobre estes nas diferentes esferas da sociedade. Elas passaram a ocupar mais os espaços públicos: o estudo, o trabalho fora de casa, o lazer e/ou as práticas esportivas faziam parte da rotina de parcela da população feminina. Estes novos hábitos nasciam com diferentes objetivos, mas sob a condição comum de que seus afazeres fora de casa se ajustassem às obrigações com o lar. Ou seja, nenhum incentivo tinha como intenção a modificação de seu papel social. No cenário esportivo, porém, este foi um tempo de mudanças nas representações das mulheres e de vanguarda no movimento delas junto a essas práticas, que cresce até os dias atuais (MOURÃO, 1998).

Dentre outras ações, consideramos a organização dos Jogos da Primavera, cuja primeira edição aconteceu no ano de 1949 na cidade do Rio de Janeiro, como um dos eventos esportivos para mulheres que contribuiu para a popularização das práticas esportivas no cenário nacional, uma vez que acontecimentos dessa natureza se disseminaram em diferentes estados da federação (MOURÃO, 1996; FARIAS, 2011). Os Jogos ocorreram de 1949 a 1972, período de vigência do Decreto-lei 3199/41, caracterizando-se como mecanismo de controle das práticas esportivas leves e moderadas sobre aquelas consideradas vigorosas. Mas também, por sua popularidade e repercussão no país, o evento é considerado um marco na democratização das práticas esportivas para as mulheres.

Mas elas queriam mais. Ainda no período da ditadura militar, a insistência das mulheres e de alguns idealizadores sobre a prática esportiva feminina influenciaram decisivamente na revogação do Decreto-lei 3199/41 em 1979 (SOUZA; MOURÃO, 2011), gerando expectativas de maior liberdade sobre suas práticas corporais. Podemos, então, afirmar que a queda desta lei garantiu maior liberdade de práticas esportivas às mulheres?

As possíveis respostas não são tão simples. Pouco mais de trinta anos se passaram e determinados esportes continuam a ser subrepresentados ou representados ainda como femininos ou masculinos. O que nos leva a afirmar que os discursos concretizados na forma de lei em outrora ainda pairam em meio às representações sociais.

Por isso, tomaremos o universo “masculino” das lutas: Boxe Olímpico (Boxe⁷), Luta Olímpica (LO) estilo livre e *Mixed Martial Arts* (MMA) para problematizarmos a transposição de barreiras do gênero no meio esportivo, bem como as construções e representações de feminilidades de mulheres atletas, na medida em que encontram-se entre as práticas esportivas pouco estimuladas na infância às meninas e caracterizam-se como um espaço ainda não consensual sobre a presença feminina. O que talvez possa ser apreendido através da perspectiva de Wacquant (2002) em sua obra “Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe”.

O autor investigou o boxe, inserindo-se nos espaços e processo de formação do atleta, e diz que tanto a modalidade [e nós estendemos esta concepção para as demais lutas] quanto os espaços de treinos e confrontos foram pensados e arquitetados pelos homens e para os homens, sem a participação das mulheres (WACQUANT, 2002). Isso significa que para se inserirem nestes espaços e práticas elas tiveram que se ajustar ao que já havia sido colocado como códigos por eles.

As lutas que compõe este estudo são modalidades de combate entre dois atletas, cada qual com menor ou maior possibilidade e diversidade de técnicas de ataque e defesa, em que se utiliza: no Boxe, apenas os punhos com luvas específicas, de 10 onças (284g), a fim de somar pontos; na LO, os atletas podem fazer uso dos membros inferiores e superiores, na intenção de “imobilizar o adversário com as costas no chão”; e no MMA, utiliza-se um conjunto de técnicas de várias lutas, em que o atleta pode fazer uso de todo o corpo com o objetivo de “finalizar” o oponente, seja por nocaute ou imobilizações. É obrigatório o uso de luvas específicas, de 4 a 6 onças (de 113 a 170g)⁸.

Dessa forma, buscamos responder a seguinte questão central do estudo: “Quais os eventos e experiências pelas quais as mulheres que levaram adiante uma carreira como lutadora passaram, apesar dos elaborados argumentos sociais que funcionariam como inibidores de tal atitude?”. E a partir desta, outras questões orientadoras se desdobraram: “Como se dá o processo de inserção e permanência de mulheres atletas nas lutas? Quais são os significados, as motivações e as dificuldades identificadas na construção de suas carreiras? Devido aos anos de dedicação aos treinos para a construção de suas carreiras, que mudanças

⁷ O Boxe, com inicial maiúscula, será aqui utilizado para designar o Boxe Olímpico, uma das modalidades de investigação deste estudo.

⁸As características de cada uma dessas modalidades de lutas serão detalhadas no Capítulo 3 “Caminhos Investigativos”.

corporais são percebidas e como lidam com essas modificações? Que feminilidades são construídas por essas mulheres atletas?”. A seguir apresento os objetivos da investigação:

- a) Compreender como se dá o processo de inserção e permanência dessas mulheres nas lutas;
- b) Identificar os significados, as motivações, assim como, as dificuldades na construção de suas carreiras;
- c) Identificar as representações de feminilidades dessas mulheres atletas e analisar até que ponto se aproximam e/ou distanciam de uma representação hegemônica de feminilidade.

Os motivos que justificam e nos levam a investigar este tema é compreender como a trajetória dessas mulheres que fazem das lutas a sua profissão ajuda a reescrever e reconstruir as relações de gênero no cenário esportivo, além de termos a intenção de contribuir para a ampliação da discussão da literatura sobre as “mulheres que lutam”. Por isso, entendemos ser importante dar voz a estas atletas que transcendem e transgridem o convencional sobre as práticas esportivas para as mulheres e constroem seus modos de ser e viver feminilidades através das lutas.

Este estudo foi escrito na forma monográfica e apresenta-se organizado da seguinte forma: expostas a problematização, questões orientadoras, os objetivos e a justificativa no Capítulo 1 “**Introdução**”, o Capítulo 2 “**Constituição do Estudo**” contempla os pressupostos teóricos que dão suporte à investigação, como modernidade e identidade, poder e gênero, além de trazer uma breve relação entre as práticas esportivas e as representações de feminilidades; no Capítulo 3 “**Caminhos Investigativos**”, trazemos a descrição do tipo de abordagem, instrumentos e técnicas de análise dos dados. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e caráter descritivo, cujo principal instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada aplicada a seis atletas de representatividade nacional e internacional em suas modalidades. Para a análise dos dados utilizamos a categorização temática. Neste capítulo ainda são apresentadas as participantes do estudo, as características das modalidades e os locais de treinamento visitados durante a pesquisa.

A análise de dados se desenvolve o Capítulo 4 “**Tornar-se lutadora**” no qual buscamos desenhar os seus projetos esportivos, focando o primeiro subitem no processo de inserção e permanência das atletas nas lutas – os fatores internos e externos, os agentes e experiências que participaram do processo –; no segundo, trazemos as principais dificuldades,

conquistas e significados, a fim de entender os motivos que as instigaram a manter-se como lutadoras das modalidades investigadas. No terceiro subcapítulo trazemos a problemática das “mulheres que lutam e o paradoxo das feminilidades plurais”, em que trazemos a rotina de treinos das lutadoras, além de buscarmos evidenciar o conflito entre a identificação com o ofício de lutadora e as representações de feminilidades, que se constituem em meio ao jogo de resistências e assujeitamentos ao que está posto como norma; o Capítulo 5 “**Apontamentos Finais**” aponta para as principais conclusões resultantes do estudo; e, após este último capítulo, encontram-se listadas as referências utilizadas, seguido dos anexos.

2) CONSTITUIÇÃO DO ESTUDO

2.1) Modernidade e identidade líquidas.

Inicialmente, refletimos a cerca da modernidade e identidades através das obras de Bauman (2001; 2005). Zygmunt Bauman é um sociólogo polonês nascido em 1925, que publicou mais de cinquenta livros. A teoria da liquidez encontra-se em grande parte de suas obras, principalmente, a partir da década de 1990, por identificar nesta fase as características da fluidez, instabilidade e transitoriedade do tempo e nas relações.

Nesta fase atual, o tempo e o espaço apresentam-se relativos e mais maleáveis, rompendo com a imutabilidade de outrora. Podemos afirmar que nunca houve na história da humanidade modificações tão velozes. Nos últimos 150 anos, fomos do cavalo ao foguete; da escassez de água tratada à água encanada nos domicílios; do vapor à eletricidade e energia nuclear; do telefone analógico aos celulares e internet. Saímos do local para o global ou, segundo Bauman (2001), de uma fase sólida para uma fase líquida.

A liquidez é, para Bauman, uma metáfora aos líquidos, cuja característica principal é a fluidez e, dessa forma, moldam-se conforme o recipiente onde estão contidos sem a necessidade de exercermos força; movem-se com facilidade, escorrem, transbordam. Nas relações humanas, a liquidez diz respeito à velocidade com que as situações penetram, se adaptam, transformam e, tão rapidamente, abandonam os lugares, as pessoas (BAUMAN, 2001). Em entrevista à revista brasileira “ISTOÉ”, Bauman esclarece sua concepção de liquidez. Afirma que os:

Líquidos mudam de forma muito rapidamente, sob a menor pressão. Na verdade, são incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. No atual estágio “líquido” da modernidade, os líquidos são deliberadamente impedidos de se solidificarem. A temperatura elevada - ou seja, o impulso de transgredir, de substituir, de acelerar a circulação de mercadorias rentáveis - não dá ao fluxo uma oportunidade de abrandar, nem o tempo necessário para condensar e solidificar-se em formas estáveis, com uma maior expectativa de vida⁹ (ISTOÉ, 2010).

O próprio período de escrita e publicação do livro “Modernidade Líquida” nos assinala sobre a teoria da liquidez de Bauman. A obra foi produzida e lançada na virada do século XX para o XXI. Neste momento, vivíamos um período turbulento e incerto. Diversas

⁹ Disponível em: http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS+NADA+E+PARA+DURAR. Acesso em 16/mai./2013.

previsões sobre o “*bug* do milênio” trouxeram o medo pela possibilidade de panes tecnológicas em todo o mundo. O mais comentado dizia sobre os computadores e aplicativos tecnológicos que estariam programados a funcionarem até o ano de 1999, sendo necessárias intensas manobras para manter a ordem nos diversos setores da vida moderna onde a tecnologia computacional se faz presente. Fato que não se concretizou. Somado a isto, a própria virada da década, do século, do milênio gerou na população mundial expectativas por uma transformação radical; suscitou a esperança de, enfim, estarmos “rompendo com o passado”. Um passado sólido, de estruturas rígidas, marcado pela tradição.

Certamente, adentramos um novo tempo. Entramos, de acordo com a concepção de Bauman, na “modernidade líquida” em que estruturas sólidas como as tradições, as crenças, as obrigações e o totalitarismo político se “derreteram”, mas também, abriram espaço para novos e aperfeiçoados sólidos, na medida em que nenhum molde pode ser quebrado sem que por outro seja substituído (BAUMAN, 2001). Principalmente, após a Segunda Guerra Mundial, uma “vontade de liberdade” se fez presente nas sociedades. Vontade esta que é tida como o alicerce da modernidade líquida, ao mesmo tempo em que gera medo, por estar em oposição à segurança construída em torno de uma vida social estável na ordem moderna de outrora.

Na modernidade líquida, há de estar clara que não existe a intenção de abandono às normas e regras sociais: a liberdade incide da emancipação de crenças e integração de novos valores. Ou seja, a existência de normas e regras é condição necessária para que haja o exercício da liberdade. Nesse sentido, o indivíduo pode agir de acordo com seus impulsos e desejos, mas, assumindo-se como responsável por seu próprio destino e pelas consequências de seus atos (BAUMAN, 2001). É neste contexto de liquidez que as identidades (étnicas, religiosas, de gênero) são construídas, se moldam e adaptam-se às circunstâncias e interesses individuais que, também, é coletivo.

Na verdade, para Bauman (2005), não existe uma identidade em si, mas apenas direções ou um horizonte pelo qual nos orientamos e por onde podemos chegar a múltiplos e diferentes destinos, que nunca são definitivos. O mais importante para o autor não é o lugar almejado, mas o caminho a ser percorrido. Caminho este imprevisível e cercado de artimanhas e perigos desconhecidos.

Embora o sociólogo reconheça a inexistência de uma identidade unitária, ele se utiliza de meios (meramente didáticos) para explicar a construção da identidade. Uma metáfora presente em seus textos é a do “quebra-cabeça incompleto”: o quebra-cabeça por entender que as identidades seriam construídas por várias peças (peças identitárias); e

incompleto porque, diferentemente do brinquedo em que se conhece uma imagem final a ser construída, a identidade jamais conhecerá um resultado definitivo, uma vez que são constituídas dos inúmeros pedaços de várias imagens distintas, por vezes conflitantes, e sempre haverá peças faltantes e desconhecidas (BAUMAN, 2005).

Stuart Hall (2003) compartilha a perspectiva de Bauman e afirma que o sujeito de identidade única e estável está se tornando fragmentado, sendo composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias, não havendo mais uma identidade fixa, essencial ou permanente. As identidades são continuamente transformadas nos sistemas culturais ao qual pertencemos [e/ou temos acesso] e é definida histórica e não biologicamente.

Estas “peças identitárias”, então, flutuam em nosso meio cultural e são lançadas pelos diversos setores sociais que nos cercam, como: família, amigos, escola, igreja, leis, medicina, mídias, os esportes, e ainda por nós mesmos, através da influência sofrida pelos setores sociais, mas também, através de buscas independentes. Nas palavras de Bauman: “As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19).

Nesta perspectiva, o sujeito pode assumir identidades diferentes e não unificadas em momentos distintos dentro de um mesmo “eu”. Por isso, “identificação” é um termo que, segundo Hall (2003), melhor define as várias possíveis identidades que o sujeito “perder”, “ganhar” ou “assumir” no processo de constituição de si. Pois, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma pluralidade de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente.

Por outro lado, nossa sociedade do tempo presente é ambígua, uma vez que rejeita condutas de inflexibilidade, ao mesmo tempo em que reprime nossas escolhas quando são contrárias àquelas incentivadas e representadas como ideais pelos inúmeros setores sociais, constituindo-se em mecanismos de poder. Nesta perspectiva, o exercício da liberdade torna-se árduo, por se estabelecer através de enfrentamentos as regras e normas sociais sendo, assim, despertada uma necessidade de pertencimento: busca-se ser diferente, mas não único. E nisto incluem-se a utilização de produtos, marcas, estilos, valores, comportamentos e identidades.

Neste contexto, a globalização é um significativo fator de influência sobre nossas escolhas pessoais (BAUMAN, 2005, HALL, 2003). As fronteiras não são mais físicas. Através dos espaços e ambientes virtuais e dos meios de transporte cada vez mais avançados,

é possível transitar por diferentes povos e culturas, absorver variadas praxes e experimentar diferentes situações.

A globalização tem a possibilidade de contestar e deslocar as identidades centradas e produzir formas mais plurais de identificação, marcadas por histórias particulares ao mesmo tempo em que podem carregar traços das culturas tradicionais. Ou seja, influências, experiências, interdições e incentivos fundem-se na constituição dos sujeitos, que refletem em suas escolhas e seus modos de ser e de viver.

2.2) Breve incursão sobre poder e gênero.

Primeiramente, julgamos importante situar o leitor que a concepção de poder que se estabelece neste estudo é a do filósofo francês Michael Foucault (1926-1984). A temática do poder se encontra em grande parte de suas obras, principalmente, a partir da década de 1970, quando do desenvolvimento de uma “História da violência nas prisões” em sua obra *Vigiar e Punir*. Porém, não se tratava de um objetivo principal o desenvolvimento de uma “genealogia do poder”. Em uma entrevista denominada “Sujeito e Poder”, o filósofo esclarece:

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos (FOUCAULT, 1995, p. 231).

Para Foucault (2012c) nos tornamos quem somos por meio da incorporação de subjetividades que, por sua vez, se refere a processos que são organizados e que organizam práticas de si e têm suas forças nos discursos e na relação saber-poder, ao mesmo tempo em que demonstram descontinuidades das formas históricas. Ou seja, o estudo do poder mostrou-se um envolvimento conceitual inevitável a fim de compreender as “relações de força” existentes no processo de constituição dos sujeitos.

Ao desenvolver a problemática, Foucault admitiu idas e vindas, pois, não havia a intenção de fomentar uma relação negativa em torno do poder, mas sim construir uma nova concepção. O autor percebia que ao se falar em poder comumente as pessoas pensam sobre uma estrutura política, governo, agente, instituição, órgão ou grupo repressor que o detém e todos os outros são a ele subordinados. De outra forma, porém, o filósofo afirma que em qualquer relação humana, sejam elas, amorosas, institucionais ou econômicas, o poder está

presente. A soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação nada mais são que suas formas terminais. Em suas palavras:

Parece-me que se deve compreender o poder primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 2011, p. 102-103).

O que se pretende ressaltar é que Foucault não teve como objetivo negar o papel do Estado nas relações de poder das diferentes sociedades, mas sim, argumentar a existência de micropoderes ascendentes que se relacionam entre si e com o nível mais geral dessa relação de forças constituído pelo Estado; que numa concepção tradicional de poder prevalecia a ideia de manipulação de um “ser soberano” sobre os outros e, diferentemente, em sua concepção a opressão ou submissão unilateral é um princípio equivocado. O poder não tem apenas o lado negativo que impede e coíbe, mas também uma face positiva que incita, produz: ações, saberes (FOUCAULT, 2012a).

Foucault defende que o poder não é um objeto ou uma coisa a ser possuída. Mas, relações móveis que são exercidas discursivamente em vários pontos e em diferentes níveis da sociedade, de modo que a existência de um exterior não é possível. Segundo autor “[...] o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2011, p. 103). Assim, o exercício das relações de poder acontecem desde as pequenas situações do relacionamento humano até os níveis institucionais mais altos do Estado. Podemos, então, perceber que para o filósofo toda relação consiste em relações de poder, sendo possível, neste momento abordar a concepção de gênero que constituirá este estudo.

Segundo Scott (1995) não há como falar de gênero sem considerar o seu “caráter relacional”, na medida em que a autora entende que mulheres e homens são definidos e diferenciados um em relação ao outro, o que no sentido foucaultiano constitui-se em relações de poder. Em outras palavras, “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (p. 86).

Conceitualmente, o termo gênero desestabilizou a afirmação de que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que estas

poderiam justificar certas desigualdades e lhes atribuir funções e papéis sociais. Por isso, tornou-se uma palavra particularmente útil, por oferecer um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. E ainda, possibilitou identificar que corpos, gestualidades e as representações – de beleza, *performance* e sexualidade – são construídas historicamente as quais, em diferentes contextos culturais¹⁰, foram associadas às representações de feminilidades e masculinidades. Dessa forma, entendemos o gênero como:

a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino (GOELLNER, 2010, p. 75).

Enquanto categoria de análise, gênero, melhor abrange o que as diversas sociedades e culturas humanas representam sobre feminino e/ou masculino. No entanto, faz-se necessário esclarecer que não se trata de negar a biologia ou tomar a cultura como destino, mas problematizar que as posições e ocupações sociais de mulheres e homens numa dada sociedade e tempo é muito mais fundamentada em contextos culturais do que fruto da anatomia de seus corpos. Isso significa dizer que o gênero é performativo, na medida em que se institui através da repetição dos atos, da estilização dos corpos em que vários tipos de “encenações” ajudam a constituir a ilusão de um dócil *self* generificado, inclusive para os próprios atores, que acabam acreditando e encenando de acordo com sua crença (BUTLER, 2010).

Louro (2008a) complementa sobre a construção do gênero e sexualidade, destacando a influência de “especialistas”. A autora afirma que se trata de um procedimento minucioso, sutil e sempre inacabado, que acontece ao longo de toda a vida através de aprendizagens e práticas explícitas ou dissimuladas que são incentivadas pelas inúmeras instâncias e espaços sociais – família, escola, igreja, instituições legais e médicas e as mídias – e têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos marcas e normas que devem ser seguidas. Em suas palavras:

¹⁰A cultura, do ponto de vista antropológico, é entendida como um conjunto de crenças, valores e hábitos que são incorporados pelos sujeitos através do convívio em uma determinada comunidade (LARAIA, 2001), em que podemos perceber estreita relação com a concepção de tradição de Giddens. Para mais, consultar: LARAIA, R.B. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Especialistas das mais diversas áreas dizem-nos o que vestir, como andar, o que comer (como e quando e quanto comer), o que fazer para conquistar (e para manter) um parceiro ou parceira amoroso/a, como se apresentar para conseguir um emprego (ou para ir a uma festa), como ficar de bem com a vida, como se mostrar sensual, como aparentar sucesso, como... ser (LOURO, 2008a, p. 17-18).

Ou seja, desde a infância as condutas que não reforçam as diferenças entre mulheres e homens são consideradas impróprias e, por isso, são desestimuladas, de modo a perpetuar que as feminilidades e as masculinidades constituem-se extremidades opostas que não devem ser aproximadas. Especificamente às mulheres, focando no estudo, espera-se e se incentiva uma representação idealizada em que seu comportamento e gestos sejam suaves, delicados, controlados, passivos.

Adelman (2003 *apud* BORDO, 1997) explica que essa feminilidade hegemônica é vivida dentro de uma “estética da limitação”, em que os comportamentos e corporalidade femininos são produzidos através da aceitação de restrições e da limitação da visão, ambas construídas sobre o reconhecimento da falta do poder. Neste sentido, quaisquer outras possibilidades manifestadas em seus modos e corpo, como a força, a determinação, a coragem, a ousadia e as atitudes mais ativas não são vistas com unanimidade, podendo ser considerados como desvio/transgressão.

Segundo Becker (2009), “o comportamento normal das pessoas em nossa sociedade (e provavelmente em qualquer sociedade) pode ser visto como uma série de compromissos progressivamente crescentes, com normas e instituições convencionais” (p. 38). Já os desviantes são aqueles que transgridem a estes atos, comportamentos ou mesmo rotinas considerados convencionais pela maior parcela de uma sociedade. O autor, no entanto, diz que as regras sociais são construídas por meio de processos em que alguns grupos conseguem impor seus pontos de vista como mais legítimos que outros. Ou seja, o desvio, não é inerente aos atos ou aos indivíduos que os praticam, mas sim, reside na representação do outro que a este reage.

Para Foucault (2012b), é importante perceber que as relações de poder se constituem por “disposições”, “manobras”, “táticas”, “técnicas” e “funcionamentos” que são exercidas sobre sujeitos livres que, por sua vez, as resistem, contestam, respondem, aceitam, se submetem/ou transformam de acordo com as possibilidades e interesses individuais e coletivos. Ao defender o caráter relacional do poder, afirma que “onde há poder há

resistência”, por isso, as relações de poder não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência. Segundo o autor:

[...] não existe, com respeito ao poder, *um* lugar da grande Recusa [...]. Mas sim, resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, improváveis, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício (FOUCAULT, 2011, p. 106, grifo do autor).

O filósofo afirma que os pontos de resistência são móveis e transitórios, e não podem ser entendidos como a face negativa das relações de poder, fadada a derrota. De outra forma, afirma que as resistências são “o outro termo nas relações de poder” que podem inflamar, de forma mais ou menos regular entre grupos e indivíduos, “certos pontos do corpo, certos momentos de vida, certos tipos de comportamento” (FOUCAULT, 2011, p. 106). Nesse sentido, são em meio às resistências que sujeitos e grupos encontram diversificadas formas de exercício das “práticas de liberdade”.

Segundo Foucault, onde as determinações encontram-se saturadas, na verdade, não existem relações de poder. Pelo contrário, num estado de absoluta dominação, as relações de poder são inexistentes e as práticas de liberdade encontram-se, em grande medida, esgotadas ou limitadas. É na identificação do ponto em que se formará a resistência, que um novo campo de relações de poder e de práticas de liberdade se abrirá (*Op. Cit.*).

Dessa forma, se a base identitária de gênero é dada pela repetição estilizada dos atos através do tempo, como forma de assujeitamento à cultura, então, as possibilidades de transformação se encontram nas relações arbitrárias entre os atos, na possibilidade de outras formas de repetição ou ainda na quebra da repetição subversiva desse estilo (BUTLER, 2010.). Ou seja, as práticas de liberdade abrem outras possibilidades de ser, viver e representar feminilidades e/ou masculinidades por meio da “experiência”.

A experiência é sempre criações discursivas, tidas como invenções dos sujeitos no exercício de sua constituição. Trata-se de vivências singulares que não existiam antes e nem existirão depois, além de serem capazes de desprender o sujeito de si, de modo que ele não seja mais o mesmo e se reconheça em constante reconstrução. Dessa forma, entendemos a experiência como “a racionalização de um processo, ele próprio provisório, que termina num sujeito ou em vários sujeitos” (FOUCAULT, 2012c, p. 137).

Nesse sentido, as práticas esportivas enquanto experiência para as mulheres constituem o rol de atividades que podem interferir diretamente na construção e representação da feminilidade hegemônica que, por sua vez, possui história e se adapta ao contexto onde

está inserida. Através de estratégias discursivas, busca-se diferenciar o que é, e o que não é, adequado às meninas e mulheres. Assim, por meio da literatura e matérias midiáticas buscaremos apontar historicamente algumas mudanças – ou vontade de mudança – nas representações.

2.3) Carreira esportiva e representações de feminilidades

A relação entre a carreira de atleta, ou mesmo as práticas esportivas, e as representações de feminilidades não é recente. Ao atravessarmos a história, é notável a perspectiva de que os esportes e seus valores constituem em uma “área de reserva masculina” (DUNNING, 1992). A história das mulheres encarou a total proibição de sua participação na primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna¹¹, justificado pelo discurso biologicista de que os esportes, bem como as competições, não faziam parte de uma “natureza feminina”.

No Brasil, sem confronto direto com os homens por uma redistribuição no território esportivo, mas por meio de “infiltrações” elas paulatinamente foram (e ainda estão) ocupando espaços, de forma a “desafiar o *status quo*” e comprovar sua capacidade em diferentes modalidades e níveis de atuação (arbitragem, comissão técnica, atleta), mas nunca livre de recomendações e/ou questionamentos (MOURÃO, 1998).

Há evidências de mulheres envolvidas em certa diversidade de práticas esportivas, na década de 1930 a fim de constituir um corpo forte capaz de gerar filhos fortes para desenvolver a nação. Nesse sentido, Devide (2004) afirma que “a natação, a ginástica, a dança, o remo, a esgrima e o turfe foram eleitos como os mais adequados à biologia das futuras mães” (p. 132). A natação, neste contexto, foi tida como adequada à “natureza feminina”, por não masculinizá-la ou comprometer-lhe a graça e, por isso, poderiam até competir. Dessa forma, a modalidade tornou-se porta de entrada das brasileiras em Jogos Olímpicos e na carreira de atleta. O país esteve representado pela nadadora Maria Lenk no ano de 1932, nos Jogos de Los Angeles.

Entretanto, percebendo a ocupação do cenário esportivo pelas mulheres, muitas modalidades foram a elas desaconselhadas, na intenção de coibir aquelas consideradas impróprias à sua natureza. É o caso de algumas provas do atletismo como o salto com vara,

¹¹ Sobre a história das mulheres nos Jogos Olímpicos da Era Moderna sugiro a leitura de TURINI, M.; DACOSTA, L. (Editores) **Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002, em especial, o conjunto de artigos que compõe a Parte 7 “História do Esporte, Gênero, Amadorismo e Turismo no Movimento Olímpico, Memorabilia Olímpica”.

salto triplo, decatlo e pentatlo, e aquelas proibidas com força de lei, como os esportes listados no Decreto-lei 3199/41 (GOELLNER, 2009). E as permitidas, deveriam sempre ser praticadas dentro de certos limites. Entretanto, elas desafiaram as representações hegemônicas e pouco a pouco criaram oportunidades de pertencimento nas diversas modalidades, preenchendo brechas.

Por outro lado, as mulheres sempre esbarraram na carência de reconhecimento e possibilidades de participação em competições de eventos considerados “mistos”. O atletismo nos Jogos Olímpicos é um interessante exemplo da busca por maior inserção no cenário esportivo pelas mulheres. Nessa perspectiva, desde a primeira autorização à participação das mulheres na segunda edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, no ano de 1900, na cidade de Paris, o atletismo esteve entre as modalidades a elas proibidas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Acreditava-se que os saltos e as corridas de meio fundo e fundo acarretariam danos a seus órgãos reprodutores.

Internacionalmente, este fato impulsionou a francesa Alice Milliat a reivindicar ao COI o direito de as mulheres terem o mesmo programa olímpico que os homens, cuja negativa a inspirou na fundação da Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI) em 1921 que, em 1922 na cidade de Paris. Na ocasião, foi organizada a primeira edição dos Jogos Olímpicos Femininos para exclusiva participação das mulheres, que reuniu mais de vinte mil espectadores e atletas em onze provas. Após a primeira edição, a FEFI reeditou o evento com o nome de Jogos Femininos Mundiais (*The Women's World Games*) a cada quatro anos, até 1934, com um programa de provas maior que o olímpico que incluía modalidades por eles proibidas, como as provas de salto e longas distâncias do atletismo. A perseverança de Alice Milliat, e a insistência de outras mulheres e de alguns idealizadores e protagonistas da participação feminina nos Jogos Olímpicos, e práticas esportivas como um todo, aos poucos levou o COI a inserir as modalidades do atletismo no programa olímpico para as mulheres. (MIRAGAYA, 2002).

Este contexto inspirou o Brasil, que também teve organizados em alguns centros urbanos competições para a participação exclusivamente feminina, cuja primeira edição aconteceu, respectivamente, em 1935, os Jogos Femininos do Estado de São Paulo; em 1949, os Jogos da Primavera no Rio de Janeiro; e em 1954, os Jogos Abertos Femininos em Porto Alegre (GOELLNER, 2009). Além disso, a primeira representação brasileira no atletismo em Olimpíadas se deu através de Aída dos Santos, na prova de salto em altura, na edição dos Jogos de Tóquio, no ano de 1964 (MOURÃO, 1998).

Estes eventos esportivos voltados para as mulheres, porém, apresentavam certos dualismos: primeiro porque, ao mesmo tempo em que se observavam discursos acerca da importância da participação feminina no universo da cultura física, pairavam no ar os anseios sobre as mulheres esportistas, que estariam passando demasiado tempo fora de casa para os treinos e competições; outro ponto diz sobre a ameaça que os esportes representavam à graciosidade das atletas, cujos organizadores buscavam minimizar através dos concursos de beleza constitutivos destes eventos.

Mesmo as práticas esportivas tidas como ideais para as mulheres são cerceadas pelos discursos da feminilidade. O vôlei, por exemplo, era, e ainda é, visto como um esporte de técnica e não de força. A rede que separa as duas equipes e impede o contato direto é um elemento fundamental para que a modalidade seja adequada às mulheres. Mesmo assim, Dalsin e Goellner (2006) perceberam nas narrativas da imprensa local portoalegrense, de meados do século XX sobre as jogadoras de vôlei, que as imagens veiculadas nunca eram das atletas em momentos de jogo em que se apresentam suadas e desarrumadas. Contrariamente, preservava-se a imagem de uma vitalidade delicada das mulheres, conferida pela prática esportiva. Ou seja, o cuidado com a aparência não poderia ser deixado de lado em detrimento da prática esportiva.

Para além da aparência, no ano de 1998, um episódio envolvendo a jogadora de vôlei da seleção brasileira, Érika Coimbra, nos mostra o quanto que, mesmo a modalidade considerada um “esporte feminino”, a técnica deve prevalecer sobre a força. Pois, por sua potente “cortada”, a atleta teve a feminilidade questionada, tendo que submeter-se a uma cirurgia para correção da taxa hormonal e, assim, adquirir o “cartão rosa” exigido pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB):

Aos 18 [anos], ela viveu um dos momentos mais difíceis na carreira. A atacante não passou no teste de feminilidade realizado pela Federação Internacional de Voleibol (Fivb) durante o Campeonato Mundial Juvenil de 1997. No exame foi detectado excesso de testosterona (hormônio masculino), e a federação obrigou o técnico Bernardinho a cortar a jogadora da competição, sob ameaça de desclassificar o Brasil. **Clubes que disputavam a Superliga também questionaram a presença de Érika.** A atleta tinha uma má formação dos órgãos reprodutores e teve de ser submetida a uma cirurgia e a tratamento hormonal. Um ano depois, após novos testes realizados na Europa, Érika conseguiu o "cartão rosa" e pôde voltar à seleção¹² (UOL, 2004, grifo nosso).

¹²Disponível em <http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/brasileiros/volei/erikavolei.jhtm> Acesso em: 31/mai./2013.

Cerca de vinte anos antes deste acontecimento, o governo de Ernesto Geisel (1974-1978) propôs a redemocratização do país de forma “lenta, segura e gradual”. Dessa forma, como fruto das reivindicações do Movimento Feminista¹³, abriu-se espaço para a discussão sobre a maior participação das mulheres na sociedade (ASSIS, 1985). Em 1976 foi criada uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) para examinar a situação das mulheres nos âmbitos social, político, econômico, trabalhista e, dentre outros, também no cenário esportivo. Durante o ano de 1977 foram ouvidas 32 mulheres, inclusive a nadadora Maria Lenk, que reivindicavam o direito de usufruírem de seus corpos e de se exporem ou não à periculosidade dos esportes de contato e alto impacto e, dessa forma, sugeriam a revogação da lei que prejudicava a participação das mulheres em determinados desportos (SOUZA; MOURÃO, 2011).

A CPMI foi concluída em 1978 e, em clima de mudança no meio esportivo, no ano seguinte, um importante acontecimento no cenário das lutas influenciaria diretamente a revogação do Decreto-lei 3199/41. Em outubro de 1979, uma equipe feminina composta por quatro judocas viajou com a seleção brasileira para o Campeonato Sulamericano de Judô. Após a polêmica participação dessas mulheres, em dezembro do mesmo ano, o CDN revogou a deliberação nº 7/65e a substituiu pela deliberação nº 10/79. Neste documento, o presidente em exercício do CND baixou instruções às entidades desportivas do país para a prática de desportos pelas mulheres (*Op. Cit.*).

A década de 1980 foi promissora no que diz respeito à criação de órgãos oficiais que visavam conferir maior representatividade feminina. É o caso do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, criado em 1983 e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em 1985. E no que diz respeito às práticas esportivas, em 1986, o CND admitiu através da Recomendação nº 2, a importância da mulher participar das diversas modalidades esportivas do país, inclusive as lutas, aumentando a participação das mulheres em competições. As autoras dizem que ainda em 1980, “aconteceu o I Campeonato Brasileiro de

¹³ O Movimento Feminista conheceu seu auge na década de 1960, principalmente, nos Estados Unidos, e encontra-se como uma vertente da contracultura que, Goffman e Joy (2007) entendem como uma incitação à liberdade de pensamento e à constante mudança, e não se restringe a um único período. A contracultura é por eles pensada em diferentes contextos desde os mitos gregos até os dias atuais. No período compreendido entre os anos de 1960 e 1970, os autores destacam algumas das manifestações culturais e comportamentais que surgiram como, por exemplo: o *rock* que ganhou força com os *Beatles* e os *Rolling Stones*; os *hippies* que imaginavam representar um novo estágio da humanidade; e o uso de drogas e alucinógeno, sobre os quais afirmaram que mais do que o uso químico por diversão ou fuga das angústias e problemas, representam uma manifestação da constante adesão às novas ideias, experiências e formas de viver. Em meados da década de 1960 houve também o nascimento de uma militância política negra e, a partir da década de 1970, o desejo de libertação se tornou a necessidade de libertação da repressão sexual. Para mais, consultar: GOFFMAN, K; JOY, D.: **A Contracultura através dos tempos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

Judô no Rio de Janeiro, que iria classificar as atletas para o I Campeonato Mundial Feminino nos Estados Unidos, no mesmo ano” (SOUZA; MOURÃO, p. 41).

Com a proximidade do século XXI, as mulheres não mais encontram grandes resistências para se inserirem no mercado de trabalho e, em média, possuem maior grau de escolaridade que os homens. Elas também ganham espaço no cenário político e nos cargos de chefia. Porém, ainda recebem salários menores para exercerem os mesmos cargos e, apesar de estar aumentando o número de mulheres, os homens ainda ocupam cerca de 65% dos cargos de chefia em nosso país, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹⁴ (IBGE, 2012). No cenário esportivo, ao tomarmos como referência apenas o esporte de rendimento, ainda hoje, várias são as situações de desigualdade entre homens e mulheres. Conforme Goellner (2012), para as elas:

[...] são bem menores os recursos destinados para patrocínios, incentivos, premiações e salários; em algumas modalidades, a realização de campeonatos é bastante restrita e, por vezes, inexistente; há pouca visibilidade nos diferentes meios midiáticos; a participação de mulheres em órgãos dirigentes e de gestão do esporte é ínfima; a inserção em funções técnicas, como treinadoras e árbitras, ainda é diminuta; federações, confederações, clubes e associações esportivas mantêm registros precários sobre a participação das mulheres em seus dados oficiais, especialmente no que se refere a aspectos históricos (p. 73-74).

Ou seja, todos os acontecimentos, mesmo “os direitos” por elas adquiridos, não concretizaram uma efetiva “conquista” como almejado. No cenário esportivo, embora não haja mais uma força coercitiva em forma de lei que restrinja sua participação, a presença feminina ou as dissonâncias de certos meios e modalidades ainda causam desconfortos numa parcela da sociedade. A maior abertura à participação feminina nos esportes não às livraram do discurso da feminilidade hegemônica. Os ventos de liberdade que começou a soprar não caracterizaram, de fato, uma libertação das amarras discursivas sociais. A qualidade física “força” acima de certos níveis ainda gera desconfianças quando referentes às mulheres.

Uma breve comparação, com base nos Jogos Olímpicos, sobre a inserção de algumas modalidades de lutas para os homens e para as mulheres nos dá indícios dessa afirmação: respectivamente, para os homens e para as mulheres, o Boxe estreou em 1904 e 2012; o judô em 1968 e 1992; a LO estilo livre em 1904 e 2004. O taekwondo é a única

¹⁴Informações do Censo 2010. Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados>. Acesso em: 15/mai./2013.

modalidade de luta que estreou simultaneamente para eles e para elas no ano de 2000. E a LO estilo greco-romano estreou em 1896 e ainda é exclusivamente masculina¹⁵.

Retomando a oposição entre força e feminilidade outros acontecimentos marcaram a carreira e a vida de mulheres atletas. Mais recentemente, no ano de 2005, sob o discurso da saúde e estética, as atletas de fisiculturismo foram convocadas pela Federação Internacional de Fisiculturismo (*International Federation of Body Building - IFBB*) a diminuir 20% de seu volume muscular. Isso porque o volume muscular de atletas das categorias “mais pesadas” causavam incômodos no olhar, pois, fissuravam as representações dominantes de feminilidade. Tal fato foi um baque para aqueles e aquelas que “cultivavam a ideia de que essas mulheres poderiam alargar de modo ilimitado as representações construídas acerca de seus corpos e de suas feminilidades no esporte” (JAEGER; GOELLNER, 2011, p. 960).

Ou seja, a força, assim como o volume muscular acima do nível padronizado para as mulheres não são esperados a elas; que a feminilidade hegemônica deve estar inscrita, não apenas nos gestos, mas também na exterioridade do corpo. É preciso manter-se ativa sem, contudo, ousar. Nas palavras de Goellner (2007, p. 02), às mulheres “[...] é incentivado viver o espetáculo esportivo desde que não deixe de lado a beleza e a graciosidade, atributos colados uma suposta ‘essência feminina’”.

Assim, entre avanços e retrocessos no cenário esportivo elas constroem mais do que carreiras, mas também, formas de representar, ser e viver feminilidades, que podem estar mais ou menos próximas das representações dos setores sociais mais conservadores ou daqueles que idealizam/organizam as regras esportivas, principalmente, suas regras para as mulheres. No universo das lutas, também, podemos perceber oscilações nas representações.

Através da pesquisa sobre “O Judô Feminino no Brasil” é possível apreender que a inserção de mulheres na modalidade não se deu de forma resistida, se comparadas a lutas de outras origens. Embora o incentivo para competições tenha encontrado obstáculos, a inserção de mulheres no judô aconteceu em meados do século passado por intermédio da família: seus pais, descendentes japoneses, por influência de suas raízes, ensinavam a suas filhas e esposas técnicas básicas, sem entrarem em confronto direto (SOUZA; MOURÃO, 2011). Podemos notar que o combate em si poderia colocar em risco sua feminilidade, mas não o treinamento regular.

¹⁵ Dados de CARVALHO, A.M.J. A participação feminina nos Jogos Olímpicos. In TURINI, M.; DA COSTA, L. Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos. Volume 1, 2002. Atualizado através de informações do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Disponível em <http://www.cob.org.br/>. Acesso em: 06/mai./2013.

No entanto, a judoca Edinanci Silva, no ano de 1996, também por sua força, teve a feminilidade questionada. O trecho abaixo, fala da superação da atleta frente à situação que, contudo, não elimina os momentos de desconfiança enfrentados:

A judoca Edinanci Fernandes da Silva não precisa de medalhas para garantir seu lugar no panteão dos vitoriosos. No tatame da vida, ela golpeia o preconceito e defende sua feminilidade. Desde 30 de abril de 1996, quando se submeteu a duas cirurgias delicadas - orquiectomia (retirada dos testículos) e clitoridectomia (reconstrução do clitóris) -, essa paraibana de 22 anos passou a desconhecer o sentido da palavra paz. Mas decidiu confiar na medicina e seguir em frente. Na primeira operação, os médicos procuraram baixar a produção de testosterona, hormônio masculino. Na segunda, as providências foram de ordem anatômica. Entre traumas e maledicências, **Edinanci escapou do rótulo de aberração e firmou-se como mulher. Dona de uma força descomunal**, a maior judoca brasileira prepara-se agora para representar o país no Campeonato Mundial por Equipes, nos dias 11, 12 e 13 deste mês, na Bielo-Rússia¹⁶ (ÉPOCA, 1998, grifo nosso).

Por outro lado, Moura *et al* (2010) em entrevista a uma lutadora profissional de MMA, verificaram na fala da atleta que “a masculinização do corpo é inevitável, pois a carga de treino é muito intensa” (p. 17). A atleta se refere a sua aparência musculosa, tida como indispensável a sua atuação como lutadora. Em contrapartida, faz questão de afirmar que mantém características femininas, procurando manter sua vaidade e beleza, fazendo unhas e cabelo antes das lutas profissionais; afirma ainda que não quer ser um homem, mas uma mulher que luta. Sua fala nos diz que, embora goste de sua aparência, a lutadora não vê como uma forma de feminilidade, mas uma das essências da masculinidade idealizada que é a musculatura evidente. Goellner (2009) afirma que:

O termo masculinização da mulher, regularmente citado quando o assunto se refere às imagens de feminilidade, sugere não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas na sua aparência: julga-se o quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo (p. 289).

Dentre as lutas que participam desse estudo, a luta [LO] estilo livre ainda hoje é para muitas pessoas um esporte rude e pouco refinado (ELIAS, 1992). De forma semelhante, apesar de toda “pasteurização” sofrida pelo pugilismo no decorrer dos tempos, como o uso de protetores nas mãos e capacete, por amadores, o boxe “ainda é um esporte considerado muito

¹⁶ Disponível em <http://epoca.globo.com/edic/19980907/socied2.htm> Acesso em: 31/mai./2013.

violento, sendo marcantes as imagens sujas de corpos machucados, suor, sangue” (MELO; VAZ, 2006, p. 143). E ainda, o MMA pode ser considerado hoje a inscrição máxima da violência regrada dentre as lutas, pois, segundo Awi (2012, p. 21), “é o esporte que mais se aproxima de uma briga real”.

Dessa forma, sendo as lutas modalidades esportivas cujas exigências técnicas e corporais¹⁷ marcam as gestualidades e os corpos dentro daquilo que se concebe uma masculinidade hegemônica, as mulheres que com estas se identificam e decidem levar adiante uma carreira como lutadora são tidas como transgressoras. No entanto, conforme Becker (2009), em sociedades complexas como a nossa existem os grupos dominantes e desviantes, assim como diferentes concepções de desvio e noções particulares de regras. O desvio inscreve-se em tipos de comportamentos [incluímos aqui gestos e corpos] que alguns reprovam e outros valorizam. Por isso, o autor argumenta sobre a necessidade de conhecermos as práticas desviantes e os pontos de vista de seus praticantes.

Assim, almejamos desvendar alguns sentidos e significados sobre as lutas, a carreira e as feminilidades a partir de mulheres que dedicam suas vidas ao Boxe, a LO e ao MMA. A seguir, apresentamos o referencial e procedimentos metodológicos que nos ajudarão a alcançar os objetivos propostos.

¹⁷ Chamamos de exigências técnicas e corporais das lutas o treinamento técnico e físico que, normalmente, resultam em fortalecimento e desenvolvimento muscular, demonstrações de força, agressividade e virilidade nos treinos e competições.

3) CAMINHOS INVESTIGATIVOS

O estudo apresenta características de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo. Neste tipo de metodologia se enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Dessa forma, buscaremos compreender os sentidos e significados do objeto de estudo – trajetória profissional e representações de feminilidades – a partir da perspectiva e dos discursos das participantes da investigação – mulheres atletas de lutas (TRIVIÑOS, 1987).

Neste momento, serão apresentadas cada uma das atletas, suas modalidades de luta e os locais de treinamento que participam deste estudo. Optamos pela apresentação descritiva, a fim de manter a fluência da escrita.

3.1) Apresentando as participantes da pesquisa¹⁸

O convite às voluntárias – lutadoras – aconteceu, num primeiro momento, por contato telefônico ou eletrônico (e-mail e/ou redes sociais). Foram contatadas as sete atletas da seleção brasileira de judô, uma do taekwondo, três do Boxe e uma da LO, que participaram dos Jogos Olímpicos de Londres no ano de 2012. Além destas, foi feito contato com outras duas atletas da seleção brasileira de LO que não estiveram em Londres, e uma atleta de MMA, a fim de constituir um grupo final.

Participaram da pesquisa, as atletas que aceitaram o convite neste primeiro contato, somando seis lutadoras: duas da seleção brasileira de Boxe, Adriana Araújo e Érica Matos¹⁹, três da seleção brasileira de LO, Joice Silva, Laís Nunes e Aline Silva, e a lutadora de MMA, Ana Maria Gomes. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme modelo do Anexo II, e também seus treinadores, exceto da atleta de MMA que, na ocasião não estava na presença de seu treinador. São elas:

Adriana Araújo, pugilista de Boxe Olímpico, 31 anos, solteira, sem filhos e possui o ensino médio completo. É natural da cidade de Salvador na Bahia, onde reside e treina de segunda a sábado na Academia Champion. Tem como treinador o reconhecido Luiz

¹⁸ As atletas são apresentadas na ordem em que aconteceram as entrevistas.

¹⁹ As boxeadoras que representaram o país em Londres-2012 estiveram cortadas da seleção durante o ano de 2013. Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Cortada-Selecao-medalhista-perseguido-CBBoxe_0_906509522.html. Acesso em: 16/jun./2013. Adriana Araújo retornou à seleção em fevereiro de 2014. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/boxe/noticia/2014/02/apos-reuniao-adriana-araujo-acerta-o-retorno-selecao-brasileira-de-boxe.html>. Acesso em 28/abr./2014. E Érica Matos, à espera do primeiro filho, encontra-se afastada do Boxe. Fonte: página pessoal da rede social facebook. Acesso em: 28/abr./2014.

Dórea²⁰ e seu filho Luiz Dórea Junior. Adriana procurou o Boxe por finalidade estética, no fim da adolescência, período em que deixou de praticar futebol. Entretanto, o primeiro treinador ao perceber o seu talento a convidou para participar de uma competição, seis meses após sua entrada no Boxe. Em sua primeira luta, há 13 anos, elegeu a modalidade como sua profissão. Adriana é a número 1 do *ranking* nacional em sua categoria, até 64 quilos e no momento, não está representando nenhum clube. Constituiu a seleção feminina de Boxe que estreou em Londres-2012, tendo disputado na categoria até 60 quilos, e garantido a primeira medalha (de bronze) do Boxe feminino brasileiro em Olimpíadas, o que lhe oportunizou constituir o “Time Nissan²¹”, empresa que lhe fornece apoio. Sua entrevista encontra-se no ANEXO V²².

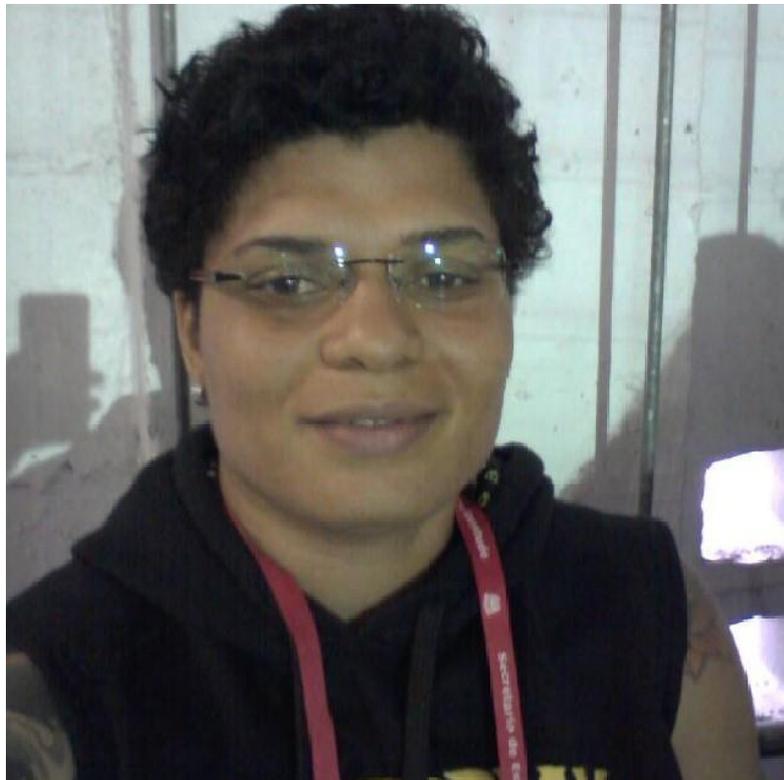


Figura 1: Adriana Araújo
Fonte: Página pessoal de Adriana da rede social facebook.

²⁰ Luiz Dórea é baiano e ex-pugilista campeão mundial em 1988. Ficou famoso como treinador ao levar o boxeador Acelino Freitas, o Popó, ao título mundial em 1999. Além de Popó, passou por suas mãos Sertão, Pedro Lima e os irmãos Rodrigo e Rogério Nogueira. Estes últimos lhe apresentaram o MMA em 2003. O treinador nunca abandonou o boxe, mas adequou-se aos novos tempos, agregando o MMA à Academia Champion. Com Edilberto Oliveira (Crocotá) ocorreu a sua estreia no UFC. Passaram por suas mãos os reconhecidos Vitor Belfort e Anderson Silva. Hoje treina e agencia o peso pesado do MMA, Júnior dos Santos (Cigano). Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/lutas/boxe/ultimas-noticias/2010/07/29/mentor-de-popo-vira-mago-do-boxe-para-estrelas-do-mma.jhtm>>. Acesso em: 23/out./2013.

²¹O Time Nissan é uma equipe de atletas selecionados pela Nissan por meio de carta convite. Estes atletas são patrocinados com um carro da Empresa Executora até os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos Rio 2016. Disponível em: <<http://www.nissan.com.br/time-nissan/>>. Acesso em: 23/out./2013.

²² As imagens das lutadoras foram selecionadas pela pesquisadora e autorizadas pelas atletas.

Érica Matos, outra atleta que participou deste estudo, é também pugilista de Boxe Olímpico e completou 30 anos em maio de 2013. É casada, com um atleta de Boxe, não tem filhos²³ e completou o ensino médio. Érica praticava futsal quando conheceu o Boxe por incentivo e convite de um amigo lutador. Em sua primeira luta, há nove anos, saiu vitoriosa e apaixonou-se pela modalidade. A boxeadora é natural da cidade de Salvador, na Bahia, onde reside. No momento, é atleta do Projeto de Boxe do clube São José dos Campos, em São Paulo. Nos períodos em que está na Bahia, assim como Adriana, Érica treina na Academia Champion e têm Luiz Dória e seu filho Luiz Dórea Junior como seus treinadores. É a primeira do *ranking* nacional em sua categoria, até 48 quilos, e também participou das Olimpíadas de Londres-2012 na categoria até 51 quilos. A atleta não conquistou uma medalha olímpica, mas sagrou-se a primeira mulher brasileira da história a boxear em Olimpíadas. Sua entrevista está disponível no ANEXO VI.



Figura 2: Érica Matos

Fonte: Página pessoal de Érica da rede social facebook.

Joice Silva é atleta de LO estilo livre. Tem 30 anos, é solteira e não tem filhos. É formada em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF) e está cursando pós-

²³ Em seu perfil da rede social facebook a atleta anunciou que está à espera de seu primeiro filho.

graduação *lato sensu* em Administração e Marketing Esportivo. Descobriu a modalidade há 12 anos através de seu treinador de jiu jitsu que a incentivou a frequentar os treinos de LO para melhorar sua técnica no jiu jitsu. Porém, as primeiras competições com vitória, sua aptidão para o esporte, o fato de este esporte ser olímpico, e as oportunidades que surgiram na prática do esporte, a incentivou na construção de uma carreira na LO. Joice é natural da cidade do Rio de Janeiro e hoje reside na zona oeste, no bairro de Jacarepaguá. Realiza seus treinamentos no Centro de Treinamento da FILA na Tijuca e no CEFAN. Joice é a primeira atleta do *ranking* nacional em sua categoria, até 58 quilos. Representou o Brasil nas Olimpíadas de Londres-2012, ainda na categoria até 55 quilos. Embora não tenha conquistado medalha, é considerada uma das principais atletas da seleção brasileira, pois conquistou a décima terceira posição do *ranking* mundial por seu desempenho em 2012, na categoria 59 quilos e hoje ocupa a oitava colocação na categoria que representa no momento; 58 quilos. Joice integra, também, a equipe de LO da Marinha do Brasil, desde abril de 2013. Sua entrevista está disponível nos ANEXOS VII e VIII.



Figura 3: Joice Silva
Fonte: Página pessoal de Joice da rede social facebook.

Laís Nunes, também é atleta de LO e a mais jovem a compor o grupo das participantes deste estudo. Tem apenas 21 anos de idade, é solteira, não tem filhos e está cursando Administração no Centro Universitário Sant’Anna em São Paulo. Possui 8 anos de

experiência na modalidade e conheceu a LO por acaso quando, na adolescência, pensou estar entrando num Projeto de Judô, estilo de luta que já havia praticado na infância. No entanto, as primeiras participações na LO com vitória a incentivou a seguir em frente. Laís é natural da cidade de Barro Alto, em Goiás e hoje reside em São Paulo, na cidade de Osasco. É atleta da equipe do SESI-SP e integra a seleção brasileira de LO. No ano de 2013 atuou pela primeira vez na classe Sênior. É a primeira do *ranking* nacional em sua categoria, até 63 quilos e conquistou a décima quinta posição no *ranking* mundial. A atleta ainda não estreou em Olimpíadas, mas constitui uma das esperanças brasileiras de medalha para a edição dos Jogos do Rio-2016. Sua entrevista encontra-se disponível no ANEXO IX.



Figura 4: Laís Nunes
Fonte: Página pessoal de Laís da rede social facebook.

Aline Silva é mais uma atleta de LO. Tem 27 anos, é solteira, não tem filhos e está cursando Educação Física pelo Centro Universitário Sant'Anna em São Paulo. Conheceu a LO na adolescência por estímulo de seu treinador que percebia sua desmotivação no judô. Após sua primeira competição, ocasião em que saiu vitoriosa, num torneio internacional que acontecera nos Estados Unidos, a atleta ficou maravilhada com o esporte e sua repercussão no mundo, e seguiu em frente na LO. Aline é natural da cidade de São Paulo, onde reside. A atleta compõe a equipe do SESI-SP, integra a seleção brasileira de LO e a equipe de LO da

Marinha do Brasil. É a primeira do *ranking* nacional em sua categoria, até 72 quilos. A atleta não estreou em Olimpíadas ainda, e também constitui uma das esperanças brasileiras de medalha para a edição dos Jogos Olímpicos de 2016 a realizar-se na cidade do Rio de Janeiro. Sua entrevista encontra-se disponível no ANEXO X.



Figura 5: Aline Silva
Fonte: Página pessoal de Aline da rede social facebook.

Ana Maria, também conhecida como Ana Maria Índia, tem no jiu jitsu uma paixão e no MMA sua profissão. Tem 35 anos, é solteira e possui uma filha de 10 anos que mora com seus pais no interior da Bahia. Ana conheceu o MMA através da observação do treino de dois rapazes, numa ocasião em que foi convidada para compor a equipe técnica destes atletas na preparação para um campeonato. Neste período, Ana treinava somente o jiu jitsu, modalidade que nunca abandonou e conquistou a faixa preta. Era estudante de Biomedicina, curso que lhe permitiria trabalhar no laboratório de análises clínicas de seus pais. Por paixão pelo esporte, largou a faculdade para se dedicar integralmente às lutas. A atleta é natural da cidade de Barreiras, na Bahia e residia na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, no bairro do Recreio dos Bandeirantes, inicialmente dentro da Academia, com outros atletas e, posteriormente, num apartamento mantido pela Team Nogueira, equipe que representa, também com outros atletas. Em janeiro de 2013 mudou-se para o estado de São

Paulo. Ana é uma das principais atletas de MMA no Brasil, mas uma sequência de lesões no joelho a afastou das competições, por três anos, que foram retomadas recentemente. Sua entrevista encontra-se disponível no ANEXO XI.



Figura 6: Ana Maria “Índia”
Fonte: Página pessoal de Ana da rede social facebook.

Destaca-se que as participantes deste estudo são mulheres, na sua maioria, de origem social humilde; metade das entrevistadas é natural do estado da Bahia, região nordeste do Brasil; são mulheres, também em sua maioria, de raça negra ou parda.

3.2) Descrição das modalidades de lutas investigadas

3.2.1) Boxe Olímpico (Boxe)

O Boxe Olímpico, também conhecido como Boxe Amador, é uma modalidade esportiva de combate entre dois atletas que utilizam apenas os punhos protegidos com luvas de 10 onças (284g) para se defender e também para golpear o adversário acima da linha da cintura. A modalidade segue os regimentos da Confederação Brasileira de Boxe (CBBOXE) que, por sua vez, está subordinada a Associação Internacional de Boxe (AIBA). A seleção brasileira de Boxe Olímpico é patrocinada pela Petrobras.

A modalidade se difere do Boxe Profissional por não ter a finalidade de nocaute. Embora este possa acontecer, o objetivo do Boxe Olímpico é a soma de pontos através da aplicação dos golpes. Outra diferença encontra-se no uso obrigatório de protetor na cabeça. O protetor genital é obrigatório para os homens e facultado às mulheres. Também é facultado às mulheres o uso de saia, protetor nos seios e top. É obrigatório o uso do uniforme composto por calção até a altura do joelho e que demarque nitidamente a cintura, camiseta regata que cubra o tronco, na cor vermelha ou azul.

O Boxe Olímpico é dividido em masculino e feminino e possui classes por idade e categorias por peso. Quanto à idade, os boxeadores são classificados em: Infantil, entre 13 e 14 anos; Cadete, entre 15 e 16 anos; Juvenil, entre 17 e 18 anos e Adulto, entre 19 a 40 anos. Quanto ao peso, são dez categorias distintas para o feminino e o masculino. São elas, no masculino: 46-49kg, 52kg, 56kg, 60kg, 64kg, 69kg, 75kg, 81kg, 91kg e +91kg. E no feminino: 45-48 kg, 51kg, 54kg, 57kg, 60kg, 64kg, 69kg, 75kg, 81kg e +81kg. Não são permitidas competições entre as classes e categorias. Nas Olimpíadas de Londres-2012, ocorreu a estreia do Boxe para as mulheres que competiram em apenas três categorias até 51kg, 60kg e 75kg. O Boxe masculino compõe o quadro de modalidades olímpicas desde 1904 na terceira edição dos Jogos em Saint Louis, nos Estados Unidos, e hoje competem nas dez categorias existentes.

A estrutura dos combates é de até 3 *rounds* de 3 minutos, com intervalos de 1 minuto cada para as competições masculinas e até 4 *rounds* de 2 minutos, com igual intervalo para as mulheres. No Boxe feminino em Londres-2012 as mulheres competiram sobre a regra de 3 *rounds* de 2 minutos com intervalo de 1 minuto cada. O espaço oficial de combates de Boxe é o ringue²⁴.

Na estreia das boxeadoras em Olimpíadas, em Londres-2012, o Brasil contou com a participação de três atletas: Adriana Araújo, Érica Matos e Roseli Feitosa. O Brasil quebrou o jejum de 44 anos sem medalhas no Boxe Olímpico, através de Adriana Araújo que conquistou o bronze e dos irmãos Falcão, Yamaguchi e Esquiva, da seleção masculina que conquistaram, respectivamente, uma medalha de prata e uma de bronze²⁵.

²⁴ Fonte: <http://www.cbboxe.com.br/>.

²⁵ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/lutas/boxe>. Acesso em 16/jun./2013.

3.2.2) Luta Olímpica (LO)

A Luta Olímpica, também conhecida como *wrestling* (luta em inglês), além do atletismo, é considerada o esporte mais antigo e o mais tradicional das Olimpíadas da Era Moderna, pois compõe o quadro de modalidades desde a primeira edição em 1896, na Grécia, tendo ficado de fora apenas em 1900, em Paris. A LO para as mulheres, no entanto, compõe o quadro olímpico apenas a partir de 2004 nos Jogos de Atenas. A LO segue os regimentos da Confederação Brasileira de Lutas Associadas (CBLA) que, por sua vez, está subordinada a Federação Internacional de Lutas Associadas (FILA). A seleção brasileira de LO é patrocinada pela Caixa Econômica Federal (CEF).

A LO é uma modalidade de combate entre dois atletas que tem por objetivo “imobilizar o adversário de costas no chão” e possui quatro estilos: dois não olímpicos²⁶: o *grappling* e a luta de praia (*beach wrestling*); e dois estilos que competem nas Olimpíadas: o estilo livre e o estilo greco-romano. A diferença entre estes é que os atletas, mulheres e homens, do estilo livre podem utilizar os membros inferiores e superiores para alcançar o objetivo da LO. E no estilo greco-romano, que ainda é exclusivamente masculino, é permitido apenas o uso dos membros superiores para alcançar o mesmo objetivo.

No estilo livre o objetivo e as regras são as mesmas para homens e mulheres. Os combates são disputados em 3 *rounds* de 2 minutos cada, com intervalos de 30 segundos entre eles. Em caso de não imobilização do oponente, a luta é decidida por pontos dos golpes e punições aplicados. Os lutadores utilizam uma roupa específica em peça única chamada “malha de luta” e calçados que cubram o tornozelo. É permitido o uso de joelheiras que não contenha metal. No entanto, percebemos que na maioria dos confrontos os atletas optam por não utilizarem a proteção permitida.

O combate é realizado sobre o denominado tapete olímpico. Tendo como referência o estilo livre, que compõe o estudo, a LO também é dividida em masculina e feminina e possui classes por idade e categorias por peso. De acordo com a idade, os atletas são classificados em: Estudantes, entre 14-15 anos; Cadetes, entre 16-17 anos; Juniors, entre 18-20 anos; e Sênior, entre 20 anos e 35 anos; e Veteranos, acima de 35 anos²⁷.

²⁶ Para saber sobre os estilos não olímpicos da Luta consultar: <http://outroestilos.blogspot.com.br/>, <http://cbla.com.br/> e www.fila-official.com/.

²⁷ Fonte: www.fila-official.com/.

A LO encontrou-se em situação delicada no ano de 2013, pois correu o risco de ficar fora do programa olímpico de 2020²⁸. A decisão foi anunciada pelo COI em setembro do mesmo ano. Houve uma maciça divulgação nas redes sociais sobre uma forte campanha a favor da manutenção da LO no quadro de modalidades olímpicas através do slogan “*Save Olympic Wrestling*”²⁹. Esta e outras ações em nível institucional ajudaram a manter a LO no quadro olímpico de 2020. Uma delas foi a divulgação pela FILA de novas regras, somadas ao ajuste nas categorias de peso³⁰.

Dessa forma, o Sênior, classe que pertencem as atletas que compõem o estudo, de acordo com o peso, possuía sete categorias até dezembro de 2013. Para o masculino são elas: 50-55kg, 60kg, 66 kg, 74kg, 84kg, 96kg e 96-120kg; e o feminino se apresenta nas categorias: 44-48kg, 51kg, 55kg, 59kg, 63kg, 67kg e 67-72kg. Em Londres-2012 a LO foi disputada pelas sete categorias do masculino e em quatro – 44-48Kg, 55Kg, 63Kg e 72Kg – pelas mulheres³¹. O Brasil contou com apenas um representante somadas todas as categorias: a atleta Joice Silva na categoria 55kg. Após a reformulação das regras, o feminino passou a trabalhar com seis categorias de peso, são elas: 48kg, 53kg, 58kg, 63kg, 69kg, 75kg.

O esporte não é considerado popular no Brasil. Entretanto, em Olimpíadas o país já foi representado por atletas como Roberto Leitão em Seoul-1988 e Barcelona-1992, Floriano Spiess em Barcelona-1992 e Antoine Jaoude em Atenas-2004, pela equipe masculina; e Rosângela Conceição em Pequim-2008 e Joice Silva em Londres-2012 pela equipe feminina.

O país ainda não conquistou uma medalha olímpica na modalidade. Contudo, a equipe feminina Sênior do país está se fortalecendo e tem se destacado nas últimas competições internacionais. Por exemplo, no Torneio Dan Kolov & Nikola Petrov, que aconteceu na Bulgária em fevereiro de 2013, o Brasil subiu ao pódio três vezes com a equipe feminina, com três medalhas de bronze, no Panamericano no Panamá, as mulheres levaram outras três medalhas: uma de prata e duas de bronze. E na última competição de 2013, o Torneio Olympia, na Grécia, a equipe feminina trouxe para o Brasil um ouro, uma prata e dois bronzes. E, em 2014, na primeira competição internacional do ano, a equipe conquistou um ouro e um bronze, no Grand Prix de Paris, realizado no mês de fevereiro.

²⁸ Fonte: <http://cbla.com.br/>.

²⁹ Fui seguidora da campanha nas redes sociais twitter e facebook.

³⁰ Disponível em: <http://cbla.com.br/2013/12/17/fila-divulga-novas-categorias-de-peso/>. Acesso em: 06/02/2014

³¹ Fonte: www.fila-official.com/.

O presidente da CBLA, Pedro Gama filho, encontra-se satisfeito com o resultado que a LO tem atingido, principalmente, pela equipe feminina. Afirma que o esporte é novo no Brasil, tem apenas dez anos, e já traz resultados que o judô, por exemplo, levou trinta anos para conquistar (DC, 14/12/2012).

3.2.3) *Mixed Martial Arts* (MMA)

Como o próprio nome diz, MMA (em português) são as artes marciais mistas. O MMA é um esporte de combate desarmado³² entre dois atletas com objetivo de finalização do oponente com regras iguais para homens e mulheres. Na modalidade são permitidos golpes de diferentes lutas, em pé e no chão, utilizando os punhos, pés, cotovelos, joelhos, além de imobilizações, como as chaves de braço. O esporte possibilita ao praticante a utilização de técnicas de quaisquer artes marciais, como o Boxe, jiu jitsu, caratê, judô, *muay thai*, LO, *submission*, capoeira e outras.

O *Ultimate Fighting Championship* (UFC) foi criado em 1993 nos Estados Unidos e é a principal organização de MMA do mundo, sendo responsável pela imposição das regras unificadas da modalidade. Com mais de 20 eventos por ano, o UFC é a casa da maioria dos lutadores mais reconhecidos do planeta, dentre os quais se encontram os brasileiros Rodrigo Nogueira, o Minotauro, Anderson Silva, Vitor Belfort e Junior dos Santos, o Cigano. Até pouco tempo atrás, o espaço comportava apenas atletas e lutas masculinas.

A americana Ronda Rousey foi a primeira contratada de Dana White, presidente do UFC, em dezembro de 2012, abrindo as portas para as mulheres no maior organização de MMA existente. A primeira participação feminina ocorreu em fevereiro de 2013, na 157ª edição do evento entre as lutadoras americanas Ronda Rousey e Liz Carmouche. Em território nacional, Amanda Nunes se sagrou a primeira brasileira contratada por Dana White, estreando no UFC, em agosto de 2013.

A modalidade também é dividida em masculina e feminina e possui apenas categoria por peso, tendo como referência o UFC. Neste, o MMA divide-se em nove categorias definidas por libras que convertidas para quilograma: para os homens, até 56,7kg, 61,2kg, 65,7kg, 70,3kg, 77,1kg, 83,9kg, 92,9kg, 120,2kg e acima de 120,2 kg; e para as mulheres apenas a categoria até 61,2kg.

³² “Combate Desarmado” significa qualquer forma de competição na qual um golpe é dado com uma expectativa razoável de poder causar alguma contusão. Fonte: <http://br.ufc.com/>.

Nos combates, aos lutadores é obrigatório o uso de protetor bucal e luvas pequenas, entre 4 e 6 onças (entre 113 e 170g), e um short aprovado pela Comissão do evento. É proibido o uso de calçados. O uso de camisas/camisetas é proibido aos homens e as mulheres devem usar top ou camiseta aprovada pela Comissão do evento. Fora do UFC existe a possibilidade de vestimenta mais personalizada.

As lutas são disputadas em até 3 *rounds* de até 5 minutos com intervalo de 1 minuto entre eles. E para as decisões de títulos, são disputados até 5 *rounds* de 5 minutos também com 1 minuto de intervalo entre eles. A área de luta é um ringue em formato octogonal, conhecido como octógono, cujo ângulo tem a intenção de evitar que os lutadores fiquem presos em um canto sem saída, e as grades que os lutadores caiam do ringue³³.

Atualmente, o MMA é considerado a luta mais popular do Brasil em termos midiáticos. No entanto, é uma luta polêmica, devido a certa liberdade de golpes permitidos. É considerada uma modalidade violenta e não sendo reconhecida como esporte para toda a população. De fato, não há no MMA, Federações e Confederações para filiação de atletas. Não existe uma estrutura de campeonato que vai dos locais, passando pelos estaduais, em seguida pelo nacional até chegar ao mundial. Os atletas compõem equipes, conhecidas como Team, que disputam combates com atletas de outro Team, em competições organizadas entre os responsáveis pelas equipes.

A atleta que compõe o estudo, Ana, é considerada uma das principais representantes da modalidade no Brasil, mas ainda não participou de lutas no UFC. A atleta esteve afastada de competições por conta de uma intervenção cirúrgica no joelho, tendo retornado em maio de 2013 às competições³⁴. A seguir serão caracterizados os locais de treino visitados.

3.3) Os locais de treinamento das participantes da pesquisa

3.3.1) Academia Champion

As atletas de Boxe que participaram da pesquisa, Adriana e Érica, se encontravam treinando na Academia Champion, no Bairro Cidade Nova, na cidade de Salvador, na Bahia³⁵.

³³ Fonte: <http://br.ufc.com>.

³⁴ Disponível em: <http://extra.globo.com/esporte/mma/apos-tres-anos-sem-lutar-ana-maria-india-retorna-no-circuito-team-nogueira-de-mma-iii-8455618.html>. Acesso em: 17/jun./2013.

³⁵ As atletas de Boxe, quando convocadas pela seleção, treinam no Centro de Treinamento da Confederação Brasileira de Boxe, na cidade de Santo Amaro, em São Paulo.

A Champion é a renomada academia do treinador Luiz Dórea que, atualmente, o treinador compartilha o trabalho com seu filho Luiz Dórea Junior. A academia é considerada um celeiro de campeões e Luiz Dórea um dos melhores treinadores que o país já teve. Frequentei e fiz observações de treinos no período de 13 a 16 de março de 2013.

O portão de entrada permanece aberto durante todo o período em que há atletas treinando. Estruturalmente, a academia possui duas salas de treino. A sala do andar térreo possui vários sacos de pancada, um ringue desgastado e nas paredes ficam registrados os principais títulos conquistados pelos atletas da equipe de Luiz Dórea e frases de incentivo aos atletas, conforme ilustrações a seguir:



Figura 7: Sala de treino do primeiro andar da Champion (com sacos de pancada)
Fonte: Arquivo particular



Figura 8: Sala de treino do primeiro andar da Champion (área do ringue)
 Fonte: Arquivo particular

Neste local, os atletas fazem treinamento técnico de golpes: sozinhos com a utilização de pesinhos nas mãos, com luvas na companhia dos sacos de pancada e em pares simulando uma luta e treino aeróbico (pular corda). Antes mesmo de entrar nesta sala, o cheiro dos corpos, luvas, ataduras, calçados e lonas, suados misturavam-se e invadia o ambiente. Um calor característico da aglomeração de atletas em intensa movimentação corporal também foi sentido. E, na sala do segundo andar há um ringue de Boxe e também um octógono de MMA oficiais. Vejam a imagem abaixo:



Figura 9: Sala de treino do segundo andar da Champion (visão geral).
Fonte: Arquivo particular

O esporte precursor da academia é o Boxe, através do qual foi consagrado o campeão Acelino de Freitas, o Popó, e hoje prepara atletas como Adriana Araújo e Érica Matos. No entanto, o crescimento do MMA fez com que a academia e o treinador se ajustassem às novas demandas. Talentos do MMA como os irmãos Rodrigo e Rogério Nogueira, mais conhecidos como Minotouro e Minotauro, Anderson Silva, Junior Cigano e o jovem Hugo Viana, conhecido como Wolverine foram descobertos neste espaço. Na sala permanecem expostos vários troféus e *banners* com os horários de treino e um corredor livre em frente a ambas as áreas de luta. O espaço é destinado ao treino de *sparring*, de Boxe e de MMA.

3.3.2) Centros de Treinamento da FILA

As atletas de LO têm à disposição os CTs da FILA na cidade do Rio de Janeiro, localizados no bairro da Tijuca, o qual estive presente nos dias 14 e 15 de dezembro de 2012 e no CEFAN, onde realizei as observações de treinos nos dias 21 e 22 de março de 2013. O CT da Tijuca é totalmente fechado, sendo necessário tocar a campainha e aguardar atendimento. Logo na entrada é possível visualizar a escada que dá acesso à sede da CBLA.

No andar térreo, há no *hall* de entrada um *banner* da Caixa Econômica Federal. Os atletas são ali servidos por uma sala de exames (médicos, fisioterápicos, físicos), uma sala de TV com um ventilador e rede *wi-fi* e um pequeno alojamento, dividido em um quarto masculino e outro feminino, que comporta cerca de doze atletas. Por fim, podemos visualizar uma ampla área de treino, com *banners* de atletas que já participaram dos Jogos Olímpicos, outros do patrocinador e Ministério dos Esportes. Vejam a ilustração a seguir:



Figura 10: Área de treino do CT da Tijuca.
Fonte: Arquivo particular.

Neste local, os atletas fazem treinamentos técnico e físico. Existem algumas barras e pesos que permitem o treinamento de força e no espaço amplo é possível realizar corridas em volta do tapete. O CT da FILA da Tijuca trabalha com a preparação de atletas de LO nos estilos livre, masculino e feminino, e greco-romano nas diferentes classes e categorias.

O CT do CEFAN foi inaugurado recentemente, em janeiro de 2013. O CEFAN é uma instituição militar da Marinha do Brasil que está localizada na Avenida Brasil, na altura do Bairro Penha, no Rio de Janeiro. Da recepção já é possível avistar grandes corredores. Existe uma secretaria para cuidar de assuntos administrativos. O local possui espaço físico e estrutura esportiva muito grandes. O local ainda conta com um alojamento que contém cerca

de quatrocentos leitos, divididos em alas masculina e feminina, uma sala de TV, um refeitório, um Centro de Reabilitação Física, e uma cantina utilizada em dias de evento.

O complexo esportivo é bastante completo, sendo composto de dois campos de futebol, um parque aquático com uma piscina olímpica e um tanque para saltos ornamentais, um campo e uma pista de atletismo; uma arena para futebol de areia, quatro quadras de vôlei de praia, duas quadras poliesportivas ao ar livre, duas quadras de tênis, uma pista de obstáculos; e um ginásio poliesportivo, coberto e climatizado com ar condicionado, contendo um dojô, um ringue de boxe e aparelhos de ginástica, uma quadra, além dos tapetes olímpicos. O ginásio ainda conta com vestiários, arquibancadas e placares eletrônicos.



Figura 11: Vista aérea do CEFAN
Fonte: www.rio2016.com

O CEFAN comporta e atende a eventos esportivos locais, regionais e nacionais de todas as modalidades que podem usufruir do espaço e equipamentos como: futebol, atletismo, vôlei, basquete, natação e as lutas. No ginásio onde os atletas da LO treinavam estavam equipados um grande tapete olímpico contendo duas áreas de luta: uma ocupada pelas mulheres e outra pelos homens. Existe a possibilidade de ampliar a área de treino, o que não aconteceu devido ao ginásio estar ocupado para o campeonato de taekwondo.



Figura 12: Área de treino do CT do CEFAN³⁶.
Fonte: Arquivo particular.

O CT da FILA no CEFAN fica à disposição dos atletas da seleção brasileira e de outros países, e da equipe de LO formada pela Marinha do Brasil.

3.3.3) Team Nogueira

A Academia Team Nogueira possui várias unidades espalhadas pelo país, sendo que a visitada, no dia 23 de março de 2013, foi a unidade do Bairro Recreio dos Bandeirantes, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. A Academia pertence aos irmãos Rodrigo Nogueira, o Minotauro, e Rogério Nogueira, o Minotouro, sendo destinada a preparação de atletas de MMA, Boxe, jiu jitsu e outras artes marciais, mas também atende ao público em geral, inclusive, com turmas específicas para crianças.

A Team Nogueira possui um muro alto, protegido com arame farpado, que impede ampla visualização de seu interior, mas mantém o portão aberto durante o horário de funcionamento. O espaço físico interno da Academia comporta, além do octógono e ringue oficiais, uma área com sacos de pancada e um dojô. Tudo muito novo, não possuindo até

³⁶ Não foi possível a fotografia do local sem a presença das(os) atletas, pois não foi autorizada minha permanência nestas condições. E em pesquisa em sites de busca não foram encontradas imagens sem a presença de atletas.

aquele momento odores característicos de uma sala de treinamento de lutas. Existe ainda uma passarela rente à parede acima do octógono, de onde é possível assistir a treinos e lutas.



Imagem 13: Academia Team Nogueira (visão de cima)
Fonte: www.teamnogueira.com.br/

É uma Academia que recebe e representa ilustres lutadores como os próprios irmãos Nogueira, Anderson Silva e Ana Maria Índia. A seguir, serão detalhados os instrumentos e procedimentos de coleta dos dados.

3.4) Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados empíricos foi realizada, no mês de março de 2013 e, excepcionalmente, no dia 06 de outubro de 2013, após a aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, em janeiro do mesmo ano, sob o número 190.069, conforme Anexo I.

Os dados foram obtidos a partir da aplicação de uma Entrevista Semiestruturada às atletas. Segundo Triviños (1987) esta é um tipo de entrevista a partir do qual certos questionamentos básicos – apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa – oferecem amplo campo de interrogativas advindas de novas hipóteses que surgem à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo

espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

O Roteiro de Entrevista (ANEXO IV) foi proposto pela pesquisadora e sua orientadora, de acordo com os objetivos da pesquisa, e validado por dois professores doutores de diferentes áreas – Educação e Educação Física – que possuem amplo conhecimento em metodologia de pesquisa, os quais sugeriram a retirada, mudanças e/ou reafirmaram a pertinência das questões.

A gravação dos áudios aconteceu através do aplicativo *Voice Recorder* de um aparelho de celular *Nokia Lumia 800*. As entrevistas foram transcritas na íntegra pela pesquisadora e devolvidas às atletas por e-mail para que pudessem avaliar seu teor e reavaliar seus discursos de modo a aprovar integralmente ou retificar seus depoimentos. Todas as atletas aprovaram suas entrevistas. Apenas Joice e Aline acrescentaram a informação de que passaram a compor a equipe de LO da Marinha do Brasil a partir de abril de 2013.

Nas datas das entrevistas, utilizou-se da Observação dos treinos, na intenção de se obter maior familiaridade com o ambiente e um pouco da rotina das atletas. Nesta pesquisa, porém, foram poucas as observações e estas não constituem a principal ferramenta de coleta de dados. Por isso, optou-se pela não elaboração de um roteiro e utilizar-se da sugestão de Becker (2007) de “tentar anotar tudo” (p. 107).

Concordamos com o autor que, na verdade, é impossível observar e fazer a anotação de tudo, mas constitui-se numa tarefa interessante, na medida em que fornece informações para o leitor criar as próprias interpretações ao invés de fornecê-las prontas. E ainda foi feito uso de máquina para registro fotográfico dos treinos, com autorização das atletas e seus treinadores, mediante declaração assinada no TCLE. As entrevistas foram realizadas no local de treinamento das atletas.

3.5) Procedimentos e técnicas de análise dos dados

Para a descrição do processo de inserção e permanência das atletas participantes desta pesquisa em suas carreiras como lutadoras, utilizaremos a noção de projeto do antropólogo brasileiro Gilberto Velho (2003; 2008).

Para o autor, o projeto está relacionado a uma dimensão mais racional e consciente no estabelecimento de objetivos e organização de meios que possibilitem a estes serem atingidos. Nesse sentido, a ideia de que os indivíduos escolhem ou podem escolher (seus objetivos, metas e meios de alcançá-las) é uma base para se pensar em projeto. Por outro

lado, afirma não existir um projeto individual “puro”, sem referência ao outro ou ao social. De outra forma, diz que são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, por meio da interpretação de vivências e interações. Em suas palavras:

O projeto *não* é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um *campo de possibilidades*, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes (VELHO, 2008, p. 29. Grifos do autor).

Ou seja, a noção de projeto de Gilberto Velho assume a relação existente entre indivíduo e sociedade, e admite que estes possam ser mutáveis em função de interferências externas, das possibilidades de realização, e também, das experiências vividas pelo próprio indivíduo em sua trajetória, podendo confirmar ou modificar suas metas, desejos e estratégias (VELHO, 2003). Dessa forma, buscaremos construir um desenho dos projetos de nossas entrevistadas, através do relato das experiências, sonhos e situações diversas vividas ao longo de suas trajetórias.

E para o estudo das motivações, opiniões, significados e representações, utilizaremos o referencial das Representações Sociais (RS) de Moscovici (2007). Para o autor o interesse da teoria das RS é compreender o que as pessoas pensam sobre determinados objetos e, principalmente, como se comunicavam a respeito deste objeto; seu objetivo é dar racionalidade à crença coletiva e sua significação, na medida em que as pessoas possuem ideias comuns ou diferenciadas acerca de determinado assunto, de acordo com a sua imersão em sistemas distintos de valores. As RS são caracterizadas como uma forma de saber partilhada no “senso comum”, de modo que se constituem em uma forma de conhecimento individual que só ocorre na interação com o “outro”.

Para Jodelet (2002) as RS “são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p. 22). Ou seja, as RS são uma maneira de interpretar e de pensar a realidade; uma forma de conhecimento elaborada no social, de forma que também cumpre a função de fixar a posição dos sujeitos e grupos com relação a situações, eventos, objetos e comunicação que lhes concernem. A autora entende que a realidade é socialmente construída, o saber como uma construção do sujeito, e que esta construção é subjetiva e nunca separada do seu contexto social (JODELET, 2002).

Dessa forma, os elementos presentes nas narrativas das entrevistas coletadas para o estudo possuem importante valor, na medida em que participa do núcleo de representação

que as participantes da pesquisa estabelecem com o objeto investigado de forma objetiva ou subjetiva. Segue abaixo os procedimentos adotados dentre idas e vindas, no compulsar do *corpus*:

a) As entrevistas foram transcritas pela pesquisadora e as primeiras impressões e inferências produzidas intuitivamente foram registradas durante este processo; b) A leitura flutuante do *corpus* foi norteada pelas questões da investigação, ora conduzindo à reflexão sobre as inferências anteriores, ora descortinando o que ainda porventura não foi percebido; c) As entrevistas transcritas foram exploradas tendo a noção de projeto e as representações sociais como referência para o tratamento dos dados. A seleção dos temas se deu pela sua pertinência em relação aos objetivos da pesquisa e pela emergência e manifestação das falas ao seu redor.

Através das imagens/fotos tivemos a intenção de contextualizar a análise, fornecendo maiores detalhes sobre o fenômeno pesquisado. No próximo capítulo iniciaremos a análise e discussão dos dados articulados com a literatura.

4) TORNAR-SE LUTADORA

É possível afirmar que “nascemos” para uma determinada profissão? Ou as circunstâncias pelas quais passamos ao longo da vida nos direcionam para um ou outros caminhos? Para entendermos a construção da identidade de lutadora dessas mulheres, lembramos as palavras de Bauman (2005) ao dizer que a constituição das identidades é fruto de nossas escolhas, mas também, das influências advindas dos diversos setores sociais que nos cercam como a família, os amigos, a escola, a igreja, as leis, a medicina, as mídias, os esportes e outros. Entretanto, a fim de garantir uma ou várias identificações que podemos assumir, é preciso defender as nossas escolhas em detrimento das influências externas.

Nesta perspectiva, por meio da “noção de projeto” (VELHO 2008; 2003) buscaremos explicitar quais foram/são os agentes internos e externos, os fatores e as experiências pelas quais nossas entrevistadas passaram/passam na construção de suas carreiras. E, dessa forma, poderemos compreender como se deu o processo de identificação dessas mulheres com o ofício de lutadora.

4.1) Como cheguei até aqui: agentes, fatores e experiências no processo de inserção e consolidação profissional das lutadoras

O traçado de um projeto profissional, ou mesmo de vida, com objetivos e meios para alcançá-los claramente definidos, constitui-se numa tarefa complexa. O ser humano é suscetível a mudanças de opinião e também de oportunidades, uma vez que se encontra em constante interferência do meio social em que vive no processo de constituição de identidades.

Nesse sentido, um primeiro aspecto interessante que notamos entre as entrevistadas foi que, quando solicitado que descrevessem como aconteceu a sua inserção na modalidade de luta em que atuam hoje, todas iniciaram a partir do envolvimento esportivo antecedente, cujas falas carregam a expectativa de trajetórias distintas daquelas que percorreram. As boxeadoras comentaram, respectivamente, sobre seu gosto e envolvimento com o futebol e futsal, seguido da inserção no Boxe. Segundo Adriana:

“Então, minha vida sempre foi direcionada ao esporte. Mas na verdade eu nunca fui fã de lutas, de lutas ou artes marciais. Na verdade, eu sempre gostei, eu fiz sempre futebol. Tinha uma paixão incrivelmente imensa pelo futebol até meus 17 anos... 16 anos. [...] Quando eu parei de fazer futebol,

eu entrei pra estética no Boxe, né. [...] Em questão seis meses me convidaram pra lutar e aceitei o convite e dei continuidade ao trabalho de lutas³⁷”.

Em “relato espontâneo³⁸” a atleta ainda complementou essa informação dizendo ter aceitado o convite de uma amiga que a acompanhou nas primeiras aulas. Foi então que conheceu o seu primeiro treinador, Rangel Almeida. Este percebeu o potencial de Adriana e a guiou em seus primeiros passos no Boxe. A parceria com seu atual treinador, Luiz Dórea, se deu a partir de sua primeira luta. Outra informação importante é que a boxeadora sempre se imaginou representando o país em alguma modalidade esportiva. Por isso, se sentiu triste deixar o futebol para trabalhar e nunca imaginou que seria através do Boxe (DC, 14/03/2013). E Érica assim relatou:

“Então, eu tenho oito anos de boxe. Antes de fazer boxe, eu fazia futsal e estudava, era uma pessoa normal. E aí, então, eu recebi um convite de um amigo meu [...] pra fazer uma aula de boxe experimental. E aí eu não aceitava porque ele chegava com a cara quebrada todos os dias e eu tinha medo de quebrar a minha também. Mas um dia eu fui, mas só por estética mesmo. E aí eu gostei da aula [...] e continuei a ir todos os dias. Depois ia ter um campeonato brasileiro aqui na Bahia, 2005, e o meu treinador [...] me trouxe aqui na Champion pra fazer a chapa com uma amiga chamada Diana, [...] o Dórea me colocou na equipe pra completar a equipe só pro Brasileiro. [...] Fui campeã brasileira em 2005 e tomei gosto e estou aqui até hoje”.

O Jiu Jitsu foi a escolha de Joice e Ana no período antecedente à inserção na LO e MMA, respectivamente, como relatado a seguir. Primeiramente, descreveu Joice:

“Eu comecei na luta olímpica com dezenove anos. [...] Eu também lutava jiu jitsu, uma outra luta, e meu professor de jiu jitsu achou que a luta olímpica poderia me ajudar tecnicamente, no jiu jitsu [...] Aí ele falou pra eu ir lá procurar a Gama Filho que tinha luta olímpica e tal. Ele me falava isso várias vezes e eu nunca ia. Até que teve uma época que ia ter uma competição e a Gama Filho queria fazer uma equipe feminina. Aí meu professor de jiu jitsu conhecia o professor lá da Gama Filho, aí ele falou: Ah, você não tem nenhuma menina aí pra vir, pra trazer, pra lutar pela gente? Aí eu fui, né, fui pra competir o campeonato estadual. Aí eu fiz umas aulas e fui pra competição, aí fui campeã”.

A lutadora também comentou que encontrou no colégio em que cursou o Ensino Médio um ambiente favorável para sua entrada no jiu jitsu. Nesta escola, os alunos deveriam

³⁷ As falas das atletas serão destacadas em itálico e entre aspas.

³⁸ Relato espontâneo é o termo utilizado por Ayra Lovisi (2013) em sua dissertação de Mestrado, para se referir às falas espontâneas das participantes da pesquisa fora do momento da entrevista.

escolher uma modalidade esportiva para as aulas de Educação Física. Como já havia experimentado esportes coletivos com bola, como o futebol e o basquete, junto com uma amiga pensou em fazer algo diferente e, assim, optou pela luta oferecida, no caso, o jiu jitsu (DC, em 15/12/2012). Abaixo, vejamos o que Ana contou sobre sua inserção no MMA:

*“Eu sou oriunda do jiu jitsu. Eu comecei a treinar jiu jitsu em Marília, São Paulo, e só treinava de quimono e... **eu fui a primeira mulher vestida de quimono, não tinha muita mulher lutando na época, então as lutas eram casadas.** [...] Eu sempre fui muito técnica e aí me convidaram pra acompanhar uns atletas porque ia ter um evento de MMA em Vitória da Conquista, Bahia, e eu fiquei encantada com o treinamento deles, com tudo que tinha que fazer pra lutar o MMA [...]. Aí eu fui pra Salvador procurar treino de boxe, treinar sem quimono, procurei uma escola de wrestling, aí eu comecei a... a conhecer as outras técnicas, as outras artes marciais além do jiu jitsu. E aí eu comecei a treinar e fiz a minha primeira luta amadora contra uma menina que tinha cem quilos [...], assim eu tinha uns sessenta e ganhei uma medalha daquelas de cinquenta centavos. ‘Poh, foi a porrada mais barata da minha vida’” (Grifo nosso).*

Ana disse ter conhecido o jiu jitsu na academia em que praticava musculação. Curiosa, ao assistir o treinamento dos rapazes foi convidada pelo treinador a participar de uma aula e estimulada a se confrontar com um dos lutadores. Então, o treinador lhe perguntou o que fazia na vida, “*eu faço biomedicina*”, respondeu Ana, que teve como resposta, “*larga isso que você é lutadora*”, e não parou mais (DC, em 23/03/2013).

Laís já havia praticado judô e Aline praticava a mesma luta no momento em que lhes foi apresentada a LO. Assim relataram, primeiramente, Laís:

“Estava na escola quando eu tinha treze anos. Eu já tinha feito judô quando tinha uns cinco anos de idade [...]. Este mesmo professor de judô passou na escola, falando que ia ter judô de novo. Então eu fui iludida achando que ia ser um projeto de judô. [...] Então o que aconteceu, ele conhecia a luta olímpica, foi onde ele começou a apresentar a luta olímpica. [...] Então, foi onde eu nem sabia, acabei que eu fui, acabei que eu gostei. Comecei a fazer luta olímpica lá. Depois da minha primeira competição, que foi aqui no Rio de Janeiro, eu continuei até hoje”.

E ainda acrescentou em sua fala que até o dia de sua primeira competição achava que fazia judô. Somente percebeu que não o era quando no momento de lutar lhe foi dado um *collant* (a malha de luta) ao invés de um quimono. Mesmo assim, aplicou o que vinha treinando a mais de um ano e saiu vitoriosa desta competição (DC, 21/03/2013). Já Aline, sobre a inserção na LO descreveu:

“Eu comecei no judô aos doze anos e fui treinar no Centro Olímpico onde tinha um professor que dava aula de judô e luta olímpica. E ele percebeu, assim, que eu tava meio desmotivada assim com tudo, já a ponto de parar e começou a insistir para eu ir pra luta, né. Eu não queria, não queria, mas aí o grupinho de amigos que eu vivia já tava ali fazendo luta [LO], teve um campeonato brasileiro no clube e ele acabou me convencendo a participar do campeonato, só pra ver como que era. Fiz dois treinos só e acabei sendo campeã brasileira, o que muito me motivou sem dúvida, né. [...] Viajei pra fora e aí fiquei deslumbrada com a luta olímpica, não quis mais parar”.

A partir do relato das atletas e da descrição de seus perfis, podemos perceber que mesmo antes de suas trajetórias no Boxe, na LO e no MMA todas já se encontravam envolvidas com práticas esportivas não convencionais às mulheres – futebol, futsal, jiu jitsu, judô. A esse respeito, lembramos os discursos sociais sobre a fragilidade feminina e a possível masculinização de seus corpos e gestualidades (GOELLNER, 2003). Nesses discursos não caberia o envolvimento de mulheres em esportes que demandam a demonstração de força, virilidade, agressividade e/ou coragem, na medida em que o gosto pelo desafio e por práticas mais ativas não se constitui em uma característica culturalmente feminina.

A pesquisa de Becky Beal publicada no ano de 2001, sobre a participação das mulheres no *skate*, entrevistou *skatistas* homens, nos Estados Unidos, e em suas falas encontrou a indicação do *skate* como uma atividade que possibilita a aquisição de machucados e ferimentos no corpo, que não ficariam bem para garotas. E ainda, que não é natural elas gostarem de esportes de risco (GOELLNER, 2007).

No entanto, observamos entre as nossas entrevistadas um gosto “diferente”, que as identificam com esportes de maior vigor, mais intensos e mais desafiadores física e emocionalmente, quando comparados a práticas culturalmente femininas, como o jazz, incentivado pela família de Aline, que veremos mais adiante. Esta atitude pode ser representada na cultura como desviante, incomum pelas mulheres, embora não tenhamos percebido a intenção das atletas de transgredir.

Aprendemos que a concepção dessas atletas diz sobre práticas esportivas indiferenciadas para os homens e outras para as mulheres. Suas escolhas iniciais pelo futebol, futsal, jiu jitsu e judô se deram por afinidade, e até mesmo por curiosidade como no caso de Joice, mostrando-se indiferentes aos estereótipos culturais da nossa sociedade, confirmando de certa forma a perspectiva de Becker (2009) sobre o ato desviante estar na representação do outro que a este reage.

As atletas de boxe, caratê, taekwondo e jiu jitsu entrevistadas no estudo de Ferretti (2011) também relataram sobre a falta de identificação com práticas culturalmente femininas,

que foram indicadas por seus pais, como o jazz e a natação. Ainda entre a infância e os primeiros anos da adolescência elas iniciaram nas lutas (caratê, judô e taekwondo). Nas modalidades em que atuam hoje as lutadoras chegaram por iniciativa própria ou por convite de amigas na adolescência. Essas mulheres também optaram pelas lutas como prática esportiva devido à identificação com o novo. Observa-se que todas foram bem sucedidas logo nas primeiras competições. Cientes de suas escolhas, hoje são atletas adultas reconhecidas mundialmente. Segundo o autor, elas têm esse “algo” em sua essência, que não se consegue explicar, mas as atrai para esse território ainda tão marcado pela hegemonia masculina.

As lutadoras deste estudo, cuja investigação teve a intenção de averiguar sobre a infância e a educação física escolar das entrevistadas, descreveram sobre as brincadeiras mais ativas em que participavam juntamente com os meninos, ao mesmo tempo em que também foram relatadas as vivências socialmente consideradas femininas, como por exemplo, das brincadeiras com bonecas (*Op. Cit.*).

Embora não tenhamos a mesma intenção investigativa, de modo semelhante, é possível que um estilo de vida mais agitado/inquieto, marcado por experiências corporais mais ativas, se faça presente no processo de identificação de nossas entrevistadas desde a infância. Ana comentou sobre as brincadeiras vividas neste período da vida no interior da Bahia:

“Quando criança eu já brincava de quem bate mais forte, vamos ver quem derruba. Eu [...] nem era atleta, nem sabia o que era esporte e nem nada, morava lá no interior da Bahia, aí a gente ia pra roça pra casa de algum amigo do meu pai aí eu pegava e fazia um círculo assim na areia e chamava todos os meninos, vamos ver quem empurra, vamos ver quem derruba, eu brincava de guerra, eu era a Sheena a rainha da selva, eu fazia um tchaco com o cabo de vassoura, eu fazia bomba de goiaba podre com fósforo que era a bomba de fogo, eu fazia escudo com tampa de isopor, com caixa de papelão. [...] Eu gostava de brincar de briga, eu gostava muito de derrubar, de tapa, de soco, de vamos ver quem bate mais forte, de queda de braço”.

Outras atletas deram pistas que nos permitem levantar tal afirmação. Aline, por exemplo, disse que “*dava muito problema*” quando tinha seus onze anos, antes de entrar no judô. Já Laís comentou sobre a “*coragem*” que sempre esteve presente em sua vida. E ainda Joice contou sobre a inspiração vinda de seu irmão mais velho que, sempre envolvido em variadas práticas corporais desafiadoras, buscou imitá-lo.

Com isso, observamos que atitudes e características culturalmente identificadas como masculinas participam da constituição das trajetórias e das personalidades de nossas entrevistadas antes mesmo do envolvimento nas lutas. Percebemos ainda que a identificação

das atletas com práticas mais ativas e, posteriormente, pelas lutas no cenário esportivo se deu por meio da experiência, no sentido foucaultiano, da incorporação de atitudes, valores e condutas, advindas de vivências práticas diferentes daquelas adequadas à norma social (FOUCAULT, 2012c). Dessa forma, estamos diante de mulheres que ousaram ao convencional, construindo seus próprios modos de ser e viver, que se mostram refletidos na escolha profissional.

Nossas entrevistadas possuem hoje uma carreira consolidada nas lutas. Mas, nenhuma delas, inicialmente, buscou construir uma carreira no Boxe, na LO e no MMA. Foi necessária a interferência de um ou mais agentes – quase sempre declaradamente homens – para que a inserção na modalidade se efetivasse e o vento de seus projetos soprasse numa outra direção. Estas modalidades eram proibidas as mulheres como já vimos, logo estas mulheres foram protagonistas como atletas no Boxe, na LO e no MMA, desafiando as imposições da cultura esportiva nacional.

No caso de Érica, nos parece que a atleta não havia cogitado uma carreira no esporte como um todo, uma vez que antes de sua inserção no Boxe, a lutadora se definia como “*uma pessoa normal*”, em que o futuro profissional seria desenhado através dos estudos. A prática do futsal se constituía em sua atividade física regular, e não uma pretensão sobre a carreira de atleta.

Somente a partir da interferência de um amigo para experimentar uma aula de Boxe é que sua afinidade pela modalidade foi descoberta. A consolidação da inserção da atleta, podemos afirmar que se deu a partir de sua primeira competição e vitória, a qual argumenta que “*tomou gosto*”, e também não se deu por sua iniciativa. De outra forma, seu primeiro treinador, ao perceber o talento e potencial da atleta para a modalidade, a convidou para lutar.

De forma semelhante, Adriana, que manifestou seu desejo de um dia representar o país através do esporte, somente percebeu que este aconteceria por meio do Boxe a partir da concretização de sua inserção na modalidade, dada por intermédio de seu primeiro treinador: um visionário que enxergou na atleta condições de se tornar uma campeã convidando-a para sua primeira luta. Fato este que incentivou a boxeadora a seguir em frente no pugilismo.

Já a lutadora Joice afirma que “*sempre quis ser atleta*” e, dessa forma, experimentou vários esportes, tendo se identificado com as lutas através do jiu jitsu. Mas, foi na LO que a atleta encontrou a possibilidade de ir o mais longe, de sonhar com a participação e conquistas olímpicas. Acreditamos que a escolha por uma modalidade pouco conhecida em nosso país, como a LO, possa ter gerado insegurança à atleta. Talvez, por isso, sua inserção na

modalidade também não se deu por iniciativa própria, mas por insistência de seu treinador de jiu jitsu, que percebeu o potencial da lutadora, indicando-a para compor uma equipe de LO e participar de um campeonato. Também no caso de Joice afirmamos que sua inserção na modalidade somente se efetivou a partir das vitórias alcançadas nesta sua primeira competição, e em outras subsequentes.

Na mesma perspectiva, encontramos Aline, que já estava percorrendo uma estrada no judô. Embora fosse adolescente e ainda não tivesse uma carreira consolidada, a atleta afirmou que seu “*sonho olímpico era no judô*”. Assim, sua entrada na LO também se deu por interferência de seu treinador, que conhecia ambas as modalidades de lutas e observou que sua atleta reunia as condições necessárias para atuar na LO. Mesmo sem muito entusiasmo aceitou a persistência de seu treinador em participar dos treinos e de uma competição, ocasião em que saiu vitoriosa.

Motivada pela vitória, ainda assim, percebemos em sua fala que a consolidação na LO aconteceu, de fato, a partir de sua primeira competição internacional que ocorrera nos Estados Unidos. Nesta oportunidade percebeu que, apesar de desconhecida no Brasil, a modalidade esportiva possui grande repercussão mundial.

Tão pouco conhecida e divulgada é a LO em território nacional que Laís no início de sua trajetória como lutadora acreditou estar praticando judô. Seu treinador, que também conhecia ambas as modalidades de luta, optou em apresentar a LO ao grupo onde a atleta estava inserida no interior de Goiás devido a esta ser materialmente mais acessível. Foi o mesmo treinador que vislumbrou sua capacidade técnica como lutadora e a “escolheu” para, aos quinze anos, compor uma equipe Sênior³⁹ e participar de uma competição de LO, da qual saiu vitoriosa.

A consolidação da inserção de Laís na modalidade ocorreu um ano depois de sua primeira competição, ocasião em que o Projeto onde se encontrava em Goiás acabou e, então, seguiu para São Paulo, também por convite de um técnico, para constituir a equipe de LO do SESI, onde se encontra até os dias de hoje.

Ana também contou com o apoio de um treinador para inserir-se no cenário das lutas através do jiu jitsu. E o convite para acompanhar atletas de MMA em um campeonato lhe instigou a conhecer a modalidade. Sem nunca ter abandonado o jiu jitsu, estilo de luta que auxilia em sua preparação enquanto lutadora de MMA, percebemos que a sua inserção (no

³⁹ Um atleta de LO pode compor uma equipe sênior a partir dos 20 anos de idade, conforme exposto no item 3.2.2 desta dissertação.

MMA) consolidou-se a partir de sua primeira competição, da qual também sagrou-se vencedora.

Importante frisar que em momento algum de sua entrevista Ana diz que convite para acompanhar o treino dos atletas de MMA foi feito por um homem. Mas, assim supomos, na medida em que, quanto mais voltamos no tempo, menor é o número de mulheres nas lutas ou no cenário esportivo como um todo em qualquer condição: atleta, árbitra, técnica, presidente. Assim, há treze anos, na ocasião do convite à Ana, a probabilidade de ter uma mulher na comissão técnica de atletas homens de MMA, com liberdade para convidar outra, é praticamente inexistente.

Ferreira *et al* (2013) nos dão indícios dessa suposição ao concluírem que a gestão esportiva brasileira é realizada por homens e que estes tendem a contratar outros homens para as comissões técnicas. As mulheres correspondem hoje a 7% dos técnicos do Brasil, atuando principalmente em esportes considerados femininos como as ginásticas e o nado sincronizado, e em categorias de base. Sua presença em comissões técnicas de equipes masculinas de alto rendimento dos esportes culturalmente masculinos, como as lutas, é bastante incomum ainda nos dias de hoje.

Nesse sentido, percebemos que a participação de homens na constituição da trajetória dessas mulheres nas lutas apresenta-se como um aspecto relevante e comum, até mesmo pela carência feminina neste cenário. As lutas constituem um território hegemonicamente masculino do qual, historicamente, se buscou manter as mulheres afastadas, tornando-se um espaço de difícil acesso sem o apoio deles.

Wacquant (2002) nos fala que o boxe foi culturalmente constituído como um território eminentemente masculino e que, embora não haja uma proibição formal, alguns treinadores chegam a verbalizar sua restrição ao boxe feminino. Além disso, a presença das mulheres não é bem aceita nem nos locais de treinamento, pois, atrapalha a ordenação simbólica do universo pugilístico.

Com base em outros estudos, Thomazini, Moraes e Almeida (2008) ampliam essa perspectiva para as demais lutas e afirmam que o ambiente das academias de esportes de combate e artes marciais, em geral, é dominado por um tipo de cultura masculina impregnada pela “semântica da virilidade que considera a presença feminina uma afronta à ordenação simbólica daquele universo” (p. 286).

Esse simbolismo foi construído socialmente a partir de determinado momento da história, entre os séculos XVIII e XIX, em que os argumentos sobre as diferenças naturais foram constituídos. Neste contexto, as mulheres foram representadas como a parte menos

violenta ou “mais civilizada” da sociedade. Assim, houve certo consenso sobre a concepção de que os esportes de contato, incluindo as lutas, poderiam funcionar como civilizadores e formadores do caráter dos homens e, de forma contrária, às mulheres a prática desses esportes funcionaria como retrocesso, ou “processo (des) civilizador”. Por serem contrários à natureza feminina e ainda poderem contribuir para o desenvolvimento da violência entre as elas, as mulheres deveriam ser “protegidas” de tais práticas (LOVISOLO, 2010).

Neste cenário torna-se visível o exercício das relações de poder, assim como os estereótipos de gênero construídos socialmente. Lembramos que o poder é algo exercido continuamente, e não uma coisa a ser possuída, não sendo possível a existência de um exterior (FOUCAULT, 2011). Dessa forma, apreendemos que em meio a essas relações alguns sujeitos encontram-se melhor dispostos que outros. No território das lutas os homens historicamente assumiram a posição de detentores da “verdade”, cujos discursos de natureza biológica e/ou simbólica buscaram afastar as mulheres.

No entanto, parafraseando Goellner, Jaeger e Figueira (2011) com referência em obras sobre o *skate* e o fisiculturismo, “a invisibilidade não significa ausência”. As autoras perceberam que a pouca visibilidade conferida às mulheres brasileiras nestas modalidades esportivas também é fruto das relações de poder e das distinções de gênero que atravessam o esporte, na medida em que estas produzem diferenciadas posições de sujeito para os/as atletas. Dessa forma, luzes são projetadas sobre os homens enquanto as imagens das mulheres são ocultadas.

Do mesmo modo, considerado o maior fenômeno esportivo do Brasil, o futebol produziu e ainda produz invisibilidades sobre a presença e participação das mulheres. Em que se pese a precariedade da estrutura e a carência de incentivo ao futebol feminino em nosso país, não podemos deixar de considerar o aumento do número de jogadoras profissionais. Aumento este resultante dos esforços dessas mulheres que se identificam com a modalidade e de alguns idealizadores sobre a participação feminina no futebol (GOELLNER, 2005; SOUZA JÚNIOR, 2013).

De modo semelhante, para adentrar e firmar-se no cenário das lutas notamos que um conjunto de fatores se fez necessário. Dentre estes, destacamos o engajamento dessas mulheres que, mesmo em meio aos desestímulos sociais, se sentem desafiadas pelas lutas, somado à intersecção em seus caminhos daqueles treinadores, agenciadores e gestores esportivos, cujos estereótipos de gênero foram superados, e investiram na constituição das lutadoras.

Sobre o segundo aspecto, no estudo de Ferretti (2011), as entrevistadas relataram sobre o acolhimento recebido no ambiente de treino da parte de seus treinadores. E confirmando tal expectativa, um dos treinadores do estudo de Thomazini, Moraes e Almeida (2008) discursou sobre o fato de que o esporte é para todos, apoiando a presença das mulheres nas lutas.

Estes técnicos e gestores que participam ativamente do desenvolvimento esportivo de atletas podem ser considerados como um “tutor”. O termo foi utilizado na dissertação defendida por Ferreira (2012), que buscou investigar sobre a atuação de mulheres como técnicas esportivas no Brasil, para designar “[...] aquele que faz as indicações, toma decisões, faz contratações ou apenas facilita o acesso ao cargo” (p.19).

De modo similar, entre nossas entrevistadas caracterizamos como “tutor” aqueles que, devido à influência no meio, as convidaram para experimentar a modalidade, realizar a primeira luta ou atuar na comissão técnica, impulsionando suas carreiras. Nesse sentido, embora não possamos falar em equalização de oportunidades para homens e mulheres nas lutas, notamos certa reordenação nas representações de gênero da parte destes tutores. Por outro lado, o investimento sobre as lutadoras pode também estar relacionado à possibilidade de ascensão da modalidade como um todo. Sendo a participação feminina recente nestas modalidades de luta, este terreno mostrou-se propício a resultados positivos em razão, sobretudo, da “baixa competitividade” somada à qualidade técnica das lutadoras.

O engajamento das atletas e o amparo de técnicos e gestores somam-se a aptidão para o esporte de combate e o sucesso nas primeiras competições, comum às nossas entrevistadas. Sobre a aptidão esportiva, podemos observar que a ascensão dentro de cada uma das lutas aqui investigada aconteceu para essas mulheres a partir da demonstração de habilidades técnicas que permeiam a constituição de lutadoras(es). Inclui-se ainda o fato de, com exceção de Adriana, as lutadoras terem declarado em algum momento da entrevista a vitória na ocasião de sua primeira competição dentro da modalidade em que atuam, confirmando o vislumbre de treinadores e gestores sobre o potencial dessas mulheres para as lutas.

Dessa forma, admitimos a importância dos treinadores no impulso da carreira das atletas deste estudo, principalmente no início de suas trajetórias, mas também argumentamos que o investimento técnico sobre elas não se deu ao acaso. Este ocorreu devido a essas mulheres reunirem e demonstrarem a competência necessária para o desenvolvimento de uma carreira como lutadora. Nesse sentido, temos da parte deles o olhar atento sobre a capacidade dessas mulheres e o investimento técnico sobre elas; da parte das atletas, a aptidão física e

técnica, a ousadia, a coragem e o retorno positivo sobre o investimento técnico recebido. Além disso, percebemos que estas mulheres ingressaram nas respectivas lutas em um momento em que haviam pouquíssimas representantes.

Esse conjunto de fatores resultou em conquista do respeito e do espaço nas lutas por essas mulheres, além de toda a reordenação, ou consolidação, de seus projetos profissionais. Metas e sonhos, a partir da solidificação como atleta profissional em cada uma dessas modalidades, passaram a permear seus pensamentos e também seus corações. Paralelamente, a família mostrou-se outro importante elemento na trajetória das atletas, entretanto, quase sempre como mais um espaço a ser conquistado.

A maioria das lutadoras que entrevistamos são as únicas, em suas respectivas famílias, a se engajarem numa carreira como atleta. A falta de conhecimento sobre o cenário esportivo, além da concepção das lutas como esporte violento gera insegurança entre os familiares. Foi o que percebeu a atleta Aline, que nos contou sobre alguns comentários negativos vindos de seu ambiente familiar ainda na fase em que fazia judô e como superaram os estranhamentos iniciais. De acordo com a lutadora:

“Algumas pessoas da minha família comentavam que eu ia ficar muito masculina, ‘esse esporte é pra homem, não é pra mulher’. Minha mãe, inclusive, não apoiava no começo, ela queria que eu fizesse jazz. Ela tentou me forçar a fazer informática. Falou: “Se você não for pra informática, você não vai pro judô”. Eu cabulava a informática e ia pro judô. [...] Mas eu acho que na hora que eu comecei a ganhar campeonato, a ganhar incentivo, a ganhar bolsa na escola e algum trocado porque lá em São Paulo tinha alguns projetos, começou-se a perceber que não, era sério, comecei a viajar. [...] E eu acho que eu comecei a ser levada a sério”.

Desta situação apontada por Aline, é possível apreender a preocupação familiar: por sua integridade física, pela preservação de uma feminilidade normalizada, e também, por seu futuro profissional. Embora o judô feminino no Brasil tenha uma trajetória de incentivo às mulheres de certa forma diferenciada⁴⁰, quando comparado às modalidades aqui investigadas, na visão de leigos as lutas em geral são modalidades esportivas violentas e capazes de desenvolver a agressividade (LOVISOLO, 2010). Desse modo, os riscos físicos e da construção identitária seriam evitados através da prática do jazz. Paralelamente, a informática aparece como uma opção profissional mais estável, assim como uma profissão passiva. Características estas e desejos familiares incompatíveis com o espírito engajado da lutadora.

⁴⁰ Sobre o tema consultar Souza e Mourão (2011).

A preocupação com a integridade física e o futuro profissional parece ter sido uma inquietação também para a família de Érica. A boxeadora, que cresceu sem a presença dos pais, relatou sobre o desafio de convencer sua avó, quem a criou, a deixá-la lutar. Em suas palavras: *“A minha família também não aceitava, não me apoiava. Era o mais difícil de tudo. Porque eu tinha uma avó que também não deixava eu ir lutar, assim, pegava bastante no meu pé”*. De acordo com a atleta, esta situação foi se modificando aos poucos, conforme a confiança entre ambas se consolidava.

É possível que tanto para Aline quanto no caso de Érica um início da carreira livre de danos físicos e o breve retorno esportivo tenham contribuído para a aceitação de suas famílias. Já Ana relatou saber que sua família não gosta do que faz e não entende porque faz, e apesar disso, em nenhum momento eles deixaram de apoiá-la. Porém, na expectativa que levasse um estilo de vida menos perigoso, seus familiares já manifestaram sua torcida para que a atleta desista das lutas. Diz que na ocasião em que ficou dois meses no hospital por consequência de lesões no joelho, sem sua família por perto, ouvia de seus pais *“para com isso”* e de sua irmã *“você vai ficar aleijada pra sempre”*. Mas a lutadora sempre se recuperou e seguiu sua trajetória.

A boxeadora Adriana também abordou o fato de sua mãe não gostar de vê-la com a perna e rosto arranhado ou machucado por consequência dos treinos e confrontos. Contou ainda que hoje sua mãe já não está mais presente em sua vida, mas sente-se feliz por ter conquistado sua confiança enquanto ainda se encontrava viva. Após os receios iniciais, afirma a atleta que a relação foi se modificando a partir de sua primeira viagem internacional. Conforme Adriana, foi quando *“ela começou a apoiar, começou a ajudar, começou a incentivar”*.

Essa apreensão das famílias pela integridade física das atletas se configura perante as imagens de “violência” e “agressividade” que as lutas projetam, em diferentes níveis, nas distintas modalidades. As regras e suas reformulações ao longo do tempo têm a intenção de garantir a segurança dos lutadores. Mas, de fato, existe a possibilidade de lesões decorrentes de “acidentes de trabalho”⁴¹.

⁴¹ Sobre as principais lesões que acometem os lutadores nas modalidades aqui investigadas, consultar: para a LO, BARROSO, B. G. *et al.* Lesões Musculoesqueléticas em atletas de Luta Olímpica. **Acta Ortop Bras.** 19(2). p. 98-101, 2011; sobre o Boxe, BELTRANI FILHO, C. A. *et al.* Lesões Esportivas Durante Lutas no Boxe Amador. **Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde**, v.35, n. 1, p. 15-18, 2010; e para o MMA, consultar: NGAI, K. M.; LEVY, F.; HSUE, B. Injury Trends in Sanctioned Mixed Martial Arts Competition: a 5-year review from 2002 to 2007. **Br J Sports Med.** v.42, n8, p. 686-689, 2008. Importante ressaltar que mais estudos dessa natureza se fazem necessários, na medida em que apenas o estudo sobre os lutadores de LO foram realizados exclusivamente com atletas brasileiros, mulheres e homens. Os demais foram realizados apenas com homens e

Por outro lado, também identificamos que esse risco de lesões ou a concretização destas – principalmente no rosto, inerentes ao Boxe e ao MMA – e as posturas e atitudes mais viris próprias das lutas, causam desconfortos, pois, desestabilizam a norma da feminilidade inscrita na delicadeza dos gestos e do corpo. Estes aspectos representam manifestações culturais relacionadas às esportistas mulheres, constitutivos dos estereótipos de gênero, uma vez que é possível observar diferentes níveis de encorajamento às mulheres quando comparadas aos homens.

A eles, em grande medida é incentivado vivenciar “a aventura, a potência, o desafio, a força”, e de modo menos intenso, a elas cabem “a aventura comedida, a potência controlada, a força mensurada, o desafio ameno” (GOELLNER, 2007, p.2). Assim, a autora detecta o esporte⁴² como operador da generificação dos corpos, em que para elas está muito presente uma “estética da contenção”, ou seja, “nada de excessos, nem de gorduras, nem de músculo, nem de ousadias, nem de inserções em espaços que parecem não ser seus” (*Op. Cit.*, p. 04).

O círculo familiar tende a reproduzir os discursos sociais. Principalmente, quando não há o envolvimento esportivo de nenhum outro membro, a tendência é manter uma educação do corpo e das gestualidades dentro daquilo que culturalmente se entende como norma. Nessa perspectiva, Cardoso *et al* (2011), em estudo com atletas da seleção brasileira feminina de Boxe, também identificou comentários preconceituosos dentro do ambiente familiar e círculo de amigos, motivados pela preocupação de que as atletas se machucassem ou lesionassem, além do temido risco da “masculinização”. Percepção semelhante foi encontrada no relato de algumas das lutadoras da investigação de Ferretti (2011) e das surfistas do estudo de Knijnik *et al* (2010).

A pesquisadora Aldeman (2003), a partir de sua investigação sobre o hipismo, observou que o estereótipo em relação à participação de meninas se manifestou, não pela proibição ou tentativa de desencorajamento, mas pelo maior incentivo dos pais aos professores para que as cobranças fossem mais firmes e frequentes aos filhos e, com suas filhas, que as exigências fossem mais brandas e suaves.

A contenção familiar, resultantes do pioneirismo e engajamento dessas mulheres, reconfigura-se perante as conquistas esportivas das atletas. Estas conquistas vivenciadas ainda

de diferentes nacionalidades. Dessa forma, estes dados são apenas uma base, mas não podemos afirmar que o mesmo e em igual intensidade também ocorra entre as mulheres lutadoras de Boxe e MMA.

⁴² Goellner (2007) trabalha a perspectiva do esporte e também da cultura do *fitness* como operadores da generificação dos corpos. Não abordamos esta última por não constituir objeto de análise no presente estudo.

no momento inicial da carreira, como fortemente destacado no depoimento de Aline, geram visibilidade e reconhecimento social, que por sua vez, reflete na aceitação da família, auxiliando na diluição dos preconceitos e da insegurança perante a escolha profissional das atletas.

O sucesso esportivo não se mostrou uma cobrança às lutadoras, mas, este fato parece funcionar como “argumento prático”, sobre o qual as atletas se apoiam para conquistar a confiança de suas famílias. Dessa forma, a vontade de vê-las realizadas, reunidas a demonstração de suas capacidades e condições de firmarem-se como atleta, parece superar os anseios familiares de ordem financeira, profissional e também da constituição identitária.

A lutadora Joice, que vivenciou sua iniciação nas lutas de forma um tanto diferenciada no seu círculo familiar, também nos fala sobre os receios, mas também sobre o apoio, de sua mãe. A atleta disse que desde a inserção no jiu jitsu sua mãe não gostou do esporte escolhido por ser uma luta e que até hoje evita assistir aos seus confrontos na LO, pois se sente nervosa ao vê-la lutar. Apesar disso, afirma que nunca foi impedida ou desestimulada por sua escolha.

Acreditamos que o fato de ter outro integrante da família que já foi atleta, o seu irmão mais velho, pode ter contribuído para minimizar, embora não acabar, as preocupações sobre a profissão de lutadora, na medida em que agrega maiores informações sobre a modalidade e o universo esportivo como um todo. No estudo de Souza e Mourão (2011) e de Ferretti (2011) as lutadoras que receberam maiores incentivos na carreira são aquelas que possuem esportistas na família, em especial, os próprios pais.

Joice, no entanto, atribui o suporte que tem de sua mãe ao fato de nunca ter parado de estudar. Acredita que se falasse algo do tipo “*Ah, não mãe, parei de estudar, vou só lutar*”, o apoio poderia não ser o mesmo. Ana corrobora a perspectiva de Joice em seu comentário “*Minha mãe não gostou que eu larguei a faculdade de biomedicina pra ser lutadora. Meu pai também não. Eles têm laboratório de análises clínicas [...]*”.

O estudo é visto pela família como probabilidade de uma vida mais estável, condição difícil de ser alcançada como atleta em nosso país, além de menos arriscada fisicamente. É provável que o projeto familiar de Ana previsse sua participação na empresa da família e de Joice, que a filha optasse por uma carreira profissional diferente da escolhida por seu irmão. De modo semelhante, o estudo parecia se constituir as opções familiares para o futuro profissional de Adriana, Érica, assim como de Aline. Mas, o amor pelo esporte e o gosto pelo desafio falaram mais alto no íntimo das lutadoras do que os anseios familiares e, assim, seguiram em frente com seus projetos esportivos.

O forte incentivo da família desde o início da trajetória foi encontrado por Laís em seu pai, que a apoiou inclusive para sair de casa e arriscar tudo pelo sonho de ser lutadora, que assim descreveu:

“Eu virei para ele e... ‘Pai, eu quero ir, eu acredito que pode dar certo, isso é o meu sonho e eu queria saber do senhor... o que o senhor acha, né’”. Meu pai falou assim: ‘Filha, é isso mesmo que você quer?’ Eu falei: ‘É pai, é isso mesmo que eu quero’. Oh, e ele me explicou tudo, como era o mundo”.

A atleta complementa que, enquanto era menor, sempre contou com o consentimento e assinatura de seu pai para viajar e competir. Laís comentou que sua irmã e um primo participaram do mesmo projeto de LO do início de sua trajetória e associa que o fato de serem ainda mais novos tenha contribuído para não prosseguirem na carreira. Acreditamos que o apoio encontrado na família da lutadora tenha sido motivado pela confiança depositada em sua filha, mas também, devido à ausência de um projeto familiar definido e baixa perspectiva de futuro profissional para a atleta em sua cidade natal, Barro Alto, no interior de Goiás.

Em entrevista à Folha de São Paulo⁴³, versão online, foi comentada sobre a origem e condição humilde de sua família, cujo pai era cortador de cana e a mãe faxineira. Foi relatado ainda que através do esporte a atleta já consegue oferecer a eles melhores condições de vida. Laís afirma saber que sua família sente orgulho, embora não entendam muito bem sobre o esporte que pratica. Na mesma entrevista, a atleta comentou que seus pais até hoje acham que seu esporte é o judô.

O pai de Adriana, conforme o relato da atleta, desde o início de sua trajetória a apoiou, incentivou e gostou do que escolhera para sua vida. Seus irmãos nunca interferiram, mas gostam de tê-la representando o Brasil. E Joice descreveu sobre o apoio que sempre teve de seu irmão, que deve sentir-se orgulhoso em ser a inspiração para a carreira da irmã.

Diante do exposto, podemos apreender que o investimento numa carreira como lutadora entre nossas entrevistadas, em geral, foi marcado por caminhos sinuosos, permeados por conquistas e sonhos, mas também por algumas adversidades. Assim, buscaremos no subitem a seguir desvendar alguns percalços vivenciados na trajetória dessas mulheres e os motivos que as mantêm lutando.

⁴³ Para mais, acessar: http://www1.folha.uol.com.br/especial/2012/rumoaorio/luta_olimpica.shtml. Acesso em: 29/nov./2013.

4.2) O que me motiva a continuar: dificuldades e decepções; conquistas, sonhos e significados

Se baseássemos nossas análises somente na descrição das conquistas esportivas de nossas entrevistadas, muito de suas trajetórias estaria encoberto. Para conquistar o primeiro lugar no *ranking* nacional em suas categorias, como as atletas do Boxe e da LO, e ser considerada uma das principais atletas do país do MMA, como Ana, muitas batalhas foram vencidas e adversidades superadas. Uma das principais é o já mencionado receio das famílias pela escolha das atletas, gerando algumas limitações e comentários negativos, principalmente, no intuito de proteção.

Fora do ambiente familiar, a discriminação poderia ter se tornado um entrave para Adriana e também para Érica em seu início no Boxe. A respeito disso, Goellner (2003) nos fala que a submissão, a fragilidade e a passividade são características relacionadas histórica e culturalmente a uma “natureza feminina”. Nesta perspectiva, comentários preconceituosos muitas vezes têm por finalidade que as mulheres adquiram atitudes de fragilidade e desistam de seus objetivos ou mesmo de seus sonhos, quando estes parecem contrários a essa “natureza”.

Érica descreveu, de forma generalizada, sobre o preconceito vivenciado pela modalidade e por ela mesma devido ao fato de ser uma mulher. Em suas palavras: “[...] naquele tempo ninguém acreditava no boxe, principalmente, feminino e tal. Esse preconceito era complicado, ah, você vai virar homem, boxe é esporte pra homem, tudo isso”. Já a discriminação sofrida por Adriana estava declaradamente no local de treino, no comentário dos colegas. A boxeadora destacou que alguns lutadores da academia chegaram a verbalizar que “*lugar de mulher é na cozinha pilotando fogão*” (DC, 14/03/2013).

Este tipo de preconceito historicamente se faz presente naqueles espaços cuja presença feminina é interpretada como uma ameaça à hegemonia dos homens, modificando-se de acordo com o contexto sociocultural. Dunning (1992) nos diz, através do exemplo do *rugby* na sociedade britânica, que os esportes que possuem maiores índices de agressividade e violência se tornaram um dos poucos espaços de sociabilidade, identidade e, principalmente, reserva masculina como forma de reação ao aumento do poder político das mulheres e desestabilização do patriarcado. Segundo o autor, nestes espaços os homens poderiam ironizar as mulheres, e apontam o uso de recados cantados como uma prática comum para elas manterem-se afastadas.

Na Brasil da década de 1960 quando as provas de salto do atletismo ainda eram restritas à participação feminina, Aída dos Santos enfrentou a falta de apoio da família e o preconceito dos homens para tornar-se ícone do salto em altura. Mesmo sendo a única mulher brasileira a conquistar a participação nas Olimpíadas de Tóquio, em 1964, chegou a ouvir de colegas atletas que estavam no local da competição em que passou para as finais do salto que “lugar de mulher é na cozinha”. Segundo a atleta, tal provocação funcionou como um incentivo, tendo dessa forma saltado a quarta melhor marca da competição e a melhor de sua vida: sem técnico, treinamento e estruturas adequadas (MOURÃO, 1998).

Dessa forma, percebemos que o preconceito no cenário esportivo é reproduzido sobre o ineditismo dessas mulheres que ousaram conquistar um espaço em modalidades cuja presença feminina não é vista como unanimidade: o atletismo na década de 1960, o Boxe na década de 2000. Neste cenário, podemos afirmar que a discriminação vivenciada pelas boxeadoras é fruto da tentativa masculina em manter o espaço pugilístico sem a presença das mulheres, a fim de garantir aquela “ordenação simbólica” apontada pelos estudos de Wacquant (2002) e Thomazini, Moraes e Almeida (2008).

A discriminação sofrida pela boxeadora Adriana muito marcou sua trajetória e, de modo semelhante à Aída dos Santos, contou que um dos fatores que a instigou no Boxe foi o fato de querer melhorar e superar os homens com quem treinava os *sparrings*, provavelmente os mesmos que a discriminava, no início de sua carreira: e superou. Hoje Adriana, assim como Érica, tem seu espaço na Academia Champion, onde treinam. As boxeadoras conquistaram o respeito, o carinho e a admiração de técnicos e, também, de seus colegas lutadores, como observado pessoalmente.

Outras dificuldades e decepções foram relatadas pelas atletas em diferentes situações e distintas perspectivas, encontrando-se mescladas com suas conquistas e sonhos. Sobre as conquistas, as atletas Érica e Joice, ao falar de suas trajetórias, expressaram sobre a sequência de conquistas esportivas desde a primeira luta: estaduais, brasileiros e competições internacionais, inclusive a participação nas Olimpíadas de Londres, no ano 2012, relatados com orgulho por Érica “*Participei de dois mundiais. Esse último agora, que foi classificatório pra Londres, me tornei uma atleta olímpica [...]*”, e muito entusiasmo por Joice “*O auge da minha carreira foram os Jogos Olímpicos. Me classifiquei pros Jogos de Londres*”.

Até conquistar a vaga nos Jogos de Londres uma longa estrada foi percorrida e nesta Joice não identificou grandes dificuldades, embora algumas adversidades tenham existido. Disse que escolheu ser atleta e sempre fez o que gosta. Dessa forma, a lutadora

encarou com sabedoria e tranquilidade as situações avessas que surgiram em sua trajetória. A lutadora destacou a vivência de uma circunstância, cuja questão financeira gerou insegurança, mas com final feliz, e assim relatou:

“[...] dificuldades a gente tem em relação a patrocínio, a ter uma competição e não saber se vai poder viajar ou não porque não tem o dinheiro, ninguém tem quem pudesse bancar passagem e tal. Mas isso foi por pouco tempo, sabe. [...] Cheguei a fazer até rifa lá na Igreja com o pessoal lá na Igreja pra eu poder participar de um campeonato mundial, que aí não tinha como custear, não vai poder levar. [...] Mas no final a Confederação me levou mesmo”.

Otimista, Joice comentou que sempre estudou e treinou e que foi fácil conciliar tudo. No período em que cursava a graduação em Educação Física treinava pela manhã e a tarde e estudava a noite. Ainda abordou brevemente sobre uma cirurgia de hérnia inguinal, resultante de esforço, e mesmo assim não considera uma lesão. Outro ponto é a ausência de decepções ao longo da carreira. A atleta afirma que mesmo as derrotas são por ela tiradas como lição. Joice confere leveza à sua trajetória. Sente-se privilegiada pela oportunidade de se dedicar ao esporte, como sempre desejou. É agradecida por tudo que a LO lhe proporcionou como conhecer o mundo, amigose estudos. Sua graduação se deve, em grande medida, por representar como atleta a universidade onde estudava.

Ana também mencionou algumas competições em que foi campeã, ao descrever sua trajetória no MMA. No entanto, o que mais chamou atenção em sua fala foi o orgulho que sente em ser uma pioneira, tanto no jiu jitsu quanto no MMA. Como já mencionado no item 3.1.3 deste estudo, o MMA gera polêmica tanto no masculino quanto no feminino pela maior liberdade de golpes permitidos, quando comparado a outras lutas. Nesse sentido, embora hoje possamos acompanhar o aumento de mulheres interessadas nesta prática⁴⁴, há treze anos quando a lutadora iniciou sua carreira na modalidade, pouquíssimas “se arriscavam” no octógono.

O pioneirismo de Ana lhe rendeu muitas dificuldades no início da carreira, contados pela atleta com bastante emoção. Os principais foram que Ana dormiu em tatame durante anos devido à precária situação financeira, esteve sozinha durante as cirurgias que realizou no joelho, viajou para fora do país com pouco dinheiro e sem falar a língua local, lavou carros e trabalhou como segurança em festas para manter-se e pagar suas competições,

⁴⁴ LEOS, João. As mulheres do vale-tudo. Isto É, Edição nº. 2058. São Paulo: Editora Três, 22/04/2009. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/12340_AS+MULHERES+DO+VALE+TUDO>. Acesso em 07/fev./2013.

treinou até os cinco meses de gravidez, voltou a treinar após um mês do nascimento de sua filha, após quatro meses voltou a competir e aos sete já não moravam juntas. Contudo, a lutadora sente-se abençoada por poder fazer aquilo que escolheu para sua vida, afirmando que esta é a sua maior conquista. Contudo, disse que todo esse processo é uma fase de transição até que alcance todos os seus objetivos e ainda que Deus a preparou para isso.

Interessante é que, ao falar de tantos percalços, a atleta diz que a *“dificuldade é uma coisa normal”*. As adversidades são compensadas pelo fato de fazer todos os dias o que gosta: lutar. Além disso, sua situação financeira instável não é vista como um problema. Assim afirmou: *“[...] eu não tenho renda fixa, mas também eu não preciso de muito pra viver”*. A atleta comentou que poderia ter trilhado inúmeros caminhos que lhe permitiriam uma vida mais estável, como aceitar propostas de casamento ou trabalhar no laboratório de seus pais, por exemplo. Mas, nada disso a deixaria feliz. Por isso, em suas palavras: *“eu abri mão de ter dinheiro, porque eu sei que eu vou ter dinheiro com o que eu escolhi pra viver porque eu posso”*.

O pioneirismo, neste caso dentro da LO, também foi ressaltado por Aline. A atleta afirma que um dos desafios, o qual tomou como objetivo pessoal, é ajudar a tornar a LO tão conhecida e apreciada quanto é o judô e o vôlei no Brasil. Dessa forma, afirmou com entusiasmo que *“é legal ser pioneira porque as primeiras sempre serão lembradas”*. Mesmo a situação difícil vivenciada pela modalidade até setembro de 2013 devido à possibilidade de ficar fora dos Jogos Olímpicos de 2020 – fato que não se concretizou – a atleta viu como um ponto positivo, uma vez que começou-se a dar mais atenção ao esporte, tornando-o mais conhecido.

A atleta expôs sua trajetória, contando entusiasmada sobre suas conquistas esportivas. Orgulha-se muito do ineditismo de sua medalha de prata no Mundial de 2006, ainda na categoria júnior: *“[...] fui vice-campeã mundial em 2006, que até hoje é um título inédito”*, afirma a lutadora. Por outro lado, também relatou os momentos conturbados pelos quais passou após essa conquista, que resultou na queda de seu rendimento e dúvidas sobre a sua capacidade como atleta. Assim disse: *“depois que eu consegui minha medalha no júnior eu lesionei minha coluna, eu tive vários problemas e fui bem deixada de lado, sabe”*, uma ferida que segundo a atleta dificilmente vai curar. Mas, confiante afirma que *“agora eu tô voltando, voltando a ficar forte, voltando a ser o que eu era, a fazer grandes lutas e eu acho que pra 2016 aí eu vou me recuperar”*.

Apesar das decepções, para a lutadora as adversidades fazem parte carreira esportiva, pois, afirma que *“todo atleta tem suas dificuldades”*. Em sua trajetória, sentiu pela

ausência de uma estrutura familiar mais sólida, mas, por outro lado, pôde contar com apoio externo. A lutadora descreveu que ainda no período em que atuava no judô contou com o suporte de seu treinador para seguir como atleta, conforme relatou: *“Eu, como minha mãe foi solteira, me criou, eu tive dificuldade financeira. Meu primeiro professor me bancava como ele bancava os próprios filhos no esporte”*.

Desse modo, mesmo perante os percalços de sua trajetória, com bom humor Aline diz que os lutadores levam seus problemas para o tapete e resolvem tudo ali dentro mesmo. E, dentre as conquistas pessoais possibilitadas pela LO, a lutadora destacou o fato de estar cursando uma graduação, os vários países do mundo que conheceu, a situação financeira estável que possui, além do valor agregado à sua personalidade. Como dito pela atleta: *“Eu acho que tudo que eu sou hoje é pelo esporte, é pela luta”*.

Conhecer vários lugares do mundo, além da moldura da personalidade, foi um dos aspectos evidenciados de modo semelhante por Laís e Érica como conquista através da LO e do Boxe, respectivamente. Laís afirma que a LO lhe trouxe mais do que vitórias e conquistas, a modalidade lhe deu *“[...] a oportunidade de conhecer culturas, de conhecer lugares, de crescer mesmo, de crescer como pessoa, de ter disciplina, de ter caráter, responsabilidade. Então, isso é... Isso não tem preço”*.

Podemos observar o valor agregado ao “capital cultural” (BOURDIEU, 2007) que vem se acumulando pelas oportunidades conquistadas em suas trajetórias como lutadoras. As atletas aceitam que estas conquistas poderiam não fazer parte de suas vidas em caso de uma escolha profissional diferente da que fizeram.

Para Bourdieu (2007) o capital cultural pode existir em três estados: a) o incorporado, que se dá na forma de disposições duráveis do organismo, tendo como principais elementos constitutivos os gostos, o domínio maior ou menor da língua culta e as informações sobre o mundo escolar, cuja internalização exige investimentos de longa duração para tornar essa forma de capital parte integrante da pessoa; b) o objetivado que existe na forma de bens culturais, tais como pinturas, livros, viagens, etc., em que depende, basicamente, do capital econômico do indivíduo para a apropriação e do capital incorporado para apreciação destes; e c) o institucionalizado, que se caracteriza, essencialmente na forma de títulos escolares, cujo grau de investimento está vinculado ao provável retorno que se pode obter, principalmente no mercado de trabalho. E, quanto mais difícil, a tendência é a maior valorização destes.

A respeito do capital institucionalizado apreendemos, de certa forma, uma “cultura” atrelada nas diferentes modalidades. Ana, a lutadora do MMA, sessou seus investimentos nos estudos para apostar tudo na profissão de lutadora. Já as lutadoras da LO

demonstraram que valorizam a continuidade dos estudos, mesmo tendo que conciliar à rotina de treinos e aos compromissos esportivos: seja como objetivo pessoal, conforme relatado por Aline, mas também vislumbrando outras possibilidades profissionais futuras, como mencionado por Laís e percebido em Joice que está ampliando seus domínios através do curso de pós-graduação.

Não podemos afirmar que a realidade da LO no Brasil seja homogênea. Mas pela fala das atletas, observamos que a modalidade no eixo RJ-SP apresenta-se vinculada ou conveniada a universidades. É o caso da Gama Filho, no Rio de Janeiro/RJ, instituição que mantinha uma equipe de LO, a qual Joice representava, e da Uni Sant'Anna, na cidade de Osasco/SP, instituição que oferece bolsa de estudos a atletas da LO da equipe do SESI-SP, como Laís e Aline. Provavelmente, o fato de estar em um ambiente universitário e conviver com outros atletas universitários muito contribuiu para incitar o desejo das atletas em continuar sua formação.

Entre as lutadoras de Boxe, entendemos que a modalidade em si preenche suas perspectivas de futuro profissional, ou de futuro fora do esporte, fato mencionado por Érica. Além disso, a mesma atleta comentou sobre a dificuldade de conciliar sua rotina como boxeadora à continuidade dos estudos. O Boxe, de modo geral, se desenvolveu nos guetos e periferias das cidades e muito abrigou sujeitos em situação de vulnerabilidade social e sem expectativas de crescimento através dos estudos, criando certa cultura de vencer na vida através do esporte (WACQUANT, 2002).

Concordando com a perspectiva acima, Érica ainda abordou que teve o Boxe como um “*refúgio*”, principalmente no início da trajetória. Foi onde, segundo a lutadora, descarregava todos os seus problemas advindos da condição econômica precária e do fato de ter sido criada sem a presença dos pais. Nesse sentido, a situação financeira estável é para Érica, assim como, para Adriana e Laís, uma conquista significativa, na medida em que esta se mostrou responsável por inúmeras inseguranças sobre a opção pela carreira de lutadora no início de suas trajetórias.

Uma pertinente questão, comentada pelas boxeadoras, diz sobre as dúvidas que existiam no início da carreira em relação a manter o emprego ou investir no esporte. Érica argumentou que não tinha incentivo, já morava sozinha e tinha responsabilidades com suas irmãs menores. As questões financeiras eram, na verdade, demandas para a subsistência sua e de suas irmãs.

De forma semelhante, Adriana afirmou ter conciliado por muito tempo o trabalho com os treinos. No entanto, a atleta atribuía precariedade da situação financeira à carência na

estrutura geral do país, em que se pese a falta de incentivo ao esporte como um todo, e não apenas ao boxe feminino. Assim relatou: “[...] *financeiramente, infelizmente, é difícil no Brasil, né. Como se diz, em nosso país eles não valorizam muito o esporte. Principalmente, não há um investimento adequado pra qualquer que seja a modalidade*”. E ainda complementou sobre a dupla batalha que os brasileiros precisam enfrentar para manter-se como atleta. Em suas palavras: “*Aqui o atleta ele tem que vencer dentro e fora do ringue, né. Dentro do ringue contra o adversário e fora do ringue com essas dificuldades*”.

No Brasil, a possibilidade de viver do esporte é uma condição que começou a se tornar realidade para muitos atletas a partir do ano de 2004 com a criação do bolsa-atleta. O bolsa-atleta é um programa do governo federal, instituído pela lei nº 10.891/2004⁴⁵ e revisado pela lei nº 12.395/2011⁴⁶, que tem por objetivo dar suporte financeiro a atletas de alto-rendimento, prioritariamente, de modalidades esportivas filiadas ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), em menor escala, também a atletas de modalidades não filiadas, desde as categorias de base.

A partir do final do século XX outras leis também foram sancionadas a fim de garantir recursos públicos e incentivar a aplicação de recursos privados para as modalidades esportivas olímpicas, como a Lei Pelé (lei nº 9.615/1998), a Lei Ângelo Paiva (lei nº 10.264/2001), e a Lei de Incentivo ao Esporte (lei nº 11.438/2006)⁴⁷. Dessa forma, observamos, pelo menos em termos teóricos, a intenção do Brasil em recuperar o atraso nos investimentos a atletas e formar uma nação olímpica.

O bolsa-atleta foi mencionado por Érica e Adriana como parte da composição de suas rendas e um dos responsáveis por ajudar na superação da instabilidade financeira. Também contam com o benefício as atletas da LO entrevistadas para este estudo. Para Aline o benefício é a maior conquista que os atletas tiveram no país. Pois, conforme suas palavras “*antes do bolsa-atleta não se ouvia falar que um atleta era capaz de viver de treino [no Brasil]. E começou, assim, até com um valor até irrisório e hoje é um valor que sim dá viver*”. Ana é a única participante deste estudo a quem não cabe o benefício, na medida em

⁴⁵ Para mais, consultar: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.891.htm. Acesso em: 25/nov./2013.

⁴⁶ Para mais, consultar: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12395.htm#art4. Acesso em: 25/nov./2013.

⁴⁷ Um interessante panorama sobre as leis de apoio ao esporte olímpico encontra-se no estudo de ALMEIDA, B. S. **O Financiamento do Esporte Olímpico e suas Relações com a Política no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Curitiba: UFPR, 2010. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/23953/ALMEIDA%2c%20BS%20-%20O%20financiamento%20do%20esporte%20olimpico%20e%20suas%20relacoes%20com%20a%20politica%20no%20Brasil.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25/nov./2013.

que atletas de MMA não se enquadram nas exigências do governo para participação no programa de bolsas.

Ainda no sentido de dificuldades de ordem financeira, observamos que a estrada percorrida por Laís também é repleta de obstáculos superados. Lembrando que a atleta saiu de sua casa no interior de Goiás aos 15 anos para buscar uma oportunidade como lutadora, foram encontradas em seus caminhos muitas dificuldades e dúvidas. Laís estava sozinha numa cidade que não conhecia, Osasco/SP, longe da família e com dificuldades de regularizar sua situação como atleta por ser menor de idade, fazendo com que quase faltassem suas necessidades básicas como moradia e alimentação relatando, desse modo, sobre a sua “[...] *vontade de desistir, vontade de voltar para casa*”. A solidariedade das pessoas com quem convivia, foi o que lhe permitiu seguir em frente. Assim disse:

“Eu só não passei fome por que Deus não deixou mesmo. Mas eu lembro que tinha fim de semana que eu ia comer na casa dos outros porque não tinha comida em casa, por que até então a gente não recebia nada do SESI. Fiquei morando de favor, dormi em colchão de ar, no frio de São Paulo, então... foram muitas coisas”.

Para além das questões financeiras, nas inúmeras vezes em que se viu sozinha chegou a questionar se teria tomado a decisão certa. Pensamentos do tipo *“Poh o que eu estou fazendo aqui? Será que é realmente isso que eu quero?”* chegaram a invadir sua mente. Mas, apesar de tudo, o sonho falou mais alto. Disse que “[...] *mesmo assim, ainda acreditava, ainda tinha um sonho. A única coisa que eu não queria era voltar para Goiás, mas o resto, eu estava com coragem para encarar o que viesse*”.

Um relato interessante de Laís foi o mencionado fato de sempre ter sentido que nasceu para “conquistar algo”. Disse que sentia que um dia sairia do interior de Goiás, iria conhecer novas pessoas e lugares, mas não sabia que seria através da LO. Mesmo assim, abraçou com toda a força que pode as oportunidades que surgiram na expectativa de ver os seus sonhos realizados.

Souza Júnior (2013) identificou entre as jogadoras de futebol uma situação financeira precária, em que muitas atletas não recebem salários ou ganham valores irrisórios, considerados “ajudas de custo”, dos clubes onde são filiadas, mesmo entre jogadoras com passagem pela seleção brasileira. Esta condição, além da carência de incentivo, baixa perspectiva de futuro profissional e o preconceito, são as principais dificuldades relatadas pelas atletas para a permanência na modalidade.

E os motivos mais evidentes que as mantêm no esporte, são a identificação e gosto pela modalidade, além do sonho de um dia transformarem essa difícil realidade, principalmente, através da construção de uma carreira fora do país, em locais onde o futebol feminino se encontra mais desenvolvido, como os Estados Unidos e os países da Europa. A ascensão social familiar se mostra como um objetivo comum entre jogadoras de futebol (SOUZA JÚNIOR, 2013).

Os sonhos pessoais e esportistas, além do significado das lutas em suas vidas, são o que movem essas mulheres a manterem-se lutadoras apesar das dificuldades, privações e sacrifícios, compreendidos ou não dessa forma, pertinentes à vida de atleta. O sonho de representar o Brasil atingindo o ápice dentro de suas modalidades: sendo a melhor do mundo e conquistar o cinturão do UFC, como dito por Ana; conquistar a medalha de ouro olímpica e do mundial como relatado pelas atletas do Boxe e da LO. Sonhos estes que, geralmente, vêm acompanhados de outros objetivos.

Para Ana, Laís e Érica a conquista deste sonho esportivo maior significa o fim de um ciclo e início de uma nova etapa em suas vidas. Ana afirma que tem muito bem planejado todo um projeto empresarial para divulgar sua marca: “Índia”. A lutadora acredita que o cinturão do UFC irá lhe proporcionar grande visibilidade no Brasil e no mundo e, assim, poderá lançar no mercado barbies, linha de quimonos e academias. E tudo isso para poder oferecer à sua filha uma vida tranquila através daquilo que escolheu para viver.

Proporcionar uma qualidade de vida melhor para a família também se constitui num dos objetivos de Laís. Segundo as palavras da atleta: *“Eu luto por eles. Sabe, pra um dia eu voltar para lá e dar uma condição melhor para eles, meu pai, minha mãe”*. A jovem lutadora, conforme mencionado anteriormente, já consegue oferecer melhores condições para sua família que reside em sua cidade natal, Barro Alto, no interior de Goiás. Mas, como é possível observar, outras metas maiores vão sendo traçadas conforme seus objetivos são alcançados. Nesse sentido, a atleta não descarta a ideia de migrar para o MMA após os Jogos Olímpicos de 2016.

A família também aparece nos relatos de Érica. A atleta contou que se sente feliz por ser casada, ter a sua casa, e poder cuidar de suas irmãs, conquistas estas oportunizadas pelo Boxe, segundo a lutadora. Por outro lado, foi também mencionado sobre a sua vontade de constituir a própria família, fato conflitante com a vida de atleta, para a boxeadora. Érica relatou que encerraria a carreira após os Jogos do Rio-2016, e decididamente afirmou: *“Quero construir minha família, quero ter um filhinho, tudo isso. Uma mulher normal”*.

O antagonismo existente entre a carreira de atleta com o matrimônio e a maternidade é compartilhada por outras mulheres de diferentes modalidades esportivas e sob distintas perspectivas. A questão da constituição familiar das lutadoras não se mostrou para nós uma temática a ser aprofundada. Entretanto, pela descrição dos perfis de nossas entrevistadas, percebemos que a maioria também não tem filhos e/ou são casadas. Ana, que tem uma filha, conta com o apoio irrestrito de seus pais e sua irmã nos cuidados com a pequena. E Érica, que é casada, tem como seu companheiro um atleta da mesma modalidade que pratica: o Boxe.

Algumas amazonas e jogadoras de vôlei do estudo de Adelman (2003) relataram sobre a dificuldade de conciliar família e esporte. A maioria delas é solteira, não têm filhos e discursaram sobre a diferença existente entre atletas homens e mulheres quando estes são casados. As atletas criticam que o companheirismo dos homens para com suas esposas atletas é sempre muito menor que o observado quando as posições são contrárias, principalmente nas ocasiões em que eles não são do meio esportivo. Por isso, duas atletas, entre as amazonas, se consideram “excepcionais” por serem casadas, terem filhos e poderem contar com o apoio e incentivo de seus companheiros para se dedicarem ao esporte.

Entre as atletas de *body build* entrevistadas por Alexandrino (2010), houve quem deixou o casamento pelo esporte, devido à insatisfação do companheiro por sua prática esportiva, e aquelas que, mesmo casadas, optaram por não ter filhos, seja para não modificar o corpo ou poderem se dedicar mais intensamente à modalidade. Assim, embora não seja uma regra, é bastante comum o encerramento da carreira atleta por mulheres na ocasião do matrimônio e/ou maternidade.

No relato de Érica, percebemos que a incompatibilidade da carreira de lutadora com a maternidade, refere-se à agenda esportiva, cuja pesada rotina de treinos e competições dificultaria uma maior dedicação à família. Talvez o fato de ter sido criada sem a presença dos pais lhe tenha instigado a querer destinar mais tempo e atenção a seu(s) futuro(s) filho(s).

O adiamento de determinados sonhos e objetivos pessoais de nossas entrevistadas pode ser compreendido pela relação existente entre essas atletas com as modalidades em que se encontram envolvidas e o significado destas para as lutadoras. Para além do sonho olímpico, do mundial e do UFC, um “algo a mais” as instiga dentro do Boxe, da LO e do MMA.

Para Adriana, o prazer em lutar veio como consequência da superação do preconceito, e demais adversidades encontradas em sua trajetória, que por sua vez se mostraram estimulantes no princípio de sua carreira. E, embora os motivadores de sua

permanência no Boxe estejam declaradamente ligados às conquistas esportivas, percebemos que o estado de pertencimento, o sentir-se parte da comunidade pugilística como esse “algo a mais”. Supomos dessa forma pelo o que a modalidade significa para a atleta que, assim, relatou: *“O boxe é minha segunda família, é meu trabalho”*.

Nesse sentido, Bauman (2005) aborda sobre a individualidade das sociedades atuais, em que o indivíduo encontra-se sozinho e dependente apenas de si para fazer suas escolhas, pensamentos e ações, ao invés de unificar-se uma condição humana regida pela cooperação e solidariedade. Entretanto, esse mesmo indivíduo pode encontrar na “comunidade” um ambiente para se apoiar e interagir em meio a pares com interesses semelhantes, passando a existir uma forma de ação coletiva em que as responsabilidades e consequências são divididas.

Dessa forma, se por um lado a individualidade, a transitoriedade e a fluidez do tempo e das relações humanas geram insegurança, de outro, o engajamento em comunidade faz com que o indivíduo a entenda como porto seguro. Apontamos a comunidade pugilística como o porto seguro de Adriana. Segurança esta alicerçada em sua competência, conquistada por mérito pela boxeadora.

Em Érica, notamos o Boxe como um reconstrutor de sua vida ou, pelo menos, de sua perspectiva de futuro. Desse modo, de forma direta e em poucas palavras a boxeadora disse sobre o significado da modalidade para si: *“A minha vida. O boxe significa a minha vida”*, conferindo mérito ao Boxe por tudo aquilo que conquistou. E nisso mistura-se o sonho olímpico a uma espécie de “gratidão” pela oportunidade de ser uma pugilista.

É perceptível o quanto Érica separa a sua carreira como atleta de sua vida pessoal. A lutadora tem muito bem definido seus objetivos dentro do esporte, separadamente de sua vida fora dos ringues. Parece-nos que a partir da conquista de uma medalha olímpica sua “dívida” com o Boxe estaria encerrada e então estará pronta para seguir seu caminho. Como dito pela própria atleta, para levar uma *“vida normal”*. Normalidade esta que não é vista pela lutadora como uma possibilidade dentro do esporte, mas sim, dedicando-se à sua família.

A lutadora Joice é, dentre as nossas entrevistadas, a que mais claramente projetou uma carreira como atleta, afirmando que hoje vive a realização desse sonho. Dessa forma, os motivos de sua permanência estão mais intimamente ligados à continuidade de seus planos no campo esportivo. Sobre o que a LO significa para a lutadora, Joice assim relatou:

“Ah, a luta olímpica é o que eu escolhi pra minha vida, né, pra realizar meus sonhos de atleta, realizar meu sonho olímpico. A luta olímpica é meu

dia-a-dia. Sabe, eu sou muito grata por ser atleta, principalmente, da luta olímpica. Luta olímpica pra mim é onde estão os meus amigos, é a realização de sonhos, é, assim, a minha vida, graças a Deus”.

Com isso, podemos apreender em Joice a perspectiva de reconhecimento sobre seu próprio desejo de ser atleta, por tudo que conquistou através daquilo que escolheu para a sua vida. Em suas palavras notamos a sensação de olhar para trás e poder dizer que fez a escolha certa, que valeu a pena investir na LO. Sabemos que a realidade brasileira para muitos atletas não é das mais promissoras. Em especial para as mulheres, com referência no esporte de rendimento, várias são as situações funcionariam como desestimuladores sobre a carreira de atleta (GOELLNER, 2012).

Dessa forma, embora reconheça que não apenas para a LO feminina, mas que os investimentos para o esporte como um todo podem melhorar, Joice sente-se feliz com suas conquistas até o momento e possui perspectivas de um futuro ainda mais promissor para sua carreira e para a modalidade de forma geral. A atleta continua investindo em sua formação, aumentando, assim, o leque de possibilidades porvindouras dentro do esporte.

Para as lutadoras Aline e Laís, e Ana, a LO e o MMA, respectivamente, apresentam-se declaradamente numa perspectiva mais compassiva. Para além do já mencionado pioneirismo e desejo de ajudar a LO a tornar-se reconhecida no Brasil, Aline relata que a modalidade é por ela tida como um “vício”, sem o qual não sabe mais viver, o que nos ajuda a compreender sua permanência na LO. A atleta fala de uma motivação interna e do quanto o seu estado de espírito reflete no desempenho dentro do tapete e vice-versa, numa espécie de simbiose. Assim, ao descrever o significado da LO, a lutadora relatou: “*A luta é a minha vida. [...] É tudo*”.

O “sabor” da adrenalina foi o que instigou Laís pela LO que, na prática, descobriu o prazer em lutar, e não apenas com suas adversárias, mas também, consigo mesma, contra os seus medos, receios e limites. A jovem lutadora é motivada pelo sonho olímpico, mas movida pelo desafio, pela sensação de testar e vencer a si mesma dentro do tapete e na vida. Quando questionada sobre o que a LO significa, com brilho no olhar respondeu: “*É amor mesmo, é amor*”. A lutadora ainda complementou que não consegue mais viver sem lutar, é algo que já faz parte de si, que “*[...] tá no coração e no sangue já*”.

Na mesma perspectiva, Ana também afirma que é incitada pelo prazer de estar lutando. Foi relatado que em sua primeira luta ainda no jiu jitsu, ao sentir a emoção do ginásio lotado e, sendo faixa branca, enfrentar uma adversária faixa azul, pediu a Deus para que pudesse “*sentir isso pra sempre*”. No MMA, a atleta falou sobre as inúmeras possibilidades

de jogo que a modalidade oferece. O inesperado mostra-se desafiador para a lutadora que disse fazer o que ama e que é motivada pelo amor. Ainda afirma que não consegue separar a luta de si própria. Desse modo, quando perguntado sobre o que as lutas⁴⁸ significam para a atleta, Ana de forma pontual afirmou: “*É minha alma, meu sangue*”.

“Vida”, “família”, “amor”, “tudo”, são palavras muito fortes para designar o significado de algo em nossas vidas. Para nossas entrevistadas as lutas aparecem como uma espécie de “*mágica*”, como bem definiu Aline. Esse sentimento mais entranhado, de não conseguir separar o esporte de si, está também relacionado a uma dimensão mais intrínseca do ser humano sobre a “necessidade” de vivenciar/extravasar pulsões e emoções contidas.

Essa ideia está presente na relação existente entre o desporto moderno e a teoria do processo civilizador⁴⁹ do sociólogo alemão Norbert Elias. Na obra “Busca da Excitação” (ELIAS, 1992), juntamente com o também sociólogo Eric Dunning, o autor analisa o desporto, um tipo de passatempo inglês, enquanto espaço de manifestação dessas emoções e pulsões humanas contidas com o desenvolvimento do processo civilizador.

Dunning, sobre a sociedade moderna, em prefácio à obra se perguntou a respeito de que tipo de sociedade é a nossa onde um número cada vez maior de pessoas, como atores ou espectadores, sente prazer em confrontos individuais ou em equipes, e excitação em competições regradas. A respeito disso, Elias (*Op. Cit.*) diz que a emoção é uma essência do esporte. E, entre outros aspectos, trabalhou a ideia de que o desporto funciona como uma espécie de “mimética” da guerra e outros tipos de confrontos e duelos, sendo este um espaço que permite ao imaginário social vivenciar uma “luta controlada” quer contra uma montanha, o mar, animais ou outros seres humanos.

Das disputas realizadas entre seres humanos a luta estilo livre e o pugilato⁵⁰ estiveram entre as expressões máximas da violência permitida, cuja ausência de regras colocava em risco consensual a vida dos competidores e, por isso, eram responsáveis pelas

⁴⁸ Foi perguntado à Ana sobre o significado das lutas (no plural), devido à preparação de atletas de MMA se basearem nos treinos de diversas lutas e artes marciais, além da atleta nunca ter abandonado o jiu jitsu, modalidade que pratica semanalmente pelo prazer de treinar de quimono.

⁴⁹ O processo civilizador, de Norbert Elias, publicado em texto original no ano de 1939 e aperfeiçoada em trabalhos posteriores, estaria caracterizado por duas principais condições, consideradas como “evolução” do cenário de violência e guerra da Idade Média: a primeira estaria ligada a redução do limiar de aceitação da violência física, o que em tese incide também sobre a redução dos atos de violência, somado a um crescente autocontrole dos impulsos e pulsões individuais. Estas condições seriam fruto do equilíbrio necessário para uma vida em sociedade e resultante da interdependência entre os indivíduos e desenvolvimento do Estado (poder central). Para mais, consultar: ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Vol.1 Rio de Janeiro: Zahar, 1994, e ELIAS, N. **O processo civilizador**: formação do Estado e Civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

⁵⁰ Precursor do boxe. Luta entre dois oponentes onde além dos punhos desprotegidos era possível utilizar também as pernas (ELIAS, 1992).

maiores excitações de apostadores, espectadores e dos próprios competidores. O desenvolvimento desportivo, adicionado à queda da tolerância dos níveis de violência, levou à criação de um conjunto de regras que visam a manutenção da integridade física dos lutadores (ELIAS, 1992). No entanto, com toda a reestruturação das regras as lutas ainda são consideradas esportes violentos, cuja integridade física é “colocada em risco” a cada disputa. Dessa forma, percebemos que a excitação proporcionada pelo confronto direto entre os oponentes, de modo similar à outrora é um relevante fator de motivação para lutadores e não poderia ser diferente entre nossas entrevistadas. Fatores pertinentes à modernidade também participam deste processo.

Sentir-se desafiada, colocar a prova os próprios anseios e limites, testar a si mesmo, supor/descobrir o jogo do adversário, elaborar estratégias, como relatado pelas atletas, somam-se a seus sonhos. Outro aspecto que não podemos deixar de considerar é a possibilidade que as lutadoras deste estudo têm de serem preparadas por treinadores e academias/centros de treinamento de referência em suas modalidades. Esses fatores constituem-se em elementos instigantes para que essas mulheres escolhessem as lutas como profissão.

Diante do exposto, é possível apreender que as atletas entrevistadas vislumbravam diferentes níveis de objetividade sobre a profissão de lutadora. Em comum, observamos que nenhuma delas iniciou no esporte através das lutas em que atuam, mas já se identificavam com outras modalidades esportivas e de lutas, historicamente consideradas masculinas – futebol, futsal, jiu-jitsu e judô, práticas que figuram contra o ideal de feminilidade por demandarem a demonstração de força, virilidade e atitudes mais ativas.

Ser atleta sempre foi o projeto de Joice, que se descobriu lutadora por meio do jiu-jitsu, mas, realiza seus sonhos através da LO. Aline possuía ambições a serem realizadas através do judô, mas, encontrou a si mesma também na LO. Na mesma perspectiva, Laís descobriu-se lutadora através do judô e Ana do jiu-jitsu. Enquanto Laís encontrou na LO a oportunidade de sair do interior de Goiás e mudar para melhor suas condições de vida, Ana deixou a perspectiva de uma vida mais estável para viver a satisfação de ser lutadora. O desejo de ser esportista se manifestava em Adriana que, contudo, não sabia através de qual esporte seria e encontrou no Boxe a oportunidade dessa realização. E Érica foi surpreendida pelo Boxe, na medida em que não imaginava seguir carreira como atleta.

Outro aspecto comum é que o engajamento e pioneirismo dessas mulheres chamaram a atenção de treinadores. Estes, por sua vez, funcionaram como tutores dentro do

cenário das lutas, guiando os passos iniciais na carreira das atletas. Foram estes sujeitos (homens) que perceberam o potencial das lutadoras e incentivaram o primeiro contato com as modalidades e/ou a realização da primeira luta. Em contrapartida, as atletas responderam com competências técnicas. Dessa forma, a consolidação esportiva se deu, confirmando o vislumbre desses tutores, através do sucesso esportivo imediato, em especial, as vitórias alcançadas nas primeiras lutas/campeonatos. Tais feitos têm garantido uma posição empoderada⁵¹ dentro deste cenário, ainda tão marcado pela hegemonia masculina.

A família aparece quase sempre como mais um espaço a ser conquistado. Com exceção de Laís e de modo diferenciado para Joice, o círculo familiar, geralmente, é marcado pela desconfiança e receio no início da trajetória, passando à aceitação, apoio e participação na carreira das atletas. Os projetos familiares, geralmente, prezam pelo estudo como caminho para a construção de uma vida profissional estável e pelas práticas corporais mais passivas que garantam a constituição de uma feminilidade normatizada. O reconhecimento esportivo é o caminho que as lutadoras encontram para conquistar a confiança de suas famílias.

Para além das dificuldades de aceitação da família, o preconceito no ambiente de treino se fez presente entre as boxeadoras no início da carreira, não sendo este fato mencionado pelas demais atletas. Dificuldades de ordem financeira são uma constante também no início da carreira, e minimizadas através do recebimento do Bolsa Atleta e/ou fixação de contratos com clubes e empresas/academia, estes condicionados ao sucesso esportivo das lutadoras que, com trabalho, hoje são nomes de referência em cada uma das modalidades aqui investigada.

Os anos de privações pela dedicação ao Boxe, à LO e ao MMA participam da constituição de suas identidades. As atletas se reconhecem como lutadoras profissionais, caracterizadas pela disciplina e responsabilidade. O significado das lutas em suas vidas, as conquistas e sonhos – esportivos e pessoais – somados a questões internas, como a satisfação de confrontar e competir, são o que movem essas mulheres a continuarem “lutando”.

Deste modo, pela trajetória esportiva de nossas entrevistadas podemos evidenciar mulheres caracterizadas por uma feminilidade ativa, contrária à histórica concepção da passividade ligada a uma “natureza feminina”. São carreiras construídas por meio da

⁵¹ O conceito de empoderamento, do termo inglês *empowerment*, surge nos movimentos de reivindicação de direitos civis dos negros nos Estados Unidos na década de setenta e é apropriado pelo movimento feminista na mesma década, sendo amplamente utilizado nas reivindicações deste movimento social. Empoderamento pode ser definido como “o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades, tomam controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomam consciência de suas habilidades e competências para produzir, criar e gerir” (COSTA, 1998, p. 7). Para mais, consultar: COSTA, A. A. A. As Donas do Poder: mulher e política na Bahia. Salvador: NEIM/UFBA e Assembléia Legislativa da Bahia, 1998.

experiência, no sentido foucaultiano de vivência prática, que não se intimidam perante as dificuldades e estão sempre em busca de novas metas a serem alcançadas. E, assim, deixam suas marcas no cenário das lutas. A seguir buscaremos evidenciar o quanto essa identidade da lutadora, que se dedica e treina intensamente, pode ou não entrar em conflito com suas representações de feminilidade.

4.3) Mulheres que lutam e o paradoxo das feminilidades plurais

Falar de feminilidade, e também de masculinidade, no singular, nos remete a construções sociais constituídas em meio a relações de poder que são produzidas e legitimadas através de discursos e práticas regulados, em sua maioria, pela anatomia dos corpos dos sujeitos. Nesta construção, uma imagem ideal é tida como modelo a ser, se não alcançada, constantemente buscada, dentro do que é mais adequado para um e outro sexo. Ou seja, normas são interpretadas na superfície do corpo, dentro de um dado contexto social e cultural (BUTLER, 2010).

As tecnologias corporais⁵² permitem que as pessoas lidem com a norma, com as regras de comportamento e/ou com a forma como querem se inserir na sociedade. Estas tecnologias podem ser generificadas, quando utilizadas para conformar o corpo às formas socialmente aceitas como femininas e masculinas, mas também, podem ser tomadas como “práticas de si” (FOUCAULT, 2012c), constituídas através de experiências socioculturais voluntárias que, de alguma forma, resistem ao que está posto como norma, de modo a produzirem transformações sobre si mesmo.

Nesse sentido, a inserção das mulheres no campo profissional das lutas, território representado como privilegiado para a construção de uma masculinidade normatizada, tende a produzir novas identidades de gênero, na medida em que tornam visíveis corpos e gestualidades reestruturados e ressignificados a partir daquilo que hegemonicamente se identifica como feminino. Por isso, interessa-nos neste capítulo revelar como se dão as representações de feminilidade de nossas entrevistadas em meio a sua inserção no ambiente e na prática das lutas.

⁵² O antropólogo francês Marcel Mauss define “técnicas corporais” como todas as formas de uso do corpo criadas e transmitidas ao longo do tempo pelos seres humanos em sociedade. As possibilidades de instrumentalização do corpo são infinitas e mediadas pela interdependência entre o que o autor chamade domínio físico, psicossocial e social. Ou seja, o corpo é ao mesmo tempo agente e objeto de produção de sentidos e nunca pode ser encontrado num “estado natural”, uma vez que é inscrito e moldado na cultura. Para mais, consultar: MAUSS, M. As técnicas corporais. In **Sociologia e antropologia**. São Paulo, EPU/EDUSP, vol. 2, 1974, p. 209-34.

Para tanto, já expostos o perfil das lutadoras no item 3.1 e as principais características de cada modalidade de luta aqui investigada no item 3.2 deste estudo, conheceremos, neste momento, um pouco sobre a rotina de treinos cotidianas dessas mulheres, a fim de apreciarmos mais a respeito das exigências técnicas e corporais que participam da constituição das lutadoras.

4.3.1) A rotina de treinos das lutadoras

O cenário das lutas foi pensado, arquitetado e constituído sem a participação das mulheres. Por isso, para conquistar um lugar neste espaço cabe a elas se identificarem e adequarem-se ao que está posto de forma simbólica, histórica e cultural pelos homens. Nesse sentido, se a base para a constituição de lutadores é a resistência – à carga de treinos, à pressão dos confrontos e à dor – esta também o é para aquelas que escolheram as lutas como profissão. Nesse sentido, um primeiro aspecto destacado no relato das atletas, e também percebido durante as observações no campo, é a pesada rotina de treinamentos, podendo chegar a seis horas diárias, com sessões ocorrendo de segunda a sábado: no período da manhã e da tarde, como destacado pelas lutadoras do Boxe e da LO, podendo chegar aos três turnos (manhã, tarde e noite) para a lutadora de MMA.

Neste período, estão incluídos o trabalho neuromuscular e aeróbio, desenvolvidos através da musculação, natação, corrida, jogos diversos, circuitos, e a parte técnica em que são trabalhados, separadamente, golpes e estratégias de luta, repetidos exaustivamente. Além disso, um importante momento é o treino do *sparring* que ocorre até duas vezes por semana ou quando uma, geralmente, no sábado, e tem por objetivo colocar em prática tudo o que foi trabalhado ao longo da semana ou desenvolver um trabalho mais direcionado sobre as competições de cada atleta. E ainda, as lutadoras de Boxe e LO, quando convocadas pelas respectivas seleções, faz-se necessária a concentração em CT por determinado período de tempo, definido por técnicos e dirigentes.

Em meio a essa rotina intensa, juntam-se os campeonatos nacionais e internacionais, e outras competições, o controle do peso e da alimentação, além dos cuidados físicos e mentais com médicos, nutricionistas, fisioterapeutas e psicólogos. Esta condição foi narrada pelas atletas com o brilho no olhar de quem se sente privilegiada por pertencer a esse território e saber que para estar entre as melhores do país, e do mundo, não poderia ser diferente.

Outro aspecto comentado pelas lutadoras e de forma geral também apreendido durante a observação no campo é a inexistência de diferenças no treinamento entre os integrantes das equipes feminina e masculina. Todas as atletas participantes do estudo treinam em ambientes mistos, sendo que o número de mulheres é quase sempre muito menor que o dos homens. Entre os treinadores das atletas investigadas, não foi observada nenhuma mulher, refletindo os resultados encontrados por Ferreira *et al* (2013).

Devido à carência de mulheres, nossas entrevistadas do Boxe e do MMA treinam os *sparrings* em suas respectivas academias, Champion e Team Nogueira, com atletas homens dentro da mesma categoria de peso. Tal situação reflete, até certo ponto, o baixo número de lutadoras profissionais de Boxe, por exemplo. A respeito disso, Érica postou em sua página pessoal da rede social facebook⁵³ no dia 29/08/2013 que não competiria no campeonato paulista de Boxe por não haver outra boxeadora da mesma categoria. Uma triste realidade que a pugilista acredita que pode ser revertida a partir do intercâmbio entre a CBBOXE e as Federações Estaduais, de modo a subsidiar e apoiar outras lutadoras de cidades e estados que não tem condições de, autonomamente, participarem dos campeonatos.

Retornando a rotina de treinos, alguns equipamentos⁵⁴ são obrigatórios tanto para as lutadoras quanto para os lutadores durante os treinamentos. Contudo, foi observado que durante o *sparring* de Érica, seu oponente não utilizou o protetor pélvico, obrigatório para todo lutador (DC, 14/03/2013). No *sparring* de Ana, que o protetor de cabeça de seu colega de treino caiu ainda no primeiro *round*, por consequência de um golpe, não sendo repostado durante toda a luta⁵⁵. Mesmo com as proteções, o rosto de Ana foi atingido na altura do osso zigomático deixando-o inchado. Com isso, foi possível observar a preocupação de seu colega de treino, que pediu desculpas pelo ocorrido após o término do confronto. A lutadora, porém, disse para não se preocupar. Sorrindo, dizia que estava bem e sabe que é uma situação possível para quem sobe no octógono (DC, 23/03/2013).

Em ambos os *sparrings*, é possível que a não utilização de algum equipamento de segurança nos treinos ocorra devido à intenção dos lutadores demonstrarem certo nível de

⁵³ Todas as atletas que participaram do estudo mantêm perfil público na rede social facebook.

⁵⁴ No Boxe, os principais equipamentos são: apenas a bandagem para o treino com “pesinhos”; acrescentam-se as luvas sobre a bandagem para treinar no saco de pancadas; e para os *sparrings* são necessários o protetor de cabeça, bucal e pélvico, além das luvas sobre a bandagem (DC, 13-14/03/2013). No MMA, os treinos isolados de cada modalidade de luta obedecem aos equipamentos específicos de cada uma delas, e não serão aqui detalhados; e no *sparring* são necessários o protetor de cabeça, bucal e de pernas, além de luvas de boxe sobre a bandagem (DC, 23/04/2013). Para os atletas da LO o único item obrigatório nos treinos é o uso de um calçado que cubra o tornozelo. Vale lembrar que é permitido, mas não é obrigatório, o uso de joelheiras. Em todos os casos as vestimentas são leves, sendo, na LO, preferencialmente ajustada ao corpo (DC, 21/04/2013).

⁵⁵ A perda do protetor de cabeça ocorreu em outro confronto entre dois lutadores homens, sendo este repostado imediatamente após o ocorrido (DC, 24/04/2013).

superioridade, seja de resistência à dor ou da capacidade de lutar. E, dessa forma, continuam a manter determinado grau de hierarquia dentro do ambiente das lutas. Vejam nas imagens a seguir:



Figura 14: Érica (à esquerda) durante o *sparring* com um atleta da mesma categoria de peso.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 15: Ana (ao fundo) durante o *sparring* com um atleta da mesma categoria de peso.
Fonte: Arquivo pessoal.

No que diz respeito à desproporção de lutadoras e lutadores, na Academia Champion, durante os quatro dias de observação, nos três primeiros treinavam cerca de vinte homens e apenas duas mulheres, as mesmas boxeadoras que participam deste estudo, além dos treinadores. Entre os homens, misturavam-se atletas exclusivos do Boxe e outros que se dedicam também ao MMA. No último dia de observação, não havia nenhuma lutadora. Somente os homens treinaram no ringue e, principalmente, no octógono. As boxeadoras não tinham naquele momento alguma competição próxima em vista (DC, 16/03/2013).

Na Team Nogueira, durante o dia observado, lembrando que se tratava de um sábado de *sparrings*, subiram no octógono, em duplas, nove lutadores e Ana representando as mulheres. Havia outros homens que não treinaram, mas apenas assistiram aos confrontos (DC, 23/03/2013). A lutadora de MMA mencionou durante a entrevista que na primeira academia que treinou jiu jitsu eram cerca de cinquenta homens, sendo ela a única mulher. E na Team Nogueira, a situação é semelhante. Apenas recentemente mais uma mulher, a lutadora Duda Yankovich, passou a compor a equipe.

Já na LO, durante os dois dias de observação de treinos, as atletas que participam do estudo estavam reunidas com a seleção brasileira e argentina, feminina e masculina, e seus treinadores no CEFAN. Nestas condições, havia um equilíbrio entre o número de lutadoras e

lutadores, que somavam em média trinta atletas, somente no estilo livre⁵⁶. Entre as mulheres, de forma geral, o treinamento técnico se desenvolvia através de rodízio, em que se misturavam as categorias de peso. Mas também, foi possível visualizar algumas duplas femininas brasileiras formadas por lutadoras da mesma categoria, que treinavam e também disputavam vaga para a competição que se aproximava. Entretanto, não é possível afirmar que em seus respectivos clubes a proporção de lutadoras e lutadores seja a mesma (DC, 22/03/2013).

Ainda no CEFAN, entre as lutadoras da mesma categoria de peso que disputavam vaga, os treinos de confronto são tão emocionantes quanto a luta em uma competição. Neste momento, parece não haver espaço para nada além da concentração e do objetivo de vencer. Nem mesmo o cansaço, que poderia se fazer presente por estarem realizando o último treino do dia, no quinto dia da semana, tem vez (DC, 22/03/2013).

Nos treinos, em especial os de confronto, toda uma postura é incorporada pelas lutadoras: as pernas semiflexionadas, o tronco inclinado para frente (em maior ou menor grau, dependendo da modalidade) os braços flexionados na altura dos ombros ou do rosto e o olhar fixo no oponente, demonstram a preparação das atletas para o combate. Durante a luta, atitudes mais ativas, assim como gestualidades mais agressivas também são assumidas pelas lutadoras. E ainda, um estado de alerta transparece em seus corpos através da musculatura mais tensa e da fisionomia que demonstra a concentração das atletas, ao mesmo tempo em que parecem estar buscando dentro do repertório de técnicas, a melhor para cada instante do confronto (DC, 22/03/2013).

Sessada a luta, o corpo que normalmente se apresenta inclinado/flexionado nos confrontos, assume uma postura mais ereta. Nitidamente, também se desfaz o estado de tensão, e é possível notar tanto a musculatura quanto a fisionomia mais relaxadas. O aspecto cansado, geralmente, vem acompanhado de sorrisos pelo trabalho bem feito. Além disso, foram observados alguns treinos das mulheres com colegas da equipe masculina de maneira intencional (DC, 22/03/2013). Algumas destas situações encontram-se também representadas pelas imagens a seguir:

⁵⁶ Os atletas do estilo greco-romano treinavam em horários distintos.



Figura 16: Treino de Laís (à esquerda) e Joice (à direita), de categorias diferentes. É possível observar outras duplas femininas ao fundo.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 17: Treino de Laís (à esquerda) com outra atleta da seleção brasileira da mesma categoria de peso.
Fonte: arquivo pessoal.



Figura 18: Treino intencional de Aline (à direita) e um atleta da equipe masculina.
Fonte: Arquivo pessoal.

Uma intensa carga de treinos foi constatada por Souza Júnior (2013) ao observar o cotidiano de jogadoras de futebol de três clubes brasileiros. A rotina é composta de uma ou duas sessões ao longo do dia, de 5 a 6 vezes por semana, que se misturam aos compromissos com os jogos e campeonatos. No entanto, notamos no decorrer de sua tese que, embora as atletas estejam inseridas em um ambiente de maioria masculina, o futebol, sendo a diretoria e a comissão técnica, ambas constituídas hegemonicamente por homens⁵⁷, não há treinos mistos entre equipes femininas e masculinas.

As lutadoras do presente estudo não veem a necessidade ou possibilidade de treinar com os homens como um problema, mas sim, relatam sobre a importância da troca de experiência entre todos. No cenário das lutas, embora não tenha sido mencionada, uma perspectiva que pode se fazer presente entre mulheres que treinam com homens, é a de que, dessa forma, estarão “sobrando” em seus confrontos oficiais contra outras mulheres. Na pesquisa de Ferretti (2011), uma lutadora de jiu jitsu, JJ1⁵⁸, abertamente comparou: “eu não gosto de treinar com mulher, eu treino com a JJ2 porque ela é faixa preta e é um treino bom

⁵⁷ Souza Júnior (2013) encontrou uma mulher presente na comissão técnica, na condição de treinadora, entre as três equipes investigadas.

⁵⁸ Neste estudo os nomes foram substituídos para garantir o anonimato das lutadoras.

pra mim, mas eu... meu treino é com homem mesmo, pra chegar em competição e lutar com mulher fica mais fácil, entendeu? Porque é bem mais difícil treinar com homem” (p. 62).

Existe ainda a expectativa das mulheres serem vistas e poderem treinar em igualdade com os homens. A respeito disso, Aline relata que no tapete não quer ser vista como a “mulherzinha”, a qual compreendemos como aquela que solicitaria um tratamento diferenciado por sua condição de mulher. De outro modo, a lutadora declara que quer ser tratada “*com respeito e de igual pra igual*”.

De modo semelhante, mulheres inseridas em outras modalidades esportivas de hegemonia masculina, mostram-se seguras de suas condições como atleta, não aceitando serem tratadas com diferença ou receberem um treinamento mais leve que o dos homens, seja em treinos isolados ou em conjunto com eles. As amazonas relatam que assumem os riscos da prática do hipismo sem medo, pois, se trata de algo inerente à modalidade escolhida (ADELMAN, 2003). E as *skatistas* argumentam que o *skate* não é apenas para homens, evidenciando em seus relatos coragem, ousadia, resistência e os bons resultados nas rampas e pistas (FIGUEIRA, 2008).

Dessa forma, verificamos que a carga intensa é a principal característica comum à rotina de treinamentos de nossas entrevistadas. As lutadoras assumem a perspectiva de serem tratadas com igualdade por todos e, para isso, trabalham em conjunto com os lutadores mesmo quando existe a possibilidade de treinarem somente com as mulheres.

A proporção entre lutadoras e lutadores é semelhante no Boxe e no MMA, mas observa-se um número muito pequeno de mulheres atletas profissionais, enquanto na LO essa proporção aparece mais equilibrada, dadas as circunstâncias (data, local e expectativa competição) em que ocorreu a observação dos treinos de cada uma das modalidades. Todo esse conjunto de fatores, experiências e expectativas integra o cotidiano das lutadoras e fazem parte de suas constituições identitárias e representações.

4.3.2) Dentro e fora do ringue, do tapete e do octógono...

Para constituir-se como lutadora, vimos o quão pesada é a rotina de treinos de nossas entrevistadas. A respeito disso, Adriana destacou um aspecto interessante ao afirmar que o trabalho físico e técnico diário pertinente ao Boxe, quando este é adotado como profissão, desenvolve o corpo de maneira diferenciada de quem o pratica apenas com finalidade estética, pois, neste caso, a carga de treino é menor e menos frequente. Ou seja, a

carga e a intensidade dos treinos das profissionais do Boxe, e provavelmente de qualquer modalidade de luta, inevitavelmente transparecem no corpo.

Sua perspectiva está de acordo com as representações de universitárias praticantes de lutas, como o boxe e a capoeira. Para este público as lutas são aceitas como prática para as mulheres somente até certo ponto e se ajustadas às suas representações de feminilidade. Essas mulheres apenas praticam alguns golpes das modalidades em “aulas” sem, contudo, entrarem em confrontos e competições. Seus objetivos são a saúde e, principalmente, a estética, reafirmando a concepção de fragilidade e delicadeza dos contornos femininos, de modo a não deixar que a prática das lutas seja evidenciada em seus corpos (FERRETTI; KNIJNIK, 2007).

Noutra expectativa, todas as mulheres que constituem este estudo se dedicam profissionalmente às lutas, as quais trazem influências em distintas proporções sobre seus corpos sobre suas feminilidades. As narrativas da boxeadora Adriana sobre feminilidade é a única em que o corpo não é citado. Com veemência, a lutadora afirmou que o Boxe não influencia sobre esta, uma vez que em sua opinião *“a feminilidade ela sempre está com a mulher. Independente do que ela faça, ela nunca vai deixar de ter a sua feminilidade, [...] pode ser o boxe, como natação ou o judô, tanto de lutas como quando não é”*. E ainda, reafirmou com ênfase, complementando a sua fala, que ser feminina: *“é você ter sua vaidade. É você se sentir e se achar mulher, independente de qualquer coisa e só”*.

Percebemos no relato de Adriana que a prática esportiva não é incorporada em seus comportamentos, gestos e modos de ser. A atleta não está preocupada com padrões ou normas de feminilidade, tampouco com a opinião alheia. Em sua opinião o fato de ser mulher já indica uma feminilidade, qualquer que seja, à medida que a atleta não a entende como uma estrutura padrão e sexuada, mas como uma particularidade individual e única de cada mulher. Em outras palavras, tão plurais quanto são as mulheres também são as formas de expressão da feminilidade.

Esta perspectiva corrobora a teorização feminista pós-estruturalista que afirma que feminilidades e masculinidades se definem reciprocamente, não havendo *a priori* nenhuma essência que determina uma e outra identidade. De forma contrária, não há uma fixidez na constituição dessas identidades, pois, são produzidas na cultura. Ou seja, os sujeitos são plurais porque são de diferentes etnias, classes sociais, religiões, idades etc. (GOELLNER, 2010). Nesse sentido, é ingênuo que nos dias de hoje ainda seja falado “da feminilidade, do feminino ou da mulher como se houvesse alguma essência ou uma forma singular de viver essa condição” (LOURO, 2008b, s/p). As múltiplas experiências, influências externas e

internas constroem uma diversidade de possibilidades, cujo enfrentamento ou os modos de subordinação a essas circunstâncias também são múltiplos.

Noutra expectativa, porém, notamos que quase sempre o corpo aparece nas narrativas das lutadoras sobre as representações de feminilidades. Tal perspectiva se justifica na medida em que, para além da materialidade biológica, é no corpo que as nossas representações se tornam visíveis. Nas palavras de Goellner (2008):

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (p. 28).

No terreno das subjetividades, percebemos que algumas atletas declaram abrir mão de certos comportamentos, gestualidades, atitudes e até sentimentos tipicamente femininos, e subjetivar outros considerados da cultura masculina, por entenderem que o pertencimento ao espaço onde estão inseridas depende de sua adequação. Laís reflete bem esta perspectiva, na medida em que afirma que ser feminina: *“é me adaptar a todas as situações sendo eu mesma”*. Essa adaptação, diz sobre a multiplicidade de atitudes, gestos e comportamentos possíveis de se assumir dentro e fora do tapete.

Em sua representação de feminilidade existe espaço para a sensibilidade e o choro, assim como para a determinação. Para a atleta é preciso estar claro os momentos em que as diferentes subjetividades podem se manifestar. Lembramos, como exemplo, as situações difíceis que a lutadora passou sozinha, longe da família, no início de sua carreira. Este fato a desestabilizou emocionalmente, chegando a colocar em dúvida o seu sonho de ser uma campeã. Porém, a superação destas mesmas experiências contribuiu para o desenvolvimento da sua garra e determinação, características que a acompanha dentro e fora do tapete, e marcam sua feminilidade sem abrir mão de seu lado mais compassivo.

Essa postura mais ativa é o que, segundo Laís, deve ser levada para o tapete. A lutadora revela que não é possível *“competir com as melhores do mundo como uma lady, uma mocinha”*. De outra forma, é preciso *“ter garra de mulher forte”*. Por isso, afirma que quando está lutando, e até treinando, é preciso agir com *“outras coisas”*, com *“outras grosserias”*, não havendo lugar para a delicadeza nas lutas. Ou seja, o que pertence

culturalmente ao feminino, em sua concepção, deve ficar fora do tapete para entrar em cena a mulher forte e guerreira. A respeito disso, em outro momento da entrevista, a lutadora comenta sobre esse *ethos*⁵⁹ guerreiro como uma característica particular e nata sua, mas também, como um valor agregado do masculino. Em suas palavras: “*Nasci mulher, mas nasci guerreira*” (Grifo nosso).

Essa ideia de oposição entre “mulher” e “guerreira” é fruto do binômio masculino/feminino socialmente construído que, historicamente, atribui esse *ethos* guerreiro a uma “natureza dos homens” e, segundo Elias (1992) está fortemente afirmado entre os lutadores, muito mais do que em qualquer outro esporte. É observado que Laís concebe esta característica como algo pouco comum ao “universo feminino”, constituindo-se em um diferencial seu no cenário da LO.

Ana comentou a respeito da influência das lutas sobre sua feminilidade, não apenas quando está treinando, mas em seu cotidiano como um todo e, assim, descreveu:

“Ah interfere. Eu sou tosca. Eu não sou nem um pouco sutil. Eu sou feminina, mas eu não sou delicada. Eu nunca fui delicada, entendeu, já é um traço da minha personalidade. Eu não sou uma mulher leve, eu sou uma mulher densa. E eu sou densa e o meio corrompe. [...] Poh, eu sou uma mulher que vive só no meio de homens. O jeito que eu sento, eu não posso sentar assim com a perna cruzada. Até porque, tipo, eu não posso ter esse tipo de comportamento porque eu tenho meio que me igualar com os meninos até pra eles não perceberem essa distância. [...] Então, pra eu poder ter um treino ali, pra eu ter uma postura dentro do tatame eu não posso ficar de nhem nhem nhem, senão não vai dar certo. [...] Interfere nos meus gestos, no meu jeito, na minha forma de falar. Eu sou mais tosca, eu falo mais igual homem assim... eu não tenho nem paciência pra ninguém ficar me arrodando com nada. A minha linha de raciocínio não é igual a de mulher [...]” (Grifos nossos).

É possível apreender no relato de Ana características culturalmente identificadas como masculinas, por exemplo, a ausência de delicadeza, que são próprias de sua personalidade. Mas também, a lutadora vive uma condição diferenciada das demais atletas que participam do estudo, na medida em que por muito tempo morou dentro da Academia que representa com outros lutadores. Ana esteve, por anos, inserida no ambiente das lutas durante todo o dia e todos os dias, sendo o seu quarto o único espaço de toda a academia personalizado a seu modo (DC, 23/03/2013).

⁵⁹ No dicionário da língua portuguesa, *ethos* é um termo antropológico que significa: característica comum a um grupo de indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Ethos>. Acesso em: 10/jan./ 2014.

O “*eu não posso*” agir de determinadas formas é marcante em sua narrativa e denota que a lutadora não quer ser percebida como uma mulher em suas gestualidades, o que não significa que a atleta deixe de marcar a presença do feminino. Ana opta por marcar sua feminilidade através do investimento sobre sua aparência, como veremos mais adiante.

Por sua capacidade de evidenciar em conjunto esses aspectos, a lutadora acredita ser vista como um diferencial dentro do MMA, principalmente, na perspectiva dos outros. Afirmo que seu apelido “índia” foi uma atribuição de fora, que se explica devido à mistura da “*força da guerreira e ao mesmo tempo a sutileza e a naturalidade de uma mulher*”. Entretanto, em sentido diverso, a guerreira de Ana aparece como um “*ethos incorporado*”, pois, a lutadora descreve a forte influência do meio masculino na constituição de sua feminilidade, ao mesmo tempo em que deixa clara sua intencionalidade sobre “outras” subjetividades que assume como forma de manter-se no meio sem questionamentos.

Este ponto de vista de assumir gestos culturalmente masculinos pode ser apreendido pela percepção que as mulheres têm que, para serem aceitas no espaço das lutas, elas precisam ser ou, ao menos, parecer que são “duronas”.

Para Joice, durona não é a palavra que melhor define a feminilidade de uma lutadora. Com autenticidade a atleta comentou sobre uma concepção social padronizada que confere, muitas vezes, apenas para “*aquela mulher cheio de frescura*” o *status* de feminina. Entretanto, com uma representação distinta, de forma direta afirmou que: “*a outra brava também pode ser feminina*”, incluindo-se neste arquétipo de mulher. Ana compartilha da mesma perspectiva e afirma que “*mulher não tem que ser fresca não*”, ao referir-se a si mesma.

As atletas vislumbram a existência de uma construção social em que a delicadeza e a fragilidade fazem parte presentes de uma “natureza feminina”. De modo diverso, porém, as lutadoras se afirmam distantes deste padrão hegemônico e se assumem enquanto mulheres que constroem feminilidades marcadas por atitudes mais ativas e intensas, tanto dentro quanto fora do tapete e do octógono sem deixar de lado o cuidado com a aparência. Essa posição também diz sobre os modos plurais de ser e viver feminilidades. (LOURO, 2008b; GOELLNER, 2010)

Noutra expectativa, Aline afirma que leva toda a sua feminilidade para o tapete, pois, em sua concepção, ser feminina:

“É a gente aceitar que, apesar de toda a nossa garra pra lutar, a gente tem nossas fraquezas, é saber tirar proveito delas. Eu acho que mesmo lutando

eu não preciso ser forte o tempo todo, eu posso ser maliciosa, eu posso ser jeitosa e usar da minha feminilidade pra ganhar. Eu acho que tem tudo ao contrário do que tem o bruto, né, o bruto do homem. A mulher ela, ela é mais maleável, é uma coisa mais delicada, dá para ser delicada sim lutando”.

De acordo com a narrativa da lutadora é possível, sim, levar aquilo que é cultural do feminino para os treinos e confrontos. Além disso, apreendemos uma representação de feminilidade pautada no binarismo feminino/masculino, socialmente construído. No decorrer da entrevista, a atleta ainda abordou sobre o modo como um e outro lutam, afirmando que “*o homem é mais explosivo, um pouco mais forte, a mulher é um pouco mais lenta. Vamos usar um pouquinho mais de manha*”. Para Aline, homens e mulheres lutam diferentes porque tem capacidades físicas também diferentes.

Essa representação normatizada de feminilidade demonstra que o temor da “masculinização” ainda se apresenta como um marcador social capaz de minimizar o número de mulheres nas lutas. Por isso, entendemos as palavras da atleta como um modo de dizer que as mulheres não precisam se “masculinizar” para construírem uma carreira como lutadoras. Concordamos com Aline! Entretanto, apreendemos que a garra, a determinação, as atitudes mais ativas e a força são tidas para lutadora como características da masculinidade e não como uma abertura para a construção de formas plurais de feminilidade. Esses aspectos se mostram conflituosos, uma vez que, em meio ao uso de toda a sua manha, malícia, jeito e delicadeza, a lutadora também afirma não querer ser tratada como “mulherzinha”, principalmente, em treinos mistos.

Esse conflito de identidades é comum e característico da contemporaneidade, sendo fruto de sociedades complexas como a nossa: ávida por mudanças, pelas rupturas, mas que ao mesmo tempo, critica ao que foge à norma. Podemos compreender esse conflito através do que Hall (2003) chamou de “crise de identidade”, em que o sujeito encontra-se “descentrado” de seu próprio eu e de seus espaços social e cultural, que outrora se estruturavam de forma mais coerente e unificada.

Aline é um exemplo desse paradoxo, na medida em que rompe com a norma ao levar adiante uma carreira como lutadora, apesar dos argumentos negativos da família no início de sua trajetória, ao mesmo tempo em que busca manter-se dentro da normatividade ao evidenciar suas gestualidades femininas tanto dentro quanto fora do cenário das lutas, através da reafirmação de características que culturalmente pertence às mulheres. Este fato não deve ser encarado com algo ruim. O que podemos apreender disso é que a lutadora constrói formas mais plurais de feminilidade, porém, sem ter plena consciência disso.

De forma semelhante, para descrever o que é ser feminina, Érica enfatizou subjetividades culturalmente normativas para as mulheres. Segundo a lutadora, ser feminina:

“É permanecer sempre com a sua feminilidade. Assim, demonstrar que você é feminina, que você é sutil, que você é fina. Ah, acho que isso é essencial pra uma mulher. Não só pro boxe, mas pra qualquer outro tipo de modalidade que tem por aí. Acho que tem que ter um diferencial, tem que ser diferente.”

Na concepção de Érica o esporte, seja ele qual for, pode comprometer a expressão da feminilidade hegemônica, sendo responsabilidade da própria atleta cuidar para que isso não aconteça. Como veremos em breve, a lutadora busca distinguir a “boxeadora” da “mulher”. Ser diferente, neste caso, denota manter-se numa representação de feminilidade inscrita na norma, afastando-se do padrão atlético viril das formas físicas e gestualidades. Por isso, para além das subjetividades, o investimento sobre a aparência se mostra fundamental para a pugilista.

A partir deste momento veremos que para esta boxeadora, assim como para outras lutadoras deste estudo, as lutas interferem, em níveis distintos, em aspectos relativos aos cuidados pessoais e com a aparência que consideram importantes em suas feminilidades. Dessa forma, Érica acredita ser indispensável distinguir sua feminilidade dentro e fora dos ringues, diferenciando seus momentos de lutadora de seu estado de mulher. A pugilista afirma que o Boxe influencia em alguns aspectos, mas trabalha para que isso não aconteça. Em suas palavras:

“Geralmente, você vê uma boxeadora, assim, forte, veste roupa de homem e eu procuro ser sempre o contrário. Uma vez eu fiz uma matéria que aí o repórter falou assim: Nossa! Eu aqui neste instante e você estava tão linda e agora você tá assim. Eu tinha acabado de descer do ringue, eu falei: É que aqui em cima eu sou a fera e aqui embaixo eu sou a bela. [...] Aí eu costume dizer isso que em cima do ringue eu sou a fera e embaixo eu sou a bela porque eu procuro sempre tá com o cabelo solto, maquiagem, unha feita pra poder diferenciar. [...] Sempre ando com vestidinho, com sainha, bem arrumadinha.”

Através da analogia ao desenho infantil “A Bela e a Fera⁶⁰” a boxeadora declara que encarna a personagem da lutadora quando está nos ringues, despindo-se de qualquer

⁶⁰ “A Bela e Fera” é um desenho infantil, da produtora Disney, em que a Fera é um personagem que, ao ser julgado por sua aparência, leva o estigma de monstro. Ele é um ser (não humano) grande, peludo, com dentes pontudos e fisionomia agressiva, fruto de um feitiço sobre um príncipe. No entanto, a Fera se apaixona por Bela, uma camponesa de traços e gestos delicados que usa vestidos longos e leves. Bela consegue enxergar através da

preocupação com a aparência. O suor, o cabelo bagunçado, por vezes o rosto ferido, o uniforme e acessórios necessários ao confronto, além dos gestos mais agressivos, a caracterizam como uma profissional do Boxe, entendido pela lutadora como uma “Fera” nos ringues. E quando não está lutando ou treinando, Érica preserva uma aparência em que a representação de feminilidade normatizada se revela através de maquiagens, adornos e vestimentas identificadas com a personagem “Bela”.

Neste contexto, ainda observamos que a atleta confere importância ao que os outros percebem sobre sua aparência; gosta de chamar a atenção de quem a vê fora dos momentos de competição e que a reconheçam como uma mulher que se cuida e se produz. Os seus cuidados fora dos ringues refletem no olhar das pessoas, das quais costuma ouvir sobre sua aparência e relação com o seu ofício de boxeadora: *“Nossa, você está tão bonita hoje. Nem parece que você é uma boxeadora. [...] Luta tão bem e é tão bonita”*. E ainda complementa, dizendo que *“as pessoas procuram conciliar também essas coisas. Luta tão bem e é a mais bonita e é a melhor boxeadora”*. E afirma: *“Eu gosto disso”*.

As representações de Érica e do público que emite esses tipos de comentários, por ela relatados, vão ao encontro dos setores mais conservadores da sociedade brasileira que se sentem incomodados quando o ideal de feminilidade, marcado pela delicadeza na aparência e nos gestos, é tensionado por certas características comuns do universo da cultura física. Elementos como o suor excessivo, esforço físico, emoções fortes, competições, rivalidade consentida, músculos delineados, ousadia de caráter, perigos das lesões, além de leveza das roupas e seminudez, revelam-se incompatíveis a uma representação de feminilidade normatizada (GOELLNER, 2005). Érica, contudo, demonstra que concilia com sucesso a sua representação dual marcada pela “A Bela e a Fera”.

De modo semelhante, Joice também buscou demonstrar que existem diferenças em sua vaidade nos instantes em que está treinando ou lutando, dos momentos em que não está envolvida com estes. E, assim, descreveu sobre a influência da LO:

“Ah, no momento do treino, ali em cima do tapete, na luta, interfere sim porque eu não posso ter o meu cabelo do jeito que eu quero, eu tenho que prender ele todo, senão pode me atrapalhar. Então, ali naquele momento da luta a gente tem que deixar a vaidade de lado, né. A feminilidade ela aparece de outras maneiras, eu posso pintar a minha unha, eu posso fazer outras coisas, mas, ela é limitada, né. [...] Não dá pra ter unha grande, não dá pra ficar passando hidratante senão a gente sua e escorrega pra treinar.

[...] Agora fora do treino, fora da competição não vai mudar em nada, não vai atrapalhar em nada. [...] Eu volto à menininha de novo.”

Notamos que a lutadora não encara como um problema a manifestação “limitada” da feminilidade no tapete, pois, entende e aceita bem as regras daquilo que escolheu para sua vida. E, embora a atleta busque distinguir suas identidades dentro e fora da LO, tais representações apresentam-se mescladas. Joice, de forma serena, evidencia que quando a lutadora entra em cena procura se concentrar no treino ou confronto, desligando-se de preocupações com a aparência, mas, apesar disso, não deixa de marcar a presença do feminino no tapete. As unhas pintadas reveladas em sua narrativa, assim como nos relatos de Érica e Ana, aparecem como uma característica da vaidade feminina que transita dentro e fora dos treinos e lutas. Tal artefato cultural parece se caracterizar como a expressão maior da feminilidade hegemônica entre lutadoras no exercício da profissão.

Paralelamente, entendemos através da “menininha” que se manifesta em seu cotidiano fora das lutas uma referência ao uso daquilo que não é possível levar para o tapete, como o cabelo solto e hidratante corporal. Mas, compreendemos também, no terreno das subjetividades, que essa é uma “menininha brava” marcada por uma personalidade forte e atitudes mais ativas, tal qual também se fundamenta a lutadora. Nesse sentido, compartilhamos a perspectiva de Bauman (2005) sobre a constituição das identidades como um “quebra-cabeça”, sendo este formado por “peças identitárias”, as quais nunca formam uma imagem final e nítida por conter peças de vários cenários. É neste quebra-cabeça incompleto que uma vasta possibilidade de identidades podem se construir, revelando formas mais plurais de feminilidade.

Ainda na perspectiva do que transita dentro e fora, neste caso, do octógono, para narrar sua representação de feminilidade, Ana recorreu a elementos que podem ser investidos em sua aparência. A atleta diz que ser feminina é:

“Não abrir mão de mim como mulher. Eu só treino gostosa, em nenhum momento eu quero ser um homem porque eu luto. Minha vaidade não sai de mim nenhum segundo. Eu não preciso ser mulher como as outras. Eu [...] gosto de me ver cheirosa, eu gosto de me ver bonita, eu gosto do meu cabelo arrumado, eu só vou pra academia arrumadinha pra lutar. [...] Não é porque eu vou lutar que vou ficar feia agora. [...] Eu acho que eu sou muito focada em cheiro e... em ser leve com as coisas [...]. Mas, as minhas coisas são tudo de menina, você pode olhar [apontava para os objetos pessoais de seu quarto – local da entrevista]. Não tem... não muda nada. Assim, só que eu não sou fresca, é diferente, entendeu. Eu sou mais tranquila, assim tipo, é tudo mais comum, mais normal. Mas eu gosto de tudo em mim, eu sou apaixonada por sutiã, calcinha e biquíni, eu tenho as minhas manias, entendeu. Eu gosto muito de fazer a unha, eu gosto muito de ver a minha

unha sempre arrumada também. Eu tenho as minhas sutilezas de menina, porque eu não abro mão de mim como mulher. Eu gosto de ser uma mulher arrumada, cheirosa, eu gosto de estar gostosa que... Mas isso tudo é pra mim, pra eu não perder o meu ponto de referência.”

Pelo estrato acima, percebemos que a lutadora tem a preocupação de diferenciar as gestualidades do esporte que pratica de sua aparência. O investimento na exterioridade do corpo nos traz a ideia deste cuidado vir como equilíbrio ao esporte que pratica, fugindo aos estereótipos atribuídos às mulheres quando as exigências de determinadas práticas esportivas marcam os corpos de modo distinto da norma. Para não “parecer um homem”, a lutadora investe em sua aparência com vestimentas e pinturas marcadas com os símbolos e signos culturais femininos, identificado como feminilidade normatizada, segundo Ana, sem exageros e para ela mesma, para que não perca a referência. Sua preocupação é balancear a densidade de sua personalidade e dos gestos e postura, que afirma ter que assumir, com a leveza de sua aparência, através do que ela identifica como suas “*sutilezas de menina*”.

Ao analisar atletas praticantes de fisiculturismo Jaeger (2009) identifica que existe uma preocupação por parte dessas mulheres em demonstrar sua feminilidade em um esporte que não é apenas de domínio dos homens, mas se presentifica mediante uma potencialização muscular exacerbada. Para a autora, a construção corporal dessas atletas destaca uma hiperfeminilidade normalizada, produzida em meio a

músculos, maquiagem, cabelos arrumados, corpos cuidadosamente tonalizados e unhas pintadas. Assim, é possível dizer que, quanto mais os corpos femininos potencializados saem do centro e da referência, movimentando-se para as margens, mais intensos e amplos são os investimentos no sentido de remetê-los novamente ao centro (p. 143).

Sobre esse aspecto, Goellner (2009) nos fala que, quando o corpo feminino é excessivamente transformado pelo exercício físico e treinamento contínuo lhes são atribuídas características viris que podem questionar sua beleza e feminilidade. Dessa forma, Érica demonstra resistência sobre tal estereótipo investindo em sua aparência, principalmente, fora do ringue, enquanto Ana procura marcar de modo mais enfático sua aparência feminina em cima do octógono, e Joice de forma mais sutil dentro e fora do tapete.

Essa perspectiva reflete bem o paradoxo que vive as atletas do alto rendimento no cenário das lutas, pois, para serem aceitas nos espaços de prática das lutas elas precisam “igualar-se” aos homens e ao mesmo tempo em que devem preservar uma aparência que os outros julguem como feminina (FERRETTI, 2011). Para falar desse paradoxo, mais uma vez

recorremos à lutadora Aline, pois, afirma a atleta que a dedicação como lutadora interfere em sua feminilidade, dentro e fora do tapete e, assim, relatou:

“Não dá pra mentir que não. Por exemplo, eu adoro unha comprida, eu queria ter a minha unha longa e não dá, não posso, porque senão eu vou arranhar todo mundo no treino [...]. Cabelo, às vezes, acaba quebrando um pouco. [...] Eu tenho que lutar até 72. Eu acho que eu fico muito magra com 72, mas eu tenho que ter esse peso, paciência. [...] Eu acho que dá para manter a feminilidade lutando. Então, eu não desisto, sabe. Eu tento ser feminina o tempo todo.”

Através das narrativas da Aline, é possível confirmar que não foram as exigências corporais que a instigou pelas lutas. A identificação da atleta com a LO ficou bastante clara ao abordar a modalidade como um “vício”, sem o qual não consegue se imaginar vivendo. Entretanto, é notável o quanto a atleta gostaria de poder conciliar os aspectos que julga importantes de sua feminilidade a sua condição de lutadora. Dentre esses aspectos, destacamos a questão do peso corporal, sobre o qual afirma se sentir magra demais por ter que manter-se até os 72kg.

A categoria até 72kg era, até dezembro de 2013, a mais “pesada” do feminino, enquanto que no masculino podiam competir em categorias até 120kg, ambos no estilo livre. Esse aspecto nos remete a concepções históricas em que a mulher acima de certo limite de peso, força e/ou desenvolvimento muscular coloca em risco aquela representação ideal de feminilidade (GOELLNER; FRAGA, 2003). Entretanto, percebemos que a lutadora gostaria de subir um pouco seu peso, não sob a perspectiva da constituição de novas formas de feminilidade, mas, para afirmar uma representação hegemônica, na qual entende que seu peso, este regulado pela condição de atleta de LO, poderia ser mais proporcional à sua altura.

Todavia, Aline não faz disso um problema ou a condição primeira que justificaria, por exemplo, o abandono à profissão de lutadora. De outra forma, a atleta ri da situação demonstrando que essas questões se tornaram menores diante de tudo que a LO lhe proporciona. E por uma coincidência, sua categoria foi reajustada para até 75kg após a reformulação das regras da LO pela FILA, em dezembro de 2013. É possível que com este ajuste a relação entre a altura e o peso corporal se mostre mais adequado ao que a lutadora considera ideal para manter-se dentro de uma feminilidade hegemônica.

As modificações corporais, conforme bem relatou Adriana, são inevitáveis quando o envolvimento com determinada prática esportiva se dá de forma profissional, uma vez que o corpo deve estar à disposição do esporte, pois, este é o instrumento de trabalho.

Neste caso, o corpo mostra-se como o exemplo maior do quanto seria penoso a intenção de uma distinção nítida das identidades de lutadora e de mulher. Pois, não há como entrar no tapete, no ringue e no octógono e “vestir” o corpo da lutadora, assim como não é possível “despir-se” deste ao deixar o espaço das lutas, o que não impede, como já destacado anteriormente, a diferenciação das posturas assumidas pelas atletas para os distintos momentos de seu cotidiano, em especial, dentro e fora dos treinos e confrontos.

Veremos neste momento, que as mudanças ocorridas no corpo, de forma geral, foram relatadas pelas lutadoras com bastante positividade. A própria Adriana ao relatar sobre as modificações mais evidentes, como o aumento de massa muscular geral se diz bastante satisfeita e, por isso, não mudaria nada que o trabalho duro de anos no Boxe lhe rendeu. A pugilista relata que a sua única dificuldade encontra-se na manutenção do peso da categoria que pertence e lidera o *ranking* nacional: 64 quilos⁶¹. Preocupação esta referente ao seu rendimento esportivo e não a uma perspectiva particular.

Para Laís o evidente desenvolvimento muscular a assustou no início da carreira, mas afirma que em pouco tempo passou a achar “*uma coisa normal*”. A atleta lembra que quando iniciou seu corpo era bastante diferente do que é hoje e explica esse fato através de uma analogia, dizendo que ele “*parecia um macarrão*” e, dessa forma, levava para o tapete somente a coragem e vontade de vencer. Provavelmente, Laís esteja se referindo a um estado de magreza que considera incompatível com sua condição de lutadora, pois, complementa esta fala afirmando que: “*quanto mais eu forte ficar, mais músculos e menos gordura eu tiver, melhor pro meu rendimento*”.

Numa perspectiva mais particular, percebemos que a atleta não apenas se acostumou, mas também, se identificou com seu corpo de lutadora. Laís abordou com contentamento sobre as pernas fortes que conquistou com os treinos e ainda comentou a respeito da sua vontade de melhorar alguns aspectos corporais para satisfação pessoal. É assim que se referiu ao próprio abdômen, o qual gostaria que fosse mais definido e pretende alcançar melhorando os cuidados com sua alimentação.

Estes aspectos, porém, costumam causar certos estranhamentos fora de seu ambiente de trabalho, na medida em que a lutadora percebe olhares críticos e comentários preconceituosos. Afirma que já ouviu frases do tipo: “*Ah, você parece um homem*” ou “*está parecendo um traveco*”, frases que refletem uma representação a partir da construção social

⁶¹ Nesse sentido, vale lembrar que Adriana participou dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, na categoria até 60 quilos, pois, não entrou no quadro olímpico a sua categoria de peso (64kg). Ou seja, para conquistar o sonho olímpico, sacrifícios que vão além da dedicação exclusiva participam do cotidiano dessas mulheres.

binária dos gêneros, em que o corpo forte é especificidade do homem. No entanto, declara que não se abala e não se importa com a opinião alheia. De outro modo, além de gostar de sua forma física, a atleta acredita que, sendo mulher, ser “*forte*”, somada a demonstração “*garra*” e ao uso de “*grosserias*” é a forma que tem para se destacar e se desenvolver na LO. A atleta entende que para constituir-se como lutadora a força física é tão importante quanto a técnica, sendo que a primeira inevitavelmente transparece no corpo e provoca estranhamento no outro.

Sua perspectiva está de acordo com a mudança de paradigma adotada pela seleção brasileira feminina de judô. Desde a liberação oficial da modalidade para as mulheres, em 1979, a equipe feminina do Brasil custou a conquistar resultados expressivos. Somente a partir de 2005 quando Rosiclea Campos assumiu como técnica da seleção brasileira feminina de judô sênior é que uma nova perspectiva foi pensada a fim de garantir o sucesso profissional das atletas. A técnica investiu na preparação física, incluindo treinos de musculação, no intuito de equilibrar ao excelente treino técnico que sempre tiveram (SOUZA; MOURÃO, 2013).

A pesagem das atletas durante uma temporada em Cuenca, no ano de 2006, com atletas de Cuba, Equador e Colômbia, foi um divisor de águas para essa nova concepção, pois, ficou bastante evidente (no corpo) o desequilíbrio de investimento na preparação física, principalmente, entre as atletas brasileiras e as cubanas. O resultado deste investimento veio em menor prazo: um bronze nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, e o ouro nos Jogos de Londres, em 2012 (*Op. Cit.*).

O investimento na preparação física de Cuba foi importado para o Brasil na LO. E, para além dos resultados esportivos, as consequências sobre o corpo gerou bastante satisfação em Joice. A lutadora ressaltou que a sua dedicação à LO sempre foi “ *muito mais profissional*”⁶², explicando que o treinamento diário, principalmente após a chegada dos técnicos cubanos, é o responsável por deixá-la com melhor condicionamento cardiorrespiratório, além de mais resistente, e fisicamente mais forte e mais definida. Com alento a lutadora comenta que “*melhorou tudo*”. E complementa: “*meu corpo hoje, é com certeza, é por eu ser atleta, pela luta olímpica*”.

Seu corpo musculoso e bem desenhado, com os braços mais definidos, chama a atenção de leigos, dos quais costuma ouvir perguntas sobre o que faz para conquistar a forma física que tem. A atleta lida com estes aspectos com tranquilidade e se orgulha de poder dizer que se deve a sua profissão de lutadora. Com isso, é possível apreender que a atleta é bastante

⁶² Comparada ao período em que praticou jiu jitsu.

satisfeita com a forma física que conquistou, sendo esta percebida como mais uma “recompensa” por toda a sua dedicação ao esporte. Apenas uma mudança em seu corpo para “um dia...”, “talvez...”, é a colocação de prótese de silicone nos seios, fato este que não é tido pela atleta como uma necessidade ou insegurança. Joice afirma que não se sente e nem se sentiria menos bonita caso isso nunca aconteça.

Érica também vê com muita positividade as modificações que o Boxe ajudou a proporcionar em seu corpo. A mudança mais manifesta desde a sua inserção na modalidade é a perda de peso. A atleta afirma que devido ao treinamento excessivo, somado a um momento de depressão, baixou de 61 para 48kg sem esforço. Neste peso, e categoria, permaneceu até a preparação para os Jogos Olímpicos de Londres, onde subiu para disputar a categoria 51kg, tendo retornado a seu peso anterior encerrada a disputa.

Érica gosta da forma física que conquistou e afirma cuidar-se para mantê-lo do modo como está, destacando a cintura fina e os glúteos empinados. Nesse sentido, a atleta declara que, embora tenha os ombros largos por natureza, não gosta de ser musculosa, afirmando que: *“eu não gosto de coisas que transformem o meu corpo [...] Eu procuro trabalhar com ele de uma forma que não vai deformar”*. E, assim, sobre seu conjunto corporal, afirma: *“Meu corpo tá perfeito”*. Assim como Joice, um aspecto passível de mudança é, por estética, a colocação de próteses de silicone nos seios, o qual declara ainda não ter feito para não prejudicar seu rendimento como lutadora.

Observamos que a boxeadora gosta que a feminilidade normatizada seja reafirmada por seus contornos corporais, de modo que este evidencie delicadeza na força aplicada. Embora em distintos níveis de envolvimento com as lutas, as representações de Érica muito se aproximam das universitárias praticantes de lutas do estudo de Ferretti e Knijnik (2007). Manter-se na categoria mais leve da modalidade é um fator relevante para que a atleta possa conciliar suas representações de feminilidade com a profissão de lutadora.

Para Ana a transformação mais evidente em seu corpo por sua dedicação às lutas é o braço forte. A atleta afirma que sempre teve a parte superior bem desenvolvida devido às atividades de sua infância, como nadar em rio contra a correnteza e subir em árvores. Porém, associa que o “puxar” quimono, desde a sua inserção no jiu jitsu, muito contribuiu para a forma e força de seus braços, por isso, hoje não precisa de treinamento específico para os membros superiores. Ana fala com satisfação que sempre gostou de seu corpo e que as mudanças ocorridas por sua inserção nas lutas não mudaram sua concepção. Pelo contrário, a lutadora destacou o seu bonito desenho corporal, o seu *“jeito de mulher”* e que sempre teve

uma autoestima muito boa. Nesse sentido, diz que não se acha uma mulher linda, mas, que o “conjunto da obra” a torna uma pessoa atraente.

Outro aspecto de mudança em seu corpo pela inserção nas lutas, diz respeito à redução do volume dos seios, devido à perda de gordura geral. Fato este que a incomodava por questões particulares e, por isso, a fim de compor o seu conjunto corporal, tão logo foi possível fez cirurgia para a colocação de prótese de silicone.

E Aline, dentre as mudanças percebidas em seu corpo desde a inserção na LO, a atleta também destaca a redução do volume dos seios, devido à perda de gordura corporal geral, e inversamente, o aumento do volume dos braços e da largura das costas. Sobre o primeiro aspecto, Aline comenta que gostaria de colocar prótese de silicone, não tendo feito ainda devido à necessidade de afastamento da rotina de treinos e competições por um determinado período de recuperação.

A respeito do braço forte e das costas largas a lutadora declara que já se sentiu mais incomodada na medida em que associa tais aspectos ao masculino. E atualmente, encontra-se mais tranquila sobre estas concepções, pois, percebe ser algo almejado e exibido por outras mulheres, inclusive fora do cenário esportivo. Em suas palavras, hoje em dia: “*Não é só mulher que luta que tem braço. Você vê as popozudas aí tudo de braço. Aí fica mais tranquilo, eu acho*”. Percebemos, assim, que a atleta aprendeu a aceitar seu corpo de lutadora com o passar do tempo, embora não se sinta inteiramente segura às mudanças ocasionadas desde a sua inserção nas lutas. Aline afirma que, como toda mulher, nunca estará plenamente satisfeita, mas que si gosta da forma como é.

De fato, mudança é uma palavra de ordem quando o assunto é o padrão corporal feminino ao longo da história brasileira. Nesse sentido, as formas abundantes do século XVIII que refletiam a passividade, se tornaram marcadas pelo espartilho no século XIX e, por sua vez, perderam espaço para a magreza a partir do início do século XX. Até a década de 1970 o corpo feminino magro e de roupas leves refletia a nova mulher ativa, tanto pela indústria quanto pela incorporação das formas de exercitação física importadas da França, em especial das parisienses (DEL PRIORI, 2009).

A partir deste período, com o objetivo primário de consumo de produtos e valores, o *body business* traz a ideia de que ter um corpo “malhado” está na ordem do dia entre as mulheres. Com isso, o padrão atlético, musculoso e livre de gorduras, outrora exibido somente por esportistas, passa a ser almejado e difundido entre o público comum, que começam a mostrar corpos cada vez mais delineados (*Op. Cit.*), como bem destacou Aline.

Entretanto, todo padrão (de comportamento, de conduta e também de corpo) não está livre de comparações com a norma. Louro (2008b, s/p) afirma que nos dias de hoje é reconhecido que a posição central não é “naturalmente” dada, mas historicamente construída e, dessa forma, passa a ser desafiada e contestada por diversas frentes. No entanto, o centro não deixou de ser importante e nem perdeu seu poder de atração, pelo contrário, ele continua reconhecido e sedutor, e aqueles e aquelas que se afastam de uma posição central ainda são considerados desviantes.

Dessa forma, as próteses de silicone constituem em tecnologias contemporâneas capazes de “renormatizar” um aspecto notadamente reconhecido como feminino, que as mulheres “perdem” ao investirem em contornos corporais atléticos ou, no caso das lutadoras, por consequência das exigências corporais da profissão: os seios. Ou seja, o corpo não é natural, mas uma construção histórica e social naturalizada a partir das práticas de saber e poder que o constitui/produzem.

Para Foucault (2012a), não existe um corpo natural resguardado nos contornos da espécie que preexista aos dispositivos tecnológicos que o produzem. De outro modo, ele é formado por uma série de regimes que o constroem: como os ritmos de trabalho, de repouso e de festa; o consumo de venenos (alimentos, valores) e de leis morais; assim como a criação de resistências.

O corpo, na verdade, é sempre uma manifestação provisória da constante negociação entre resistências e sujeições às normas a que estamos suscetíveis na constituição de nossas identidades. O que, no caso das atletas, não se trata simplesmente de abrir mão de desejos pessoais ou de aspectos de sua feminilidade que considerem importantes estarem adequados à norma. Trata-se essencialmente, conforme Ferretti (2011), de assumir todo o conjunto de fatores pela escolha profissional, ou melhor, por sua identidade como lutadora.

Dessa forma, é possível apreender que nossas entrevistadas possuem distintos modos de lidar com a influência das lutas sobre seus corpos e na construção das feminilidades. Apesar de apresentarem em comum, a dedicação e o envolvimento em modalidades de lutas, as atletas possuem aspectos comuns em suas representações, mas também outros diferentes, não sendo possível falar em **uma** representação de feminilidade de lutadoras. Fato este que confirma a perspectiva das teorias feministas as quais dizem que as formas de ser e viver feminilidades são plurais e ratifica a perspectiva da teoria das representações sociais, uma vez que o meio, mas também as opiniões e crenças individuais

participam da construção e representação de um objeto, neste caso, da representação de feminilidades.

No terreno das subjetividades, de forma mais ou menos consciente, as atletas assumem certas gestualidades e comportamentos considerados da cultura masculina como forma de pertencimento ao meio em que estão envolvidas. Por isso, ao adentrarem o ringue, o tapete ou o octógono exibem seus corpos potencializados pelas tecnologias de preparação física e evidenciam posturas marcadas pela virilidade, força, garra e coragem.

A vaidade e a beleza são atributos destacados de diferentes formas pelas atletas: seja como constituinte da mulher enquanto particularidade, mas também, como algo a ser investido externamente. Ou seja, a lutadora guerreira se mistura aos investimentos em cuidados culturalmente femininos, inclusive durante a atuação como lutadora, quando possível. Este aspecto se dá na intenção de demonstrar que estes investimentos em nada interferem sobre seu desempenho esportivo/profissional, ao mesmo tempo em que marcam a sua presença no território ainda hegemonicamente masculino das lutas.

As unhas pintadas aparecem como o principal elemento cultural feminino possível de ser levado para os treinos e confrontos, enquanto a valorização dos seios através da colocação de próteses de silicone fica adiada devido à intensa rotina de treinos e compromissos esportivos, que não sofrem interferência em detrimento da vaidade. Outros aspectos relacionados a uma feminilidade hegemônica aparecerem, em especial para as entrevistas e eventos, em que as mulheres precisam intensificar os investimentos que marcam a presença do feminino. E nisto estão incluídas as maquiagens, o cabelo arrumado, os adornos, as vestimentas consideradas adequadas às mulheres, assim como a apresentação de uma gestualidade mais delicada.

Tal postura indica que o sujeito evidenciado pelo corpo não é o mesmo o tempo todo: ora ele é assujeitado, ora consegue resistir aos preconceitos e discriminações impostos. E é neste jogo de resistências a assujeitamentos que uma pluralidade de modos de ser e viver feminilidades são construídos pelas mulheres que fazem das lutas a sua profissão.

5) APONTAMENTOS FINAIS

De forma geral, a escolha de um objeto investigativo se dá por meio do envolvimento prévio com este, o que não se confirma no presente estudo. Realizar esta investigação, que envolve o cenário esportivo de alto rendimento das lutas como campo de pesquisa, foi no mínimo bastante desafiador. Tratou-se de um envolvimento movido pelo desafio de adentrar o desconhecido, que se mostrou fascinante a cada nova descoberta. Dessa forma, não houve como sair deste processo da forma em que entrei. Certamente, foi uma experiência transformadora: sobre o objeto investigado, sobre eu mesma.

Ao comprometer-me em desvendar as trajetórias esportivas e as representações de feminilidades de mulheres atletas de lutas, num primeiro momento, imaginei-me estar empregando um “olhar de fora”. No entanto, conforme o estudo se desenvolvia, fui percebendo que se tratava do olhar de um pesquisador sobre o objeto investigado, na medida em que foi possível adentrá-lo de modo mais “neutro”, livre de interpretações prévias. Essa pouca intimidade com o tema investigado, porém, não se dá livre de limitações. A principal delas diz sobre o tempo investido para a apropriação das três modalidades de lutas (Boxe Olímpico, Luta Olímpica estilo livre e MMA) que participam da investigação: literatura acadêmica, matérias midiáticas, filmes, e vídeos de lutas compuseram o conjunto de estratégias adotadas para tal apropriação.

Neste percurso, pudemos apreender a pertinência das questões de gênero no cenário esportivo, em especial, sobre as mulheres que constroem carreiras em modalidades esportivas consideradas masculinas. Neste contexto, se encontram as lutas, por demandarem o desenvolvimento e a demonstração de força e virilidade, tidos como contrários à “natureza feminina” e à constituição de uma feminilidade hegemônica, inscrita no terreno da fragilidade e delicadeza das gestualidades e arquiteturas corporais.

Recorremos aos conceitos de modernidade, identidade, poder e gênero, para nos ajudar a compreender o que levaram as seis mulheres participantes deste estudo a construir uma carreira como lutadora. Buscamos desenhar suas trajetórias através da “noção de projeto” e desvendar as representações de feminilidades com o aporte da TRS.

Dessa forma, no que se refere aos resultados de nossa investigação, foi possível observar que essas mulheres têm agregado em suas personalidades atitudes mais ativas e outras características, como a ousadia e a coragem, culturalmente identificadas como masculinas que, por sua vez, participam da constituição de suas trajetórias esportivas. Por meio da “experiência” as atletas percebem sua identificação pela prática e carreira nas lutas.

O engajamento e pioneirismo dessas mulheres despertaram o interesse de treinadores, tendo estes funcionado como tutores, que incentivaram e direcionaram os passos iniciais na carreira das atletas que, por sua vez, responderam com competências técnicas. O sucesso imediato, configurado por vitórias nas primeiras lutas e campeonatos marcam a consolidação na carreira de lutadora dentro das modalidades em que atuam e lhes garantem uma posição empoderada no cenário das lutas.

A família tende a reproduzir os discursos sociais sobre a masculinização, manifestar argumentos sobre a integridade das atletas, além de preocupações com seus futuros profissionais. Em especial, quando não há o envolvimento esportivo de nenhum outro membro, a tendência é manter uma educação do corpo e das gestualidades dentro daquilo que culturalmente se entende como normativo para as mulheres. No entanto, essa contenção familiar se reconfigura perante as conquistas esportivas das atletas, uma vez que geram visibilidade e reconhecimento social que, dessa forma, auxiliam na diluição dos preconceitos e da insegurança perante a escolha profissional das atletas.

Preconceitos no ambiente de treino e dificuldades de ordem financeira se fizeram presentes no início da carreira e foram minimizadas, respectivamente, pela resposta esportiva positiva e recebimento do Bolsa Atleta e/ou contratos com clubes/empresas/academias. Importante registrar, porém, a instabilidade destas finanças, além do valor incipiente se comparado aos salários milionários de parcela da população de desportistas. As atletas se reconhecem como lutadoras profissionais, no entanto, são reconhecidas desta forma mais nitidamente entre os íntimos. Seus sonhos esportivos e pessoais somam-se como razões para continuarem “lutando”.

Uma pesada rotina de treinos, de modo geral, sem distinções dos atletas homens, constitui o cotidiano de nossas entrevistas, que convivem em ambientes de maioria masculina. Uma exceção se encontra entre as lutadoras da LO que se encontravam concentradas, especialmente, com a seleção brasileira e argentina da modalidade.

Aprendemos entre nossas entrevistadas diferentes formas de lidar com a influência das lutas sobre seus corpos e na construção das feminilidades. E, por isso, não podemos falar em **uma** representação de feminilidade de lutadoras. No território das subjetividades as atletas assumem e evidenciam, de forma mais ou menos consciente, algumas gestualidades e comportamentos considerados da cultura masculina como forma de pertencimento aos espaços onde estão inseridas.

As posturas dessas mulheres dentro do ringue, do tapete e do octógono, são marcadas pela virilidade, força, garra e coragem. A vaidade e a beleza são atributos

destacados pelas atletas como constituinte da mulher enquanto particularidade, mas também, como algo a ser investido externamente fora dos espaços de luta ou, quando possível, também dentro destes. A intenção é demonstrar que estes investimentos em nada interferem sobre seu desempenho esportivo/profissional, ao mesmo tempo em que marcam a sua presença no território ainda hegemonicamente masculino das lutas. Ou seja, em meio a resistências e assujeitamentos que uma pluralidade de modos de ser e viver feminilidades são construídos pelas mulheres que fazem das lutas a sua profissão.

Não pretendemos com este trabalho esgotar a discussão a cerca da trajetória e representações de feminilidades de mulheres atletas de lutas. Contrariamente, temos a perspectiva de ampliação da literatura. Além disso, incentivamos o aumento das investigações que busquem dar voz a estas mulheres que desafiam a norma vigente e investem em profissões ainda não convencionais a elas, como a de lutadora, e assim, reconstroem e ressignificam seus modos de ser e viver feminilidades.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p.445-465, 2003.
- ALEXANDRINO, D. F. L. **O Corpo Representado por Mulheres Atletas de Body Building**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Juiz de Fora, UFJF, 2010.
- ASSIS, L. C. Governo Médici. In **Nosso Século: 1960/1980**. V. 1. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1985.
- AWI, F. **Filho Teu Não Foge à Luta: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BECKER, H. S. **Outsiders: Estudos de sociologia do desvio**. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In NOGUEIRA, M. A., CATANI, A. (Orgs.). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 71-79.
- BUTLER J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CARDOSO, B. L. C. *et al.* Mulheres no Boxe: Percepções sociais de uma luta sem luvas e fora dos ringues. **Motricidade**, vol. 8, núm. Supl. 2, 2012, p. 259-268.
- DALSIN, K; GOELLNER, S. V. O Elegante Esporte da Rede: O Protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60. **Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 01, janeiro/abril de 2006, p. 153-171.
- DEL PRIORE, M. **Corpo a Corpo com a Mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. 2 ed. São Paulo: SENAC, 2009.
- DEVIDE, F. P. A natação como elemento da cultura física feminina no início do século XX: construindo corpos saudáveis, belos e graciosos. **Movimento**, v. 10, n. 2, mai.-ago. 2004, p. 125-144.
- DUNNING, E. O desporto como área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações In: ELIAS, N. (Org.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FARIAS, C. M. Os Jogos Femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil (1946-1964). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH**. São Paulo, julho 2011.

FERREIRA, J. H. *et al.* A Baixa Representatividade de Mulheres como Técnicas Esportivas no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 103-124, jul/set de 2013.

FERREIRA, J. H. A Carreira da Técnica Esportiva no Brasil. In FERREIRA, J. H. **A Atuação de Mulheres como Técnicas Esportivas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Viçosa: UFV, 2012.

FERRETTI, M. A. C. **A Formação da Lutadora**: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de lutas. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física). São Paulo: USP 2011.

FERRETTI, M. A. C.; KNIJNIK; J. D. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 1, jan./abr., 2007, p. 57-80.

ELIAS, N. (Org.) **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FIGUEIRA, M. L. **Skate para Meninas**: modos de se fazer ver em um esporte em construção. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Org. Rev. e Edit. Roberto Machado. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012a.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 40 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012b.

_____. **História da Sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. 2 reimp. São Paulo: Graal, 2012c.

_____. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17 ed. São Paulo: Graal, 2011.

_____. Sujeito e Poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault**: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. p. 231-249. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade Pós-Tradiconal. In BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (Orgs). **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

_____. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOELLNER, S. V. Mulheres e esporte: Sobre conquistas e desafios. In **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, Ano II, número 4, Brasília, 2012, p. 72-74.

_____. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. In: **Cadernos de Formação RBCE**, vol.1, nº. 2, p. 71-83, 2010.

_____. Imagens da Mulher no Esporte. In DEL PRIORE, M. E MELO, V. (Orgs.). **História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, p. 269-292, 2009.

_____. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. O Esporte e a Cultura Fitness como Espaços de Generificação dos Corpos. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte-CONBRACE**. 16 a 21 de setembro de 2007.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n. 2, 2005, p. 143-151.

_____. **Bela, Feminina e Maternal: imagens da mulher na Revista Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. V.; FRAGA, A. B. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 59-82, set./dez., 2003.

GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A.; FIGUEIRA, M. L. Invisibilidade Não Significa Ausência: imagens de mulheres em obras referenciais do *skate* e do fisiculturismo no Brasil. **Ex æquo**, n.º 24, 2011, p. 135-148.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 8 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JAEGER, Angelita. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

JAEGER, A.; GOELLNER, S. O Músculo Estraga a Mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Est. Fem.**, Florianópolis, 19(3): 954-975, set-dez/2011.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão, In JODELET, D. (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2002. p 17- 44.

KNIJNIK, J. D. (Org.). **Gênero e Esportes: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

LOVISOLO, H. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des) civilizado. **Logos: Comunicação e Esporte**. Vol.17, n 02, 2º semestre 2010.

LOURO, G. L. O. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008a.

_____. Feminilidades e Pós-modernidade. In **Invenção do Contemporâneo: a construção dos gêneros** (vídeo), 2008b. Disponível em: <http://vimeo.com/28127159>. Acesso em: 14/05/2013.

MELO, V. A; VAZ, A. F. Cinema, Corpo, Boxe: suas relações e a construção da masculinidade. **Artcultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, jan.-jun. 2006, p. 139-160.

MIRAGAYA, A. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In TURINI, M; DA COSTA, L. (Editores) **Coletânea de Textos em Estudos Olímpicos**. Volume 1. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002, p. 763-792.

MOURA *et al.* Esporte, Mulheres e Masculinidades. **Esporte e Sociedade**, ano 5, n 13, nov.2009/fev.2010, p. 1-22.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOURÃO, L. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas**: da segregação à democratização. Tese (Doutorado em Educação Física). Rio de Janeiro: UGF, 1998.

_____. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In VOTRE, Sebastião (Org.). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1996.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Mulheres no Tatame**: o judô feminino no Brasil. Rio de Janeiro: MAUAD X: FAPERJ, 2011.

_____. Narrativas do Judô Feminino Brasileiro: construção da historiografia de 1979 a 1992. **XII Encontro Regional de História: ANPUH**. Rio de Janeiro, 2006, p.1-11.

SOUZA JÚNIOR, O. M. **Futebol como Projeto Profissional de Mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: UNICAMP, 2013.

THOMAZINI, S. O.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, F. Q. Controle de Si, Dor e a Representação Feminina entre Lutadores(as) de *Mixed Martial Arts*. **Pensar a Prática**, vol.11, nº. 3, p. 281-290, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VELHO, G. **Individualismo e sociedade**. 8 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

_____. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

WACQUANT, L. **Corpo e Alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ANEXO I

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA/MG

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Representações de feminilidades esperadas e encontradas entre mulheres praticantes de Lutas e Halterofilismo

Pesquisador: Ludmila Mourão

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 06265112.1.0000.5147

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 190.069

Data da Relatoria: 24/01/2013

Apresentação do Projeto:

O estudo proposto apresenta pertinência e valor científico.

Objetivo da Pesquisa:

Apresenta clareza e compatibilidade com a proposta.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e benefícios bem caracterizados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto formulado de forma clara e objetiva.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Além da declaração da Faculdade/Universidade proponente (Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora), são apresentadas duas declarações de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa: uma da academia *Estação Fitness* e outra da Confederação Brasileira de Lutas Associadas (CBLA). Nesta última, aparece o nome do responsável/proprietário pela Academia/Clube/Centro de Treinamento... Contudo, a CBLA não é Academia, Clube ou Centro de Treinamento, mas uma Confederação que tem como Presidente o Sr. Paulo Gama Filho. Portanto, importa considerar que esta declaração não responde por eventuais instituições onde se objetive recrutar voluntárias para a pesquisa.

Recomendações:

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufff.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
JUIZ DE FORA/MG



Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UFJF), de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

- Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 196/96, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

JUIZ DE FORA, 29 de Janeiro de 2013

Assinador por:
Paulo Cortes Gago
(Coordenador)

ANEXO II

TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada, como voluntária, a participar da pesquisa: **“Representações de feminilidades esperadas e encontradas entre mulheres praticantes de Lutas e Halterofilismo”**. Neste estudo, pretendemos identificar e analisar as motivações e dificuldades na inserção e permanência de mulheres em atividades físico-desportivas como as lutas e o halterofilismo amador/profissional (com finalidade de competição), e as construções de feminilidade de mulheres inseridas nas modalidades investigadas.

O motivo que nos leva a estudar a temática são lacunas existentes nas pesquisas sobre a inserção e permanências de mulheres em atividades físico-desportivas consideradas de reserva masculina, a fim de que se possa dar voz ao público pesquisado.

Para este estudo adotaremos o procedimento metodológico da abordagem qualitativa, com a Observação e a realização de fotos dos treinos e possíveis competições, com registro no diário de campo, a fim de identificar e ilustrar comportamentos e atitudes na relação entre atletas e treinador; realização de Entrevista Semiestruturada às atletas, que será gravada, transcrita e retornará para sua leitura e, possível, validação.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecida em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e sua recusa não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma que é atendida pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou materiais, inclusive fotos, caso autorizadas, que indiquem a sua participação não serão liberados sem prévia autorização.

Trata-se de um estudo com **risco mínimo**, ou seja, o mesmo risco que se tem em atividades rotineiras, como conversar, ler, caminhar, etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portadora do documento de Identidade _____, fui informada dos objetivos deste estudo de maneira clara e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o qual pude ler e esclarecer minhas dúvidas.

Declaro que (Autorizo/Não autorizo) o uso de máquina fotográfica nas observações de meus treinos, e possíveis competições, bem como o uso de imagens previamente analisadas por mim. O uso indevido ou não autorizado de máquina fotográfica ou imagens acarretará em pagamento de indenização à vítima.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20____.

Assinatura da Participante

Assinatura do Pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisador Responsável: Ludmila Nunes Mourão

Telefone: (21) 8169-8117

E-mail: ludmila.mourao@terra.com.br

CEP (Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos)

Pró-Reitoria de Pesquisa – UFJF

Dias de atendimento: de segunda-feira às sextas-feiras.

Horário de Atendimento: de 9 h às 12 h, e de 13 h às 17 h.

E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Telefone: (32) 2102-3788

Endereço: Universidade Federal de Juiz de Fora, Rua José Lourenço Kelmer, s/n - Campus Universitário, Bairro São Pedro - CEP: 36036-900 - Juiz de Fora – MG.

ANEXO III**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA**

Eu, _____, na qualidade de dono/responsável pela Academia/Centro de Treinamento _____ CNPJ: _____, AUTORIZO a realização da pesquisa intitulada **“Representações de Feminilidades Esperadas e Encontradas entre mulheres praticantes de Lutas e Halterofilismo”**, a ser conduzida sob responsabilidade da pesquisadora Ludmila Nunes Mourão. DECLARO que essa instituição apresenta a infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do responsável

ANEXO IV

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data:

Nome: _____ E-mail: _____

Data de nascimento: _____ Idade: _____

Estado civil: _____ Tem filhos? () não () sim Quantos? _____

Grau de escolaridade: _____

Esporte que pratica: _____ Tempo dedicado à modalidade: _____

OBS. Os dados acima não foram gravados em áudio.

Esporte

1. Fale sobre sua inserção na modalidade.
2. Descreva sua trajetória esportiva (desde a inserção até o momento atual).
3. Comente sobre a sua escolha pela modalidade. Que desafios e potencialidades (motivações e significados) você encontrou ou esperava encontrar nesta escolha?
4. E a sua família, como reagiu a sua escolha?
5. Descreva suas conquistas pessoais e esportivas a partir de sua inserção na modalidade.
6. Como você percebeu que se tornava uma atleta de alto rendimento? E olímpica?
7. Enfrentou ou enfrenta dificuldades para permanecer como atleta desta modalidade? Descreva.
8. O que te faz permanecer como atleta desta modalidade? O que te motiva?
9. Diga o que a modalidade significa para você.

Feminilidade

1. Para você as exigências técnicas e corporais da modalidade influenciam ou podem influenciar em sua feminilidade?
2. Para você, o que é ser feminina?
3. Em relação a sua feminilidade, na sua rotina diária, como você percebe o olhar dos outros?

Corpo

- 1 Fale sobre o seu corpo. Você está satisfeita com seu corpo como ele é hoje?
- 2 Você já quis ou gostaria de mudar algo em seu corpo? Explique.
- 3 O que mudou em seu corpo desde a sua inserção na modalidade que possa ser a ela atribuída? E como você percebe essas mudanças?

Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista ou outros não abordados?

ANEXO V

Entrevista Adriana Araújo

Data: 15/03/2013

Local: Academia Champion.

Entrevistador: Vera Fernandes

Atleta Entrevistada: Adriana Araújo

E-mail: araujodry@hotmail.com

Data de nascimento: 04/11/1981

Idade: 31 anos

Estado civil: solteira

Tem filhos? Não

Grau de escolaridade: Segundo grau completo

Esporte que pratica: Boxe

Tempo dedicado à modalidade: 13 anos

V: Neste momento estou com Adriana Araújo, atleta e medalhista olímpica no Boxe feminino. Primeiramente, Adriana, eu gostaria que você descrevesse como aconteceu a sua inserção no Boxe.

A: Bom dia! E brigada pelo convite. Então, minha vida sempre foi direcionada ao esporte. Mas, na verdade, eu nunca fui fã de lutas, de lutas ou artes marciais. Na verdade, eu sempre gostei, eu fiz sempre futebol. Tinha uma paixão incrivelmente imensa pelo futebol até meus 17 anos... 16 anos. Foi onde eu vim conhecer o Boxe, quando eu parei de fazer futebol, e eu entrei pra estética no Boxe, né. Durante... Em questão seis meses me convidaram pra lutar e aceitei o convite e dei continuidade ao trabalho de lutas.

V: E como foi sua trajetória, desde a inserção até o momento atual, sua vida pelo Boxe?

A: Bom, como eu adquiri o Boxe como uma arte mais profissional, hoje querendo ou não eu vivo dele. Pra mim foi uma questão muito difícil, né. Até, então, no começo era motivo de preconceito, era a questão também de desvalorização à modalidade, por ser mulher, foi difícil. Mas graças a Deus, acho que com muita força de vontade, a vontade de querer, de representar o país, Graças a Deus, hoje é outra forma de se ver a realidade do Boxe feminino em nosso país.

V: Então, o que te desafiou? Que potencialidades você viu quando entrou no Boxe?

A: Olha, eu quando entrei, na verdade, como eu tinha dito, eu nunca gostei de lutas, mas eu nunca fugi da luta. E quando eu comecei a praticar, eu fazia muito sparring com homens, como até hoje faço. E isso me fez querer aprender, fez querer ser melhor do que muitos homens que tinha na época. E com isso eu fui adquirindo um gosto, um prazer de estar treinando, um prazer de estar lutando, pra ser sempre ser melhor do que eles.

V: E sua família, como reagiu à sua escolha?

A: Minha mãe no começo não aceitava. Ela não gostava, não aceitava. Ela falava muito pelo fato de eu chegar em casa, às vezes, com o rosto machucado, arranhado, a boca, perna machucada devido às pancadas. E depois que eu fiz a primeira viagem internacional ela começou a apoiar, começou a ajudar, começou a incentivar. E, infelizmente, hoje ela não tá aqui pra vivenciar o que eu estou vivendo, mas eu sei que depois de muito tempo ela, realmente, passou a aceitar e a sempre estar me incentivando. E meu pai sempre incentivou né. Meu pai sempre gostou daquilo que eu faço e sempre estava do meu lado.

V: Tem irmãos?

A: Sim, sim. Meus irmãos são mais tranquilos. Meus irmãos não se envolvem muito não. Gostar gostam, pelo fato de me verem, né, divulgando o país em mídia e tudo mais. Então... Mas hoje, estão comigo. Mas antes eles não aceitavam muito não.

V: Mas nenhum deles lutam?

A: Não, não. Só eu, só eu mesmo.

V: E como que você percebeu que se tornava uma atleta de alto rendimento?

A: Olha, eu fui percebendo conforme eu ia ganhando as lutas. Como eu falei, em questão de 6 meses eu já estava lutando e daí eu fui... Ou seja, de acordo que os resultados vão acontecendo você acredita cada vez mais, entendeu?

E olímpica? Como ou quando você se deu conta que chegaria às Olimpíadas de Londres?

A: Eh... Bom, eu sempre acreditei na minha capacidade, né. Mas acreditar, acreditar mesmo foi quando eu conquistei a vaga lá na China com o segundo lugar no campeonato mundial.

V: Conte, então, sobre suas conquistas pessoais e profissionais/esportivas.

A: Das profissionais, acho que a única coisa que me resta agora é ser campeã mundial. Como eu te disse eu fiquei em segundo no campeonato mundial que me classificou pra Londres. As outras quase todas eu já consegui. Sou oito vezes campeã brasileira, sou campeã Sulamericana, sou sete... oito vezes campeã Panamericana, agora medalhista nas olimpíadas. O que me falta é um título mundial. Acho que 2014 é o próximo ano que eu posso tá garantindo esse título pra mim, pro meu país, pro meu estado também. E pessoal, Graças a Deus, eu sou uma pessoa realizada. A cada dia, a cada momento eu tô conquistando todos os meus sonhos, tudo aquilo que eu almejei lá atrás. E estou trabalhando agora para dar continuidade à realização desses sonhos, de cada um deles.

V: E sobre dificuldades. Você enfrentou ou enfrenta dificuldades pra permanecer no Boxe?

A: Que tipos de dificuldades? Como atleta?

V: Sim, como atleta... questões financeiras, questões de preconceito, questões físicas também...

A: Oh, físicas nem tanto. Mas, em relação à financeiramente, infelizmente, é difícil no Brasil, né. Como se diz: “Em nosso país, eles não valorizam muito o esporte”. Principalmente, não

há um investimento adequado pra qualquer que seja a modalidade. Todo atleta, não só como eu, mas todo atleta, como em toda modalidade mesmo no começo encara a dificuldade: essa falta financeiramente de dinheiro, essa falta de apoio, né, de incentivo. Algo que acontece lá fora, né, desde novo, o atleta quando começa a praticar, já começa desde pequeno com incentivo, com apoio tanto financeiro, como escolaridade e aqui é totalmente diferente. Aqui o atleta ele tem que vencer dentro e fora do ringue, né. Dentro do ringue contra o adversário e fora do ringue com essas dificuldades. E até mesmo pra chegar lá, o atleta tem que ser o principal pra poder ser reconhecido.

V: O que te faz permanecer como atleta? O que te motiva a continuar?

A: O que me motiva é a vontade que eu tenho de ser campeã mundial e representar o meu país no Rio em 2016.

V: Eh... Saiu recentemente uma notícia sobre a nova idade limite para competir em olimpíadas...

A: Sim, exatamente. Na verdade saiu dia 11 de março. 11 de março saiu a divulgação do aumento da... A nova regra que agora é o aumento da idade. O atleta olímpico não luta apenas até 34 anos, mas sim até os 40 anos. O que me dá a possibilidade de disputar aí mais duas olimpíadas.

V: E como que você vê a relação e interesse do público pelo Boxe feminino, hoje?

A: Olha, hoje em dia é... Como eu tinha dito antes, era muita discriminação, principalmente da parte dos homens, e hoje talvez seja o contrário. Pelo menos, eu tenho encontrado muitos fãs, muitas pessoas do público sem si, me parabenizando, me incentivando, apoiando, entendeu? Acreditando que o Boxe feminino tem capacidade de ser um esporte que seja tanto homem quanto a mulher pra se praticar, onde antigamente não se via isso. E hoje mudou muito, mudou muito. O que era discriminação é onde... vamos dizer assim... as pessoas incentivam, as pessoas apoiam.

V: E a mídia? Como que você vê a relação e o interesse da mídia com a atleta de Boxe feminino ou com o Boxe feminino como um todo?

A: Olha, a mídia hoje... Na verdade o que mudou muito foi a entrada do Boxe feminino nas olimpíadas. Isso realmente ajudou muito. Fez com que realmente a mídia realmente olhasse o Boxe feminino, não como um joguinho. Essas dificuldades de que o Boxe feminino era um esporte secundário, hoje é um esporte bastante valorizado, um dos poucos que a sociedade confia. Ela apoia o Boxe feminino.

V: Então, na sua opinião o que pode ser feito no Brasil para o Boxe feminino seja ainda mais valorizado, remunerado, transmitido?

A: Trocar o presidente (rsrs)... Assim, de fato mudar a presidência [da CBBOXE]. Realmente, colocar pessoas que já foram atletas, pessoas que sabem o que o atleta passa, pessoas que realmente tenham o interesse e o desejo de ajudar e apoiar o atleta e não apoiar a si mesmo e querer se achar que é o dono de uma Confederação, de uma Seleção.

V: Qual foi a sua, se existiu, maior frustração e o maior sonho já realizado ou a ser realizado ainda através do Boxe?

A: Olha, a ser realizado... A ser realizado é o título mundial, como eu já tinha dito, é o que eu estou buscando agora, o título mundial e 2016 buscar essa medalha olímpica, que é o ouro olímpico em 2016. E a minha frustração foi que depois de tanta dificuldade na vida, depois de tantas chateações, de tanto tempo que o Boxe feminino não era olímpico, então, como o Boxe feminino nunca teve um apoio, uma ajuda melhor e hoje por achar que pelo Boxe feminino é olímpico a gente acharia que a dirigência da seleção brasileira de Boxe ia realmente ter um grande respeito, um apoio melhor para com os próprios atletas. E hoje eu realmente vi que não é nada daquilo, que não é nada disso que eu pensava, que eu achava, né, lá atrás.

V: E você vive só do esporte? Sua renda mensal é composta de quê?

A: Sim, eu vivo só do esporte. Eu fiz do esporte, do Boxe, minha única profissão. Eu vivo de bolsas, né, e patrocínio da Petrobrás. Eu tenho uma ajuda da Petrobras, uma ajuda mesmo com a finança. E bolsa, que é o Bolsa Atleta que, desde 2009, foi essa Bolsa Atleta que me fez dar apenas continuidade no Boxe, onde tive que largar meu trabalho por motivo do esporte, que foi o Bolsa Atleta e o bolsa aqui da Bahia mesmo, que é a Bolsa Estadual que me sustenta pra eu dar continuidade ao meu trabalho.

V: Você comentou que largou o trabalho por causa da Bolsa...

A: Sim. Trabalhei durante 9 anos numa empresa chamada COEL, onde eu tinha que conciliar trabalho e treinos e em 2009 eu fui contemplada com o Bolsa Atleta. E o que eu recebia no Bolsa Atleta era bem maior do que o meu trabalho, então, eu preferi ficar no Bolsa Atleta e dar continuidade aos meus treinamentos por acreditar que um dia as coisas iam melhorar, iam mudar.

V: E estão melhorando?

A: Claro.

V: Uma curiosidade: A Nissan, ela é patrocinadora também?

A: Então, a Nissan é uma nova equipe, uma empresa que entrou em conjunto comigo agora no "time Nissan". A Nissan, na verdade é um patrocínio. Não só um patrocínio, mas também um suporte, onde o qual ela me dá todo tipo de trabalho relacionado ao meu trabalho, ao Boxe, com psicólogo, nutricionista e tudo mais. E fora o suporte, né, o carro que é o deslocamento. Isso aí é um dos melhores que eu acho que eu como atleta sempre... O quanto isso é valioso pra gente, o deslocamento. Você está na sua academia, você está na sua parte do seu treinamento físico, onde quer que você esteja, e isso aí pra mim foi muito importante.

V: Eh... Você reconhece diferenças entre o Boxe feminino e masculino, em termos de regras, na parte financeira, o público?

A: A diferença na realidade são as regras, né. O Boxe masculino luta 3 rounds de 3 minutos e o feminino luta 4 de 2 minutos. Fora isso é tudo igual. Acho que os mesmos treinamentos pro homem é pra mulher, o que eles fazem a gente também faz. A diferença é que cada um é... O homem luta com homem encima do ringue e a mulher luta com mulher mesmo lá no ringue.

Mas fora isso, no treinamento a gente pode treinar um com o outro, né. No nosso caso, o feminino, a gente treina com homens, como os homens também usufruem do nosso treinamento. Mas não tem muita diferença não.

V: E financeiramente, em relação a apoio ou patrocínio?

A: Então, antigamente existia... também existia essa dificuldade. Existia pelo fato de o Boxe feminino não era olímpico. Como hoje o Boxe feminino é olímpico, a possibilidade... Essa falta de discriminação... Essa discriminação que tinha... essa falta de apoio, de ajuda, pelo fato do Boxe feminino não era olímpico, hoje isso mudou. Hoje realmente existe essa ajuda, esse apoio.

V: E como que é sua rotina [interrupção]. Como é sua rotina de treinos no decorrer da semana?

A: Aqui é uma parte da manhã, aqui sempre é na parte da manhã, que é a parte técnica, né. A gente leva duas horas e meia na parte técnica de manhã. E tem uma parte física que é à tarde, durante a semana toda eu faço a parte física que são, pelo menos, uma hora a parte física, isso vem coordenando a parte aeróbica e a parte neuromuscular. E a noite eu tenho o descanso, o qual eu tenho que descansar realmente para que no outro dia eu dê continuidade ao meu trabalho.

V: E nos dias de lutas ou que antecedem as lutas, a rotina muda? Tem algum treinamento especial?

A: Na verdade treinamento continua intenso, continua sendo um treinamento intenso, né. Na verdade, muda realmente, aumenta mais a intensidade, você entendeu? Treino direto. Esse treinamento ele é realmente é proposta total pra luta mesmo. E fora isso, é realmente o treino pela manhã, o treino da tarde e a noite dá realmente uma continuidade ao grande descanso.

V: Bem, você acha que as exigências técnicas e corporais do Boxe, elas influenciam na sua feminilidade?

A: Não, de forma nenhuma, de forma nenhuma. Acho que a feminilidade ela sempre está com a mulher, independente do que ela faça, ela nunca vai deixar de ter a sua feminilidade. Acho que o esporte em si, seja ele qual for, pode ser o boxe, como natação ou o judô, tanto de lutas como quando não é. Acho que a feminilidade da mulher quando ela tem, ela sempre vai ter independente do que ela faça.

V: Pra você, o que é ser feminina?

A: Ser feminina é você ter sua vaidade. É você se sentir e se achar mulher, independente de qualquer coisa e só.

V: E em relação à sua feminilidade, como você percebe o olhar dos outros?

A: Olha, eu não... Eu não me preocupo tanto com o olhar dos outros. Acho que... O fato é que eu tenho que me sentir. Se eu me sinto pouco me importa o olhar das pessoas, dos outros. Eu me sinto. Então, acho que se eu sinto que eu sou uma pessoa feminina, que eu sou uma mulher, pouco me importa o olhar dos outros.

V: E sobre seu corpo, você está satisfeita como ele é hoje?

A: Sim, sem sombra de dúvidas (rsrs).

V: Você já quis ou gostaria de mudar algo em seu corpo?

A: Não. Só diminuir o peso aqui, que é muito sacrifício.

V: Mas diminuir o peso pra atender à modalidade?

A: Exatamente. Fora isso me sinto muito bem com ele, obrigada.

V: E você percebeu mudanças em seu corpo que possa ser atribuído ao Boxe?

A: Olha, na verdade eu não vou atribuir ao boxe. Porque, na verdade, o que eu faço é uma profissão. Eu não faço o Boxe, o esporte, a modalidade. Eu faço uma profissão. Então, como a gente trabalha uma profissão, a gente adquire muitas coisas pelo fato de trabalhar redobradamente que uma pessoa normal. Então eu não vou atribuir porque o Boxe quando você faz ele como profissão, faz ele como seu trabalho, ele te atribui muitas coisas. No caso, eu tive visivelmente, um aumento grande de massa muscular, uma grande elevação do meu tronco. Isso pelo fato de eu fazer o esporte como minha profissão. Então, são anos e mais anos trabalhando essa modalidade, é todos os dias trabalhando essa modalidade. Então, há uma grande diferença em relação à pessoa que pratica a modalidade dois meses, três meses, uma vez ou outra. É totalmente diferente. Então, eu não vou atribuir essa elevação ao Boxe. Atribuo sim ao meu trabalho, à grande execução de trabalho de musculação, de parte técnica. Então, a isso atribui esse grande aumento de massa corporal.

V: E você está satisfeita com tudo?

A: Com certeza.

V: Pra concluir, eu gostaria de te perguntar o que o Boxe significa pra você?

A: Minha família. O Boxe é minha segunda família, é meu trabalho. Não vou dizer que é minha vida porque minha vida é Deus, Graças a Deus. Mas ele é em terceiro, segundo plano na minha vida.

V: Adriana, você gostaria de perguntar ou comentar sobre algo que a gente conversou ou que a gente não conversou?

A: Não. Acho que eu só tenho a agradecer pelo fato de vocês lembrarem do Boxe feminino, principalmente aqui da Bahia, lembrarem de mim Adriana Araújo. Só tenho a agradecer e estarei de portas abertas pra vocês. Se precisar de alguma coisa, estarei aqui pra te responder novamente.

V: Eu é que agradeço, Adriana. Brigada!

ANEXO VI

Entrevista Érica Matos

Data: 15/03/2013
Local: Academia Champion.
Entrevistador: Vera Fernandes

Atleta Entrevistada: Érica Matos
E-mail: erika.box@hotmail.com
Data de nascimento: 24/05/1983
Idade: 29 anos
Estado civil: Casada
Tem filhos? Não
Grau de escolaridade: Segundo grau completo
Esporte que pratica: Boxe
Tempo dedicado à modalidade: 9 anos

V: Bem, me encontro agora com a Érica Matos, atleta olímpica de Boxe. Érica, eu gostaria que você descrevesse sobre sua inserção no Boxe. Como aconteceu? Quando aconteceu?

E: Então, eu tenho 8 anos de Boxe. Antes de fazer Boxe, eu fazia futsal e estudava, era uma pessoa normal. E aí, então, eu recebi um convite de um amigo meu, que estudava comigo na mesma sala, pra fazer uma aula de Boxe experimental. E ele já praticava, já lutava e tudo mais. E aí eu não aceitava porque ele chegava com a cara quebrada todos os dias e eu tinha medo de quebrar a minha também. Mas um dia eu fui, mas só por estética mesmo. E aí eu gostei da aula, foi bastante legal e continuei a ir todos os dias. Depois ia ter um Campeonato Brasileiro aqui na Bahia, 2005, e o meu treinador, que foi meu primeiro treinador me trouxe aqui na Champion pra fazer a chapa com uma amiga chamada Diana, e aí me colocou na equipe, o Dórea me colocou na equipe pra completar a equipe só pro Brasileiro. Só que aí quando chegou lá eu fui campeã e aí tomei gosto. Fui campeã brasileira em 2005 e tomei gosto e estou aqui até hoje.

V: Primeira competição e já foi campeã?

E: Foi. Primeira competição.

V: Descreva, então, a sua trajetória, desde a sua inserção até o momento atual. O que você já passou pelo Boxe, suas competições.

E: Então, depois desse Campeonato de 2005 fui convidada pra um Torneio Internacional na Argentina e lá eu fiquei em segundo lugar, fui prata, mas fui muito bem na competição, pra primeira competição internacional. Então, teoricamente falando eu fui muito bem. Depois eu integrei a seleção e fiquei sete anos titular... oito anos titular da seleção na categoria 46 quilos e sou quatro vezes campeã Panamericana, fui vice esse ano. Mudei de categoria e fiquei vice. Sou campeã Sulamericana. Primeira mulher a participar de um “Jogos Sulamericanos” na América Latina. Sou campi... Particpei de dois Mundiais. Esse último agora, que foi classificatório pra Londres, me tornei uma atleta olímpica, depois do torneio de Londres agora. Sou quatro vezes campeã dos Jogos Abertos. Até campeã paulista eu sou, campeã baiana, eu fui campeã uma vez. Ah, eu tenho vários títulos, tantas coisas e só.

V: E quando você entrou no Boxe, que desafios e potencialidades você imaginou encontrar ou encontrou?

E: Então, quando eu entrei, assim, eu tinha muitas dificuldades de reconhecimento também. Tem o lado financeiro, muito mais ainda porque eu não tinha incentivo. Então foi muito difícil eu ter que optar entre o Boxe e o meu trabalho. Porque nessa idade... Quando eu comecei, eu já morava sozinha, já tinha responsabilidades com minhas irmãs menores, tudo isso. Então, foi difícil. Mas... Tinha também o lance do preconceito, porque naquele tempo ninguém acreditava no Boxe, principalmente, feminino e tal. Esse preconceito era complicado: Ah, você vai virar homem, Boxe é esporte pra homem, tudo isso. Mas é uma coisa que eu consegui superar, Graças a Deus. A minha família também não aceitava, não me apoiava. Era o mais difícil de tudo. Porque eu tinha uma avó que também não deixava eu ir lutar, assim. Pegava bastante no meu pé. Mas, passou o tempo eu fui conquistando a confiança dela, ela foi me liberando, foi ficando melhor essa parte. Aí vem a parte financeira era muito difícil. A gente tem que se manter. É roupa, sapato, é alimentação, suprimentos, o transporte. Então, era muito difícil. Mas, graças a Deus eu consegui superar.

V: Na família tem mais algum atleta?

E: Não, só eu mesma.

V: E como que você percebeu que se tornava uma atleta de alto rendimento?

E: Pra te falar a verdade, até hoje eu não me vejo assim. Pra te falar bem a verdade. Hoje eu sou uma das melhores atletas da América e mesmo assim eu não, não vejo isso em mim. Outro dia um rapaz perguntou Você... É verdade, um repórter perguntou: Você... Todo mundo te ver como uma estrela. Você se acha uma estrela? Eu falei: Não. Eu faço o meu trabalho e deixo que eles vejam, vejam que eu sou a estrela. Eu acho que isso faz mal pra um atleta. E aí eu não, não vejo não. Minha estrela brilha, mas isso aí não. Eu gosto de fazer o meu trabalho, gosto de ser alegre, gosto de fazer bem o que eu faço, o meu treino, gosto de fazer bonito pras pessoas verem e gostar. Mas eu me acho não.

V: Certo. Fale sobre suas conquistas pessoais e outras que o Boxe trouxe pra você.

E: O Boxe me... O que eu posso dizer que o Boxe trouxe pra minha vida? Ele é uma coisa muito importante. Primeiro, assim, porque eu fui uma menina que não fui criada por pai ou mãe, eu fui criada pela avó. Então, eu não... Fui de família pobre, não tinha muitas oportunidades a não ser o estudo mesmo. Então, quando eu conheci o Boxe foi, tipo, um refúgio pra mim, onde eu descontava, descarregava mesmo todos os meus problemas. Eu tive também a oportunidade de conhecer o Dórea, que foi um pai pra mim também. Uma reeducação que eu tive, na realidade, com o Boxe. Me reeducou e tudo. Me transformou na pessoa que eu sou hoje, então, eu tenho o Boxe hoje como a minha vida. Hoje eu acho que eu não seria nada sem o Boxe. Conquistei várias coisas através dele também. Hoje eu tenho... Saí da casa que minha avó tinha deixado pra mim. Então, eu tenho a minha casa, eu tenho uma família, eu tenho tantas coisas. Tudo que eu sonhava em ter, eu já conquistei, Graças a Deus e ao Boxe também, né. Eu tive a oportunidade de conhecer vários lugares que eu nunca pensei que eu conheceria, várias cidades e países do mundo. Então, é muito gratificante saber que você está se dedicando a uma coisa e sem esperar que isso vai te retribuir em alguma coisa, né, porque eu comecei assim. Não sabia que ia conquistar nada, não acreditava em nada.

Então, é muito gratificante saber que você conquistou tudo isso através de seu trabalho, do seu suor, seu esforço, seu desempenho.

V: Sobre as dificuldades enfrentadas para permanecer como atleta, as questões iniciais você já comentou. E hoje, como está essa questão? Não só financeira, mas também a parte física.

E: Então, hoje, graças a Deus tivemos... Pra falar a verdade, quando o Boxe Feminino se tornou uma modalidade olímpica, melhorou bastante. Porque antigamente a gente tinha que ir nos campeonatos e pagar do nosso dinheiro. Então, era muito difícil. Se eu quisesse ir pra um campeonato eu tinha que pagar minha passagem, hospedagem, alimentação. Tudo por conta do atleta. Mas, então, quando se tornou uma modalidade olímpica tudo melhorou. Por quê? Porque o Governo Federal nos proporcionou uma bolsa, que chama Bolsa Atleta, onde a gente usa pra isso, pra manutenção do atleta. Ela foi feita pra isso, pra manutenção do atleta. Então, aí eu passei a pagar minhas passagens, não tinha preocupação de trabalhar e ir treinar e preocupar com passagem, com tudo isso. E aí hoje, a gente paga as coisas, quando é pra pagar, com esse dinheiro, com esse benefício que o Governo Federal nos cedeu. E aí melhorou, bastante.

V: E na parte física, já sofreu com alguma lesão?

E: Ah, graças a Deus, não. É provado que o Boxe ele é a modalidade que menos, de menos lesões no atleta. É provado. Foram feito estudos em Mundiais e tudo mais. Foi uma competição muito grande, onde se faz bastante luta. Então, foi provado isso cientificamente que o Boxe é uma modalidade que não agride muito o corpo, fisicamente. Não tem muita lesão.

V: O que te faz permanecer como atleta? O que te motiva?

E: O que me motiva é o sonho que eu tenho desde quando eu comecei: conquistar uma medalha olímpica. E eu sei que eu tenho potencial, assim. Ao menos eu conheço o meu trabalho, né. Então, eu tenho o sonho de uma medalha olímpica. Infelizmente não consegui agora. Mas tô trabalhando duro para que em 2016 eu possa conquistar e encerrar minha carreira. Eu não quero só participar das olimpíadas, eu quero medalhar numa olimpíada.

V: Encerrar? Mas acabou de aumentar a idade limite.

E: Mas eu tenho outros planos também pra minha vida. Quero construir minha família, quero ter um filhinho, tudo isso. Uma mulher normal.

V: Sobre o público [interrupção]. Como que você vê a relação e o interesse do público com o Boxe feminino?

E: Então, antigamente o Boxe feminino não tinha muito público. Mas, depois que se tornou uma modalidade olímpica melhorou bastante. E depois da visibilidade que teve agora em Londres muito mais ainda. Tanto que o comitê organizador tá pedindo que aumente as categorias. Porque infelizmente só foram três categorias olímpicas. Então, agora eles estão querendo aumentar para sete categorias. Então, porque teve uma audiência, teve um público muito, muito bom. Então, melhorou bastante. É muito bom. Quando a gente chega nos lugares agora a gente já não é mais vista como antigamente: Ah, luta boxe. Tipo assim, nada. Então, hoje as pessoas valorizam bastante, conversam com a gente, se interessam. Tanto que aqui nas

academias a procura de mulheres pelo Boxe, por estética, cresceu muito, muito mesmo. Quase todas as academias que você vai que tem o Boxe, tem o feminino, tem mulheres treinando e tal. Então, é muito bom. Melhorou bastante, muito.

V: E a mídia? Como que você vê a relação e o interesse da mídia pelo Boxe feminino?

E: Ah, eu também acho que melhorou. Porque em comparação a anos anteriores era quase nada. Hoje em dia, chega Dia das Mulheres ou datas, assim, que representa a mulher a gente recebe muita proposta, muitos repórteres procuram a gente, muita entrevista, divulgando, assim não só o lado do Boxe, mas, acompanham a gente no shopping, no salão de beleza e tudo isso é importante pra divulgação do Boxe feminino, né. Tem que mostrar, além de tudo, que lá em cima a gente é homem que nem os outros meninos também (rsrs), mas aqui em baixo eles procuram mostrar e diferenciar. Isso é muito bacana.

V: Em sua opinião, o que deveria ser feito no Brasil para que o Boxe feminino seja mais valorizado, melhor remunerado, mais transmitido?

E: Pra mim, pra começar.... Do começo teria que mudar a presidência, toda a equipe técnica da Confederação. Pra mim, deveria começar por aí. E depois dá oportunidade a novas meninas [interrupção]. Então, esqueci o que eu tava falando.

V: Sobre o que fazer para que o Boxe feminino seja ainda mais valorizado, remunerado, transmitido.

E: Ah, então, isso, o lance da Confederação, né. E depois dar mais oportunidades às outras meninas, tipo, de cidades, de estados que não têm muita oportunidade, que não têm condições de participar de um campeonato brasileiro, que não têm como participar de um paulista, assim, que fizessem intercâmbio mesmo entre os estados que envolvessem as Federações e tudo mais. [interrupção]

V: Bom, eu gostaria que você falasse agora sobre alguma frustração que você tenha vivido nesse período que você está dedicada ao Boxe e um sonho que você já tenha realizado ou que você ainda queira realizar.

E: Então, frustração, não. Nunca tive uma frustração, assim, no Boxe. Mas vivi, é algumas decepções, assim, de você esperar alguma coisa e ser outra. Em relação à seleção e as pessoas que envolvem a coordenação. Todas essas coisas assim são um pouco decepcionantes. Assim, porque você chega lá e pensa que é uma coisa e na verdade não é nada disso. Então, só por essa parte aí, no Boxe. E um sonho, como eu já tinha dito antes, a minha medalha olímpica, eu sonho com ela. Eu acho que eu sonho não, vai se tornar realidade, fé em Deus. Eu sonho em alcançar em 2016. Seria muito bom porque conquistar uma medalha olímpica no Brasil, sou brasileira. Muito bom.

V: Você vive somente do Boxe? Você comentou que recebe o Bolsa Atleta. E além dele tem alguma outra fonte, algum trabalho que ajuda a compor sua renda?

E: Não, eu não tenho outro trabalho, também, porque ser um atleta de alto rendimento te exige que você trabalhe só com isso. Se você fizer qualquer outra coisa eu acho que desvia seu trabalho, seu treinamento. Você tem que tá livre. Então, isso é uma das coisas que não me faz, tipo, estudar. Também não tenho tempo porque é muita viagem, a gente perde aula e tudo

isso. Então, a gente tem... Eu tenho uma ajuda do Governo Federal. Eu tenho do Governo do Estado, agora. Tenho patrocínio, tinha patrocínio... Não posso falar que tinha... da Petrobrás que ajudava, tinha o Projeto. Isso. E um clube de São Paulo. Eu sou contratada do São José dos Campos, onde ele paga pra eu disputar um campeonato no ano.

V: E apoio de empresas privadas?

E: Não, ainda não, por enquanto.

V: E você consegue perceber alguma diferença entre o Boxe feminino e o masculino? Não só em regras, mas de patrocínio ou mesmo em relação ao público?

E: Então, não tem muito o que comparar masculino e feminino, né. Porque é uma só modalidade. São poucas diferenças, assim, encima do ringue. O feminino eu acho que é um pouco mais detalhista, um pouco mais perfeito, procura ser mais perfeito, assim, nos golpes, essas coisas, assim, pouquíssimas coisas. E fora do ringue é diferente porque quando a gente desce a gente penteia o cabelo, a gente passa batom, só isso. Não tem muita diferença. E em lances de patrocínio é a mesma coisa porque temos campeões nos mundiais no Brasil, temos campeã mundial também. O que aparece pra um, aparece pro outro. Eu acho, assim, é o destaque do próprio atleta, então, não tem muita diferença.

V: Como que é sua rotina de treinos durante a semana?

E: Durante a semana temos trabalhos diferentes, diferenciados. De segunda a sábado, na parte da manhã, a parte técnica; na parte da tarde, a parte física e na quinta e no sábado é o sparring, que é uma simulação de luta. Só.

V: Então, vocês fazem outros treinamentos fora a luta?

A: Durante a tarde. Temos preparação física, temos o trabalho de musculação. Intercalado os dias, cada dia separado o trabalho. Tem dia que é mais longo o treinamento da tarde e em outros dias são mais curtos.

V: E nos dias de lutas ou nos dias que antecedem as lutas? O treino acontece de forma diferente do cotidiano? Tem alguma preparação especial?

E: Ah, diferente. Então, temos a preparação meses antes de um campeonato e quando vai se aproximando, tipo, 15 dias, uma semana antes, vai mudando o treinamento. Então, a gente vem assim, alto, um treinamento forte, aí depois vai baixando, baixando e uma semana antes diminui tudo. Aí a gente passa a não fazer mais contato físico por causa das lutas, por causa de lesões, de machucar, alguma coisa assim. Aí a agente não faz mais. E, um dia antes da luta, é só descanso, dois ou três dias antes da luta até o dia da pesagem, que a gente pesa. Nós temos a pesagem oficial de manhã e depois tem o sorteio das lutas e depois a gente vê em qual dia vai lutar. Às vezes luta no mesmo dia ou no outro dia. Então, é descansar, se alimentar bem, recuperar o peso. Também tem muita gente que sofre com o peso e chega de tarde é só lutar.

V: E em sua opinião as exigências corporais e técnicas do Boxe, elas mexem com sua feminilidade?

E: Ah... Em alguma coisa sim. Mas eu, particularmente, não deixo que isso aconteça. Geralmente, você vê uma boxeadora, assim, forte, veste roupa de homem e eu procuro ser sempre o contrário. Uma vez eu fiz uma matéria que aí o repórter falou assim: Nossa! Eu aqui neste instante e você estava tão linda e agora você tá assim. Eu tinha acabado de descer do ringue, eu falei: É que aqui em cima eu sou a fera e aqui embaixo eu sou a bela. Isso até repercutiu na época. Aí eu costumo dizer isso que em cima do ringue eu sou a fera e embaixo eu sou a bela porque eu procuro sempre tá com o cabelo solto, maquiagem, unha feita pra poder diferenciar. O que tem pra diferenciar entre o Boxe masculino e o Boxe feminino? Então, eu acredito que assim seja o caminho certo, né. Sempre ando com vestidinho, com sainha, bem arrumadinha.

V: Nas redes sociais dá pra ver que você gosta bastante de brincar com a aparência, mudar o cabelo, mudar tudo. Você se diverte com isso.

E: Eu acho legal. Quando eu chego em algum lugar e as pessoas perguntam: Você é atleta? Sou. Mas de que modalidade? Eu falo do Boxe e eles falam: Não, do boxe não. Você faz alguma coisa de atletismo. Milhares de pessoas me perguntam se eu faço atletismo. Não, eu não faço atletismo, eu faço Boxe. Aí eu acho legal isso, eu acho legal.

V: Então, pra você, o que é ser feminina?

E: É permanecer sempre com a sua feminilidade. Assim, demonstrar que você é feminina, que você é sutil, que você é fina. Ah, acho que isso é essencial pra uma mulher. Não só pro Boxe, mas pra qualquer outro tipo de modalidade que tem por aí. Acho que tem que ter um diferencial, tem que ser diferente.

V: E, em relação à sua feminilidade, como você percebe o olhar das outras pessoas?

E: Ah, sim. Quando a gente passa, quando a gente... Ah, tem tantas situações que acontece isso. Tipo, eu tô num campeonato e aí eu tenho um dia de folga. Nos dias de luta não, eu vou com o cabelo preso, assim, tô sem maquiagem, o que também atrapalha um pouco, assim. Mas nos dias que eu não vou lutar no Campeonato eu ando sempre arrumada, sempre feminina. Então, isso atrai os olhares de outras pessoas que falam: Nossa, você está tão bonita hoje. Nem parece que você é uma boxeadora. E é verdade. Lá fora as pessoas prestam atenção, os técnicos, os homens que estão lá, que falam e sempre comentam pelo fato de eu ser uma boxeadora, não sei o que. Luta tão bem e é tão bonita. Então, as pessoas procuram conciliar também essas coisas. Luta tão bem e é a mais bonita e é a melhor boxeadora, então... Eu gosto disso.

V: Fale um pouco sobre o seu corpo, você está satisfeita como ele é hoje?

E: Ah, eu tô. Eu gosto do meu corpo. Nossa! Eu tenho... Eu vou fazer 30 anos e todo mundo me dá 17 anos, 18 ou 20 anos e eu acho isso maravilhoso, acho isso tudo, tudo que há. Então, eu tô bastante satisfeita, eu tô bem. Eu trabalho com meu corpo pra não procurar deformar ele. Eu não gosto de ter músculos, assim, eu não gosto de ser musculosa, eu não gosto de coisas que transformem o meu corpo. Então, eu procuro trabalhar com ele de uma forma que não vai deformar. Eu procuro ter a cintura fininha, o bumbunzinho arrebitadinho. Meus ombros são largos, realmente, mas não gosto muito de ser musculosa, coisas assim. Então, Graças a Deus meu corpo tá perfeito. Eu acho, né (rsrs).

V: Você mudaria alguma coisa ou já quis mudar algo em você?

E: Então, eu já quis mudar já, não pro Boxe, mas por estética. Eu tenho vontade de colocar silicone nos seios, que eu não sou muito satisfeita com ele que ficou, assim, pequenininho. É a única coisa em mim que eu mudaria. É isso. Só colocar um pouquinho de silicone nos seios e eu não tive tempo ainda de colocar.

V: Pra modalidade isso muda em alguma coisa?

E: Nada, nada. É porque eu não tenho tempo mesmo. Pra recuperação precisa de um mês, dois meses. Aí dois meses perdidos pra mim é muito.

V: E você percebeu mudanças em seu corpo desde a sua inserção no Boxe que possa ser atribuído a ele?

E: Então, antes de eu fazer, de eu praticar o Boxe eu pesava 60 quilos, 61. E aí depois, quando eu comecei a treinar o Boxe, aí eu fui baixando o peso normalmente, excesso de treinamento, também fui entrar de categoria e, então, eu decidi por baixar o peso e tô aqui até hoje no mesmo peso. Eu subi agora pra 51 quilos porque é uma categoria olímpica, mas eu sempre tive 48 quilos. De 60 eu desci pra 48, mas não porque eu quis descer. Eu tive um problema, fiquei um tempo com depressão, problema. Aí eu fui baixando meu peso normal e aí eu não consegui subir mais. Aí eu fiquei nessa categoria que foi 48 quilos e agora, por causa da categoria olímpica, eu subi pra 51 e aí fiquei.

V: Pra concluir eu te pergunto, o que o Boxe significa, então, pra você?

E: A minha vida. O Boxe significa a minha vida.

V: É isso, Érica. Você gostaria de comentar sobre algo que a gente conversou ou algo que a gente não tenha conversado?

A: Não. Acho que a gente conversou sobre tudo, de tudo um pouquinho, né. Então, eu só a agradecer a você, pelo fato de ter procurado a gente aqui na academia e também pelo seu interesse em escolher a modalidade Boxe também. Então, agradecer a você, que você consiga fazer o seu trabalho direito lá e que você consiga ser aprovada (rsrs).

V: Eu é que te agradeço Érica. Brigada!

ANEXO VII

Entrevista (Piloto) Joice Silva

Data: 15/12/2012 (Entrevista piloto)
Local: Centro de Treinamento da CBLA.
Entrevistador: Vera Fernandes

Atleta Entrevistada: Joice Silva
E-mail: joicesilva2007@hotmail.com
Data de nascimento: 20/07/1983
Idade: 29 anos
Estado civil: Solteira
Tem filhos? Não
Grau de escolaridade: Especialização
Esporte que pratica: Luta Olímpica
Tempo dedicado à modalidade: 11 anos

V: A primeira pergunta é quais foram os motivadores para a sua inserção na Luta Olímpica?

J: Na Luta Olímpica? Eh... Eu também lutava Jiu Jitsu, uma outra luta, e meu professor de Jiu Jitsu achou que a Luta Olímpica poderia me ajudar tecnicamente, no Jiu Jitsu, né, que é em pé, na parte de queda e tal. Ele falou: Vai lá! Procura o... No caso era na Gama Filho que tinha escolinha de Luta Olímpica. Aí ele falou pra eu ir lá procurar a Gama Filho que tinha Luta Olímpica e tal. Ele me falava isso várias vezes e eu nunca ia. Até que teve uma época que ia ter uma competição e a gama Filho queria fazer uma equipe feminina. Aí meu professor de Jiu Jitsu conhecia o professor lá da Gama Filho, aí ele falou: Ah, você não tem nenhuma menina aí pra vir, pra trazer, pra lutar pela gente? Aí eu fui, né, fui pra competir o campeonato estadual. Aí eu fiz umas aulas e fui pra competição, aí fui campeã.

V: Já na primeira?

J: Já na primeira. Eu tinha uma noção do Jiu Jitsu, né. Aí me ensinaram algumas regras, adaptei alguma coisa, aí depois desse campeonato estadual, eu ganhei a vaga, como fui campeã, eu ganhei uma vaga pra participar do campeonato brasileiro e aí, em seguida, eu fui campeã brasileira. Aí já fiquei muito motivada, né. Oh, legal! Entrei agora, né, e já fui campeã brasileira. Então, eu fui continuando, né. Até que chegou o momento em que eu tive que escolher porque não dava pra treinar as duas coisas. Aí foram várias coisas que influenciaram: o fato de treinar lá na Gama Filho, de surgir que eu poderia ter bolsa de estudos, as oportunidades, né, que a Luta Olímpica acabou me criando na época.

V: Eh... lá na Gama Filho, pela Luta Olímpica, você tinha direito à bolsa de estudos?

J: É. Depois de um ano, né, eu entrei... Eu escolhi a Luta Olímpica, parei de treinar o Jiu Jitsu. Fiquei um ano... Depois de um ano, no ano seguinte, eu ganhei a bolsa de estudos. Aí eu podia escolher o curso que eu quisesse e eu escolhi Educação Física. Aí eu treinava e estudava.

V: E como foi conciliar tudo isso?

J: Olha, foi fácil, porque treinava durante o dia, de manhã e de tarde, e estudava a noite. Aí foi tranquilo.

V: E que característica da Luta que te instigou? Mesmo que tenha tido outras questões na sua escolha, da própria luta, o que te instigou?

J: Ah, assim, é luta também, né. O Jiu Jitsu, assim, são lutas. No caso, eu sempre gostei de esportes. Mas antes eu fazia futebol, basquete, já fiz de tudo. Eu sempre conciliei um horário escola e outro horário o esporte porque eu gostava. Eu sempre gostei, desde pequena, desde criança. Mas, quando eu conheci a Luta Olímpica... Quando eu entrei no Jiu Jitsu, na verdade, eu nunca tinha feito luta nenhuma. Então, eu entrei porque realmente era muito diferente pra mim. Eu pensava: Ah, eu nunca fiz nenhuma luta. Quero ver como que é e tal. E aí eu fui gostando pelas pessoas que eu conhecia, pelas amizades que eu fiz, eu fazia na escola, né. O professor também estava sempre motivando a participar de competição. Ah, eu não sei exatamente o que é que me conquistou, né, na Luta Olímpica. A Luta Olímpica, o fato de ser olímpica e eu sempre quis ser atleta e ali eu vi a oportunidade de “Poxa! Aqui eu posso um dia chegar numa olimpíada”, que eu queria. Então, ao mesmo tempo que eu estava estudando, eu sempre tinha um sonho de “Ah, um dia eu quero chegar numa olimpíada, participar de uma olimpíada, ser atleta”, sabe, sempre quis. Aí eu acho que eu vi essa oportunidade na Luta Olímpica.

V: E como você percebeu que se tornava uma atleta de alto rendimento?

J: Foi assim... Eu sempre quis, né. Sempre conciliei o estudo porque, também, pé no chão, né. A realidade de ser atleta no Brasil é outra. Hoje em dia, graças a Deus tá mudando bastante. Mas não dava pra eu dizer “Ah, quero ser atleta”, né. Eu queria, mas não podia falar assim: “Não mãe vou virar atleta. Vou largar tudo”. Então, eu sempre estudei. No ensino médio eu fiz enfermagem, fiz técnico em enfermagem, aí logo depois eu fiz pré-militar, fiquei um tempo... Ao mesmo tempo que eu treinava, eu conciliava essas coisas. O cursinho pré-militar, fiz prova pra sargento, prova pro bombeiro, aí não passei e tal. Mas quando eu entrei na Luta Olímpica lá na Gama Filho, que logo veio a oportunidade, depois de um ano fazer... Ah, não. Agora confirmou você vai ganhar a bolsa no ano que vem e tal. Nessa época também surgiu o Bolsa Atleta do governo, né, que ele dá uma quantia em dinheiro e tal. Então, foi aí que eu vi que “Não, agora eu recebendo esse dinheiro aqui eu vou me dedicar só à Luta”, Eu vou... Sabe, eu não preciso trabalhar agora. Aí eu perdi esse medo, assim, de “Ah, vou fazer o quê? Vou me sustentar de onde?” Então, foi com o Bolsa Atleta que eu me dediquei totalmente. Quando começou esse Programa, o Bolsa Atleta, foi quando eu me dediquei totalmente pra Luta.

V: Você lembra há quanto tempo?

J: Foi em 2005.

V: E a sua trajetória até as Olimpíadas? Como que você percebeu que você chegaria numa Olimpíada?

J: Aí, né, em 2005, 2006 eu tinha competido. Eu tinha... Eu sempre faço por metas, né. A próxima competição, a próxima meta é a competição tal, né, é o Campeonato Brasileiro, aí no outro ano o Campeonato Panamericano, Sulamericano e a gente vai, vai aumentando, né, vai se superando, tentando se superar ali. E em 2007 eu lutei nos Jogos Panamericanos aqui do

Rio, 2008 já era ano olímpico, Pequim, e eu fui, já fazia parte da seleção, fui fazer parte dos... Fui lutar no pré-olímpico pra me classificar. Só que eu não me classifiquei. Então, assim, eu continuei os quatro anos, né, de 2008 até agora em 2012 com a meta de “Eu vou treinar porque eu quero um dia participar das Olimpíadas”, né. É uma meta, assim. Todo atleta quer o auge. “Qual que é o máximo que eu posso? É ser campeão olímpico? Ah, então é isso que eu quero”.

V: E a sua família, como ela reagiu a sua escolha de ser uma atleta de Luta Olímpica?

J: É, antes já... Quando eu comecei, ainda no Jiu Jitsu, assim, minha mãe não gostava muito por ser luta, mas, ela só não falava tanto porque eu nunca deixei os estudos de lado, entendeu? Acho que se eu chegasse pra ela e falasse “Ah, não mãe, parei de estudar, vou só lutar”, aí eu acho que ela ia encrencar, não ia gostar. Mas, como eu não parei, né, eu continuei treinando e estudando. Depois do Jiu Jitsu veio a Luta Olímpica. Eu tava na faculdade, viajava, competia, mas tava me formando. Então, ela ficou mais tranquila. Ela não gosta de assistir competição nenhuma, fica nervosa e tal. Assistiu só as principais mesmo, né. Aqui no Rio, no Pan, ela foi lá porque era aqui no Rio tudo. O Pan, os Jogos, foi com outras pessoas, com as amigas, a família, familiares. Mas não gosta pelo fato de ser luta, não gosta de me assistir lutando. Quando ela pode evitar, ela não vai mesmo. Nem assiste, nem nada. Mas, hoje em dia, tá tranquilo.

V: E seu irmão? Que também está no meio esportivo, como que...?

J: É, meu irmão é mais velho. Eu sempre vi meu irmão fazendo muitas atividades, aí imitava, né, um pouco. Meu irmão faz isso, faz aquilo, então, eu quero imitar também. Então, acho que foi muito por aí no esporte. Eu gostava e ainda via o meu irmão fazendo e queria mais. Ele também já fez várias modalidades, participou. Mas ele competiu mesmo foi com o fisiculturismo. A paixão dele era o fisiculturismo. Mas por agora ele já parou de competir.

V: Mas ele sempre te apoiava em tudo isso?

J: Sim, apoia muito.

V: E dificuldades? Você encontrou ou enfrenta dificuldades para permanecer como atleta? Que você identifique como dificuldade?

J: Olha, eu não sei. Eu fazia... Eu sempre fiz o que eu gosto, sabe, o que eu sempre quis fazer. Mas, dificuldades a gente tem em relação a patrocínio, a ter uma competição e não saber se vai poder viajar ou não porque não tem o dinheiro, ninguém tem quem pudesse bancar passagem e tal. Mas isso foi por pouco tempo, sabe. Porque... Eu sempre me dediquei muito. Aí eu pensava assim “Ah, se eles puderem levar um atleta só, que seja eu, porque eu tô aqui, tô me dedicando. Eles vão ver que eu tô treinando forte, que eu quero muito”. Então, sempre treinei assim, sabe. Eu sempre fui assídua, eu nunca... [interrupção]. Tava falando das dificuldades, né? Então, logo no início, né, não tinha dinheiro pra participar de algumas competições e tal. Cheguei a fazer até rifa lá na Igreja com o pessoal lá na Igreja pra eu poder participar de um Campeonato Mundial, que aí não tinha como custear, não vai poder levar.

V: E deu certo?

J: Deu certo porque no final, assim, a Confederação até me levou. Mas o pessoal, assim, se mobilizou. Foi muito bacana. “Não, a Joice tem que ir. Vamos fazer uma rifa aqui”. Mas no final a Confederação me levou mesmo.

V: E o uso da joelheira no treinamento? É por causa de alguma...?

J: Não, é proteção. É pra proteção mesmo, porque a gente ajoelha muito. As técnicas de Luta Olímpica é de muita repetição, assim, queima, o joelho. É só pra proteger.

V: Lesão...?

J: Graças a Deus eu nunca tive não. Fiz uma cirurgia de hérnia inguinal, que foi por esforço. Mas não é uma lesão, assim. Não sei se considera como lesão.

V: Bem, você já comentou um pouco, mas eu gostaria que você descrevesse as suas conquistas, tanto pessoais quanto esportivas, que estejam ligadas à Luta Olímpica.

J: Então, pessoais, né, a faculdade, os amigos. Hoje a vida gira toda em torno... A vida toda também não, mas muito, né, em torno dos meus amigos na Luta. E conquistas, assim, títulos, eu sou 10 vezes campeã brasileira. O mais importante foi a participação em Londres, né, com certeza. Conquistar a vaga ali foi meu auge, assim. Esse ano foi auge da minha carreira. Tenho alguns títulos internacionais também: vice-campeã no Torneio da Espanha esse ano, fui vice também na Bulgária... Não, na Bulgária eu fiquei em quinto.

V: Já está perdendo a conta dos títulos?

J: É. A gente vai perdendo. Tem que ter o papel do lado escrito mesmo. De cabeça a gente lembra dos últimos, né, que foi as Olimpíadas e 10 vezes campeã brasileira. Assim, desde que eu entrei na seleção brasileira, eu fui... eu sou a primeira do ranking, né. Tanto na categoria 55, quanto na 59.

V: Atualmente você está competindo na 55?

J: Agora não, eu encerrei. Encerrei nos Jogos Olímpicos a categoria 55 e agora eu sou 59.

V: E 2016?

J: Eh... O ciclo olímpico já começou pra 2016.

V: E como que você percebe que seus pares (gestores, colegas, outros lutadores, outras lutadoras) te veem? Como é a visão deles sobre você?

J: Eu acho que eles me veem como, eu acredito, como uma pessoa dedicada, uma atleta dedicada mesmo, esforçada. Como pessoa, eu sou na minha, assim, eu sou quieta, assim. Me dou bem com todo mundo, mas sou bem tranquila.

V: E sobre a Luta Olímpica, você consegue dizer em, pelo menos, três palavras o que ela significa pra você?

J: Trabalho, realização de sonhos. Acho que é valor, assim, na minha vida. Esporte e Luta Olímpica atualmente está em segundo lugar, terceiro, assim: minha mãe, Deus, minha religião e Luta Olímpica, esporte.

V: A gente entra agora em perguntas mais específicas do estudo. Eu te peço para você citar algumas características da modalidade.

J: A Luta Olímpica... A regra, o objetivo principal da Luta é encostar as costas do adversário no chão. Então, a Luta começa em pé. Ela tem quedas, características de queda, você derruba o seu adversário e também continua no chão. Tem técnicas no chão, a Luta no chão em si, também. É... mais o quê... Não tem alavancas, não tem socos. Alavancas de chaves de braço, essas coisas. Estrangulamento não pode, não vale na regra, não faz parte da Luta Olímpica não.

V: E eu vi que vocês treinam tanto a técnica como também tem treinamento de força. É necessário o treinamento de força.

J: Sim. É luta, né. Porque às vezes você tá disputando... Que é a mesma coisa você não quer deixar o seu adversário conseguir... Disputa a força. A gente treina força, treina fisicamente, né. Tem a preparação física, que aí pode ser força, resistência, velocidade, explosão, dependendo da época, né, do período, do ciclo, do treino. A gente treina a tecnicamente, a técnica propriamente dita, a repetição do movimento, repetição, repetição. Tem um lado psicológico também, que tá aí incluído na técnica também. Tem várias coisas. É basicamente isso.

V: Você acha que essas características da modalidade elas podem influenciar na sua feminilidade?

J: Se influencia? É, assim, tem um momento na... que você tá treinando, tá ali dedicada, que você tem que, realmente, abrir mão de algumas coisas. No caso, uma vaidade feminina não dá pra... Você tem que abrir mão. Não dá pra conciliar muito. Por exemplo, eu não quero meu cabelo quebrado, então, às vezes a gente prende, arreventa, então eu coloco uma toquinha, eu treino com uma touca. Essa toquinha é vaidade porque não tem necessidade. Não tem porque faz parte do uniforme e tal. Mas, como cabelo caindo no meu rosto, não sei o quê, me atrapalha a treinar, eu coloco a toquinha que acaba os problemas, além de proteger o meu cabelo porque depois ele não arreventa tanto e tal, então, isso aí é um exemplo. Não dá pra ter unha grande, não dá pra ficar passando hidratante senão a gente sua e escorrega pra treinar. Então, tem umas coisas que na hora da luta, ali na hora do treino você tem que abrir mão um pouco da vaidade. Mas depois, acabou o treino, tomei meu banho, aí acabou. Eu volto à menininha de novo.

V: Pra você, o que é ser feminina?

J: Ah... Porque muitos pensam que a feminina é só aquela fresquinha, aquela mulher cheio de frescura. A outra brava também pode ser feminina, né (rsrs) [interrupção].

V: Em relação à feminilidade, no seu cotidiano, como você percebe o olhar dos outros?

J: Em relação à feminilidade não. O que falam é em relação, assim, fisicamente, né, porque eu sou um pouco mais definida, tenho o braço um pouquinho maior. Aí tem vezes, na rua, que

até as pessoas que não me conhecem perguntam: O que você faz? Você malha? Nossa, eu queria ter um braço assim. Mas em relação à feminilidade não. As pessoas até se espantam quando eu digo que eu luto. Dizem “Nossa, você é assim tão calminha. Você luta?”. Quem não sabe que eu luto, né, me conhece, mas não sabe que eu luto se espanta, se assusta porque eu sou uma pessoa calma e tal. Mas em relação à feminilidade nunca ouvi nenhum comentário não.

V: Um outro ponto que eu gostaria que você comentasse é sobre seu corpo. Você está satisfeita da forma como ele é hoje?

J: Eu sou satisfeita sim. Como atleta a gente trabalha bastante, então, define e tal. Eu tô muito satisfeita.

V: E você já quis ou gostaria de mudar algo?

J: Ah, não é nada, vamos dizer assim “Se eu pudesse mudar”... Não é nada que eu tô morrendo por isso. Eu colocaria um enchimentozinho, assim. Mas também, se eu nunca colocar na vida, eu não vou morrer por causa disso. Não me acho mais feia por causa disso não.

V: E que mudanças aconteceram no seu corpo, desde a sua inserção, nas lutas, se puder ser mais específica, na Luta Olímpica?

J: Não, assim, a preparação física... Toda a dedicação que eu tive na Luta Olímpica foi muito mais profissional, né. Foi até depois que os técnicos cubanos vieram pra cá revolucionou toda a maneira que a gente treinava também. Bem diferente, né. Eu fiquei muito mais forte. Quando eles chegaram, quando a gente começou a treinar eu tava bem forte, bem resistente também, o condicionamento físico. Melhorou tudo. Então, mudou isso. Eu ganhei mais massa muscular, eu fiquei mais forte fisicamente.

V: Bom, a gente encerra, mas antes eu pergunto se você gostaria de fazer algum comentário sobre o que foi perguntado ou sobre o que não foi perguntado.

J: Não, eu não tenho nada a perguntar não.

V: Joice, então, brigada pela entrevista.

ANEXO VIII

Entrevista Joice Silva

Data: 22/03/2012

Local: CEFAN

Entrevistador: Vera Fernandes

Atleta Entrevistada: Joice Silva

E-mail: joicesilva2007@hotmail.com

Data de nascimento: 20/07/1983

Idade: 29 anos

Estado civil: Solteira

Tem filhos? Não

Grau de escolaridade: Especialização

Esporte que pratica: Luta Olímpica

Tempo dedicado à modalidade: 11 anos

V: Hoje me encontro novamente com a atleta Joice Silva, da seleção brasileira de Luta Olímpica. Joice, primeiramente, eu gostaria que você descrevesse a sua trajetória esportiva, desde a sua inserção até o momento atual.

J: Desde a minha inserção? Desde que eu comecei na Luta Olímpica?

V: Sim.

J: Eu comecei na Luta Olímpica com 19 anos. Vim do Jiu Jitsu, né, e... Uma equipe queria montar uma equipe feminina, a Universidade Gama Filho, no caso, queria montar uma equipe feminina de Luta e, como eu já uma noção do Jiu Jitsu, meu professor falou assim “Vai lá”. Vai ser bom pra, até pro Jiu Jitsu mesmo, pra saber algumas técnicas em pé. E eu fui lá pra treinar, pra ver se fazia parte dessa seleção. E fui e participei do Campeonato Carioca, né, o Estadual, carioca não, é o Campeonato Estadual do Rio de Janeiro e fui campeã. E sendo campeã do estadual, eu fui selecionada, né, classificada pro Brasileiro. E aí, em seguida, eu fui campeã brasileira. Então, na minha primeira competição de Luta Olímpica eu fui campeã brasileira. E aí eu fui e continuei, continuei conciliando o Jiu Jitsu com Luta Olímpica. Até que teve uma época que eu tive que optar porque já não dava pra mais pra treinar as duas coisas. E a Luta Olímpica me deu... Abriu várias oportunidades, assim, muito rápido, que foi a questão de viajar, competir internacionalmente, a bolsa de estudos na faculdade, né, por eu ser atleta da Universidade, eu pude ganhar bolsa de estudos. Então, eu acabei optando, né, pela Luta Olímpica e, principalmente, porque é um esporte olímpico. E desde cedo um tinha esse sonho, né, de ser atleta, de um dia poder participar de uma Olimpíada. E eu vim treinando, competindo desde então participando das competições internacionais, panamericanos. Hoje eu tenho... eu sou 13... 12 vezes campeã brasileira, contando, né, com esse ano de 2013.

V: Você está na modalidade há quanto tempo?

J: Desde 2001. No final do ano faz 12. Foi no finalzinho do ano.

V: Tem também as conquistas recentes...

J: Sim. O auge da minha carreira foram os Jogos Olímpicos, né. Me classifiquei pros Jogos de Londres. E esse ano, 2013, a gente começou com um Torneio Internacional na Bulgária. Fiquei em terceiro lugar lá. Depois veio o Campeonato Brasileiro, fui campeã brasileira. E agora estamos treinando pro Panamericano, Campeonato Panamericano de Luta Olímpica.

V: Estou vendo você com um cortezinho na boca...

J: Ah, isso é normal. O treino ontem foi bem puxado, né. É consequência.

V: O que te faz permanecer como atleta? O que te motiva a continuar?

J: É o sonho que eu sempre quis. Eu sempre quis isso pra minha vida, eu sempre quis ser atleta. E hoje eu vivo a realização desse sonho a cada dia. Eu sou atleta e isso me satisfaz. E o fato de estabelecer metas sempre, né. Ah, eu quero ser campeã Panamericana. A gente treina pra aquilo e aí passa. Aí você coloca... Ah, eu quero o Mundial. E a gente vai cumprindo essas metas, vai vivendo um dia após o outro.

V: E como você vê a relação do público com a Luta Olímpica? Se puder ser mais específica, com a Luta Olímpica feminina? O interesse, a participação nos eventos.

J: Eu vejo... Aqui no Brasil é diferente, né, porque não é um esporte popular. Então, numa competição aqui no Brasil a gente vê a família, os amigos, né, as pessoas envolvidas, assim, com a gente, com os atletas, com o meio, né. Agora, quando a gente viaja, está fora do Brasil, a gente vê que existe um público mesmo, né. Que independente de ter alguém conhecido ali lutando ou não, os estádios, os ginásios estão sempre cheios, as competições cheias, as pessoas torcendo mesmo, escolhe alguém pra torcer, torce, acompanha até o final. É bem bacana essa relação com o público.

V: E da mídia? Como que você vê o interesse da mídia pela Luta Olímpica, mais especificamente à participação das mulheres?

J: Aqui a mesma coisa, né. No Brasil e no mundo. Porque o Brasil tem uma relação diferente aí com a Luta Olímpica. No Brasil, acredito que a gente está mais em evidência devido aos resultados. As meninas têm trazido mais alguns resultados que o masculino. Então, eu acho que a Luta Olímpica feminina acaba estando um pouco mais em evidência. Agora no mundo não. No mundo, realmente, o masculino, né, é o assunto, está mais em evidência do que as mulheres mesmo. As mulheres têm uma ou outra, assim, que são mitos que não perdem nunca, estão sempre ali, né, são sempre notícia.

V: Em sua opinião... [interrupção]. Eh... na sua opinião, o que poderia ou deve ser feito no Brasil para que a Luta Olímpica seja mais valorizada, mais transmitida, mais assistida?

J: Ah, eu acho que a mídia em si divulgar, mostrar nossas competições, assim, acho que vai... Porque as pessoas não conhecem porque nunca viram, né. Não passa na televisão. Até que o último ano a SporTV transmitiu o Campeonato Mundial, transmitiu as finais do Campeonato Mundial que do ano passado era pré-olímpico, classificava pras Olimpíadas. Então, mas é um canal fechado, né, não é aquela... Eu acho, se nos canais abertos, naquele momento do jornal esportivo, se realmente fosse esportivo, né, porque na verdade é futebolístico, eles só falam de futebol a maior parte das vezes, porque o tempo das outras modalidades é mais reduzido. Então eu acho que o público conhecendo a Luta Olímpica já seria diferente.

V: E aí uma questão por fora: esse momento que a Luta Olímpica está vivendo da possibilidade de ficar de fora dos Jogos Olímpicos a partir de 2020. Como que isso está afetando e o que aconteceria caso isso se confirmasse?

J: É, o que aconteceria a gente tem suposições, né. Mas a gente ainda não sabe exatamente. Não posso afirmar: Ah, vai acontecer isso, isso e aquilo. Mas a gente pensa que... A gente tem o receio de não ser bom, de atrapalhar esse desenvolvimento, pelo menos, aqui no Brasil, né. A Luta já não é... Tá em crescimento. Então, pode ser uma coisa que... não sei. De repente pode não conseguir os clubes que estavam pensando em ter Luta Olímpica e, então “Ah, não. Então a gente não vai querer mais”. A gente não sabe o que pode acontecer. Atualmente, o que está acontecendo... Na verdade, é mobilização nas redes sociais, na internet pra gente divulgar isso, que a Luta Olímpica é histórica, que a Luta Olímpica é igual, igual em relação a vários países. Ela não tem discriminação, não tem uma discriminação. Então, mas assim, as coisas continuam, a “luta” continua aí. As competições estão acontecendo no mundo todo. A gente não parou não, ninguém parou.

V: E qual foi, se aconteceu, um frustração no decorrer de sua carreira, e um sonho que você realizou ou que ainda quer realizar, relacionados à Luta Olímpica?

J: O sonho que eu já realizei foi participar das Olimpíadas. Outro sonho é aqui no Rio, em 2016, está ganhando uma medalha, ser campeã de preferência, né, medalha de ouro de preferência é o auge, é meu sonho máximo, assim, como atleta. E uma frustração, eu não me lembro de uma frustração não. Nada que frustrasse, assim. Pode ser qualquer decepçãozinha de derrota, né, mas que a gente nem tira como derrota não, a gente aprende, né. Tira como lição mesmo.

V: Hoje você vive só da Luta Olímpica? Sua renda é composta de quê?

J: Hoje, vamos dizer, a situação não mudou muito. Eu continuo com o Bolsa Atleta. O Bolsa Atleta é minha fonte principal. Eu não tenho patrocínio, um patrocínio próprio e tal. Mas, o fato de eu não ter um filho, de não ter que sustentar a minha família, isso aí também já alivia. Se a situação fosse outra, ia ser diferente, então. Mas pro que é, né, porque eu moro com a minha mãe, com meu irmão e meu sobrinho, eu consigo viver com o Bolsa Atleta só.

V: Sobre a modalidade, que diferenças você consegue perceber ou não entre a masculina e feminina? Uma delas foi comentada por você que é a diferença no Brasil e no mundo. E, em relação às regras, tem alguma diferença?

J: Então, o estilo livre masculino e feminino não existe diferença nenhuma na regra, é a mesma Luta, o mesmo treinamento. As técnicas também variam de pessoa pra pessoa, são as mesmas técnicas também. Varia de categoria também, o mais leve faz uma técnica mais rápida que o mais pesado, sabe. Isso no estilo feminino também acontece, mas, é a mesma Luta, a mesma.

V: E como que é a rotina de treinamentos durante a semana?

J: São, basicamente, duas horas de manhã. O treino da manhã, duas horas e duas horas também o treino da tarde, com intervalo aí de almoço e descanso de umas duas horas um

treino e outro. Aí alguns dias treina musculação, outros dias são preparação física e outros dias é a Luta, propriamente dita, as técnicas no tapete.

V: E nos dias de lutas ou que antecedem as lutas, o que muda no treinamento?

J: O que muda é em relação à minha concentração, o meu foco, né. Começo a eliminar qualquer coisa. Assim, penso só naquilo. Geralmente, eu já tô no meu local de competição um dia antes. Se for alguma competição internacional, a gente já tá no hotel, ali. E um dia antes eu tô preocupada é com o peso, perder peso, bater o peso, é (rsrs); é a alimentação, recuperar bem aquele peso perdido. Então, é assim o dia anterior á Luta.

V: Você acha que as exigências da modalidade corporais e técnicas elas interferem na sua feminilidade?

J: Ah, no momento do treino, ali encima do tapete, na Luta, interfere sim porque eu não posso ter o meu cabelo do jeito que eu quero, eu tenho que prender ele todo, senão pode me atrapalhar. Então, ali naquele momento da Luta a gente tem que deixar a vaidade de lado, né. A feminilidade ela aparece de outras maneiras, eu posso pintar a minha unha, eu posso fazer outras coisas, mas, ela é limitada, né. Não posso fazer o que eu quiser. Agora fora do treino, fora da competição não vai mudar em nada, não vai atrapalhar em nada.

V: Pra você, então, o que é ser feminina?

J: Ser feminina.... [longa pausa].

V: Na sua primeira fala você disse algo bem interessante. Disse que geralmente a feminilidade está ligada a delicadeza, aí você falou: Não, a mulher brava também é feminina.

J: Ah, é verdade...

V: Gostaria de acrescentar algo encima disso?

J: Não, tá bom. Tá tranquilo.

V: Em relação a sua feminilidade, na sua rotina diária, como que você percebe, se percebe, o olhar dos outros?

J: Ah, só em relação a ser musculosa, assim, mais definida que normalmente. Eu andando nas ruas as pessoas olham e, às vezes, perguntam: Você malha? O que você faz pra ter o braço definido, o braço forte? Então, mas é só por isso mesmo.

V: Sobre seu corpo. Você está satisfeita como ele é hoje?

J: Eu tô satisfeita sim.

V: E já quis ou gostaria de mudar algo?

J: Ah, tipo, eu poderia fazer isso ou aquilo, tal. Mas na realidade eu tô satisfeita sim.

V: E mudou algo em seu corpo que você possa atribuir à prática, aos treinamentos da Luta Olímpica?

J: Ah, não, aí mudou totalmente, né. O treino diário, o treino físico, tudo transforma seu corpo, mesmo. Deixa ele mais musculoso, mais forte. Então, meu corpo hoje, é com certeza, é por eu ser atleta, pela Luta Olímpica. Tenho meu treino diário, tenho barriga tanquinho... (rsrs).

V: É o sonho de muita gente...

J: É. Mas é só porque eu treino todos os dias mesmo.

V: Joice, antes de encerrar eu gostaria de perguntar o que a Luta Olímpica significa pra você.

J: Ah, a Luta Olímpica é o que eu escolhi pra minha vida, né, pra realizar meus sonhos de atleta, realizar meu sonho olímpico. A Luta Olímpica é meu dia-a-dia. Sabe, eu sou muito grata por ser atleta, principalmente, da Luta Olímpica. Luta Olímpica pra mim é onde estão os meus amigos, é a realização de sonhos, é, assim, a minha vida, graças a Deus.

V: Joice, é isso. Mas pergunto se você gostaria de comentar algo sobre o que a gente conversou ou sobre o que não conversou...

J: Acho que não. A gente falou um pouco de tudo, né.

V: Joice, brigada por ter complementado essas informações. Por me receber mais uma vez. Brigada mesmo.

ANEXO IX

Entrevista Laís Nunes

Data: 22/03/2012

Local: CEFAN

Entrevistador: Vera Fernandes

Atleta Entrevistada: Laís Nunes

E-mail: atletalais@hotmail.com

Data de nascimento: 03/11/1992

Idade: 20 anos

Estado civil: Solteira

Tem filhos? Não

Grau de escolaridade: Graduação (em curso).

Esporte que pratica: Luta Olímpica

Tempo dedicado à modalidade: 5 anos

V: Neste momento me encontro com a atleta Laís Nunes, da seleção brasileira de Luta Olímpica. Laís, conte sobre a sua inserção na modalidade. Como você chegou até a luta olímpica?

L: Posso falar?

V: Lógico... (rsrs).

L: Então, na verdade, eu conheci a luta quando eu tinha... Estava na escola quando eu tinha treze anos. Eu já tinha feito judô quando tinha uns cinco anos de idade. Mas não foi muito tempo. Este mesmo professor de judô passou na escola, falando que ia ter judô de novo. Então eu fui iludida achando que ia ser um projeto de judô. A princípio seria mesmo um projeto de judô. Só que pra um município como o meu lá, que é Barro Alto no interior de Goiás, um projeto desses ia ser muito caro. Então o que aconteceu, ele conhecia a luta olímpica, foi onde ele começou a apresentar a luta olímpica. Que era mais simples, mais barato. O pessoal todo ia dar para fazer. Só o quimono é muito caro, entendeu? Então, foi onde eu nem sabia, acabei que eu fui, acabei que eu gostei. Comecei a fazer luta olímpica lá. Depois da minha primeira competição, que foi aqui no Rio de Janeiro, eu continuei até hoje.

V: Descreva, então, sua trajetória esportiva depois que você entrou na Luta Olímpica, as competições...

L: Então, eu competi, aí quando eu tinha quinze anos, ia ter uma seletiva em Brasília, que tinha um projeto lá, centro-oeste, que reunia uns atletas do Brasil, e só poderia ficar maiores de idade. Mas eu fui. Só para treinar mesmo com a minha equipe. Acabou que eles me escolheram. Falaram que queriam ficar comigo. E ficou eu e mais duas pessoas de Goiás. A Camila, que está em São Paulo comigo hoje e um outro, que era o Abis, que voltou para Goiás. E aí a gente treinou lá um ano. Passado este um ano, acabou o projeto, eu estava em uma competição no exterior, aí descobri lá. Nisso eu já tinha conhecido o Ale, que é meu técnico hoje, e tinha conversado com ele sobre a possibilidade de acabar o projeto e que eu não teria para onde ir. Foi onde ele pegou meus dados, disse que realmente queria que eu estivesse no projeto do SESI e que ia me ajudar e aí eu passei meus dados para ele. Depois

que eu voltei da competição lá, eu nem fui a Brasília pegar minhas coisas. O pessoal que trouxe as minhas coisas para mim. Até hoje eu nem sei onde tem coisa minha. Acabou que eu fui para São Paulo. Aí cheguei lá e fiquei morando lá de favor uns seis meses lá, sem receber nada, porque eu era menor de idade, então deu um problema também com os documentos. Aí passou esses seis meses e eu comecei a receber já, continuei morando com o pessoal. E como você pode ver estou lá até hoje no SESI. No começo foi mais difícil a trajetória. Vontade de desistir. Vontade de voltar para casa. Eu era muito nova e, sabe, para meter a cara e encarar tudo isso. Eu só não passei fome por que Deus não deixou mesmo. Mas eu lembro que tinha fim de semana que eu ia comer na casa dos outros porque não tinha comida em casa, por que até então a gente não recebia nada do SESI, fiquei morando de favor, dormi em colchão de ar, no frio de São Paulo, então... foram muitas coisas. Eu lembro que eu fui para São Paulo eu tinha só uma mochila nas costas e cinquenta reais. Eu não tinha mais nada. Mas mesmo assim, ainda acreditava, ainda tinha um sonho. A única coisa que eu não queria era voltar para Goiás, mas o resto, eu estava com coragem para encarar o que viesse. Só não queria desistir naquele momento que já tinha chegado ali, entendeu? Foi quando eu resolvi encarar São Paulo. Fui só com a coragem. Não tinha família e a princípio assim, a maioria das pessoas tinha família lá, no fim de semana todo mundo ia para a casa dos pais, da família, e eu ficava sozinha. Aí era a hora que batia aquela coisa: Pô o que eu estou fazendo aqui? Será que é realmente isso que eu quero? Tipo e aí né? Olhava para o lado e não tinha ninguém. Várias vezes deu vontade de desistir, no começo, assim, mais pela dificuldade mesmo. Com coisas novas que eu não tinha conhecido, não tinha passado. Mas com o tempo a gente vai se fortalecendo em cima justamente dessas coisas. Então, hoje eu vejo assim que foi só um passo, foi só um aperfeiçoamento para me fortalecer, entendeu? E acho que todos os dias é isso. Todos os dias me fortalecendo e hoje estou lá no SESI, São Paulo, graças a Deus estou lá na seleção. E a trajetória é essa, e a gente vai ver aonde vai quando chegar, mas espero que no objetivo certo.

V: E o que você viu na Luta Olímpica que te fez pensar “isso aqui é para mim”?

L: Então, na verdade, eu sempre gostei, assim, eu sempre senti essa coisa de, eu sempre gostei de lutar. Eu sempre senti uma coisa assim, como se, sabe, se eu nasci para fazer alguma coisa. Como se eu tivesse uma missão. Como se... É o maior engraçado falar nisso assim, tipo, eu não comento com todo mundo, mas eu sempre senti isso. Que eu já tinha nascido para conquistar alguma coisa. Mas eu nunca sabia o que era. Só que eu sempre tinha a visão que era uma coisa maior, que era uma coisa maior, que um dia assim eu ia sair, sabe, do interior que um dia eu ia ter chance de conhecer outros lugares, conhecer outras pessoas, mas eu não sabia que era através da luta. Então, quando a luta entrou na minha vida, tipo, meio que foi um baque. E eu comecei a gostar, pelos movimentos, pela adrenalina de lutar. Então, quando eu tive minha primeira competição que eu fui campeã, eu já “opa”, peraí que esse negócio aqui... Eu gostei neste negócio, dá para mim, por que não? Foi onde eu comecei a ver que, que eu dava certo para o negócio, entendeu? Eu gostava, eu gosto na verdade da adrenalina, eu gosto de entrar no tapete, eu gosto de saber que ali eu não vou lutar, não estou lutando simplesmente contra alguém, eu estou lutando contra eu mesmo, entendeu? Contra os meus, contra os meus medos, contra os meus receios, contra os meus limites, os limites que eu me imponho todos os dias. Então ali é um, eu coloco que é um campo de zona, onde eu vou me provar. Então, eu gosto destas sensações de desafio, eu gosto da sensação de me vencer. O que eu mais gosto da Luta Olímpica é isso, é a adrenalina que ela me dá. É a força de vontade que eu sinto quando estou lá no meio. É isso, não tem como explicar, é um sentimento único, assim sabe, é amor mesmo.

V: E a sua família? Como é que ela reagiu a isso?

L: Então, quando eu saí de casa, né, eu tinha quinze anos. Virei para o meu pai e falei “Pai! Eu acredito...”. Eu sempre morei com meu pai, assim. Morava com minha mãe e meu pai, mas no fim estava morando com meu pai. E eu virei para ele e “Pai, eu quero ir, eu acredito que pode dar certo, isso é o meu sonho e eu queria saber do senhor o que o senhor acha, né”. Meu pai falou assim: “Filha, é isso mesmo que você quer?” Eu falei: “É pai, é isso mesmo que eu quero”. Oh, e ele me explicou tudo, como era o mundo. “O mundo é assim, assim, assim. As pessoas são assim. A casa dos outros não é a nossa casa.”. E começou a me dizer como era, entendeu? Para mim, quando eu saí de lá, saí sabendo como, o que eu iria enfrentar. Então, agradeço a Deus assim, que graças a Deus, meu pai sempre me apoiou. Todas as viagens internacionais que ele precisava assinar para mim ele assinava. Por que ele sempre acreditou em mim. Embora assim ele seja um pouco distante, mais pela distância, mas eu vejo assim, eu vejo assim, eles têm orgulho de mim, ele me apoia. Quando tem uma competição eu sempre falo com meu pai. Ele sempre torce por mim. É que eles são meio desentendidos, eu acho mais por ser lá do interior e tal, por não ter muito conhecimento. Mas a minha família, eu luto por eles assim, depois de mim, eles são as pessoas que eu luto. Eu luto por eles. Sabe, pra um dia eu voltar para lá e dar uma condição melhor para eles, meu pai, minha mãe. Pra ajudar eles, então graças a Deus eu tenho apoio dos meus pais. Eles sempre me incentivam, e acreditam em mim. Então, isso já é o que importa para mim.

V: E tem mais alguém na família, irmãos, que tenham ido para o mundo esportivo?

L: Então, no começo, tinha... Tava eu e meu primo e minha irmã. E a minha irmã foi até campeã brasileira na mesma época que eu fui, tal. Minha irmã tinha muito talento. Mas aquilo, não adianta né, porque eu acho que é coisa de gostar mesmo, entende? E eu acho assim, que se a minha irmã tivesse a mesma chance que eu tive lá em Brasília, ela estaria também no mundo da luta e seria uma pessoa muito boa, porque eu lembro que na época minha irmã tinha muito mais, muito mais garra assim, sabe, mais coragem. Ela sempre foi... minha irmã sempre foi uma pessoa decidida, determinada. E ela foi campeã, sabe. O problema é questão de oportunidade. É que é aquilo, não adianta você ter talento se não tem oportunidade. Então foi o que aconteceu no caso dela, talento ela tinha e tem até hoje, entendeu? Meu primo também, só que eles eram mais novos que eu, por exemplo, minha irmã tinha catorze na época e eu tinha quinze. E aí se custou para mim entrar imagina para ela que tinha catorze. Então, não deram oportunidade para ela, entendeu? Foi onde ela desistiu. Por que eu também saí de lá, acabou o projeto lá. Ela não teve chance de continuar. Nem ela nem meu primo. Mas eu acho que se tivesse continuado eles estariam comigo hoje firme e forte. Eu acredito nisso.

V: E como você percebeu que se tornava uma atleta de rendimento, com condições de ir para uma seleção brasileira?

L: Então, acho que em cada competição. Acho que eu costumo encarar isso... Eu costumo, sabe, encarar todas as competições da minha vida como um ciclo, entendeu? Eu costumo a fazer um ciclo. Então acho que cada competição que eu tive para chegar na seleção, tudo foi um passo. Então a cada passo que ia dando certo eu ia acreditando mais, entendeu? Porque a cada passo que vai dando certo você vai confiando mais. Então pô, eu consegui ser campeã brasileira, eu já, ôpa, Já acreditei, entendeu? Fui para uma competição internacional, já medalhei, eu ôpa. Então cada isso, vai... vai nos dando uma confiabilidade, então foi onde eu vi, per aí, eu tenho condições, por que não? Eu sempre faço tudo da minha vida acreditando,

por que se eu não acreditar, eu não vou fazer. Eu só faço se eu acreditar que vai dar certo, se eu não tiver um pingão de fé que aquilo vai dar certo, de que vai... Eu não faço. Por que acho que não tem necessidade, se eu não acredito não tem por que insistir. Então eu continuei insistindo porque eu acreditava. Que um dia eu poderia estar entre os melhores, que um dia eu poderia estar na seleção. Então foi isso, foi as competições que foi me dando confiabilidade a cada dia. Treinando duro.

V: Certo. Descreva as suas conquistas pessoais dentro da Luta Olímpica.

L: Então, eu acho que lutar traz muita disciplina. Além da disciplina te faz ter um caráter, um caráter... Vai moldando o caráter dentro de você que você não consegue descrever, entendeu? Você aprende a lutar, não só quando você tá no tapete. Você aprende a lutar todos os dias na vida. Você aprende a lutar com as dificuldades, que é, sabe acordar cedo todos os dias, você aprende a lutar com as dificuldades que é situações que, às vezes aparece e você não tá preparado pra aquilo, mas você no meio da luta você aprende isso. Você se sente um lutador não só lá dentro do tapete, mas fora do tapete. Então, o que a Luta trouxe pra mim foi mais do que vitórias, mais que conquistas, foi oportunidade de crescer, oportunidade de ser uma pessoa melhor, oportunidade de conhecer culturas, de conhecer lugares, de crescer mesmo, de crescer como pessoa, de ter disciplina, de ter caráter, responsabilidade. Então, isso é... Isso não tem preço. Acho que mais que conquistas e medalhas, caráter não tem preço, entendeu? Então, é uma coisa que a cada dia está sendo moldado Graças a Deus e graças a Luta também.

V: E o que te motiva a manter-se como atleta, a continuar...

L: Sonho, o sonho olímpico. Acho que todo atleta tem o sonho olímpico, então eu também, como todos os atletas, eu também tenho o meu, entendeu? E acho que é o maior sonho de todo atleta é o sonho olímpico. Que por mais que a gente conquiste mundial, conquiste Panamericano, Sulamericano, uma Olimpíada é onde realmente, entendeu? É entre os melhores do mundo todo. Então, para mim o que mais me motiva hoje é amor. Amor que eu tenho por lutar, entendeu? É a vontade que eu tenho de estar, de representar o Brasil agora em 2016, este sonho que está me motivando para continuar, entendeu? Embora com todas as dificuldades, com tudo né, que atleta tem, mas isso que me motiva todos os dias.

V: Como você vê a relação e o interesse do público com a Luta Olímpica, mais especificamente, com Luta Olímpica feminina?

L: Como assim?

V: Por exemplo, nas competições, que público está ali presente, se eles reconhecem vocês como atleta.

L: Ah, claro. Hoje em dia não tem mais aquilo, assim “Ah, mulher não pode lutar. Ah, mulher...” Não, hoje em dia as mulheres comandam, entendeu? Hoje em dia já está tão evoluído esse negócio, que mulher é mais independente do que homem, mulher ganha mais do que homem. Não tem essa. Não tem que haver preconceito em relação a se é homem ou mulher. Não, tá todo mundo ali no meio, todo mundo treina igual, entendeu? Todo mundo se esforça igual. Todo mundo tá ali pra lutar igual. Então, tipo assim, em relação ao público, é normal. O mesmo público que assiste o masculino assiste o feminino, torce igual. Hoje as mulheres estão tendo... Estão fazendo uma grande diferença no mundo do esporte, entendeu? Grandes medalhistas são mulheres. Então, eu não vejo mais que tem preconceito ou que nada

disso também não, sabe. E tem mais apoio também. As mulheres, querendo ou não, na Luta Olímpica, as que mais dão resultados são as mulheres, entendeu? Então, não tem mais esse negócio.

V: Não só em relação a preconceito, mas o público presente nas competições.

L: Então, é o mesmo. É sempre o mesmo público que assiste a competição masculina assiste a competição feminina.

V: E a mídia? Como você vê a relação da mídia com vocês atletas da Luta Olímpica feminina?

L: Então, é assim: Foi pior já, já foi pior. Hoje, eu acho que por estar encima os Jogos Olímpicos, Mundial e tal, eles têm tido uma repercussão maior. Tem tido mais interesse, sabe, em estar acompanhando os nossos treinos, os nossos resultados. E é bom pra gente porque, querendo ou não, não faz crescer só a Luta feminina, é a modalidade. A gente tá falando de Luta Olímpica, tá tudo incluído: livre, masculino. Então, pra gente é bom. A gente, claro, quer ver que o Brasil um dia seja reconhecido mundialmente como potência na Luta Olímpica, entendeu? Então, eu acho importante a mídia estar sempre vendo nossos resultados, sempre acompanhando tanto o masculino também, apoiando o caminho deles. Acho interessante e importante até pra divulgar o esporte no país que não é reconhecido nem nada né.

V: Então, o que você acha que ainda falta no Brasil para que a Luta Olímpica seja mais valorizada, mais transmitida, melhor remunerada?

L: Divulgação, conhecimento. Primeiro as pessoas tem que conhecer, entendeu? Elas têm que conhecer. Por exemplo, a Luta é o esporte que é mais praticado no mundo e isso é, não tem, quem falar que não é, é porque não conhece o esporte, entendeu? É o esporte mais antigo das Olimpíadas e ponto. Então, tipo assim, é o esporte mais antigo das Olimpíadas, se o Brasil... A gente, por enquanto, tá atrás. Porque em todos os países da Europa e da América, os grandes países da América, todos eles são potência, são bons e conhecem. Mas é que o Brasil ele não se preocupa muito com o esporte individual. O Brasil ainda tem aquela visão muito voltada pra esporte coletivo, só vôlei, sabe, vôlei, futebol. Mas ele tem que entender que o Brasil não é só o país do futebol não. O Brasil um monte de atleta bom de luta. Tem atleta que tá esperando ser reconhecido, entendeu? E é isso. Acho que o pessoal não conhecimento do que é a Luta, não sabe quão grande arma é a luta pra desenvolver um país, entendeu? Se começasse ali na base com as criancinhas, quantos campeões iam ter? E como o Brasil seria reconhecido nessa Luta? Falta de conhecimento do pessoal mesmo que não sabe o que é a Luta Olímpica porque não tem divulgação, entendeu? O Brasil ainda é muito falho nessa parte. Eles investem demais em esporte coletivo. Não tem visão ainda pra saber que é esporte individual. Quanto mais investir em esporte individual mais medalha... mais chances de medalha você vai ter, entendeu? Então, é uma coisa assim, né. Acho que é falta de conhecimento mesmo.

V: Me fala sobre algum sonho que você realizou ou que você pretende realizar através da Luta Olímpica e alguma frustração ou decepção que você tenha encontrado pelo caminho.

L: Sonho, assim, eu ainda não... Eu conquistei alguns, claro. Tipo, cada Panamericano que eu alcancei foi um sonho que eu sonhei antes pra alcançar. Então, já tive vários sonhos alcançados em relação a competições, em relação a conhecer lugares que eu nunca imaginei

conhecer, de ter sensações e experiências que eu nunca... Pra mim foram sonhos conquistados, entendeu? E também de estar fazendo faculdade através da Luta. Isso são sonhos que estão sendo conquistados todos os dias. Ainda tenho outros que eu tenho sonhado. Mas, assim, a maior frustração é em relação geral ao esporte mesmo. A política que acontece dentro das Confederações, entendeu? É mais a política que acontece mesmo, às vezes, isso frustra a gente, entende? Que, às vezes, você tem talento, você se esforça, você faz sua parte, mas nada disso é maior do que a política deles lá dentro, nada disso é maior do que o dinheiro que eles têm lá dentro, que eles decidem, entendeu? Às vezes, ah, eu não fui com a sua cara, mas eu ganhei. Mas eu não fui com a sua cara, tchau. Então, Graças a Deus, tipo assim, eu sempre procuro... Já aconteceu comigo, claro, mas eu sempre procuro, assim, sempre continuar. Eu acho que contra fatos não há argumentos, entendeu? Então, se você ganha sempre, sempre, sempre, uma hora eles vão ter que cair do cavalo, entende? O mais frustrante, acho que não só pra mim, mas para a maioria dos atletas, é isso. É, às vezes, política. Às vezes, a política que eles fazem lá dentro, às vezes as escolhas que eles fazem lá dentro, que, às vezes, acaba injustificando nós atletas. Acaba nos prejudicando, acaba prejudicando o nosso sonho e o trabalho que a gente tem feito. Porque a gente não aqui brincando, não. A gente tá aqui se esforçando. A gente tá gastando um tempo da nossa vida aqui, entendeu? Então, acho que é mais por isso mesmo, por questões de política mesmo que custa a todos os atletas.

V: E uma curiosidade. Por coincidência você estava em Salvador na Academia do Luiz Dórea, interessada no Boxe e no MMA. É um projeto futuro?

L: É. Por que não? Eu sempre... Eu graças a Deus eu sempre tive muita coragem, assim. É aquilo, se eu acreditar eu tenho coragem pra ir. Então, graças a Deus, a única coisa que tem me prendido mesmo agora pra não entrar... Porque se seu pudesse, se eu não conhecesse a Luta Olímpica... Acho que tudo é um caminho porque, por exemplo, se eu fosse entrar hoje pro MMA, eu tenho uma base, eu tenho base de wrestling, que é hoje, olhando pro MMA, uma base importantíssima, entendeu? Então, olhando assim pra isso, eu não acredito que nada é por acaso, então, eu acredito que isso não é por acaso. Mas antes disso, antes de ir MMA, eu já tinha um sonho olímpico, então, eu não quero pular etapas. Primeiro eu quero concluir isso na minha vida, tentar. Eu vou tentar isso 2016, não importa o que eu tenha que fazer, o que vai acontecer. Eu vou tentar com todas as forças pra eu dizer, realmente, “eu tentei”. Depois, se não certo, sabe, de repente, ah, peraí, realmente, pra mim... Porque eu não acredito que depois de 2016 o esporte no Brasil vá continuar crescendo não. Pra mim, depois de 2016, é a minha visão: “Esquece!” Ah, esquece, vai caçar um emprego. Sei lá. Entra pra outro tipo de coisa. Porque, pra mim, eu acredito que não... Acredito que depois de 2016 pra mim... Então, é onde eu tô pensando também eu vou estar nova. Se Deus me der força e graça, até lá eu vou estar com 23 anos. Pra mim vai ser vantagem, entendeu, porque eu já vou ter bagagem nas costas. Então, eu vejo o wrestling como um caminho. É isso que eu tenho pensado. Claro que eu deixo tudo na mão de Deus. Mas é uma visão. Eu tenho uma visão, claro, de que se não der certo pra mim eu penso em ir pro MMA, tentar. Por que não? Porque eu não tenho nada a perder. Eu vou entrar lá com a cara e com a coragem que e vou tentar como todo mundo, como todas as mulheres que entram estão tentando também. Então é uma visão futura sim. Eu gosto muito de Boxe. Na verdade, meu sonho antes de ser atleta de Luta Olímpica, eu sempre quis ser boxeadora. Nunca deu certo. Mas eu faria também por paixão, por amor, por gostar de Boxe, tentar outros esportes. Eu tentaria sim depois de 2016. Mas primeiro eu quero fechar esse ciclo aí.

V: Hoje você vive de Luta Olímpica? Ou você depende de outros trabalhos, outras atividades pra se manter?

L: Graças a Deus agora eu tô no Projeto do SESI e o que eu ganho não é ruim e também não sou rica. Mas eu consigo me manter bem, eu consigo comer melhor, consigo treinar melhor. Eu consigo porque, como a gente mora em São Paulo, então, eu pago aluguel, eu pago minhas coisas, eu tenho que pagar um monte de coisas. Mas, eu consigo tipo, guardar um dinheiro e consigo viver bem, comer melhor, treinar melhor, dormir melhor, me dá o conforto de uma cama boa, entendeu? Então, não posso reclamar, assim, claro, acho que, por isso. Se fosse por dinheiro ninguém tava na Luta, se fosse por dinheiro, porque eu acho que nenhum esporte. Se fosse por dinheiro ninguém tava no esporte. Porque esporte não dá dinheiro assim. A não ser que você seja né, esteja ali na mídia toda hora. Mas se você ainda tiver ali no caminho como nós estamos, é por amor mesmo. Por amor e por força de vontade.

V: Só um detalhe: sua renda então vem do SESI?

L: Do SESI.

V: Bolsa Atleta você não recebe?

L: Não, não. É também recebo Bolsa Atleta, só que ainda não começaram a pagar, mas também recebo.

V: Então, você percebe alguma diferença entre a Luta Olímpica feminina e masculina, em qualquer parâmetro, regras, competição, remuneração?

L: Não. Não, tá tudo igual. Se você ganhou, se você fez, independente de ser homem ou ser mulher vai ter o valor e o reconhecimento dele, entendeu? Então, eu não vejo diferença não. Hoje em dia já está mais assim, as mulheres estão mais... Estão conseguindo evoluir mais em questão de Olimpíadas e no Mundial do que homens, entendeu? Talvez até mesmo por ser mais é menos concorrido. Talvez por ser menos concorrido, mas não sei se isso influencia muito. Independente disso eu também trabalhei duro, eu treinei forte, eu também tava ali. Eu também perdi peso. E foi isso. Eu não tenho culpa de ser mulher. Nasci mulher, mas nasci guerreira, entendeu?

V: E como é a sua rotina de treinos no cotidiano?

L: É todos os dias. Duro todos os dias, segunda a sábado e a nossa rotina é essa. A gente, na verdade todos os dias eu começo a treinar... Quando eu tô no SESI eu começo a treinar as oito e meia da manhã, aí para umas onze, onze e meia, às vezes meio-dia, almoço e, quando dá duas horas eu volto de novo, que é onde é a preparação física, faço até umas quatro e meia, depois eu vou pra faculdade. Isso todos os dias durante a semana. E quando eu tô aqui é a mesma coisa: treino de manhã e à tarde. O único descanso que a gente tem é o horário de almoço pra dormir, pra descansar, pra fazer alguma coisa. Porque, nem à noite, por exemplo, eu que faço faculdade, tenho descanso. Eu tenho que sair correndo, às vezes, do treino porque minha casa é longe da faculdade. Tenho que pegar o ônibus e gastar uma hora e meia até chegar na faculdade. Então, é uma coisa assim, meio difícil, entendeu? Mas que a gente tem que se adaptar a isso. Se adaptar às situações e tentar fazer o melhor possível.

V: Sua faculdade é de quê?

L: Administração.

V: É algum projeto para o futuro?

L: Porque eu quero um dia ser administradora, mesmo. É um projeto futuro administrar o esporte.

V: E a faculdade é por consequência da Luta? É através de bolsa?

L: É bolsa. Eu luto pela faculdade.

V: Só pra complementar, nos dias de luta ou que antecedem as Lutas, a rotina muda? Tem alguma preparação especial?

L: O que acontece é a gente ficar concentrado no local de treino pra ter concentração total. Por exemplo, a gente tá preparando pro Panamericano. Então, a gente vem aqui pro CEFAN por duas semanas antes da competição pra dedicação total. A gente treina duro de manhã e de tarde, né.

V: E você acha que as exigências corporais e técnicas da Luta Olímpica, elas interferem na sua feminilidade?

L: Assim... É sempre mais difícil no começo quando você vê as mudanças, porque quando eu comecei a entrar na Luta Olímpica eu vi que eu tava ficando musculosa, você começa a se assustar, né. Mas depois é normal. Tipo assim, eu não me preocupo muito em relação ao que os outros vão achar do meu corpo. Não, eu não me preocupo muito com isso. Porque o meu corpo é o meu instrumento de trabalho. Então, se o meu corpo não estiver bem, se não estiver de acordo com o que eu preciso para lutar, eu vou estar atrás, eu vou estar perdendo. Então, eu não me importo muito assim em relação a gente que “Ah, você parece um homem” ou ah, coisa que eu já escutei que eu tô parecendo um traveco e tal. Mas, eu também não me importo, entendeu? Antes de tudo eu sei qual é a minha feminilidade. Tipo, depois que eu saio dali do tapete eu sou uma mulher. Ali dentro eu continuo sendo mulher. Mas eu sei que dentro eu tenho que agir com outros tipos de... outras grosserias, com outras coisas, entendeu? Mas não importa, eu continuo sendo uma mulher. Eu tenho isso e não me importo muito com o que os outros pensam não. Pra mim, eu sei qual é a minha... Eu sei o que eu sou, entendeu? Eu sei o que eu tenho que ser em relação ao meu corpo. Sei que eu tenho que ser forte, porque senão não dá. Não posso competir com as melhores do mundo como uma lady, uma mocinha. Não, eu tenho que ter garra de mulher forte. Então, eu vejo isso como uma coisa normal. Não acho ruim não. Não ligo também.

V: Pra você, então, o que é ser feminina?

L: Ser feminina? Ah, eu acho que é ser sensível, claro, sabe, tipo... É ser, é continuar sendo mulher, tipo assim, nos momentos que tem que ser. Por exemplo, quando eu tenho que chorar eu choro. Quando eu tenho que ser sensível eu sou sensível. Quando eu tenho que ser determinada eu também sou. Então, eu acho que ser feminina é ser feminina na ocasião certa. É ser feminina sempre. Na hora que você tem que fazer aquilo, você faz aquilo. Você vai se adaptando aos momentos certos, às situações certas, mas sem deixar de ser feminina. Acho que ser mulher é isso. É me adaptar a todas as situações sendo eu mesma, entendeu? Isso.

V: E sobre o seu corpo. Você está satisfeita como ele é hoje?

L: Assim, mais ou menos. Ah... eu até estou satisfeita como o meu corpo é hoje, mas tem algumas coisas que eu ainda gostaria de mudar, assim, em mim, entendeu? Não, assim, mudar, tipo, melhorar. Por exemplo, eu gostaria de melhorar meu abdômen. Eu gostaria de melhorar, eu quero melhorar, entendeu? Pode ficar melhor. Não que ele seja ruim e tal, mas na minha visão eu sei que ele pode ficar melhor. Então, é uma coisa que eu gostaria de mudar. É mais por mim mesma, sabe. Eu gostaria de um dia ter meu abdômen trincadão, claro. Mas eu vou conseguir, eu vou conseguir. Vou fechar a boca. Respondi sua próxima pergunta, né?

V: Sim, sim (rsrs). E o que mudou em seu corpo que você possa associar a sua prática na Luta Olímpica? Aos treinos, toda rotina.

L: Então, quando a gente vai trabalhando duro, todos os dias, forte, seu corpo vai mudando porque você vai se fortalecendo, entendeu? Por exemplo, quando eu comecei, eu era uma coisa esmirrada. Eu só tinha a coragem mesmo e parecia um touro. Só tinha vontade de vencer. Mas o corpo era uma coisa, assim, parecia um macarrão, entendeu? E, é sério, e tipo, hoje eu já vi que minhas pernas estão mais fortes, eu tenho malhado, então, já tô ficando... Assim, aí o corpo vai se fortalecendo, você não é mais como antes, seu corpo vai mudando. Você vai ganhando mais músculos, menos gordura, entendeu? Então mudou muito em relação a quando eu comecei. Pra Luta Olímpica isso bom, porque quanto mais forte eu ficar, mais músculos eu tiver e menos gordura eu tiver, melhor pro meu rendimento.

V: Antes de encerrar eu pergunto o que a Luta Olímpica significa pra você?

L: É meu... É amor mesmo, é amor. Não tem... Acho que pra mim, eu não consigo imaginar a minha vida sem lutar. É como se... Sabe quando você se acostuma com uma coisa e você não consegue deixar essa coisa, você não consegue saber que você vai viver um dia e não vai poder fazer isso? É como isso. Eu não consigo imaginar. Por exemplo, quando eu fico de férias, uma semana eu já tô, ah, eu preciso voltar; duas semanas... Porque já faz parte da minha vida. É como se já fizesse parte de mim, entendeu? Eu amo lutar. Eu amo a Luta Olímpica. É um esporte que eu não deixaria de fazer, que eu não deixaria de tentar nunca porque significa muito, significa muito, é... Já faz parte de mim, não é algo extra. Já está dentro já. Então, já é de sangue, tá no coração e no sangue já.

V: Laís é isso. Você gostaria de comentar algo sobre o que a gente conversou ou sobre o que não conversou.

L: Não, não. Só isso mesmo.

V: Então, brigada. Eu sei que estou interferindo no seu sono da tarde. Mas a sua fala será muito importante pra essa pesquisa.

L: Tá tranquilo (rsrs).

ANEXO X

Entrevista Aline Silva

Data: 22/03/2012

Local: CEFAN

Entrevistador: Vera Fernandes

Atleta Entrevistada: Aline da Silva Ferreira

E-mail: aline_luta@hotmail.com

Data de nascimento: 18/10/1986

Idade: 26 anos

Estado civil: Solteira

Tem filhos? Não

Grau de escolaridade: Graduação completa e outra em curso.

Esporte que pratica: Luta Olímpica

Tempo dedicado à modalidade: 10 anos

V: Estou neste momento com a atleta Aline Ferreira, da seleção brasileira de Luta Olímpica. Aline, comente sobre sua inserção na modalidade. Como aconteceu?

A: Eu comecei no judô aos 12 anos e aí eu fui treinar no Centro Olímpico onde tinha um professor inglês que dava aula de judô e luta olímpica e ele percebeu, assim, que eu tava meio desmotivada assim com tudo, já a ponto de parar e começou a insistir para eu ir pra Luta, né. Eu não queria, não queria, mas aí o grupinho de amigos que eu vivia já tava ali fazendo Luta; teve um campeonato brasileiro no clube e ele acabou me convencendo a participar do campeonato, só pra ver como que era. Fiz dois treinos só e acabei sendo campeã brasileira, o que muito me motivou, sem dúvida, né. Fui campeã brasileira usando golpes de judô, que já era muito acatada, como se diziam na época, que é bem adaptado com a luta, né. Viajei pra fora e aí fiquei deslumbrada com a Luta Olímpica. Não quis mais parar.

V: Na primeira competição já foi campeã?

A: Foi, foi...

V: Descreva, então, sua trajetória, desde que você começou até o momento atual.

A: Então, eu continuei treinando no Centro Olímpico. Na época eu era cadete, tinha 16 anos. Mas aqui no Brasil não tinha competições de cadete nem sênior, então eu lutava sênior. Comecei integrando a equipe brasileira sênior. Tinha 67 quilos na época; subi pra 72, logo após, no ano seguinte, aí eu comecei a disputar com as meninas sênior, nem sempre eu fiquei na seleção sênior, eu passei pra seleção júnior. No júnior eu consegui ser campeã Panamericana, fui vice-campeã mundial em 2006, que até hoje é um título inédito. Em 2007 eu perdi a seletiva pro Pan pra Zanza, que é uma grande atleta, foi campeã olímpica, inclusive. E, no último Pan, de Guadalajara, eu medalhei, fiquei em segundo, ano passado por um pouco eu não consegui ir para as Olimpíadas também, e aí assim também eu passei por uma fase de lesões. Tive lesão, tô com uma lesão na coluna, que hoje tá sanada; tive doença na tireoide e ainda estou em tratamento. Então foi uma fase bem perturbada pra mim, que meu rendimento caiu muito e atrapalha em tudo, né, então... E agora eu tô voltando, voltando a

ficar forte, voltando a ser o que eu era, a fazer grandes lutas e eu acho que pra 2016 aí eu vou me recuperar (rsrs).

V: Teve também a conquista recente lá na Bulgária...

A: É... Mas, o que importava pra mim no ano passado, acho que o atleta é muito objetivo, né, é a classificação olímpica, e pra mim assim, não importa as outras lutas, era aquela que era importante e eu não alcancei. Então pra mim zerou. A Bulgária pra mim é só um passo pra o próximo objetivo, olimpíadas 2016. Então, eu não conto muito, sabe. A gente eu acho que foca e isso só faz parte.

V: E como que você, não sei se posso dizer que escolheu mas, que possibilidades você viu na Luta Olímpica?

A: Sim, foi uma escolha sim. Chega uma hora que a gente tem que escolher. No início eu falava que eu ia ficar na Luta, mas não ia abandonar o judô, porque meu sonho olímpico era no judô e tal e tal. Aí, fazendo parte da seleção brasileira sênior eles me mandaram para o Mundial em Nova Iorque, inclusive a gente lutou no Madison Square Garden, foi assim uma experiência não sei nem medir, sabe? Americano já tem essa mania de fazer show em tudo. Então foi um grande espetáculo o campeonato, com muita gente de toda parte do mundo, coisa que eu nem imaginava. Eu tinha assim a visão leiga de muitos brasileiros de que a Luta Olímpica era um esporte novo, não muito praticado, porque aqui no Brasil a gente não conhece. Quando eu fui pra fora eu vi: “Gente! Como é grande esse esporte no mundo. Como que aqui no Brasil a gente não conhece, não pratica, né?” E aí eu acho que você toma como um desafio, né. É um desafio trazer para o Brasil. É legal ser pioneira porque as primeiras sempre serão lembradas. Então, além do desafio tem esse gostinho, acho que foi tudo isso, assim. Eu tenho como missão, assim, fazer a Luta um dia chegar no patamar que está o judô e o vôlei hoje no Brasil.

V: E sua família, como reagiu ou reage?

A: Ah, né, minha mãe. Minha mãe, né, minhas tias, assim, no começo, também os amigos, ninguém levava a sério, falavam: “Ai você ainda tá fazendo esse negócio lá? Tá indo pro judô? Pra quê que você tá fazendo isso? Tá perdendo tempo, não sei o quê”. E eu gostava, né. Algumas pessoas da minha família comentavam que eu ia ficar muito masculina: Esse esporte é pra homem, não é pra mulher! Minha mãe, inclusive, não apoiava no começo, ela queria que eu fizesse Jazz. Ela tentou me forçar a fazer informática. Falou: Se você não for pra informática, você não vai pro judô! Eu cabulava a informática e ia pro judô. Então assim no começo, como ninguém me levava a sério, tinha assim um preconceito, foi um pouco complicado de fazer as pessoas entenderem que era aquilo que eu queria. Mas eu acho que na hora que eu comecei a ganhar campeonato, a ganhar incentivo, a ganhar bolsa na escola e algum trocado porque lá em São Paulo tinha alguns Projetos, começou-se a perceber que não, era sério, comecei a viajar. Inclusive a minha primeira viagem, que foi no judô, foi turbulentíssima na seleção brasileira judô de pré-juvenil. E eu acho que eu comecei a ser levada a sério. Aí, assim, quando eu tinha uns 5 anos praticando judô, uns 4 ou 5 anos, eu não sei, crise de atleta, de adolescente, sabe. Você começa a chegar na adolescência e perceber que sua vida não vai ser normal e perceber que você não vai poder sair pras festinhas igual os amigos fazem, você não vai poder comer de tudo, a tua vida não é normal. E aí eu acho que você começa a entrar em crise. Você começa a falar: “Não! Eu quero parar! Não quero mais isso! Não leva a nada”. Primeira vez que eu falei que queria parar: “Nossa! Quase... Tá louca?

Não vai sair”. Aí que eu percebi que já me viam diferente no esporte, que já não era uma coisa assim que eram contra. Hoje ou naquela época se falasse que eu ia parar de fazer minha mãe tinha um treco já, que aí ela mesma sentiu diferença no meu comportamento como adolescente, na minha vida, assim, ela já começou a ver diferença. Eu dava muito problema quando eu tinha meus 11 anos antes do judô. Eu acho que quando eu comecei no esporte, minha mãe viu diferença e falava que eu ia parar. Pronto! Era motivo de briga lá em casa.

V: E na Luta Olímpica eles já estavam mais acostumados?

A: Já, já. Na Luta Olímpica já me viam no esporte. Inclusive hoje tem gente que ainda pergunta se eu estou no judô ou então naquela coisa de luta lá. Meu pai inclusive que eu não tenho muito contato, nunca tive ou as pessoas da família dele ainda quando me encontram falam: Você ainda tá no judô? Às vezes eu nem perco tempo explicando. Eu falo: é, é, tô, tô. Que eu sei que a pessoa não vai compreender.

V: E como que você percebeu que se tornava uma atleta de rendimento?

A: Eu acho que é quando a gente começa a ter reconhecimento, né. Que assim, eu posso ser uma atleta de rendimento na minha cabeça e não ser reconhecida como tal, né. “Ah! Recebeu um prêmio de destaque na academia, recebeu um incentivo financeiro”. Isso conta muito, a viajar mais, a se comprometer, ter metas e objetivos pras competições. Aí eu percebia que se eu faltasse num treino não era mais “Ah! Faltei”. Não! Aquilo já tinha importância, já tinha a minha própria cobrança. Se meu professor não me cobrasse eu me cobrava. Acho que você já começa a perceber que aquilo já não é só brincadeira, já passa a ser profissional. Acho que é um processo, né.

V: Comente sobre suas conquistas pessoais, esportivas. O que a Luta Olímpica trouxe pra você?

A: Ah, estudo, conhecer o mundo. Hoje eu tenho uma situação financeira estável, agregou minha personalidade. Eu acho que tudo que eu sou hoje é pelo esporte, é pela luta. Eu não me vejo sem isso. Eu não sei onde eu estaria hoje. Não teria conhecido metade dos países que eu conheço, não ganharia metade do salário que eu ganho, não teria esse reconhecimento todo, talvez não estivesse formada, porque uma faculdade não é barata, não é qualquer um que pode pagar. Tudo.

V: A faculdade, no caso, ela...

A: Foi bolsa.

V: Pra atleta?

A: É. Falta um ano e meio pra terminar, lá no Sant’Anna. Um ano e meio pra terminar Educação Física, também estudando lá. Inclusive lá no Sant’Anna é uma das faculdades que mais apoiam atleta lá. É, porque teve uma época que eu e minha mãe, antes de eu morar em Curitiba, a gente fez um currículo, eu saí de porta em porta pedindo bolsa na faculdade e eu não consegui. Foi só depois de muito tempo que eu consegui bolsa lá no Sant’Anna e lá eles têm milhões de bolsistas. Na minha sala metade era bolsista na Luta. É uma instituição que, realmente, ajuda muito o atleta. Nunca vi igual. Tanto, assim, que a maioria dos atletas que você for entrevistar que são de ponta, de São Paulo, eles estudam no Sant’Anna.

V: Você tem na formação em um curso superior como parte de algum plano para o futuro?

A: Um objetivo pessoal. Eu acho que o estudo tem que andar aliado com o esporte, né. Como diz um ditado latim “Mente sã, corpo são”. Não pode trabalhar só o corpo. Acho que tem que ter equilíbrio. A mente faz parte.

V: E quais dificuldades que você enfrentou, se enfrentou, pra chegar até aqui?

A: Dificuldades, se enfrentou, é até uma pergunta engraçada. Porque eu acho que todo atleta enfrenta suas dificuldades, né. Por mais que seja atleta, assim, ah! Tem muito atleta no judô, essas coisas, que tem uma família que tem como dar uma ajuda financeira. Mas dificuldade sempre tem, né. A gente tem as dificuldades com o compromisso com nós mesmos, tem dificuldade de cumprir meta. Eu, como minha mãe foi solteira, me criou, eu tive dificuldade financeira. Meu primeiro professor me bancava, como ele bancava os próprios filhos no esporte, o Messias, do judô; tive dificuldade de, ah, de muita coisa. Acho que às vezes você sente falta também de uma estrutura familiar, né. E tudo isso a gente acaba superando, eu acho. O atleta acaba trazendo todos os problemas pra dentro do tapete e resolve ali mesmo.

V: Diante das dificuldades, o que te faz permanecer como atleta? O que te motiva a continuar?

A: O próprio esporte. Eu acho assim, o esporte é uma mágica na vida das pessoas, sabe. Nos adolescentes, o judô. Eu vindo de uma família pobre, eu sei que se não fosse o esporte, talvez hoje eu não tivesse tão bem estruturada, hoje eu não tivesse condições de estudar, de conhecer o mundo, de ser a pessoa que eu sou. Porque o esporte não só te ajuda financeiramente, não só te tira das drogas, ele agrega mesmo personalidade. Então, acho que a gente fica viciada daquilo, né. Eu... É uma motivação interna. Eu não sei viver sem luta mais. Eu acho que é meu mundo, assim. É engraçado como quando no treino eu não tô bem, a vida, eu fico mal humorada o dia inteiro. Se eu tô bem no treino, o mundo pode desabar, pode vir o problema que for, que eu tenho mais força pra encarar. É engraçado isso. E quando eu tô mau no treino, qualquer coisinha me faz chorar, qualquer coisinha me faz mal. Eu acho que o treino é a vida, porque parece que sem ele, se eu não tiver bem, não tem sentido, mais nada tem sentido. Pronto! Desabou. É muito engraçado isso, é muito dependente. Eu sou muito dependente do esporte. E não só eu. Conversa com as minhas amigas. Às vezes ela fala: “Ai, tô mal. Vou treinar”, sabe. Parece que... Poxa! Fui treinar, tirei tudo. Pronto! Agora tô bem pra resolver meu problema ali, em casa, resolver meu problema aonde for.

V: Em relação ao público, como você percebe o interesse pela Luta Olímpica, se puder ser mais específica, pela Luta Olímpica feminina hoje?

A: Eu acho que aqui no Brasil ainda é uma coisa assim, meio ilusória de se falar, né. Não tem um público. Quem vem assistir nossas competições são as pessoas que são do meio mesmo do esporte, da luta, de lutas, pais, familiares e tal, que vão ver aquilo como, sei lá, o máximo, minha filha tá lutando, né. Mas eu acho que ainda é bem preconceituosa a visão dos leigos, dos brasileiros quanto ao esporte, por não conhecerem mesmo, por não saberem do que tão falando e às vezes olhando falam: “Ai, que isso? Um monte de mulher se agarrando, um monte de homem se agarrando”, né. Eu acredito que com a chegada do MMA mais forte, do UFC no Brasil, as pessoas tão criando paixão pelas lutas, então, isso traz informação. Conforme tem paixão, então a mídia começa a falar mais dos esportes, as pessoas vão tentar

entender do que elas estão falando, assim como entendem de futebol. Qualquer um é árbitro de futebol aí no Brasil. Vão saber das regras, vão olhar nosso esporte com outros olhos, com olhos técnicos e não leigos né. Aí eu acredito que a visão do público muda um pouco.

V: A próxima pergunta é exatamente sobre a mídia. Como que você vê a relação e o interesse da mídia com a Luta Olímpica?

A: A relação da mídia é um caso, assim, bem... não só em relação à Luta Olímpica, né. Obviamente é uma instituição financeira, ela precisa de lucro, né. É uma instituição que não vai televisionar algo por nada, né. Eu acredito que pra gente conseguir atenção da mídia a gente tem que trazer resultado, né. E esse resultado precisa de investimento e, às vezes, esse investimento precisa da visão da mídia. Então é, assim, bem um círculo vicioso, porque, às vezes um patrocinador quer saber se você vai tá vinculado à mídia pra poder te dar o dinheiro que você precisa pra render e é esse rendimento que vai fazer com que a mídia olhe pra você. Então, é fácil, né, depois que você é campeão olímpico, depois que você tá no esporte aí como o melhor, a mídia vir atrás e os patrocinadores também. O difícil é chegar lá e quebrar este círculo vicioso. É chegar lá. Quando você chega lá é fácil conseguir atenção da mídia. E é essa batalha que a gente tá travando hoje, nós pioneiras, é esse o desafio tão grande. E eu acredito que vai ter um prazer imenso a hora que a gente quebrar esse círculo vicioso e cair no gosto da mídia, aí vai ficar tudo mais fácil.

V: Então, o que você acha que seja necessário no Brasil para que a Luta Olímpica seja mais divulgada, mais reconhecida?

A: Pela mídia? Ou pelo público em geral? Para que a gente tenha mais incentivos?

V: Por tudo que você puder descrever...

A: Eu acredito que mídia tem uma parcela muito importante aí. A mídia, a nossa Confederação né. Que eu acho que a Confederação também tem que ter esse trabalho de marketing dos atletas, de buscar patrocinadores. Eu acho que o investimento certo. Eu acredito que com as olimpíadas de 2016 aí, as pessoas tão se mexendo com mais atenção pra tudo isso. Eu acredito que isso vai acontecer da melhor maneira que poderia acontecer nos melhores anos da nossa vida. Eu acho que se tem uma época boa pra se aproveitar o melhor dos esportes, o momento é agora porque todos estão interessados nisso.

V: E sobre esse momento que a Luta Olímpica está vivendo, da possibilidade de estar fora do quadro olímpico de 2020. Como que você vê isso?

A: Pra mim, o primeiro momento que eu vi eu assustei e até cogitei possibilidades. Depois comecei a pesquisar, entender melhor e a ler, eu comecei a perceber: “Poxa! A Luta só ficou fora de um Jogos Olímpicos na história das Olimpíadas”. A Turquia que é um país que tá competindo pra ser sede, de 39 medalhas que o país tem, 28 são na Luta Olímpica. Então, são coisas assim que levam a gente a crer que é jogada política. De repente é uma jogada pra levantar a mídia da Luta, pra fazer o órgão, a Fila, que é o órgão internacional da Luta se mexer, pra mexer na regra, eu não sei. Pra tornar isso mais atrativo pro público, não sei. Eu acredito que seja uma jogada política e se essa tentativa de tirar a Luta de 2020 trouxe mais atenção da mídia, ótimo! De repente era esse o objetivo e foi cumprido, né. Eu acredito que isso não vai acontecer não.

V: Bem, eu gostaria que você falasse agora de um sonho que você já tenha realizado ou que você ainda queira realizar e alguma decepção que, por ventura, você tenha tido em sua trajetória na Luta Olímpica.

A: Ah, o meu sonho foi a medalha do mundial que, apesar de ter ficado pra trás, que foi em 2006. Eu já não sou vice-campeã mundial, eu fui. E hoje eu tenho que buscar novos desafios. Meu desafio hoje é a medalha olímpica, a medalha no mundial, no sênior, que eu conquistei no júnior. Decepção foram muitas. Porque depois que eu consegui minha medalha no júnior eu lesionei minha coluna, eu tive vários problemas e fui bem deixada de lado, sabe. Hoje eu estou me reerguendo. Hoje eu conquistei novamente a atenção dos técnicos, dos dirigentes a minha volta, por mostrar novamente que eu sou capaz. Só que, às vezes, me leva a perguntar: “Quantas vezes a gente tem que provar nossa capacidade pra conseguir o que merece?” A gente sabe que em todo esporte nem sempre o que vai é o melhor, nem sempre o que tem o incentivo é o melhor. E é assim em todo lugar. Então, foram essas as minhas decepções. Eu sei que talvez se eu tivesse tido o investimento que outras pessoas tiveram, talvez hoje eu ainda seria o que eu fui em 2006, como vice-campeã mundial. E esse interesse não é só meu. Esse é um interesse da Luta, do Brasil em geral, da Confederação. Então, eu não sei até que ponto essas pessoas estão realmente engajadas com a Luta. Eu me decepcionei demais e, agora, assim, depois de ter perdido a classificação olímpica, eu fiquei um tempo revoltada com a luta, como sempre a gente tem as fases, e aí resolvi me reerguer e falei: “Não! Eu vou lutar de novo. São mais quatro anos e eu tô aí”. No final do ano passado, na Copa Internacional que teve aqui no Brasil, a primeira vez com a participação de vários países de fora muito fortes. Veio o Canadá, veio Índia, veio muitos países fortes. A única atleta a ganhar de atletas de fora e ser campeã fui eu. Teve outra menina campeã no 55 sem nenhuma disputa estrangeira. Eu ganhei de duas canadenses, uma delas vice-campeã mundial universitária no mesmo ano. Então, eu me sinto feliz por estar novamente chegando lá, mas ainda decepcionada. A ferida não cura, né, por saber, por saber de novo, porque eu cheguei a acreditar que eu não era mais capaz. Falava assim: Ah, isso passou. 2006 passou. Hoje eu ainda tô redescobrimo que eu ainda sou capaz. Eu ainda tenho lá no fundinho aquela Aline que conquistou a medalha no mundial e que nenhum outro brasileiro conquistou. Mas acho que a ferida e a decepção ficam, né. De saber porque agora que eu tô no auge de novo vieram me dar atenção, não me deram quando eu tava no lixo, sendo que eu já tinha provado do que eu era capaz, né. Então... é uma história muito longa (rsrs).

V: Sobre sua renda mensal: você vive só da Luta Olímpica? O que compõe a sua renda?

A: Bolsa atleta. O Bolsa Atleta foi a maior conquista que nós atletas tivemos nesse país. Por que antes do Bolsa Atleta não se ouvia falar que um atleta era capaz de viver de treino, né. E começou, assim, até com um valor até irrisório e hoje é um valor que sim dá viver. Muitos pais de família vivem com o valor do Bolsa Atleta nacional pra sustentar filhos. Então o Bolsa Atleta é o principal. É uma coisa que deixa a gente tranquilo. A gente sabe que vai receber. Porque antigamente o patrocínio, você conseguia um patrocinador com uma empresa, você recebia um, dois meses. Você não sabia o que era de você no próximo mês, se a empresa ia continuar ou não. O Bolsa Atleta, o SESI, que é meu clube que, assim, eles dão toda estrutura de treinos pra gente. É um clube, assim, bem, eu acredito, assim, eles estão inovando bastante, pegando modalidades pioneiras que não investimentos como o deles em outro lugar do país como clube. Hoje minha renda é composta por Bolsa Atleta e SESI.

V: Sobre a modalidade, você consegue perceber ou existe alguma diferença entre a Luta Olímpica feminina e masculina em regras, em patrocínio, incentivo, público?

A: Sem dúvida. Aqui no Brasil. Assim, você tá falando aqui no Brasil? Ou no mundo?

V: Geral. O que você consegue perceber.

A: No mundo o fanatismo maior é com o masculino, com a greco-romana, que é o esporte mais antigo, mais tradicional. O feminino é um esporte que tá chegando agora. Até por isso a gente mais chance. No Brasil o incentivo é mais pras mulheres porque pra nós é mais parelho conseguir um resultado, né. Apesar de que os meninos vêm lutando muito bem. É... A regra muda sim. Muda o estilo de lutar porque é de acordo com suas capacidades físicas, né. O homem é mais explosivo, um pouco mais forte, a mulher é um pouco mais lenta, né. Vamos usar um pouquinho mais de manha. Greco é totalmente diferente (do estilo livre) porque a regra difere totalmente. Então, claro, tem muita diferença sim.

V: Como que é sua rotina de treinos no decorrer da semana?

A: A gente treina todo dia, segunda a sábado, sendo as quartas e sábados um treino porque teria descanso; duas vezes por dia, pelo menos. Às vezes lá em São Paulo, no SESI a gente tem três treinos por dia; aí às vezes quarta não tem descanso, depende muito do ciclo de treinamento.

V: E assim, tem outras atividades fora o treino técnico de Luta Olímpica?

A: Sim, a gente faz musculação, corrida, lá em São Paulo a gente faz natação, jogo, faz de tudo, assim, diversifica bastante.

V: E nos dias de luta ou que antecedem as Lutas, a rotina muda? Tem alguma preparação especial?

A: Tem a concentração no Centro de Treinamento, né. A gente fica cerca de duas semanas concentradas, treinando todos os dias de manhã e à tarde. É concentração total. O que muda é o foco, mas a rotina é puxada do mesmo jeito.

V: Essas exigências corporais e técnicas da Luta Olímpica, elas interferem na sua feminilidade?

A: Às vezes, às vezes. Não dá pra mentir que não. Por exemplo, eu adoro unha comprida, eu queria ter a minha unha longa e não dá, não posso, porque senão eu vou arranhar todo mundo no treino e vai ser horrível, né, ninguém vai querer treinar comigo... (rsrs). Cabelo, às vezes, acaba quebrando um pouco. Tem tudo isso, né. Às vezes, é... Eu tenho que lutar até 72, eu acho que eu acho que eu fico muito magra com 72, mas eu tenho que ter esse peso, paciência. Tem sim, mas eu acho que dá. Eu não desisto. Eu acho que dá pra manter a feminilidade lutando. Então, eu não desisto, sabe. Eu tento ser feminina o tempo todo.

V: Você pode descrever, então, pra você, o que é ser feminina?

A: Ai, eu acho que mulher é tão complexo, né. Ser feminina, eu acho que... Não sei explicar (rsrs). Eu acho que é gente, assim, aceitar que, apesar de toda a nossa garra pra lutar, a gente tem nossas fraquezas, é saber tirar proveito delas, né. Eu acho que mesmo lutando eu não preciso ser forte o tempo todo, eu posso ser maliciosa, eu posso ser jeitosa e usar da minha

feminilidade pra ganhar. Eu acho que tem tudo ao contrário do que tem o bruto, né, o bruto do homem. A mulher ela, ela é mais maleável, é uma coisa mais delicada, dá para ser delicada sim lutando (rsrs). É muito coisa pra descrever a feminilidade ali é muita coisa.

V: E no seu cotidiano, em relação à sua feminilidade, como você percebe o olhar dos outros?

A: Olha, no treino eu acho até uma coisa legal. Quando a gente treina com homem, a gente costuma até se portar diferente. Eu, principalmente, em cima do tapete porque eu quero ser vista diferente. Eu não quero que me vejam como “a mulherzinha”, quero que me tratem com respeito e de igual pra igual. Então, encima do tapete, no máximo do possível, a agente tenta se tratar de igual pra igual. Fora do tapete, eu acredito que quem é leigo, de fora, pra variar, vê com diferença. Sempre tem aquela piadinha: Ai! Você luta? Não quero nem chegar perto. Você tem namorado? Ah, eu não namoraria com uma mulher que luta. As piadinhas, né. Mas, acho que pra mim isso já passa despercebido. Eu adoro quando eu saio e alguém pergunta: Ah, o que é que você faz? Sou atleta. De quê? Do vôlei? Não, luta. Nossa! Mentira que você luta. Mas você já lutou em algum campeonato? Vários. Ganhou algum? Tipo, menosprezando, né. Não pode ser que você ganhou algum. Vários. (rsrs). Adoro isso. Adoro surpreender. Adoro.

V: Sobre o seu corpo, você está satisfeita como ele é hoje?

A: Não, acho que nenhuma mulher é satisfeita, né. Eu não tô (rsrs), eu não tô... Eu queria colocar silicone, eu não tô, não sei. Eu queria fazer depilação definitiva porque eu não suporto pelo. Depilo agora, semana que vem já tem que depilar de novo. Eu não vou dizer que eu estou satisfeita.

V: O silicone, por exemplo, você não coloca por conta da Luta Olímpica?

A: Sim. Hoje por conta da Luta, até porque eu teria que parar três meses e eu não tenho um período em que eu não tenha uma competição na minha cabeça importante pra poder parar três meses. Então, eu não coloco hoje por isso. Mas eu me aceito, eu me aceito legal. Sempre tenho aquela insatisfação. Acho que nunca vou tá satisfeita, nunca. Mas eu me gosto, eu me gosto do jeito que eu sou sim.

V: E você percebeu mudanças em seu corpo que possa ser atribuído à Luta?

A: Sim. O peito. O peito é uma. Quando eu era novinha minhas amigas até me zuavam que eu tinha o peito grande e aí eu ficava com vergonha, não queria. Porque da minha turma eu cresci muito rápido. Tipo, com 11 anos eu já tinha quase um corpo de mulher, né. E eu não queria, porque eu queria ser menina igual a todo mundo. Aí hoje eu vejo, assim, que com o treino, o seio é gordura, você acaba perdendo sim. Não tem como não perder. Aí eu falo: Poxa! Queria tanto meu peito de volta (rsrs). É isso assim, acho que muda um pouquinho sim. E eu era mais grilada, assim, com o braço masculino, porque ficava um pouco mais forte, as costas mais largas. Mas hoje em dia, com a geração aí das mulheres bombadas, né, ter as costas largas e os braços bonitos virou coisa ótima, né, bonita. Todo mundo quer ter, né. Então, eu acho que a gente se aceita melhor com isso. Não é só mulher que luta que tem braço. Você vê as popozudas aí tudo de braço, né. Aí fica mais tranquilo, eu acho.

V: Aline, e o que a Luta Olímpica significa pra você?

A: A Luta é a minha vida. Apesar de tudo... Apesar de tudo, porque, assim, os dirigentes, técnicos nem sempre pode se dizer que eles fazem parte da Luta Olímpica. São peças necessárias para que isso funcione. Então eu isolo tudo isso e se você perguntar só a Luta, a Luta, o que representa pra mim é a minha vida. É tudo.

V: É isso. Mas, eu queria de perguntar se você quer comentar mais alguma coisa sobre o que a gente falou, sobre o que a gente não falou?

A: Não, não, não. Eu acho que é isso mesmo. Você perguntou de tudo.

V: Aline, então eu gostaria de agradecer por sua disposição, por você ter dedicado uma parte de seu tempo pra mim. Brigada!

A: Brigada você pela pesquisa e pela atenção. Achei super legal.

ANEXO XI

Entrevista (Rememorada) Ana Maria

Data: 23/03/2012 (Escrita rememorada em 23/03 e 24/03/2013).

Local: Academia Team Nogueira

Entrevistador: Vera Fernandes

Atleta Entrevistada: Ana Maria Gomes Soares

E-mail: anajiujitsu@hotmail.com

Data de nascimento: 20/08/1978

Idade: 34 anos

Estado civil: Solteira

Tem filhos? Sim. Quantos? Um.

Grau de escolaridade: Graduação incompleta.

Esporte que pratica: MMA

Tempo dedicado à modalidade: 13 anos

V: Ana comente sobre sua inserção na modalidade. Como aconteceu?

AM: Ana Maria era atleta de Jiu Jitsu, quando teve oportunidade de acompanhar o treinamento de dois amigos que se preparavam para um evento de MMA que aconteceria em Vitória da Conquista, na Bahia. Ao vê-los se preparando pensou: “Deus quero fazer isso também”.

V: Trajetória da atleta no MMA

AM: Campeã no Tauros Combat, Campeã Minotauro Fight III, Campeã Prime MMA (há outros).

V: Possibilidades e desafios que viu no MMA.

AM: Achou legal o treino e resolveu lutar também. Nunca pensou em desafios, só em viver seus desejos. Não se importa se é difícil, se ninguém nunca fez, não importa nada. Apenas faz acontecer.

V: Reação da família.

AM: Emocionada dizia que a família não gosta do que ela faz, não entendem o porquê de tudo isso, mas em nenhum momento a abandonaram.

V: E como que você percebeu que se tornava uma atleta de rendimento?

AM: Nunca pensou nisso. Quando colocou o quimono pela primeira vez teve a melhor sensação de sua vida e pediu a Deus para deixá-la fazer isso para sempre. Quando lutou pela primeira vez decidiu que iria ser a melhor do mundo.

V: Conquistas pessoais, esportivas.

AM: A maior conquista de Ana Maria é ser feliz todos os dias por fazer o que gosta e ver tanta gente se inspirando nela; saber que foi precursora de um esporte, saber que faz parte da história do esporte que escolheu para sua vida.

V: Dificuldades enfrentadas.

AM: Para Ana Maria, tudo o que deseja na vida traz alguma dificuldade. Ainda emocionada dizia que as suas maiores dificuldades são: ficar longe da filha; ter treinado até 5 meses de gravidez e ter retornado às lutas um mês depois de seu nascimento; ter dormido em tatames por anos e as cirurgias que teve que enfrentar sozinha, longe da família e amigos.

V: Diante das dificuldades, o que a motiva a continuar.

AM: O amor pelo esporte.

V: Percepção sobre o público e mídia.

AM: Ana diz que é bacana a relação com o público e com a mídia. Aonde vai é bem recebida. O MMA está crescendo e sendo reconhecido a cada dia. Adora dar entrevistas e ser filmada e fotografada.

V: O necessário no Brasil para que o MMA para as mulheres seja mais divulgado.

AM: Acha que já está sendo divulgado o bastante e proporcionalmente ao número de atletas. A tendência é aumentar a divulgação conforme mais mulheres forem aderindo ao esporte.

V: Sonho realizado e decepção vivida no MMA.

AM: No momento o sonho era voltar a competir (o que no momento já aconteceu), pois estava afastada por conta de uma lesão. Alega não ter vivido nenhuma decepção no MMA.

V: Composição da renda mensal.

AM: Ana Maria diz que não tem uma renda fixa, mas não precisa de muito para viver. Reside num quarto dentro da Academia; é garota propaganda de uma marca de roupas que fornece tudo o que veste; seu celular é de cartão; e recebe dinheiro apenas das competições.

V: Percepção sobre diferenças entre o MMA para os homens e para as mulheres.

AM: Não percebe nenhuma diferença técnica ou em relação ao público. A mídia se diferencia pelo fato de os homens estarem praticando há mais tempo. O treino é o mesmo para homens e mulheres. É comum Ana Maria fazer sparring com os homens, pois, nem sempre tem mulher para treinar. Comentou também que sua presença na Academia sempre chama a atenção de quem visita, por ser uma mulher bonita no meio de tantos homens.

V: Rotina de treinos no decorrer da semana.

AM: Treina à tarde e à noite de segunda à quinta-feira, separadamente, técnicas de: Boxe, Jiu Jitsu, Muay Thai, Submission. Sexta-feira o treino é “livre”. E aos sábados, a partir do meio dia, treina na forma de sparring.

V: Treino dos dias que antecedem uma luta.

AM: Muda o sparring que acontece de acordo com as regras da luta do campeonato. Por exemplo: 3, 4, 5 rounds de 2 minutos e, assim por diante.

V: Se as exigências corporais e técnicas do MMA interferem na feminilidade de Ana Maria.

AM: Para Ana na hora da luta não tem como se preocupar muito com a aparência. Mas diz que sempre está com as unhas e cabelos arrumados, pois o fato de não estar arrumada não irá fazê-la lutar melhor.

V: Descrição do que é ser feminina.

AM: Ser feminina é não abrir mão de ser mulher: quando tiver que ser sensível seja, quando tiver que chorar chore e quando tiver que ser forte também é pra ser. Diz que por conviver muito tempo com homens precisa se cuidar para não agir e tudo como eles, para não se masculinizar.

V: No seu cotidiano, em relação à feminilidade, como percebe o olhar dos outros.

AM: Diz que não percebe. E depois complementa que sabe que há pessoas que não gostam de sua aparência. Mas não liga.

V: Se está satisfeita com o corpo.

AM: Ana Maria diz que está satisfeitíssima. Se acha bonita e gostosa. Sabe que seu corpo não agrada a todo mundo. Mas diz que é apenas um padrão diferente. Contou sobre um namorado que trabalhava como modelo e que quando o segurava pensava: “Meu Deus! Esse homem é mais mulher do que eu”. Dizia: Sei lá, parece que está faltando alguma coisa.

V: Se mudou algo no corpo.

A: Sim. Colocou silicone. Diz que antes de colocá-lo sentia-se mal por ser desproporcional. Ou então precisava ficar fazendo manobras para usar determinadas blusinhas e vestidos, como usar sutiãs com enchimento. No mais, sempre foi magra. E como sempre esteve envolvida com exercícios físicos, seu corpo sempre foi definido.

V: Percepção sobre mudanças em seu corpo que possa ser atribuído ao MMA.

AM: Ana Maria diz que sim, mas atribui não somente ao MMA, mas às lutas como um todo, já que iniciou no Jiu Jitsu e o MMA engloba de tudo um pouco. Seus ombros e braços aumentaram o volume devido à pegada no quimono do Jiu Jitsu e a musculatura definida se deve aos treinos diários.

V: O que o MMA significa para Ana Maria.

A: Tudo. As lutas são a sua vida.

ANEXO XII

Entrevista – Ana Maria

Data: 06/10/2013

Local: Residência da atleta

Entrevistada: Ana Maria Gomes Soares

Entrevistador: Vera Fernandes

V: Bom, hoje me encontro com a atleta de MMA Ana Maria Índia, que representa a Team Nogueira. Brigada por me receber mais uma vez. Ana Maria, descreva como aconteceu a sua inserção no MMA.

AM: Eu sou oriunda do jiu jitsu. Eu comecei a treinar jiu jitsu em Marília, São Paulo, eu fazia biomedicina na época e só treinava de quimono e... eu fui a primeira mulher vestida de quimono, não tinha muita mulher lutando na época, então as lutas eram casadas. Então, eu lutava Jiu Jitsu... e eu fiquei grávida nesse meio do caminho e tive que ir embora de São Paulo, eu voltei pra Bahia, eu fiz vestibular em Salvador e passei, e continuei a treinar Jiu Jitsu numa academia de competição lá, eu continuei treinando de quimono. Assim, eu lembro do meu primeiro campeonato, eu era faixa branca e a outra mulher era faixa azul, aí eu lembro que o ginásio todo parou assim pra ver. E aí eu disse: “Ai Deus! Deixa eu sentir isso pra sempre”. E ali eu descobri que eu era competidora. E... eu sempre fui muito técnica e aí me convidaram pra acompanhar uns atletas porque ia ter um evento de MMA em Vitória da Conquista, Bahia, e eu fiquei encantada com o treinamento deles, com tudo que tinha que fazer pra lutar o MMA e falei “Que maneiro! Eu vou fazer esse negócio também”. Aí eu pensei o que eu tinha que fazer pra fazer aquilo. Aí eu fui pra Salvador procurar treino de boxe, treinar sem quimono, procurei uma escola de wrestling, aí eu comecei a... a conhecer as outras técnicas, as outras artes marciais além do Jiu Jitsu. E aí eu comecei a treinar e fiz a minha primeira luta amadora contra uma menina que tinha 100 quilos e lembro que eu achei muito maneiro, assim eu tinha uns sessenta e ganhei uma medalha daquelas de cinquenta centavos. “Poh... foi a porrada mais barata da minha vida”. Aí... depois marcou uma luta num Minotauro Fight que ia ter lá em Salvador, mas aí eu vim pro Rio pra treinar e arrancou um dedo meu numa Copa do Brasil de Jiu Jitsu porque eu queria lutar Jiu Jitsu, eu queria lutar tudo, era meio maluca, assim. Aí eu não pude lutar nem o MMA e nem ganhei o campeonato de Jiu Jitsu.

V: Descreva, então, a sua trajetória esportiva desde a sua inserção na modalidade até o momento atual.

AM: Eu não sei não, tipo assim, porque eu tô no MMA tem 13 anos. Sou uma das pioneiras no MMA assim do Brasil. Eu comecei no MMA amador, aí teve o Prime, eu ganhei... Eu não sei bem, eu tenho dez lutas de MMA, vão surgindo os eventos... Eu sou campeã do Minotauro Fighth III, sou campeã do Circuito Team Nogueira, sou campeã do Prime, campeã do Super Fighth, campeã do MFigth, campeã do Tauros Combat. Tô indo aí...

V: E que potencialidades você viu, o que te instiga no MMA?

AM: O jogo, o jogo. A luta pra mim é que nem jogar. É igual a quem joga baralho, é igualzinho. E... o movimento corporal da luta que me deixa louca, maluca. Eu gosto do movimento corporal como se fosse uma dança. A luta pra mim é um jogo e uma dança

misturados. Tipo... é igual a assistir uma dança de salão, as passadas, o jogo das pernas. O jogo da luta é muito inteligente e me deixa maluca porque é infinito, não acaba nunca, as combinações são infinitas. E você não basta só saber, você tem que automatizar o seu corpo pra aquilo. E é sempre você jogando contra o game de outra pessoa que está com os mesmos planos de anular o seu jogo também. É estilo um videogame, então eu faço parte de um videogame, então, eu gosto. Eu acho divertido, eu gosto de brincar, é muito legal. Por isso que eu luto, porque é legal, porque o dia que não for mais legal eu não luto mais. O dia em que a pressão de lutar for maior que o meu prazer de estar ali eu não luto mais. Olha eu sinto prazer em tudo, eu gosto de tudo, eu gosto da paisagem, gosto de tirar peso, gosto de lutar, tudo pra mim é a maior festa. O povo deve pensar assim que essa mulher é a maior maluca porque eu chego rindo do começo ao fim. Eu tô sempre feliz, sempre tô amarradona, minhas fotos na paisagem eu tô rindo. Eu falo: “Pô! Eu tenho a possibilidade de fazer o que eu gosto, tenho a chance de fazer o que eu amo em minha vida”. Eu sou abençoada, entendeu? Eu sou abençoada. E tem uma outra menina do outro lado que também gosta, então, “Pô, que maneiro”, entendeu? Tipo, eu não viajo, eu não tenho raiva dela, eu quero lutar com ela.

V: E como a sua família reagiu a sua escolha?

AM: Não gosta não... Bom, sinto que a minha família tem orgulho de mim pela pessoa que eu sou, que ao mesmo tempo em que eu sou impactante pra eles pelo meu jeito diferente porque eu nunca fui igual desde criança. Eu não igual as minhas amigas da escola, eu não sou igual as minhas amigas da adolescência... A frase que eu sempre escutava é “quer ser diferente, só que as coisas que os outros não quer”, isso desde que eu sou pequena, então, eu já vi que eu não era uma pessoa comum. Eu era a líder da sala, a líder da escola, a líder do grêmio, as apresentações da escola tudo quem fazia era eu, eu ia pra secretaria dez vezes por dia porque eu defendia todos os meus amigos. Se a professora brigasse com você eu ia lá e “por que você tá brigando com ela?”, se eu via alguém batendo em alguém na escola eu ia lá e já entrava no meio. Então, eu tenho esse senso de justiça muito forte e minha personalidade sempre foi diferenciada de todas as minhas amigas. Eu era uma coisa... Eu sei que todo mundo é diferente um do outro, mas eu era muito destoado, muito acima, a minha linha de raciocínio não tem nada a ver assim com a de ninguém assim. E a minha família penso que eu era impacto pra eles, ainda mais essa coisa de... eu largar a faculdade pra fazer lutas. Na época nenhuma mulher lutava, eles diziam que era doida. Jiu Jitsu era marginalizado. Jiu Jitsu era... “que é isso?”. Fazer Jiu Jitsu era coisa de marginal. Minha mãe não gostou que eu larguei a faculdade de biomedicina pra ser lutadora. Meu pai também não. Eles têm laboratório de análises clínicas, mas em nenhum momento eles... Eles não gostam do que eu faço, eles não entendem porque eu faço, mas em nenhum momento eles deixaram de apoiar por isso. E assim o que eu sinto deles hoje em dia é o orgulho... pela perseverança, entendeu? Tipo assim, ao mesmo tempo que o que causa medo neles é a minha personalidade, assim, meu jeito mais tosco de tipo assim de não desistir nunca, de estar passando perrengue no hospital. Teve uma vez que eu fiquei dois meses no hospital sozinha sem ninguém da minha família do meu lado e eles lá desesperados “para com isso” não sei o que. Depois eu ouvi da minha irmã “você vai ficar aleijada pra sempre” e eu falava “não vou”. E toda semana eu falava assim “essa semana eu tiro a muleta” e toda hora que eu tirava a muleta eu tinha que abrir o meu joelho de novo. Foram três cirurgias em dezessete semanas. Sempre que eu pisava no chão eu tinha que abrir o meu joelho de novo, eu falava “vamos lá, vamos ver quem ganha então, vamos simhora”. É complicado, tem aquela coisa com a minha filha e todo mundo mora junto menos eu. Eles não gostam, mas eles respeitam, entendeu? Então, tipo assim, ninguém interfere na minha vida, só me ajuda, me apoia, cuida da minha filha, ficam lá rezando, gastam as rezas tudo pra eu não

me machucar e... vida que segue. Eu não vou deixar de lutar porque eles não gostam, eles não podem fazer nada em relação a isso, entendeu? E é isso.

V: Você, então, é a única atleta da família?

AM: Sim, eu sou a única maluca (rsrs).

V: Me diga como que você percebeu que se tornava uma atleta de rendimento?

AM: Eu nunca fiz por fazer, eu sempre competi. Quando criança eu já brincava de quem bate mais forte, vamos ver quem derruba. Eu fazia um círculo na areia assim, eu nem era atleta, nem sabia o que era esporte e nem nada, morava lá no interior da Bahia, aí a gente ia pra roça pra casa de algum amigo do meu pai aí eu pegava e fazia um círculo assim na areia e chamava todos os meninos, vamos ver quem empurra, vamos ver quem derruba, eu brincava de guerra, eu era a Sheena a rainha da selva, eu fazia um tchaco com o cabo de vassoura, eu fazia bomba de goiaba podre com fósforo que era a bomba de fogo, eu fazia escudo com tampa de isopor, com caixa de papelão. Eu já era a rainha, já era a Sheena, já era “pá”. Eu gostava de brincar de briga, eu gostava muito de derrubar, de tapa, de soco, de vamos ver quem bate mais forte, de queda de braço. Então você imagina todas as minhas amigas nenhuma queria brincar comigo porque não era a vibe delas, né. E os meninos não queriam muito também porque apanhavam e não queriam apanhar de mulher aí era uma confusão. Então eu sempre sofri muito com isso. Então quando eu conheci, quando eu cheguei no Jiu Jitsu lá todo mundo tinha que fazer a mesma coisa que eu, entendeu? Não era uma opção. Tipo assim, não tem “não vou treinar com a menina”, tem que treinar. Tava todo mundo no tatame. Eu sempre escutei “no tatame não tem sexo. Aqui não tem homem não tem mulher”. E os caras não usam o pênis pra lutar. Usam os braços, as pernas e o corpo, entendeu? Então o pênis não faz parte do jogo. Vamos ver qual é o jogo? Eu sou uma atleta muito inteligente, então eu nunca quis trocar força com os caras, eu ficava vendo qual era o caminho que eu podia fazer pra chegar onde eles estavam, entendeu? Então eu sempre quis ser treino pros caras, eu sempre quis. Eu sempre fui a única mulher no tatame, na primeira academia eram 50 homens e eu, aqui eram setenta homens e eu, agora que chegou a Duda, e nunca tive problema. Eu sempre treinei com os caras e sempre fui treino pros caras e tipo assim uma coisa que eu tenho muito orgulho é dizer assim “Ana, posso treinar com você um final de semana pra me corrigir?”. Eu gosto dessas coisas, então eles me dão crédito, porque é uma profissão que é masculina e eu consigo ser treino pra eles mesmo sendo uma mulher, entendeu? Não é qualquer uma que consegue, eu sou muito técnica. Então, se eu consigo potencializar tanto a minha força imagina eles fazendo o que eu sei fazer. Eles já não me olham da mesma forma. Eu sou uma mulher de sessenta e cinco quilos que segura no colo um cara de cento e cinquenta. Então, por quê? Porque a mecânica do meu movimento é muito boa.

V: Fale sobre o que o MMA, as lutas trouxe para você materialmente e em outros aspectos da sua vida.

AM: Material? Nenhum. Minha mãe fala que medalha não mata a fome. Eu não tenho dinheiro, eu não tenho nada. O que a luta me trouxe... Eu acho que tudo é uma coisa só, entendeu. Eu sou a luta. Eu não mantenho uma distância assim. Eu luto porque eu sou essa pessoa aqui, se fosse outra pessoa eu não ia lutar, você entendeu. Eu e a luta a gente é um pacote completo. Tipo assim, eu não consigo me afastar. As minhas reações corporais, a minha forma de pensar, de me expressar tudo tem a ver com a minha luta. Eu sou direta, eu sou tosca, tudo tem a ver com a minha luta, tudo, tudo. O respeito que eu tenho pelo espaço

do outro, é o que eu preciso pra poder trabalhar, eu preciso do outro pra poder treinar, então, a luta ela reflete no meu dia a dia o dia inteiro, vinte e quatro horas. Eu não sou uma pessoa nada invasiva, sabe. Tipo, eu sou uma pessoa agressiva, eu não sou tolerante, eu não sou tolerante. Sabe aquela frase “tolerância zero”, eu. Ah, alguns colegas falam sobre um ponto de equilíbrio, eu não sou uma pessoa equilibrada. Muito pelo contrário, eu sou completamente desequilibrada. Tipo, eu não tenho meio termo, eu sou extremista com altos e baixos o tempo inteiro, sou explosiva. Se eu fosse equilibrada eu ia ser budista eu não ia ser atleta, eu ia ser outra parada, tá entendendo. Eu sou explosiva, eu preciso de emoção. Mas eu preciso controlar a minha emoção, é diferente, entendeu. Eu faço as coisas movida pelo o que eu tô sentindo, mas eu não posso deixar o meu sentimento mover as coisas que eu tô fazendo, tá entendendo que é uma coisa diferente da outra? Então, tipo assim, a luta ela me traz, ela me traz ser feliz, porque eu acho que deve ser horrível você dormir e acordar e ir fazer uma coisa por fazer. Então eu abri mão de ter dinheiro, porque eu sei que eu vou ter dinheiro com o que eu escolhi pra viver porque eu posso. Então, tipo assim, eu podia ter tido um milhão de outros caminhos, já me pediram em casamento três vezes. Sabe aquelas coisas assim, eu poderia ser casada, ser dona de casa, cuidar da minha filha, trabalhar e treinar Jiu Jitsu três vezes por semana, isso é uma vida maneira. Eu poderia também ser dona de laboratório lá no interior da Bahia, tirando uma de patricinha só andando de carrão, morando em casona, cheia de laboratório, pah, e tirando onda treinando três vezes por semana e falando que sou uma lutadora e tal, e ter uma academia de Jiu Jitsu, ia ser maneiro, não ia? É, mas não é o que eu quero. Pra ter o que eu quero eu preciso dormir no tatame, passar por cirurgia sozinha, me rastejar no chão, ter que andar quarenta e cinco minutos pra chegar na academia porque eu não tenho dinheiro para comer, tenho que às vezes comer bolacha porque eu não tenho dinheiro pra almoçar, entendeu. Então, tipo assim, cada coisa que você quer em sua vida tem um preço diferente, ou você paga ou você não paga. Então, o preço do que eu quero é esse, eu pago. Cabe dentro do orçamento. Existem coisas que talvez pra algumas meninas sejam mais baratas. Assim, tipo, eu escuto muito, eu ouço muito assim, eu escutei esses dias “nossa Ana, mas o Meier não é longe”, não é longe pra vocês que tem carro, pra mim que pego dois ônibus é longe, eu levo três horas pra chegar aqui no Meier, entendeu. “Ah, você não tem carro porque você não quer”. Não, porque eu não tenho dinheiro, é diferente. “Olha, mas você sabe que a hora que você quiser ter um carro você poderia ter”. Eu falo “eu sei, eu sou inteligente, eu podia trocar de emprego, voltar pra minha cidade e tal não sei o quê”, mas o que elas querem dizer é que qualquer homem poderia me bancar, entendeu. Eu digo “olha, eu posso te falar uma coisa: eu não quis nada da minha mãe e do meu pai e eu nunca vou querer nada de homem na minha vida, entendeu, nunca”. Às vezes tem menina que ela acha mais fácil, por exemplo, eu já recebi proposta de ter uma cobertura na Barra, porque não sei o quê, porque tudo poderia ser mais fácil. Mas esse fácil pra mim é difícil, eu não tenho a capacidade de pagar esse preço, entendeu. Isso pra mim é caro. Agora, dormir no chão, dormir no tatame, lavar tatame, ficar sem comer pra pagar meu campeonato, esse preço pra mim é bom, entendeu. Esse preço eu pago, o outro eu não pago e vou chegar no mesmo lugar. Eu vou ter as minhas coisas, vou ter meu apartamento, vou ter meu carro, vou ser a melhor do mundo, vou ser tudo, com as minhas coisas, dando as minhas voltinhas, não tem problema. Vai ser do jeito que eu quero, como eu quero, sem dever nada pra ninguém.

V: E dificuldades, você comentou sobre algumas enfrentadas como o período das cirurgias, as financeiras... E hoje, enfrenta dificuldades para seguir como atleta?

AM: Pra caceta, o tempo todo. A dificuldade faz parte do meu dia, do dia a dia da gente. Tipo, dificuldade é uma coisa normal. Se não for difícil... Eu não conheço, entendeu, nada que eu queira em minha vida que não seja difícil. Se eu quiser fazer minha unha é difícil porque eu

tenho que ir pro salão e ficar com a minha bunda lá sentada que é um saco uma hora, uma hora e meia, se a mulher não for maluca ainda e levar duas horas, é chato. Se eu quero minha perna lisinha eu tenho que sentar ali e me depilar. Tudo é difícil. Então, se você quer ficar com a sobancelha bonita você tem que fazer e dói, é chato, mas o resultado é sempre o que importa. Então, tipo assim a dificuldade é uma coisa normal, eu não penso em nada na minha vida assim... Tipo o dia a dia da gente eu moro num apartamento com oito homens, então eu tenho que me trancar dentro do meu quarto, eu treinei até cinco meses de gravidez, a minha filha nasceu, ela tava com um mês eu tava treinando, ela tava com quatro eu já tava competindo, ela tava com sete meses e eu já não morava perto dela. Eu sou uma mulher que vive completamente isolada de mulher na vida, eu não tenho a possibilidade de ter amizade feminina, tipo que as amigas de amigos meus... as mulheres dos meus amigos não podem ser minhas amigas porque elas só querem chegar perto de mim pra saber o que que tem na vida deles. Muita mulher que encosta em mim não por causa de mim é porque quer chegar perto dos caras, porque eu sou uma porta de entrada pra academia, pros caras. Então eu, eu sou difícil de confiar, eu sou difícil. Eu sempre sofri muito com mulher em muita coisa na minha infância, então apesar de não ser lésbica e não ter nada contra lésbicas o meu universo é completamente masculino. Eu vivo no meio de homens a minha vida inteira, sempre, sempre, desde a adolescência, desde novinha. Eu sempre achei homem muito divertido, sempre achei que homem fala mais besteira, onde tem um monte de homem junto tá falando merda. Então isso alivia as minhas dificuldades. Talvez se eu tivesse no meio de um monte de mulher eu sentisse mais dor porque mulher sofre mais com a saudade, com não sei o quê... Por exemplo, a maioria dos caras vivem longe dos filhos, normal pra eles, mas seria difícil pra um monte de mulher viver longe dos filhos. Eu tava conversando com uma amiga minha aqui agora, faixa preta, que largou tudo porque teve neném e tal. Ela “é agora eu tô trabalhando, tô cuidando da minha filha”. O normal seria isso. Quando eu fiquei grávida era isso “agora acabou esse negócio de luta, que agora você vai ser mãe”. O que tem a ver uma coisa com a outra? A garota vai nascer e eu tô morrendo por acaso, entendeu? Então a cabeça de mulher talvez me traria mais sofrimento, então eu acho que Deus me preparou pro que eu ia me tornar, pro que eu ia viver, eu viajo muito sozinha, eu não tenho ninguém do meu lado. Tem isso também a minha solidão é muito maior do que a de todo mundo porque todo mundo está sempre junto, os meninos estão juntos o tempo inteiro, mas eu não fico assim muito tempo com eles pra evitar... pra preservar a privacidade deles e também a minha. Porque como a gente mora junto, trabalha junto, fica o dia inteiro junto e eu sou mulher, então eu tenho que ver o lado deles também. Tipo assim, quando a gente morava na academia eu não ia no quarto dos meninos, eu tava sempre trancada no meu quarto. Aqui no apartamento é mais tranquilo porque tem uma área comum, ali a sala, a agente vê televisão e troca uma ideia, mas na academia não, se eu quisesse conversar eu tinha que ir pro quarto deles, aí eu tinha que ficar num quarto com quatorze homens tirando a privacidade dos caras, que eles querem falar putaria, querem falar besteira, quer falar não sei o quê e a minha presença talvez incomodasse um pouco, entendeu? Não dos meninos que convivem comigo no dia a dia, mas sempre tem gente nova, então, eu estaria sempre tirando a privacidade de alguém. Então a dificuldade é diária, eu já dormi seis anos num tatame, em todas as minhas cirurgias eu estive sozinha, já viajei pra ficar fora do Brasil com duzentos e oitenta dólares e sem falar uma palavra em inglês. Então as coisas vão acontecendo, eu já lavei carro no Rio de Janeiro pra lutar, eu já... entendeu? Tipo assim, nunca tem ninguém do teu lado te apoiando, não existe isso, entendeu? Eu já trabalhei de segurança no Rio de Janeiro em festa de playboy... E eu sou uma mulher bonita. Então, as pessoas me veem na televisão e não têm ideia do que acontece por fora.

V: E diante destas dificuldades, o que te motiva a continuar?

AM: Lutar. É o prazer de lutar. Domingo à noite eu fico agoniada pra chegar logo amanhã. Porque tipo domingo de tarde, entendeu, já é meio dia e vai chegando a noite vai dando um desespero tipo colapso nervoso “segunda não chega, segunda não chega, segunda não chega”. É amor, eu faço o que eu amo. Eu sou motivada pelo amor. Eu não consigo imaginar assim é... é muito ruim, é muito ruim. Eu machucada três anos... nem com lesão eu deixo de treinar porque o que me motiva é voltar. Tipo assim, minha mãe falava “minha filha, como é que uma pessoa... você não pensa que você tipo assim, para com isso”, na primeira cirurgia ela falava isso que eu tava dizendo. E eu só penso em ficar boa, não penso em machucar, pra voltar a treinar de novo, entendeu? Eu, tipo assim, “você não tem medo de machucar?” Meu medo de machucar não é porque eu vou machucar, é porque eu não vou treinar amanhã, entendeu? A viagem de machucar é essa, não é porque eu vou ficar feia ou porque meu rosto vai machucar ou porque minha mão não tá bonita, não é isso. É que se eu me machucar amanhã eu não treino, e se eu não treinar amanhã depois de amanhã eu não luto, entendeu. O meu raciocínio é só esse, não tem outra coisa. Então, é sempre o que vai vir depois. Ah, mãe, o que você falou ontem, ih, ontem faz muito tempo, eu nem lembro o que aconteceu ontem. Ontem você apaga e amanhã, amanhã não existe, o amanhã é hoje, porque o amanhã só existe por causa de hoje, você entende? Pessoas que projetam coisas, “ah, porque no futuro...” O futuro não existe, o futuro é agora, é hoje, é aqui, é o que tá acontecendo agora. Então, o amanhã não existe, o amanhã é agora. Tudo o que você fizer pra amanhã é hoje. Não projete nada na sua vida, ah, que não sei o quê... Eu quero ser campeã do UFC. Eu vou ser campeã do UFC, o cinturão vai ser meu. Mas o amanhã não existe, entendeu? Eu só vou ser campeã do UFC hoje, com a vida do dia a dia hoje, treinando hoje, lutando com quem eu tenho que lutar hoje e as coisas vão acontecendo. O amanhã vai chegando com o hoje, você entende o que eu quero dizer? O amanhã é construído agora e ontem faz muito tempo, você não pode mudar, não interessa o que aconteceu ontem. Interessa de noite você falar “putz, errei nisso, naquilo. Não vou fazer mais”. Acabou, entendeu, borracha, acabou, não interessa mais. Não tem o que pensar amanhã, acabou. Não vou ficar me remoendo por alguma coisa ou deixar sentimentos ficar me consumindo dentro de mim. Pra quê? Vou voltar? Vou apagar? Vou mudar? Não vou brother, eu vou mudar hoje. A minha atitude de hoje muda o meu amanhã. E minha atitude de ontem...

V: E como você vê a relação do público com você como atleta e com o MMA feminino como um todo.

AM: Ah, a relação com o público é muito legal, é muito maneiro. Tipo, eu acho que como o perfil das lutadoras está mudando como a Ronda, a Duda, eu, então, como o perfil das meninas está mudando, tá mostrando beleza, feminilidade, sensualidade das meninas, isso está abrangendo um número maior de pessoas. Antes era muito levantada a bandeira do homossexualismo na luta das meninas e as meninas faziam questão de ser machona, de ser masculina assim, é... isso afastava muito as pessoas porque era mais uma luta de homem, não era luta de mulher. E aí nenhuma menina queria treinar pra não ficar daquele jeito, se elas treinassem elas iam ficar assim e era a opção que elas tinham, entendeu. Agora não, a menina vê que ela for treinar ela vai ficar é gostosa (rsrs). Mas a questão não é essa, é que o perfil tá mudando, entendeu. Quando comecei a lutar eu não tinha um ponto de referência, eu não tinha pra quem olhar. Eu queria é lutar e acabou, vamos simhora. Eu nem sabia quem ia tá do outro lado, eu nem sabia se ia ter, por isso que eu lutava em toda categoria, eu lutava na categoria de cem quilos, de cinquenta e sete e ia simhora. Não tinha muita... Era o que tem pra hoje, eu queria lutar não importava com quem, entendeu.

V: E a mídia, como é a relação da mídia com vocês atletas do MMA feminino, com o MMA feminino?

AM: É porque eu não tenho do que reclamar, tipo assim, eu sou cagada. Eu não sei porque o povo me acha, me acha mesmo. Por falar nisso vai assistir o Amor e Sexo dessa quinta-feira que eu gravei. É... eu já fiquei sete vezes sem telefone. Eu não sei como que são eles com as outras pessoas, mas comigo... E eu assim, tipo eu tento agregar, quando me chamam eu ainda boto as meninas, encaixo, quando era no Pânico eu botava, quando era não sei o quê eu botava. Porque aí eu penso “pô, dá pra levar mais gente”. Mas eu... o povo me adora (rsrs). É, não, parece que eu sou sócia do Combate. Eu fiquei três anos sem lutar e não saí da mídia uma vez. E não sou eu que corro atrás não, eu não tenho assessoria, não tenho nada. Eles que ligam “Ana, tem como você vir aqui? Ana, vem na Fátima” e eu “ai, a Fátima me conhece, que demais” (rsrs). Que eu sou tipo maluca, eu só treino e luto, não tô nem aí, eu não saio de noite, não tenho nada dessas coisas, entendeu. Então, o pessoal me acha, “maneiro, vamos simhora”.

V: O que você acha que ainda precisa ser feito no Brasil para fazer crescer o MMA feminino?

AM: Na realidade não é nem o MMA feminino, eu acho que o Brasil precisa investir no esporte em geral e não no MMA feminino. O Brasil precisa acreditar no esporte, porque ele quer medalha, quer campeão, mas não quer investir na construção do atleta. E aí não é uma coisa que está acontecendo aqui, é uma coisa geral. O Diego Hipólito ele é nosso representante olímpico e campeão do mundo e não tinha patrocínio, entendeu. Tipo, eu tenho amigos do boxe, minhas amigas que é pentacampeã sulamericana, não sei quantas vezes campeã brasileira, entendeu. Eu sou bicampeã brasileira de Jiu Jitsu, campeã de copa do mundo e... eu conheço um monte de gente assim, que não tem dinheiro pra nada. Nossos representantes olímpicos na época das olimpíadas dormiam no chão, num colchão fininho e tal e todo mundo depois medalhista, entendeu. Então, o que precisa é investir no esporte, não no feminino, no esporte em geral, entendeu.

V: Eu te perguntaria sobre algum sonho a ser realizado e você me relatou alguns...

AM: Ah, meu sonho na realidade é ser a melhor do mundo. Por que ser a melhor do mundo? Porque sendo a melhor do mundo eu vou conseguir fazer as outras coisas que eu quero, esse é o gancho, entendeu. E sendo a melhor do mundo eu vou poder lançar a minha marca no mercado, eu vou ter visibilidade no mundo inteiro, eu vou ter o meu nome projetado aonde eu vou lançar as minhas academias. Todo o meu projeto de futuro empresarial vem com eu sendo a melhor do mundo. Não é ser a melhor do mundo por vaidade, é toda uma parte comercial que eu tenho na minha cabeça, entendeu. Eu sou uma pessoa talentosa, eu tenho muita habilidade no que eu faço, eu sou uma atleta inteligente. Desde a faixa branca eu tenho consciência que eu posso ter as minhas barbies da índiazinha, eu tenho a marca da índia, então eu posso lançar uma linha de quimonos, eu posso conseguir... eu posso ter as minhas academias. Eu tenho todo um projeto empresarial na minha cabeça aonde pra eu chegar nisso eu tenho que passar por essa fase primeiro que é a fase que eu tô me divertindo, que é sendo atleta, lutando. Na minha diversão eu quero chegar ao cinturão. Chegando ao cinturão eu posso trocar de fase, trocando de fase é onde eu vou colher todos os frutos do que eu plantei a minha vida toda. É tudo muito comercial na minha cabeça. Eu sou muito... Eu tenho tudo planejado na minha cabeça. Mas o objetivo disso tudo é ter conforto e qualidade de vida com o que eu escolhi pra viver e podendo oferecer uma boa vida pra minha filha. Ela poder viajar pra onde ela quiser, poder fazer o que ela quiser. Que ela possa ver o mundo sem precisar ter

tanto perrengue como eu tive, entendeu. Tipo assim, eu não quero que ela passe, que ela tenha as mesmas necessidades que eu tive quando eu viajando, entendeu. Eu quero que ela tenha um pouco mais de segurança pra poder viajar, porque poder viajar é muito maneiro. A coisa mais massa da vida é poder viajar e conhecer gente que é o que você leva porque está dentro de você. Coisa material não é sua. Minha filha não é minha, entendeu, é do mundo. O seu carro não é seu, é só um meio de transporte, não é nada. Então, o massa é você viajar, ver coisas, ver cores, conhecer sabores, ver pessoas, ouvir música, isso é maneiro, isso te constrói, isso é legal.

V: E alguma frustração, decepção que você tenha vivido ao longo de sua carreira.

AM: Ah não... Eu me decepção com pessoas o tempo inteiro assim, né, porque na realidade você vai crescendo e você não pode criar expectativa encima do outro. Você tem que fazer a sua parte e pronto, acabou, porque as pessoas mais felizes vão te decepção, as pessoas próximas vão te decepção, porque você não pode esperar do outro uma atitude que talvez você teria com ele, entendeu. Por exemplo, quando eu operei eu fiquei no hospital dois meses e ninguém me telefonou pra saber se eu estava viva, eu podia ter morrido, eu entrei quase em coma, entendeu. Pessoas que conviviam comigo que acordavam comigo todos os dias nunca me deu um telefonema. E as pessoas que eu mais ajudava que, tipo assim, se tivesse uma dor de barriga eu corria o Rio de Janeiro todinho pra poder comprar um remédio, entendeu, com a luz apagada, de madrugada. Aí eu aprendi que a gente tem que fazer por fazer, que não pode nunca esperar nada. E quando eu tô passando por dificuldade eu nunca peço assim... Eu só penso “Deus, vamos simhora”, entendeu. Então, o que me decepção na vida são as pessoas, a atitude das pessoas.

V: Hoje você vive do MMA?

AM: Não. Como eu te falei eu não tenho renda fixa, mas também eu não preciso de muito pra viver. Ah, tipo este apartamento que eu residir com outros meninos é mantido pela Team Nogueira. Ela mantém os atletas com moradia. Minhas roupas são todas de uma marca de roupas que eu faço propaganda, entendeu. Meu celular é de cartão. E... eu não saio a noite, não vou pra balada. Assim, minha diversão é ir na praia que fica por aí a cinquenta metros daqui e é de graça (rsrs) e o que eu recebo das competições, que também não é muito, eu uso pra ir lá na Bahia ver minha filha, ver minha família. É isso, porque eu não preciso de muito não.

V: Então, você reconhece alguma diferença entre o MMA masculino e o MMA feminino?

AM: Não, a diferença no MMA é uma coisa natural do esporte. Tipo, a evolução do esporte é em tempos diferentes. Tipo, o boxe agora, só foi ter o boxe olímpico nas olimpíadas feminino só agora, entendeu. Mas é porque a procura é de acordo com a demanda, às vezes não tinha tantas meninas lutando, tipo, com uma qualidade técnica tão boa ou então não dava pra fazer uma card, é mais isso porque em relação à luta o feminino é igual, é tudo igual. Tem luta do feminino que é até muito mais agressivo do que do masculino porque tem muita menina, muita mulher maluca, quer arrancar uma a cabeça da outra, tá louca. Homem é mais cauteloso, mulher é um, dois, vai (rsrs).

V: E como é sua rotina de treinos durante a semana?

AM: Eu treino de segunda a sábado. É... eu acordo, amanhã eu acordo seis horas da manhã e vou nadar, aí eu volto pra casa e durmo. Aí meio dia e meio eu vou treinar, aí eu treino até

três horas da tarde, volto pra casa, como e durmo, aí de noite eu volto a treinar de novo, aí dá umas... seis horas de treino diário de segunda a sábado. E os treinos são divididos assim em treino de Jiu Jitsu, de Muay Thai, treino de boxe, de sparring, de preparação física, natação, musculação e ainda faço uma yoga com alongamento pra dá aí um upgrade.

V: E nos dias que antecedem uma luta, existe alguma diferença no treinamento?

AM: Tem, tem. Tipo, no período em que não tem luta marcada os treinos são longos são os treinos de duas horas, duas horas e meia. Quando a luta tá marcada vai enxugando esses treinos, vai colocando mais específico, vai aumentando o seu card e fazendo mais específico do tipo assim, eu vou lutar três rounds, aí eu começo a treinar quatro, cinco rounds. Tipo assim, faz os treinos separados, mas faz muito treino mais específico, direcionados, tipo escola de combate que a gente fala e os sparring, aí começa a fazer mais manobra no chão como se tivesse batendo na casa do cara, na lateral. Porque a luta ela é toda destrinchada, a gente treina tudo separadinho. Aquela parte da grade é um treino, a parte que está no meio do Cage pra cair é outro treino, a parte que tá por baixo apanhando é uma coisa, se tá por cima e batendo é outra coisa, aí às vezes é muay thai com queda, às vezes é boxe com queda, às vezes você só pode chutar e bater e eu só posso derrubar, não posso bater, entendeu. Porque cada adversário é uma estratégia diferente, então a gente treina tudo. Tipo assim, às vezes num treino você pode chutar só com a perna da frente e bater com a mão de trás ou bater com a mão da frente e chutar com a perna de trás e aí eu só posso derrubar e você só pode defender, entendeu. Aí depois troca, tipo, você só pode chutar e eu só posso boxear, que aí você vai se acostumando com adversários diferentes, entendeu. Às vezes, tipo assim, você tá perdendo o round e eu tô ganhando, você tem que buscar a luta e eu tô te enrolando. Porque na hora da luta nada do que aconteça lá pode mexer com o meu psicológico. Tudo eu tenho que tá treinando pra aquilo. Às vezes você vai tá perdendo a luta, vai querer correr atrás e o seu adversário vai começar a fugir, e aí você tem que treinar isso aqui na academia, entendeu. Você começa a ficar com raiva você quer bater, o cara começa a correr e você fica puta, “vem cá desgraçado”, e aí na hora da luta você não pode deixar que a sua emoção, que é aquela outra história, bater, então você tem que tá condicionado e treinar na sua cabeça já. É isso.

V: Você acredita que as exigências corporais e técnicas do MMA, das lutas, elas interferem na sua feminilidade?

AM: Ah interfere. Eu sou tosca. Eu não sou nem um pouco sutil. Eu sou feminina, mas eu não sou delicada. Eu nunca fui delicada, entendeu, já é um traço da minha personalidade. Eu não sou leve, eu não sou uma mulher leve, eu sou uma mulher densa. E eu sou densa e o meio corrompe. Você vai ver um cara que vive no meio de um monte de bailarina mesmo sem ele ser gay ele tem os gestos mais sutis, mais leves, a forma de se mover. Poh, eu sou uma mulher que vive só no meio de homens. O jeito que eu sento, eu não posso sentar assim com a perna cruzada. Até porque, tipo, eu não posso ter esse tipo de comportamento porque eu tenho meio que me igualar com os meninos até pra eles não perceberem essa distância. Porque o homem tem aquela coisa “ah, a mulher sutil, feminina, que precisa de mais cuidado”. Então, pra eu poder ter um treino ali, pra eu ter uma postura dentro do tatame eu não posso ficar de nhem nhem nhem, senão não vai dar certo. Então, eu sou densa, entendeu. Interfere nos meus gestos, no meu jeito, na minha forma de falar. Eu sou mais tosca, eu falo mais igual homem assim, eu não tenho paciência do tipo... eu não tenho nem paciência pra ficar ninguém ficar me arrodando com nada. A minha linha de raciocínio não é igual a de mulher. Eu converso com as meninas e elas ficam olhando assim pra minha cara tipo... aff. E eu converso com os caras e os caras “Ehhhh, dá aula Ana, faz palestra” (rsrs), mas é porque eu convivo só com os

caras. Então eu sei um monte de coisas que mulher só imagina eu sei, entendeu. Tipo assim, coisa que mulher fantasia muito, que é a hora que os meninos mais gostam que é a hora que tá um monte de homem junto. Tipo, mulher tem muito ciúmes dos amigos. Então a hora que nunca vai ter mulher envolvida é quando os caras estão junto com os caras, porque só tão falando besteira. É a melhor hora é quando acaba o treino, quando acaba o futebol, quando termina essas coisas, entendeu. Que é a hora que a mulher tá puta em casa porque o cara não chega, entendeu. E ela tá lá amarradão “uhuuu, marquei de jantar com a minha mulher dez horas, já são onze e meia” (rsrs) e a mulher tá maluca em casa. Então eu tô com eles na hora que nenhuma namorada tá. Eles falam que eu sou um marmanjo sem pinto. Então, eu jogo videogame, eu tô no meio dos caras na hora do futebol, na hora da rezinha do treino e não sei o quê. Então, tipo assim, eu acabo vendo o outro lado da moeda. E eu sempre fui assim desde criança, eu sempre convivia com as minhas amigas de tarde e tal, e de noite eu tava sempre com os caras porque eu queria jogar videogame, queria jogar bola, eu queria... eu achava mais divertido, achava mais dinâmico, entendeu. Tudo que era de homem era mais legal pra mim, assim, mais divertido. Minha filha, eu não deixo, tipo, ninguém dar boneca pra minha filha quando ela era criança... ela é criança ainda, é que ela não gosta mais de boneca. Mas, assim, quando ela era menorzinha, esse negócio de dar boneca, de trocar fralda, de chupeta, de mamadeira, eu digo “não, não dê isso a ela não, tá maluca, não dê não”. Eu nunca gostei de ganhar essas coisas porque brinquedo de mulher é sempre estático, é aquela coisa chata, entendeu. Brinquedo de homem é massa, é bola, é moto, é avião, é só coisa de liberdade, de que voa, de que corre, de que não sei o quê. E brinquedo de mulher é asuhasuhashu, entendeu. É chato. Vai aprender a fazer essa porra de qualquer jeito um dia na vida quando parir, entendeu. Não precisa aprender essa merda agora quando nasceu. Tá doida, não, sai fora. Então, eu sempre fui assim. E eu acho que é um traço da minha personalidade que só veio se agravando, entendeu. O meu pai não teve filho homem, então, me carregava pra jogar sinuca com ele, então, eu tava sempre no meio de homem.

V: Pra você, então, o que é ser feminina?

AM: Não abrir mão de mim como mulher. Eu só treino gostosa, em nenhum momento eu quero ser um homem porque eu luto, minha vaidade não sai de mim nenhum segundo. Eu não preciso ser mulher como as outras. Eu sou eu, Ana Maria mulher, eu sei quem sou eu, entendeu. Então eu gosto me ver, eu gosto de me ver cheirosa, eu gosto de me ver bonita, eu gosto do meu cabelo arrumado, eu só vou pra academia arrumadinha pra lutar, “que isso, Ana veio pra treinar?” Eu luto arrumada. Às vezes o Minotouro olha pra mim e diz “não vai lutar não?”. Eu digo “Oxi, vou homem”, não é porque eu vou lutar que vou ficar feia agora. Então, as minhas coisas de menina... Eu acho que eu sou muito focada em cheiro e... em ser leve com as coisas, eu não atropelo o homem. Tipo assim, eu sou uma mulher que o meu tom de voz com homem é sempre baixo, eu nunca quero ser mais do que o cara, eu sei que sou mulher, entendeu. Mas também não nenhum cara me invadir, o fato de você ser homem não te dá nenhum direito sobre mim. Mas, as minhas coisas são tudo de menina, você pode olhar. Não tem... não muda nada. Assim, só que eu não sou fresca, é diferente, entendeu. Eu sou mais tranquila, assim tipo, é tudo mais comum, mais normal. Mas eu gosto de tudo em mim, eu sou apaixonada por sutiã, calcinha e biquíni, eu tenho as minhas manias, entendeu. Eu gosto muito de fazer a unha, eu gosto muito de ver a minha unha sempre arrumada também. Eu tenho as minhas sutilezas de menina, que eu não abro mão de mim como mulher. Eu gosto de ser uma mulher arrumada, cheirosa, eu gosto de estar gostosa que não sei o quê, mas isso tudo é pra mim, pra eu não perder o meu ponto de referência. E... eu não acho que mulher tem que ser fresca não.

V: Em relação a sua feminilidade como você percebe o olhar dos outros?

AM: Eu acho que os outros me têm bem assim, acham que eu sou um diferencial dentro do esporte. As pessoas conseguem enxergar isso de longe que eu tenho a essência de fêmea e sou densa. Então eu acho que isso traz a força. Então, eu fico parecida mais ou menos um desenho animado, eu consigo ver isso, sentir que eu tenho aquela coisa de ser, de parecer aquela amazonas mesmo, aqueles desenho. Tipo, eu acho que é uma coisa meio espiritual, eu acho que as pessoas enxergam isso. O meu apelido de índia não fui eu que botei, é as pessoas que viam isso, assim. Viam essa força da guerreira e ao mesmo tempo a sutileza e a naturalidade de uma mulher. Eu acho que é isso que as pessoas enxergam. É isso que elas me passam pelo menos. Deve ter os que mentem, mas...

V: E sobre seu corpo, você está satisfeita como ele é hoje?

AM: Com meu corpo? Eu sempre tive, cara. Nunca tive problema nenhum, sempre me achei uma delícia. Eu sempre me achei gostosa, tipo assim, nunca tive problema. Eu adolescente, a gente vê aquelas revistas Boa Forma. Aí tipo assim, minha irmã, minhas amigas viam a Sheila Carvalho e ficavam “Ai, eu quero ter corpo igual ao dela” e eu nunca quis ter o corpo igual ao de ninguém, sempre amei o meu corpo, sempre me achei linda, sempre me achei muito gostosa. Eu queria era ter peito porque meu peito acabou. Eu tinha peito, aí eu comecei a lutar acabou o peito, aí depois eu queria ter peito de novo que era uma coisa que me incomodava, aí eu botei o silicone e acabou. Mas eu gosto de tudo em mim. O Roney, o meu amigo Jason, ele fica doido, porque o Roney morava comigo, a gente morava junto num espaço desse aqui, tipo, dois anos juntos, né. E eu e o Roney, a gente não tem pudor nenhum. Eu vejo ele de cueca, ele me vê de calcinha, a gente vai comprar calcinha junto, vai comprar cueca, a gente passava vinte e quatro horas junto e a gente não tem nada, é tipo irmão, entendeu. E às vezes eu falava “ai Roney, eu tô bonita, né. Como eu sou bonita” e ele dizia “tu é muito é chata” (rsrs). Eu tô brincando assim, mas é sério, eu tenho uma autoestima muito boa. Assim, eu não me acho linda, eu tenho consciência que eu não sou uma mulher linda, mas eu tenho consciência do que eu tenho, que eu sou uma mulher exagerada, eu sou expressiva, eu tenho olhão, bocão, narigão, cabelo preto, sou tatuada. O desenho, o recorte do meu corpo é um recorte bonito, aí eu tenho uma personalidade muito forte aonde eu passo um trabalho diferenciado. Eu acho que o conjunto da obra me torna uma pessoa atraente, entendeu. Tipo, eu não sou aquela mulher que a pessoa vai olhar e falar “nossa, que mulher linda!” Não é isso, mas eu sou aquela mulher, pah!, que a pessoa fala fudeu. Porque, tipo assim, eu arrumada eu vejo o impacto que causa nas pessoas quando eu chego. Tipo, é uma coisa espiritual, porque mulher bonita no Rio de Janeiro, coitada de mim, eu sou a unha do dedão do pé. Mas é uma coisa mais, sei lá, espiritual e presença mesmo que eu sinto que fica diferente, entendeu. A minha postura é diferente, eu tenho um jeito de mulher... Eu posso até parecer essas mulheres fruta, fanqueira, não sei o quê, que é mais gostosona, estilo sexy assim, mas a minha postura no lugar muda tudo. Assim, tipo, a reação das pessoas muda tudo comigo, isso desde novinha. Eu nunca me incomodei de botar vestido curto, de botar roupa transparente, de botar meu sapato alto, eu nunca tive problema em sair como eu quero sair. Roupa pra mim é fantasia, eu me visto do jeito que eu quiser, não tenho problema. Se eu quiser estar de patricinha, botar um rabo de cavalo, minhas argolas lá, boto meu tayer. Se eu quiser andar riponga eu boto meu pé no chão, saio descalço pra onde eu quiser e cabelo assanhado, vou igual a uma maconheira doida. Se eu quiser ser fanqueira eu vou lá toda atoladinha, tal, não sei o que. Porque as pessoas elas tendem a te julgar pelo que você está vestindo. Então, isso quer dizer que eu posso te induzir a você pensar o que eu quiser de mim, entendeu. Então eu parto do pressuposto disso, que a sua cabeça está nas minhas mãos, entendeu. Então eu nunca viajo

nisso. Eu sempre viajo no que eu tô sentindo, depende do que eu quero e do que eu tô sentindo e do que eu vou fazer porque eu não sou assim e pronto. Quem é assim e pronto é barata.

V: E você percebeu alguma mudança em seu corpo que possa ser atribuído às lutas, ao treinamento cotidiano?

AM: O braço, meu braço. Eu sempre tive os ombros meio largos porque eu sempre gostei de nadar muito em rio e eu subia muito rio contra a correnteza, por baixo de pedra, puxando e tal, e eu sempre gostei muito de subir em árvore, passava do pé de goiaba pro pé de manga, então eu sempre tive muita força no braço, mas com o quimono, com a luta isso aqui meu é muito forte. Eu não faço nada de membro superior, de musculação, nada, nada, não pego um peso. E meu trapézio, isso aqui é tudo muito definido. Mas eu gosto, eu gosto muito de mim.

V: E o que a luta significa pra você?

AM: É minha alma, meu sangue.

V: Bem, pra concluir eu te pergunto se você gostaria de perguntar ou comentar algo sobre o que a gente conversou ou sobre o que a gente não conversou.

AM: Não, só te desejar boa sorte no bagacinho aí (rs).

V: Então, eu só tenho a te agradecer. Brigada, Ana Maria, brigada mesmo.

ANEXO XIII

Inserção no Campo de Pesquisa

Academia Champion: Minha chegada e primeiro contato pessoal com as boxeadoras e seu treinador aconteceu na quarta-feira, dia 13 de março de 2013, às 10:15h da manhã. O portão de entrada permanece aberto durante todo o período em que há atletas treinando. Dessa forma, quando cheguei, eu entrei sem pedir autorização. Já dentro dos corredores encontrei a atleta Érica Matos que me apresentou a Luiz Dórea. Percorremos o corredor e mais adiante se encontrava Adriana.

Os treinos técnicos acontecem das 10:30h às 12:00h, de segunda a sábado. Foram feitas as apresentações, a explicação às atletas e ao treinador sobre os objetivos da pesquisa e, também, a solicitação das assinaturas da Declaração de Concordância de realização da pesquisa, conforme modelo do Anexo III, e dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos, conforme modelo no Anexo II, tendo o treino iniciado em seguida.

Ao término do treino solicitei às atletas o agendamento de um horário para a realização das entrevistas. Adriana disponibilizou um horário anterior ao treino, às 10:00h da manhã de quinta-feira, dia 14 de março e Érica sugeriu que a entrevista acontecesse depois o treino, por volta das 13:00h, logo após o almoço, também na quinta-feira. Cheguei ao local na data e horário agendados. No entanto, imprevistos as impediram tanto de chegar cedo, quanto ficar após o treino, havendo a necessidade de reagendar as entrevistas para os mesmos horários da sexta-feira, dia 15 de março.

O dia 14/03/2013 era dia de *sparring* e, dessa forma, conheci o segundo andar da Academia, que se encontra equipada com um ringue e um octógono, oficiais, utilizados nos treinos de *sparring*. No período observado não havia mulheres treinando MMA. Foi possível observar a atleta Érica em treino de *sparring* com um colega homem de peso, aparentemente, similar. Adriana não participou deste treinamento. E ainda foi observado o quanto o MMA fascina tanto os colegas atletas quanto alguns espectadores ali presentes. A proporção é de, aproximadamente, duas pessoas observando o treino de Boxe, contra vinte assistindo ao de MMA. Nestes dias de observações se encontravam presentes no local, além das boxeadoras participantes deste estudo, outros atletas de peso do MMA, o Cigano e o Wolverine.

No dia 15/03/2013 cheguei novamente ao local no horário agendado. As entrevistas agendadas aconteceram e tiveram duração de aproximadamente 30 minutos. A Academia não possui escritório ou qualquer outro tipo de sala reservada. Então conversamos no vestiário feminino, onde não tem local para sentar. A entrevista com Adriana foi mais

direta, com respostas mais curtas, talvez pelo horário antecedente ao treino. Já com Érica, almoçamos juntas e retornamos a Champion para a gravação da entrevista que, embora tenha tido aproximadamente a mesma duração da entrevista de Adriana, ocorreu mais solta, sem pressão de horário.

No sábado, dia 16 de março, as atletas não foram treinar, mas permaneci na sala de treinamento do segundo piso, durante todo o horário de treino, onde ocorria *sparring* para os atletas de MMA, na presença do treinador Luiz Dórea Junior. Foi possível observar a seriedade do trabalho da Academia Champion na preparação de seus lutadores.

Centros de Treinamento da FILA: A Fila possui dois CTs na cidade do Rio de Janeiro, um localizado no bairro da Tijuca e outro no CEFAN, na Avenida Brasil, no bairro Penha. Meu primeiro contato pessoal com parcela da seleção brasileira de LO aconteceu ainda no ano de 2012, no dia 14 dezembro, no CT da Tijuca. Neste dia, cheguei às 13:30h e houve o primeiro contato pessoal com a Joice Silva, seu treinador e o presidente em exercício da CBLA. Foram realizadas as apresentações, a explicação sobre os objetivos da pesquisa e, também, a solicitação das assinaturas da Declaração de Concordância de realização da pesquisa e dos TCLEs. As atletas Laís Nunes e Aline Silva que também participaram da pesquisa, não estavam presentes neste dia.

Houve a intenção de fazer uma primeira observação e anotações sobre o treino. No entanto, todos estavam se organizando para uma confraternização de fim de ano e despedida dos técnicos que estavam de partida para Cuba, seu país. Aceitei o convite para participar deste momento e agendei uma entrevista com a atleta Joice para o sábado, dia 15 de dezembro, às 13:00h, após o almoço. Almoçamos juntas e, em seguida, gravamos a entrevista, que serviu de teste. Por meio desta foi possível perceber algumas dificuldades na compreensão de questões, que se confirmaram na validação. Voltei no sábado, 15/12/2012, às 10:00h. Neste dia, estavam presentes a Joice e mais uma atleta argentina realizando treino de força com halteres.

O primeiro contato pessoal com as atletas Laís e Aline aconteceu em momentos distintos. Laís se encontrava na Academia Champion, em Salvador, na Bahia, no período em que eu acompanhava as atletas de Boxe da Adriana e Érica. Na ocasião, nos apresentamos, expliquei sobre os objetivos da pesquisa e combinamos de realizar a entrevista e a assinatura do TCLE no período de minha visita ao CEFAN, que ocorreu entre os dias 21 e 22 de março.

O CEFAN comporta e atende a eventos esportivos locais, regionais e nacionais de todas as modalidades que podem usufruir do espaço e equipamentos como: futebol, atletismo, vôlei, basquete, natação e as lutas. Durante minha permanência no local aconteceu um

campeonato regional de taekwondo. Da LO, as atletas Joice, Laís e Aline, se encontravam concentradas com a seleção brasileira e da Argentina, do estilo livre e greco-romano, no período de 17 de março a 04 de abril de 2013, devido à preparação para o Campeonato Panamericano que aconteceu entre os dias 06 e 07 de abril, no Panamá. Os treinos aconteciam de manhã das 10:00h às 12:00h de segunda-feira a sábado, e a tarde das 15:30 às 17:30h de segunda a sexta-feira.

Minha chegada aconteceu numa quinta-feira, dia 21 de março de 2013, às 9:50h da manhã. Fui recepcionada por um Tenente que questionou sobre minha presença. Expliquei o motivo e solicitei autorização para permanecer no local e realizar as observações e entrevistas. A Declaração de Concordância de realização da pesquisa foi levada à secretaria, pois o Comandante responsável não estava presente. Mediante retenção de documento e acompanhamento ao CT, fui liberada a permanecer no local. O treino já havia iniciado, ainda assim, fui cumprimentada pelas atletas Joice e Laís e pelo treinador. Aline não estava presente neste momento.

Ao término do treino, às 12:00h, os atletas contaram com a presença de um psicólogo do esporte que conversou brevemente com eles e agendou uma palestra com o grupo para as 13:30h. Conversei com as atletas presentes e o treinador sobre os objetivos da pesquisa e assinatura do TCLE durante o horário de almoço. Agendamos as entrevistas para a sexta-feira, dia 22 de março, devido ao dia cheio de quinta-feira. Joice agendou para antes do início dos treinos, as 9:30h da manhã e Laís às 13:00h, logo após o almoço. A atleta Aline compareceu ao treino da tarde. Apresentamo-nos e conversamos sobre os objetivos da pesquisa e assinatura do TCLE e agendamos a entrevista para as 18:00h também da sexta-feira, dia 22 de março, após o treino da tarde e antes do jantar.

Devido às atletas estarem concentradas para um campeonato que se aproximava, percebi que não havia um “bom” momento para as entrevistas, pois sempre estaria interferindo em algum horário: de treino, de refeições ou de descanso. No entanto, as atletas se mostraram bastantes interessadas em fornecer a entrevista, e no estudo como um todo. A Declaração de Concordância me foi entregue no fim do dia, preenchida e assinada. Todas as entrevistas ocorreram na data e horários agendados e duraram cerca de trinta minutos cada. O CEFAN não possui escritório ou qualquer outro tipo de sala reservada que eu tivesse acesso. Então, as entrevistas ocorreram nos espaços “ao ar livre” do CEFAN, com algumas interferências.

Minha presença parecia não incomodar aos que ali estavam presentes. Os atletas e as atletas da LO parecem também estar acostumados a outras presenças. No dia 21/03/2013,

quinta-feira, eles receberam a visita de um psicólogo do esporte e na sexta-feira, dia 22/03/2013, uma equipe de TV que acompanhou o treino a fim de desenvolver uma matéria sobre a LO.

Academia Team Nogueira: O contato pessoal com Ana aconteceu num sábado, dia 23 de março de 2013. Foi o único dia de observação ao treino da atleta de MMA. Cheguei ao local às 11:00h da manhã, expliquei à recepcionista o motivo de minha presença e fui orientada a aguardar a atleta onde eu julgasse melhor. Permaneci em um banco de madeira que fica em frente ao octógono. No momento, estava acontecendo uma confraternização para as crianças. Havia uma mesa com frutas, sucos e biscoitos a disposição dos que ali estavam presentes. As crianças brincavam sobre a lona e as cordas do ringue, que fica ao lado do octógono, e faziam “poses de combate” e “caras de mau” para serem fotografados por seus pais ou acompanhantes.

A atleta, que neste momento residia dentro da Academia, chegou ao espaço de treino às 12:30h. Foram feitas as apresentações, a explicação sobre os objetivos da pesquisa e, também, a solicitação das assinaturas da Declaração de Concordância de realização da pesquisa e dos TCLEs. A atleta assinou o TCLE e explicou que não havia nenhum de seus treinadores naquele momento, pois fazia apenas o *sparring*. Agendamos a entrevista para o mesmo dia, após o treino. Ana se mostrou muito disposta e à vontade, disse gostar quando a procuram para conversar sobre o que mais gosta de fazer, que é lutar. A Declaração de Concordância foi assinada pelo gerente da Academia.

Assisti aos *sparrings* que aconteceram antes da entrada de Ana ao octógono, que aproveitou o tempo para se alongar e aquecer. Logo após o treino de Ana, a atleta, ainda eufórica pela disputa me chamou para conversarmos. A Academia também não possui escritório ou qualquer outro tipo de sala reservada, por isso, a entrevista aconteceu no dojô, que no momento não havia ninguém treinando. Mesmo com o rosto inchado, por conta de um golpe recebido no treino, conversamos por cerca de uma hora. Ana foi muito espontânea e detalhista. No entanto, houve falha na gravação de seu áudio e, por isso, houve a necessidade de repetir o procedimento. A atleta concordou em conceder nova entrevista que aconteceu num domingo, dia 06/10/2013.

Nesta ocasião, a atleta não mais residia dentro da Academia, mas sim, num apartamento muito próximo, na companhia de outros oito lutadores. Aguardei a lutadora numa praça em frente o prédio, que veio ao meu encontro e me convidou para entrar. Conversamos em seu quarto por cerca de quarenta e cinco minutos, tendo a gravação sido realizada com sucesso.